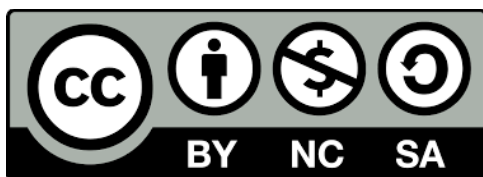


*LITERATURA
PORTUGUESA
CLÁSSICA*

textos complementares

MARIA LEONOR CARVALHÃO BUESCU



LITERATURA PORTUGUESA

CLÁSSICA

Textos complementares

Organização de Maria Leonor Carvalhão Buescu

Universidade Aberta

1992

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**
Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147
1200 Lisboa

D. L.: 55,642/92
I.S.B.N.: 972-674-095-9

Literatura Portuguesa Clássica

Textos complementares

7 Nota Introdutória

Unidade 1

II	João de Barros
15	Fernão de Oliveira
15	Vicente de Nazareth, Jorge Carvalho e Thomé da Cruz
16	Duarte Nunes de Leão
17	David Lopes

Unidade 2

21	Gil Vicente
77	Bernardim Ribeiro

Unidade 3

89	Angelo Policiano
89	Duarte Pacheco Pereira
95	D. Jerónimo Osório
99	D. João de Castro
101	Sá de Miranda
113	António Ferreira
126	João de Barros
131	Damião de Góis
133	Diogo do Couto
135	Fernão Lopes de Castanheda
142	Fernão Mendes Pinto
142	Luís de Camões
160	<i>História Trágico-Marítima</i>

Unidade 4

- 205 Rodrigues Lobo
261 *Fénix Renascida*
269 D. Francisco Manuel de Melo
292 Padre Antônio Vieira

Unidade 5

- 301 Arcádia Lusitana
311 Correia Garção
313 Luís Antônio Verney
331 Correia Garção
343 Antônio Dinis da Cruz e Silva
362 Nicolau Tolentino de Almeida
367 Antônio José da Silva
371 Marquesa de Alorna
387 Manuel Maria Barbosa du Bocage

Nota introdutória

Os textos desta «Antologia» seguem as edições mencionadas na «Bibliografia». Procedeu-se, no entanto, sempre que se considerou necessário, e tendo em vista uma maior legibilidade dos textos, a uma actualização gráfica segundo as seguintes normas:

1. Substituíram -se as vogais geminadas por vogais simples.
2. Eliminaram-se as consoantes duplas.
3. Manteve-se a grafia *u a, algu a*, por essa grafia mostrar um rasgo linguístico perfeitamente vivo na época.
4. Emendaram-se gralhas.
5. Desenvolveram-se as abreviaturas.
6. Grafaram-se os ditongos nasais *om, am, ão*, alternantes e confundidos, segundo as normas actuais (*som, sam, sãõ = são*).
7. Empregou-se *c* por *qu* segundo as normas actuais.
8. Actualizou-se o emprego das maiúsculas segundo as normas actuais.
9. Separaram-se os pronomes da respectiva forma verbal, utilizando hífen.
10. Actualizou-se o uso de *v* por *u* e de *j* por *i* com valor consonântico.
11. Reconstituiu-se o *h* etimológico de *h*.
12. Substituiu-se *y* por *i*.
13. Utilizaram-se acentos segundo o uso moderno.
14. Respeitou-se e restabeleceu-se, quando possível, a divisão estrófica.
15. Utilizou-se a pontuação considerada necessária à inteligência do texto.

UNIDADE 1

JOÃO DE BARROS

Texto 1

Início do Diálogo

Filho - Senhor, sabe já esta nova?

Pai - Quál?

Filho - Que o príncipe nóso senhor começou ontem d'aprender a ler.

Pái - E quem ô ensina?

Filho - O pregador d'rei, frei Joám Soáres. E logo perguntei per que ô principiáva, por cáusa do trabálho que levou em a composicám da *Grammática* da nossa linguágem que **lhe** tem derigida.

Pái - Que impórta o meu trabálho ao príncipe nóso senhor começár d'aprender, pois tem preçeiitor de vida e letras que **lhe** ordenará os princípios confórmes à sua idade e magestáde do seu sangue? Nom por eu ter dirigido a sua alteza o trabálho que dizes devo esperár máis que por me fazer merçe ô mandár examinár, e, sendo táes que póssam aproveitár os mininos, mandará que se leam em as escólas. E a estes preçeitos grammaticáes e *Diálogo da Viçiosa Vergonha*, que tu e eu outro dia composémos, quiséra ajuntár outros dous, um, da *Viçiosa Verdade* e outro, déstas duas palávras: *Nam*, por serem matérias convenientes a tres idádes do hómem. Però, pois a órdem da vida que tenho me nam deu máis tempo que pera o primeiro: em quanto os outros nam vem, sejam recompensados com louvármos a nossa linguágem que temos pósta em árte, com que léve máis ornáto que as régras grammaticáes.

(*Diálogo em louvor da nossa Linguágem*)

Texto 2

A primeira linguagem do mundo

E porque, àcerca de quál foi a primeira linguágem do mundo, em as escólas anda grande questám: *et adhuc sub judice lis est Horatius in arte poetica*, primeiro que tratemos da nossa, quero repetir ésta questám do fundamento, pois nélla está todo nóso edifício.

Antre os filósofos houve grandes e divérsas opiniões àcerca da criaçám do hómem, porque uns quiséram que nam tevésse princípio e fosse *ab eterno* como o mundo, e outros que assi o mundo como elle tevéra princípio. Però, em o módo de provár ésta criaçám, confundiram e destruíram a verdáde, donde déram matéria aos poétas, pera fabulárem quantas composturas e fições vemos, como conta Ovídio que Promoteu formou o hómem da térra.

Os Hebreus, por serem os primeiros a quem Deus quis communicar a criação do mundo, afirmam que a lingua o nosso primeiro pádre Adám foi hebreá, aquélla em que Mousés escreveu os livros da lei. Os Gregos querem que seja a caldea, porque nésta linguágem confessou Habrám a Deus, e dizem que a lingua hebreá nam é máis que caldeu corrompido. Quál déstas seja a verdáde é contenda de tam gráves barões, a nós nam é liçito afirmár.

[...]

E disto tomarás ô que máis quadrar ao teu intendimento, levando por guíá as autoridades da Sagrada Escritura.

(Idem)

Texto 3

Formação das línguas românicas e excelências da língua portuguesa

... as quáes linguas grega, latina e ebraica, ao presente, todas outras precedem, por tomarem déstas primeiras parte de seus vocábulos, principalmente da latina, que foi a derradeira que teve a monarquia, cujos filhos nós somos. Úa destas é a italiana, outra a francesa e outra a espanhól.

Filho - Quál déstas há por melhor e máis elegante?

Pái - A que máis se confórma com a latina, assi em vocábulos como na ortografia. E nésta parte muita vantagem tem a italiana e espanhól à francesa, e déstas duas â que escreve como se fala e que menos consoantes leva perdidas. E nésta ortografia, a espanhól vence a italiana e, máis, tem antre si os Genoeses, que nam é terra da tramontana nem transalpina (como elles dizem) mas fia parte da fról de Itália, os quáes, de bárbora, nam podem escrever sua linguágem e ô que escrevem é em toscano ou em latim corruto.

Filho - Pois muitos dizem que a lingua espanhól é desfalecida de vocábulos e que quanta vantagem tem a italiana à castelhana, tanto excede esta a portuguesa, e que em seu respeito se póde chamar elegante.

Pái - Certo é que a lingua castelhana muito melhor é que o vasconço de Biscáia e o ceçeár de Sevilha, as quáes nam se podem escrever. Mas quem houver de julgar éstas linguágens há de saber d'ambas tanto, que entenda os defeitos e perfeições de cada fia.

Que se póde desejar na lingua portugue sa que ella não tenha? Conformidade com a latina? Nestes versos feitos em louvor da nossa pátria se póde ver quanta tem, porque assisam tam portugueses que ôs entende o português [...].

A linguágem portuguesa, que tenha ésta gravidade, nam perde a força pera declarar, mover, deleitar e exortar a parte a que se enclina, seja em qualquér género de escritura.

(Idem)

Texto 4

Empréstimos vocabulares

Horatius in arte poetica ... a licença que Horácio em a *sua Arte Poética* dá aos Latinos pera compoerem vocábulos nóvos, contanto que sáiam da fonte grega, éssa poderemos tomár, se ôs derivármos da latina.

Filho - Logo, per éssa maneira, nos faremos copiósos de vocábulos e, recebidos em uso, ficár nos ám tam próprios como sam os latinos que óra temos, que se tomáram per esse módo.

Pái - Eu nam fálo em latinos de que Espanha tem tomádo pósse antigamente, mas agóra, em nóssos tempos, com ajuda da empresám, deu se tanto a gente castelcana e italiana e francesa às treladações latinas, usurpando vocábulos, que ôs fez máis elegantes do que foram óra há çincoenta annos.

[...]

Filho - Poderám todos os que sábem latim, tomár esta liçença pera dirivár vocábulos delle a nós?

Pái - Nam sam todos pera isso liçenciádos, e ôs que ô forem, será em alguns vocábulos que a natureza da nóssa linguágem açeite. Porque, a meu juízo, tam má paréçe um vocábulo latino má derivádo a nós como algiias palávras que achamos per escrituras antigas, as quáes o tempo leixou esquecer.

(*Idem*)

Texto 5

Como o seu próprio português

«Este exercício, [treladações latinas] se ô nós usáramos, já tivéramos conquistáda a língua latina, como temos África e Ásia, à conquista das quáes nos máis demos que às treladações latinas. E o sinál désta verdáde, é que, não sómente temos vitória déstas pártes, mas ainda tomámos muitos vocábulos, como podemos ver em todos os que começam em *ai* e em *xá* e os que acábam em *z*, os quáes sam mouriscos. E agóra, da conquista da Ásia, tomámos *chatinár* por *mercadejár*; *beniága* por *mercadoria*; *lascarim* por *homem de guerra*; *çumbáia* por *mesura* e *cortesia*, e outros vocábulos que samjá tam naturáes na boca dos hómens que naquélas partes andáram, como o seu próprio português. Assi, que podemos usár d'alguns termos latinos que a orelha bem regeba, porque éla julga a linguágem e música, e é çensor d'ambas, e, como os consintir um dia, ficáram perpétuamente.»

(*Idem*)

Texto 6

A vitória de sua língua

«E acerca deles (os Romanos), más se estimáva a vitória que a sua língua tinha, em ser recebida de todas as bárbaras nações, que de ãs submeter ao jugo do seu império. E neste cuidado foram tam solícitos, que, andando entre os Partos e outros tam bárbaros povos, nam consentiam que falássem senám a sua língua latina, por demonstrár o império que tinham todas as outras nações.

E o máis certo sinal que o Romano póde dar ser Espanha sudita ao seu império, nam serám suas corónicas e escrituras, cá éstas, muitas vezes, sam favoráveis ao senhor de quem falam, mas a sua linguagem, que nos ficou em testemunho de sua vitória. E quanto, entre as cousas materiais, é de maior excelência aquéla que máis dura, tanto acerca das cousas da honra sam de maior glória ãs que a memória máis retém. Exemplo temos em todas as monarquias, cá, se perderam com a variedade do tempo e fortuna das cousas humanas, però leixou a lingua latina este sinal de seu império, que durará eternamente.

As armas e padrões portugueses, postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fóra da repartição das três partes da terra, materiais sam e póde-ãs o tempo gastar, però nam gastará doutrina, costumes, linguagem, que os Portugueses nestas terras leixárem.

Filho - Nam sei, logo, qual será o português de tam errado juízo, pois é certo que máis póde durar um bom costume e vocábulo que um padrão, porque se nam preza máis leixar na Índia este nome *mercadoria*, que trazer de lá *beniága*, cá é sinal de ser vencedor e nam vencido.

Pái - Certo é que nam há a glória que se possa comparar a quando os mininos etíopas, persianos, indos, d'aquém e d'além do Gange, em suas próprias terras, na força dos seus templos e pagódes, onde nunca se ouviu o nome romano, per ésta nossa *Arte* (alusão à sua *Gramática*) aprenderam a nossa linguagem, com que possam ser doutrinados em os preceitos da nossa fé, que nela vão escritos.»

(*Idem*)

Texto 7

Como os Gregos e Roma

«Ao primeiro viço chamamos barbarismo e ao segundo solecismo.

Barbarismo é vício que se cométe na escritura da cada Da das partes ou na pronunçiação. E em nenhuma terra se cométe máis ésta figura da pronunçiação que nestes reinos, por causa das muitas nações que trouxemos ao jugo de nosso serviço. Porque, bem como os Gregos e Roma haviam por bárbaras todas as outras nações estranhas a eles, por nam poderem formar sua linguagem, assi nós podemos dizer que as nações de África, Guiné, Brasil, barbarizam quando querem imitar a nossa.»

(*Gramática da Língua Portuguesa*, «Das Figuras»)

FERNÃO DE OLIVEIRA

Texto 8

Melhor é que ensinemos a Guiné

«(...) mas tornemos sobre nós agora que é tempo e somos senhores, porque melhor é que ensinemos a Guiné que sejamos ensinados de Roma, ainda que ela agora tivera toda a sua valia e preço.

E não desconfiemos da nossa língua, porque os homens fazem a língua e não a língua os homens. E é manifesto que as línguas grega e latina primeiro foram grosseiras e os homens as puseram na perfeição que agora têm.»

(Gramática da Linguagem Portuguesa, cap. IV)

Texto 9

Dicções alheias

«(...) tornemos a falar das dicções alheias, as quais também com algum trato vêm ter a nós, como de Guiné e da Índia, onde tratamos, e com arte, não somente quando a arte vem novamente à terra, como veio a da impressão, mas também nas artes já usadas, quando de novo usam algum costume: os alfaiates em vestidos, e os sapateiros em calçado, e os armeiros em armas de novas feições, e assim os outros, porque os homens falam do que fazem, e portanto os aldeãos não sabem as falas da corte, e os sapateiros não são entendidos na arte de marcar, nem os lavradores de Entre Douro e Minho entendem as novas vozes que este ano vieram de Tunes com suas gorras.»

(Idem, cap. XXXII)

VICENTE DE NAZARETH, JORGE CARVALHO e THOMÉ DA CRUZ

Texto 10

Nós outros os cristãos naturais da Índia

«Pôs-nos isto em tanto medo e arreceio que em nenhuma maneira ousáramos cometer esta transladação, se não fora a obediência que todos à real pessoa de Vossa Alteza

(D. João III) devemos, especialmente todos nós outros, cristãos naturais da Índia, de que tem particular cuidado, não somente de nos fazer honras e benefícios temporais, mas também em nos mandar mostrar o caminho da salvação, como claramente parece na presente obra e em muitos pregadores e religiosos, que para este efeito lá tem mandado: que é para nós mui grande e assinada mercê. E principalmente quis ser connosco todos três tam benino, piedoso e humano, que esta trasladação nos quis encomendar para nos dar honra em todas as nações onde se ler esta doutrina. E ainda para maior mercê nos fazer e nossa trasladação mais autoridade ter, encomendou ao Padre Frei João de Vila do Conde da Ordem de S. Francisco da Província da Piedade, que estivesse presente, pela notícia que tem da Cristandade da Índia, por alguns anos que nela lá andou por mandado de Vossa Alteza.»

(*Cartinha em Tamul e Português*, «Prólogo»)

DUARTE NUNES DE LEÃO

Texto 11

A língua portuguesa se pode chamar ditosa

«E manifesto é que, como entre todas as nações que no mundo há, nenhũa se alongou tanto de sua terra natural, como a nação portuguesa, pois sendo do último Ocidente e derradeira parte do mundo (como Plínio diz) os elementos da terra, água, ar, fazem sua demarcação, penetraram tudo o que o Mar Oceano cerca e consigo levaram sua língua. A qual tam puramente se fala em muitas cidades de África que ao nosso jugo são sujeitas, como no mesmo Portugal e em muitas províncias da Etiópia, da Pérsia e da Índia, onde temos cidades e colónias nos Sionistas, nos Malaios, nos Maluqueses, Léquias e nos Brasis e nas muitas e grandes ilhas do Mar Oceano e tantas outras partes, que com razão se pode dizer por os Portugueses o que diz o Salmista: *In omnem terram exivit sonus corúm, et infinis orbis terrae verba eorum.*

E a língua portuguesa com razão se pode ter em muito e chamar ditosa, pois por ela se anunciou e manifestou a tantas gentes e de tam remotas e estranhas províncias, a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e foi causa de se tirarem as erróneas e trevas em que o mundo vivia.»

(*Origem da Língua Portuguesa*, capô XXIV)

DAVID LOPES

Texto 12

Expansão da língua portuguesa no Oriente

«Nos capítulos que formam este estudo pretende-se mostrar que a língua portuguesa foi durante três séculos de uso corrente entre as populações marítimas de grande parte do Oriente. Mostra-se com as referências dos viajantes estrangeiros que visitaram aquelas paragens nesse tempo ou ainda com documentos oficiais especiais; mostra-se com o vocabulário português que passou para muitas das línguas vernáculas daquelas partes e com as obras de carácter didáctico publicadas para ensino do português concorrentemente com as línguas do país; e mostram-no finalmente a formação de crioulos portugueses e as numerosas impressões em língua portuguesa que os missionários protestantes de Batávia, Colombo, Trangambar e Vepery fizeram para exercerem a sua acção doutrinal. Fiz preceder a exposição destes factos de algumas considerações ou apontamentos sobre a acção política e comercial dos diferentes povos que nos séculos XVI e XVII embarcaram para o Oriente. Com este esforço só quis criar o clima em que aqueles factos se iam passar e não dar relato completo dessa acção.

Para esta difusão da língua contribuíram grandemente as missões religiosas. Das protestantes se fala nos capítulos IV e V: as bibliografias que dou aí são testemunho flagrante dessa acção missionária inteligente, instruída e humana. Precederam-nas as missões católicas, primeiro portuguesas e depois também espanholas, italianas e francesas. O missionário ia aonde ia o mercador ousado, este para os bens terrenos, o outro para ganhar as almas. Também eles procuravam espalhar a fé na própria língua dos catequizados, compondo obras adequadas nela, como as protestantes. Alguns exemplos dou no capítulo III. «O Missionário que não sabe a língua de suas ovelhas não pode ser missionário», diz-se na Gramática bengala de Manuel da Assunção [...]. «Ao Colégio de Salsete se aplicaram esse ano oito irmãos moralistas ao estudo da língua canarina, tão necessária à cultura cristã e à conversão dos gentios.» (Sousa. *Oriente Conquistado*. II, p. 105.)»

(*Expansão da Língua Portuguesa no Oriente*. «Preâmbulo»)

UNIDADE 2

GIL VICENTE

Texto 1

[AUTO DA BARCA DO INFERNO]

Representa-se na obra seguinte ùa prefiguração sobre a rigorosa acusação, que os imigos fazem a todas as almas humanas, no ponto que per morte de seus terrestres corpos se partem. E por tratar desta matéria põe o Autor por figura que no dito momento elas chegam a um profundo braço de mar, onde estão dous batéis: um deles passa pera a Glória, outro pera o Purgatório. É repartida em três partes, *scilicet*, de cada Embarcação ùa cena. Esta primeira é da viagem do Inferno, trata-se pelas figuras seguintes: primeiramente, a Barca do Inferno, arrais e barqueiro dela, Diabos. Barca do Paraíso, arrais e barqueiro dela, Anjos.

Passageiros

Fidalgo, Onzeneiro, Joane, Sapateiro, Frade, Florença, Alcoviteira, Judeu, Corregedor, Procurador, Enforcado, quatro Cavaleiros.

Esta prefiguração se escreve neste primeiro livro nas Obras de Devação, porque a segunda e a terceira parte foram representadas na Capela, mas esta primeira *foi* representada de câmara, pera consolação da muito católica e santa Rainha Dona Maria, estando enferma do mal de que faleceu, na era do Senhor de 1517.

DIABO, ARRAIS À barca, à barca, ou lá,
DO INFERNO que temos gentil maré.
 Ora venho a caro a ré:
 feito, feito bem está.
 Vai ali, muitieramá,
 e atesa aquele palanco,
 e despeja aquele banco,
 pera a gente que virá.

 À barca, à barca,
 Asinha, que se quer ir.

Oh, que tempo de partir!
Louvores a Belzebu!
Ora, sus, que fazes tu?
Despeja todo esse leito.
COMPANHEIRO Em bonora, logo é feito.
DIABO Abaixa aramá esse eu.
Faz aquela poja lesta,
e alija aquela driça.
COMPANHEIRO Ó caça, ó ciça.
DIABO Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa,
;erga alta, âncora a pique!
O precioso Dom Anrique!
Cá vindes vós? Que cousa é esta?

FIDALGO Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?
DIABO Vai pera a ilha perdida,
e há-de partir Jogo essora.
FIDALGO Pera lá vai a senhora?
DIABO Senhor, a vosso serviço.
FIDALGO Parece-me isso cortiço.
DIABO Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO Porém a que terra passais?
DIABO Pera o Inferno, senhor.
FIDALGO Terra é bem sem sabor.
DIABO Quê! E também cá zombais?
FIDALGO E passageiros achais
pera tal habitação?
DIABO Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso caiS.

FIDALGO Parece-te a ti assi.
DIABO Em que esperas ter guarida?
FIDALGO Que deixo na outra vida
quem reze sempre por m!.
DIABO Quem reze sempre por ti?
Hi hi hi hi hi hi
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer,
porque rezam lá por ti?

Embarca, ou embarcai,
que haveis d' ir à derradeira.
Mandai meter a cadeira,
que assi passou vosso pai.

FIDALGO Quê, quê, quê! E assi lhe vai?

DIABO Vai ou vem, embarcai prestes:
segundo lá escolhestes,
assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes,
haveis de passar o rio.

FIDALGO Não há aqui outro navio?

DIABO Não, senhor, que este fretastes,
e já quando expirastes,
me tínheis dado sinal.

FIDALGO Que sinal foi esse tal?

DIABO Do que vós vos contentastes.

FIDALGO A est'outra barca me vou.

Ó da barca! Pera onde is?

Ah, barqueiros, não m' ouvis?

Respondei-me! Ou lá,

Pardeus, aviado estou:

cant' a isto é já pior.

Que gericocins, salvarnor!

Cuidam cá que sou eu

ANJO Que mandais?

FIDALGO Que me digais,

pois parti tão sem aviso,

se a barca do Paraíso

é esta em que navegais.

ANJO Esta é; que lhe buscais?

FIDALGO Que me leixeis embarcar:

sou fidalgo de solar,

é bem que me recolhais.

ANJO Não se embarca tirania
neste batel divinal.

FIDALGO Não sei porque haveis por mal
que entre minha senhoria.

ANJO Pera vossa fantasia
mui pequena é esta barca.

FIDALGO Pera senhor de tal marca
não há qui mais cortesia?

Venha a prancha e o atavio:
levai-me desta ribeira.

ANJO Não vindes vós de maneira
pera entrar neste navio.

Ess' outro vai mais vazio,
a cadeira entrará,

e o rabo caberá,

e todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
vós e vossa senhoria,
contando da tirania,
de que éreis tão curfóso.
E porque de generoso
desprezastes os pequenos,
achar-vos-eis tanto menos,
quanto mais fostes fumoso.

DIABO À barca, à barca, senhores!
Oh, que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata,
e valentes remadores.

Cantando:

«Vos me veniredes à la mano,
«à la mano me veniredes;
«e los veredes
«peixes nas redes.»

FIDALGO Ao Inferno todavia!
Inferno há i pera mi?
Oh, triste! Que enquanto vivi,
nunca cri que o i havia,
tive que era fantasia.
Folgava ser adorado,
confiei em meu estado,
e não vi que me perdia.

Venha essa prancha, e veremos
esta barca de tristura.

DIABO Embarque vossa doçura,
que cá nos entenderemos.
Tomareis um par de remos,
veremos como remais;
e chegando ao nosso cais,
nós vos desembarcaremos.

FIDALGO Mas esperai-me aqui;
tornarei à outra vida
ver minha dama querida,
que se quer matar por mio

DIABO Que se quer matar por ti?

FIDALGO Isto bem ceno o sei eu.

DIABO Ó namorado sandeu,
o maior que nunca vi!

FIDAIGO Era tanto seu querer,
 que fi' escrevia mil dias.
DIABO Quantas mentiras que lias,
 e tu morto de prazer!
FIDALGO Pera que é escarnecer,
 que não havia mais no bem?
DIABO Assi vivas tu. amén,
 como te tinha querer.

FIDALGO Isto quanto o que eu conheço.
DIABO Pois estando tu expirando,
 se estava ela requebrando
 com outro de menos preço.
FIDALGO Dá-me licença, te peço,
 que vá ver minha mulher.
DIABO E ela por não te ver
 despenhar-s' á d'um cabeçaço.

 Quando ela hoje rezou
 entre seus gritos e gritas.
 foi dar glórias infinitas
 a quem na desabafou.
FIDALGO Cant' a ela bem chorou ...
DIABO E não há i choro d' alegria?
FIDALGO E as lástimas que dizia?
DIABO Sua mãe lh' as ensinou.

 Entrai, meu senhor, entrai;
 venha a prancha, ponde o pé.
FIDALGO Entremos, pois que assi é.
DIABO Ora agora descansai,
 passeai e susptrai,
 entanto virá mais gente.
FIDALGO Ó barca, como és ardente!
 Maldito quem em ti

Diz o ao moço da cadeira:

DIABO Tu, seu moço, vai-te d'i,
 que a cadeira é cá sobeja;
 cousa que esteve na igreja
 não s' há-de embarcar aqui.
 Cá lh' a darão de marfi,
 marchetada de dolores,
 com tais modos de lavoires,
 qu' estará fora de si.

À barca, à barca, boa gente,
que queremos dar à vela:
chegar ela, chegar ela
muitos, e de boa mente.

[...]

*Vem um Corregedor e diz. chegarão à
Barca do Inferno:*

CORREGEDOR Ou da barca!
 DIABO Que quereis?
CORREGEDOR Está aqui o Senhor Juiz.
 DIABO O amador de perdiz,
 quantos feitos que trazeis!
CORREGEDOR No meu ar conhecereis
 qu' eles não vêm de meu jeito.
 DIABO Como vai lá o direito?
CORREGEDOR Nestes feitos o vereis.

 DIABO Ora pois, entrai, veremos
 que diz i nesse papel.
CORREGEDOR E onde vai o batel?
 DIABO No Inferno vos poremos.
CORREGEDOR Como! À terra dos Demos
 há-de ir um Corregedor?
 DIABO Santo descorregedor.
 embarcai, e remaremos.
 Ora entrai, pois que viestes.
CORREGEDOR *Non est de regula juris.* não.
 DIABO *Ita, ita,* daí cá a mão,
 remareis um remo destes.
 Fazei conta que nascestes
 pera nosso companheiro.
 Que fazes tu, barzoneiro?
 Faze-lhe essa prancha prestes.

CORREGEDOR Oh, renego da viagem,
 e de quem ma há-de levar!
 Há aqui meirinho do mar?
 DIABO Não há cá tal costumagem.
CORREGEDOR Não entendo esta barcagem,
 nem *hoc non potest esse.*
 DIABO Se ora vos parecesse
 que não sei mais que linguagem!

Entrai, entrai, Corregedor.
CORREGEDOR **Ou, videtis qui petatis?**
Super jure majestatis
tem vosso mando vigor?
DIABO Quando éreis ouvidor,
nonne accepistis rapina?
Pois ireis pola bolina,
onde nossa mercê for.

Oh, que isca, esse papel,
pera um fogo que eu sei!
CORREGEDOR *Domine, memento, má!*
DIABO *Non est tempus,* bacharel;
Imbarquemini in batel,
quia judicastis malitia.
CORREGEDOR *Semper ego injustitia*
feci, e bem por nivel.

DIABO E as peitas dos Judeus,
que vossa mulher levava?
CORREGEDOR Isso eu não no tomava,
eram lá percalços seus:
non sunt peccatus meus,
peccavit uxor mea.
DIABO *Et vobis quoque cum ea;*
nemo timuistis Deus.

A largo modo *acquiristis*
sanguinis laboratorum,
ignorantes peccatorum
ut quid eos non audistis.
CORREGEDOR Vás, arrais, *nonne legistis*
que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos.
si aliquid tradidistis.

DIABO Ora entra i nos negros fados,
ireis ao largo dos cães,
e vereis os escrivães
como estão tão prosperados.
CORREGEDOR E na terra dos danados
estão os Evangelistas?
DIABO OS mestres das burlas vistas
lá estão bem fragoados.

Vem um Procurador e diz o Corregedor,
quando o vê:

CORREGEDOR Ó Senhor Procurador!
PROCURADOR Beijo-vos-las mãos, Juiz.
Que diz esse arrais? Que diz?
DIABO Que sereis bom remador.
Entrai, bacharel doutor,
e ireis dando à bomba.
PROCURADOR E este barqueiro zomba?
Jogatais de zombador?

Essa gente que i está,
pera onde a levais?

DIABO Pera as penas infernais.
PROCURADOR Dixe, não vou eu pera lá;
outro navio está cá,
muito melhor assombrado.

[...]

Vão-se à Barca Glória e diz o Corregedor:

CORREGEDOR Ou arrais dos gloriosos,
passai-nos nesse batel!
ANJO Oh, pragas pera papel,
pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos
sendo filhos da ciência!
CORREGEDOR Oh, *habeatis* clemência,
e passai-nos como vossos.
PROCURADOR Ou homens dos breviairos,
rapinastis coelhorum
et pernīs perdigatorum,
e mijais nos campanairos.
CORREGEDOR Anjos, não sejais contrairos,
pois não temos outra ponte.
PROCURADOR *Beleguinis ubi sunt,*
ego latinus macairos.

ANJO A justiça divinal
vos manda vir carregados,

por que vades embarcados
nesse batel infernal.
CORREGEDOR Oh, não praza a São Marçal
co' a ribeira nem c' o rio!
Cuidam lá que é desvario
haver cá tamanho mal.

Venha a negra prancha cá;
vamos ver este segredo.

Entram no batel dos danados [...]

[...]

*Vêm quatro fidalgos cavaleiros da Or-
dem de Cristo que morreram nas par-
tes d'Africa e vêm cantando a quatro
vozes a letra que se segue:*

CAVALEIROS «À barca, à barca segura,
«guardar da barca perdida:
«à barca, à barca da vida.

«Senhores, que trabalhais
«pala vida transitória,
«memória, por Deus, memória
«deste temeroso cais.
«À barca, à barca, mortais;
«porém na vida perdida
se perde a barca da vida.»

DIABO Cavaleiros, vós passais,
e não dizeis pera onde is?

CAVALEIRO E vós. Satã, presumis? ...

OUTRO Atentai com quem falais.
E vós que nos demandais?
Sequer conheci-nos bem:
morremos nas partes d' além;
e não queirais saber mais.

ANJO Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos Céus.
Sois livres de todo o mal.

santos, por certo, sem falha;
que quem morre em tal batalha
merece paz eternal.

Aqui fenece a primeira cena.

(in *Compilaçam de toda/as obras de Gil Vicente, Lisboa. I. N. C. M. 1984, 2 vols.*)

Texto 2

[AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO]

Esta segunda cena é atribuída à Embarcação do Purgatório. Trata-se per lavradores. Foi representada à muito devota e católica Rainha Dona Lianor, no hospital de Todosos Santos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor de 1518.

Primeiramente entram três Anjos. cantando o romance segumte, com seus remos.

«Remando vão remadores
«barca de grande alegria
«o Patrão que a guiava,
«Filho de Deus se dizia.
«Anjos eram os remeiros,
«que remavam à perfia:
«estandarte d' esperança,
«oh, quão bem que parecia!
«O mastro da fortaleza
«como cristal reluzia;
«a vela com fé cosida
«todo o mundo esclarecia;
«a ribeira mui serena.
«que nenhum vento bulia.»

E logo entra o Arrais do Inferno e diz:

[...]

DIABO Quero ora meter a vela,
e deitar a prancha fora,
e arrumar a caravela,
e deitar do junco nela,
se vier qualquer senhora.
E que é isto na má ora?
E o batel esta em seco!
Oh, renego de Samora!

O rio s' encaramelou!
Nunca ral m' acomeceu.
Ou bora, ou bora, ou!
Oh, renego de São Grou,
e se São Para do Céu!
Arrenego eu do dinheiro
que ganho nesta viagem,
arrenego da barcaagem,
e do cornudo barqueiro.

[...]

Vem um Lavrador com seu arado às costas e diz:

LAVRADOR Que é isto? Cá chega o mar?
Ora é forte cagião.
DIABO Alto, sus, quereis passar?
Ponde i o chapeirão,
e ajudareis a borar.
LAVRADOR Da morte venh' eu cansado.
e cheio de refrigério,
e não posso, mal pecado.
DIABO Põe eramá i o arado.
LAVRADOR Porém, esse é grão misrério.

 S' eu trouguera mais vagar
sorrira-me eu ramalavez.
DIABO E vós vilão, quereis zombar?
Se vos eu arrebatat?

LAVRADOR E vós Dom rosto de funil,
cuidareis que sois alguém?
ANJO Vinde cá, homem de bem;
pera onde quereis ir?
LAVRADOR Queria passar além,

pera a glória do Senhor.

 Samicas de lá serês?
ANJO E vens tu mercedor?
LAVRADOR E que fez lá o lavrador,
pera andar cá ó través?
ANJO Pode ser mui ausrinado,
e não querer-se arrepender.
LAVRADOR Bofá, Senhor, mal pecado,
sempre é morto quem do arado
há-de viver.

LAVRADOR Dou-t' eu muito de mau mês.
Com' eu a morte passei,
logo o medo ficou finto,
enha cédula amanhei,
e meus negócios deixei
como homem de bom retinto.

Nem fico a dever duas favas,
nem um preto por pagar.

DIABO E os marcos que mudavas,
dize, porque os não tornavas
outra vez a seu lugar?

LAVRADOR E quem tirava do meu
os meus marcos quantos são,
e os chentava no seu,
diz, pulga de Judeu,
que lhe dizias tu er então?

DIABO Foste o mais ruim vilão!

LAVRADOR Bofá, salvanor salvado,
vós mentis como cabrão,
quer me queirais mal, quer não,
não dou por isso um cornado.

DIABO Pois porque vens carregado?

LAVRADOR Por que seja conhecido
por lavrador muito honrado.
E tenho a glória merecido,
que sempre fui perseguido,
e vivi mui trabalhado.

Há i, pesar não de São
Mício mais fortunado?

DIABO Pois pera que é o vilão?

LAVRADOR Todos nós vimos d' Andrão.

DIABO Pousa, pousa aí o arado.

LAVRADOR Juro a São Junco sagrado
que te chante um par de quedas.

DIABO Aqui hás-d'ir embarcado.

LAVRADOR Vai beijar o meu bragado
antre as sedas.

DIABO Que vilão tão descortês!

LAVRADOR E vós sais mui deneguil!
Dou eu já ora ó Decho o freguês.

DIABO Dom vilão, comigo irês
onde estão de vós dez mil.

Nós somos vida das gentes,
e morte de nossas vidas;
a tiranos. pauêntes,
que a unhas e a dentes
nos tem as almas roídas.
Pera que é parouvelar?
Que queira ser pecador
o lavrador;
não tem tempo nem lugar
nem somente d' alimpar
as gotas do seu suor.

Na igreja bradam com ele,
porqu' assoviou a um cão;
e logo excomunhão na pele.
O fidalgo maçar nele,
até o mais tñste rascão.
Se não levam torta a mão,
não lhe acham nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada um pela o vilão
per seu jeito.

Trago a propósito isto,
perque veio a bem de fala.
Manifesto está e visto
que o bento Jesus Cristo
deve ser homem de gala.
E é razão que nos valha
neste serão glorioso,
que é grão refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso,
e não estou temeroso
nemigalha.

ANJO Que bens fizeste na vida,
que te sejam cá guiantes?
LAVRADOR Ia ao bodo da ermida
cada santa Margaída,
e dava esmola aos andantes;
benzia-me pola manhã,
levava o Credão até o cabo.
DIABO Depois tomavas a lâ,
da melhor e a mais sã,
e davas ao dízimo a do rabo,
temporã.

LAVRADOR E vós Dom rosto de funil,
cuidareis que sois alguém?
ANJO Vinde cá, homem de bem;
pera onde quereis ir?
LAVRADOR Queria passar além"
pera a glória do Senhor.
Samicas de lá serês?
ANJO E vens tu merecedor?
LAVRADOR E que fez lá o lavrador,
pera andar cá ó través?
ANJO Pode ser mui austinado,
e não querer-se arrepender.
LAVRADOR Bofá, Senhor, mal pecado,
sempre é morto quem do arado
há-de viver.

E o mais fraco cabrito,
e o frangão ofegoso,
com repetenado esp' rito.
LAVRADOR Oh, fideputa maldito,
triste avezimão tinhoso,
lano pecador errado!
Não - vai - não me dizimei?
dize sabujo pelado.
DIABO Tornaste tu o mal levado?
LAVRADOR Si, tornei.

E de tudo fiz aquesta,
como homem diz, avantairo:
leixei ó cura a enha besta.
Abonda que nem aresta
terá comigo o cossairo.
Um anal e um trintairo,
com raponsos, ladaínhas:
a Gil fiz todo reparo
com missas d' aniversairo
trinta dias.

Perol que dizeis vós lá?
Sejo eu como deve ser,
ou que modo se terá?
ANJO É mui caro d' haver cá
aquele eternal prazer.
LAVRADOR Já o eu lá ouvi dizer.
Perol o Evangelho diz,
quem for bautizado e crer
salvus es: ora dizer,
sede juíz.

Pois *quia infernus es,*
nulla redencia há i;
vede vós o que dizeis,
que a mim já me pruem os pés,
pera me passar d' aqui.

ANJO Digo que andes assi,
purgando nessa ribeira,
até que o Senhor Deus queira
que te levem pera si
nesta bateira.

LAVRADOR Bofá, logo quisera eu,
que m' atormenta este arado;
e dera muito do meu,
pois que já hei-de ser seu,
tirar-me deste cuidado.
O mundo, mundo enganado,
vida de tão poucos dias,
tão breve tempo passado,
tu me trouveste enganado,
e me mentias!

DIABO Inda esta barca não nada?
Que festa esta pera mi!
nunca tal balcarriada,
nem maré tão desastrada
nesta ribeira não vi.

[...]

(*Idem*)

Texto 3

[AUTO CHAMADO DA MOFINA MENDES]

A obra seguinte *foi* representada ao excelente Príncipe e muito poderoso Rei Dom João terceiro, endereçada às matinas do Natal, na era do Senhor 1534.

Entra primeiramente um Frade, e, a modo de pregação, diz o que se segue.

[...]

Em este passo entra Nossa Senhora, vestida como Rainha. com 12 ditas donzelas, e diante quatro Anjos com música: e depois de assentadas, começam cada úa de estudar per seu livro, e diz a Virgem:

VIRGEM Que ledes. minhas criadas?
que achais escrito i?

[...]

Em este passo se vai o Anjo Gabriel, e os anjos à sua partida tocam seus instrumentos. E cerra-se a cortina e ajuntam-se os Pastores pera o tempo do Nascimento. Entra primeiro André e diz:

ANDRÉ Eu perdi, se s'acontece,
a asna ruça de meu pai.
O rasto per aqui vai.
mas a burra não parece,
nem sei em que vale cai.
Leva os tarros e os apeiros,
e o surrão co'os chocalhos,
os samarros dos vaqueiros,
dous sacos de pães inteiros,
porros, cebolas e alhos.

Leva as peias da boiada,
as carrancas dos rafeiros,
e foi-se a pascer folhada;
porque besta despeada,
não pasce nossovereiros.
E s'ela não parecer
atás per noite fechada,
não temos hoje prazer;
que na festa sem comer
não há i gaita temperada.

Entra Paio Vaz e diz:

PAIO VAZ Mofina Mendes é cá
c'um fato de gado meu?

ANDRÉ Mofina Mendes ouvi eu
assoviar, pouco há,
no vale de Jão Viseu.

PAIO VAZ Nunca esta moça sossega,
nem samica quer fortuna:
anda em saltos como pega,
tanto faz, tanto trasfega,
que a rnrutos Importuna.

ANDRÉ Mofina Mendes quanto há,
que vos serve de pastora?

PAIO VAZ Bem trinta anos haverá,
ou creio que os faz agora:
mas sossego não alcança;
não sei que maleira a toma.
Ela deu o saco em Roma,
e prendeu el-rei de França:
agora anda com Mafoma,
e pôs o Turco em balança.

Quando cuidei que ela andava
c' o meu gado onde sola,
pardeus! ela era em Turquia,
e os Turcos amofinava,
e a Carlos César servia.
Diz que assim resplandecia
neste capitão do céu
a vontade que trazia,
que o Turco esmoreceu,
e a gente que o seguia.

Receou a guerra crua
que o César lhe prometia;
enronces *per aliam via*
reverti sunt in patria sua
com quanta gente trazia.

PESSIVAL Achaste a tua burra Andrei?

ANDRÉ Bafá não.

PESSIVAL Não pode ser.

Busca bem, deixa o fardei;
que a burra não era mel,
que a haviam de comer.

ANDRÉ Saltariam pegas nela,
por caso da matadura?

PESSIVAL Pardeus! essa seri' ela!
E que pega seria aquela,
que lhe tirasse a albardadura?

PAIO VAZ Mas crê que andou per i
Mofina Mendes, rapaz;
que, segundo as cousas faz,
se isto não for assi,
que não seja eu Paio Vaz

Ora chama tu por ela,
e aposto-te a carapuça,
que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nela.

ANDI Mofina Mendes! ah, Mofina Men!
MOFINA MENDES Que queres, André? que hás?
ANDI Vem tu cá, e vê-lo-ás;
e se hás-de vir, logo vem,
e acharás aqui tam bém
a teu amo Paio Vaz

*Entra Mofina Mendes, e diz Paio Vaz,
seu amo:*

PAIO VAZ Onde deixas a boiada,
e as vacas, Mofina Mendes?
MOFINA MENDES Mas que cuidado vós tendes
de me pagar a soldada,
que há tanto que me retendes?
PAIO VAZ Mofina, dá-me conta tu
onde fica o gado meu.
MOFINA MENDES A boiada não vi eu,
andam lá não sei per u,
nem sei que pacigo é o seu.

Nem as cabras não nas vi:
samicas dos arvoredos,
mas não sei a quem ouvi
que andavam elas per i
saltando pelos penedos.

PAIO VAZ Dá-me conta rês e rês
pois pedes todo teu frete.
MOFINA MENDES Das vacas morreram sete,
e dos bois morreram três.

PAIO VAZ Que conta de negregura!
Que tais andam os meus porcos?
MOFINA MENDES Dos porcos os mais são mortos
de magreira e má ventura.

PAIO VAZ E as minhas trinta vitelas
 das vacas, que te entregaram?
 MOFINA MENDES Creio que i ficaram delas,
 porque os lobos dizimaram,
 e deu olho mau por elas,
 que mui poucas escaparam.

PAIO VAZ Dize-me, e dos cabritinhos
 que recado me dás tu?
 MOFINA MENDES Eram tenros e gordinhos,
 e a zorra tinha filhinhos,
 e levou-os um e um.

PAIO VAZ Essa zorra, essa malina,
 se lhe correras trigosa,
 não fizera essa chacina;
 porque mais corre a Mofina
 vinte vezes qu'a raposa.
 MOFINA MENDES Meu amo. iá tenho dada
 a conta do vosso gado
 muito bem, com bom recado;
 pagai-me minha soldada,
 como temos concertado.

PAIO VAZ Os carneiros que ficaram,
 e as cabras que se fizeram?

MOFINA MENDES As ovelhas reganharam,
 as cabras engafeceram,
 os carneiros se afogaram,
 e os rafeiros morreram.

PESSIVAI Paio Vaz, se queres gado,
 dá ó demo essa pastora:
 paga-Ih' o seu, vá-se embora
 ou má-ora,
 e põe o teu em recado.

PAIO VAZ Pois Deus quer que pague e peite
 tão daninha pegureira,
 em pago desta canseira
 toma este pote de azeite,
 e vai-o vender à feira;
 e quiçais medrarás tu,
 o que eu contigo não posso.

MOFINA MENDES Vou-me à feira de Trancoso
 logo, nome de Jesu,
 e farei dinheiro grosso.

Do que este azeite render
comprarei ovos de pata,
que é a cousa mais barata
qu' eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
cada ovo dará um pato.
e cada pato um tostão,
que passará de um milhão
e meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada
per estes ovos de pata,
e o dia que for casada
sairei ataviada
com um brial d'escarlata.
e diante o desposado,
que me estará namorando:
virei de dentro bailando
assi dest' arte bailado,
esta cantiga cantando.

*Estas cousas Mofina Mendes com o
pote de azeite à cabeça e andando enle-
fiada no ballo, cai-lhe, e diz Paio Vaz:*

PAIO VAZ Agora posso eu dizer,
e jurar e apostar,
qu' és Mofina Mendes toda.
PESSIV Ai E s'ela baila no voda,
qu' está inda por sonhar,
e os patos por nascer,
e o azeite por vender,
e o noivo por achar,
e a Mofina a bailar;
que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando:

MOFINA MENDES «Por mais que a dita m' engeite,
«pastores, não me deis guerra;
«que todo humano deleite,
ceomo o meu pote d' azeite,
chá-de dar consigo em terra.»

*Entram outros pastores, cujos nomes
são: Braz Carrasco, Barba Triste e Tibal-
dinho; e diz Braz Carrasco:*

BRAZ CARRASCO Ó Pessival meu vizinho!
PESSIVAL João Carrasco, diz, viste
 a burra desse outeirinho?
BRAZ CARRASCO Pergunta tu a Tibaldinho,
 ou pergunta a Barba Triste,
 ou pergunta a João Calveiro.
JOÃO O fato trago eu aqui,
 e a burra eu a meti
 na corte do Rabileiro.
 Nós deitamo-nos per i.

 Andamos todos cansados,
 o gado seguro está:
 e nós aqui abrigados
 durmamos senhos bocados,
 que a meia noite vem já.

*Em este passo se deitam a dormir os
pastores; e logo se segue a segunda par-
te, que é ua breve contemplação sobre
o Nascimento.*

VIRGEM Ó cordeiro divinal,
 precioso Verbo profundo,
 vem-se a hora
 em que teu corpo humanal
 quer caminhar pelo mundo.
 Desd' agora
 sairás ao campo mundano
 a dar crua e nova guerra
 aos imigos,
 e glória a Deus soberano
 in excelsis et in terra
 pax hominibus.

 Sairá o nobre Leão,
 rei do tribu de Judá,
 Radix David;
 o duque da promessa
 como esposo sairá
 do seu jardim:

e o Deus dos anjos servido,
sanctus, sanctus, sem cessar
lhe cantando,
vereis em palhas nascido,
sem candeia e sem luar,
suspirando.

[...]

*Em este passo José e a Fé vão acender a
candeia e a Virgem com as Virtudes, de
joelhos, a versos rezam este Salmo:*

[...]

(*Idem*)

Texto 4

[A FARSA DE INÊS PEREIRA]

Auto de Inês Pereira

A seguinte Farsa de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso Rei Dom João, o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Tomar. Era do Senhor de 1523. O seu argumento é que, porquanto duvidavam certos homens de bom saber se o autor fazia de si ~esmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este tema sobre que fizesse, *scilicet*, um exemplo comum que dizem: «Mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube». E sobre este motivo se fez esta Farsa.

Finge-se, na introdução, que Inês Pereira, filha de ãa mulher de baixa sorte, muito fantesiosa, está lavrando em casa, e sua mãe é a ouvir missa. E ela diz:

INÊS PEREIRA Renego deste lavar
e do primeiro que o usou!
Ao diabo que o eu dou,
que tão mau é d'aturar!

Oh, Jesu! Que enfadamento,
e que raiva, e que tormento,
que cegueira, e que canseira!
Eu hei-de buscar maneira
d'algum outro aviamento.

Coitada, assi hei-de estar
encerrada nesta casa
como panela sem asa
que sempre está num lugar?
E assi hão-de ser logrados
dous dias amargurados,
que eu possa durar viva?
E assi hei-de estar cativa
em poder de desfiados?

Comendo-me eu logo ao demo
s'eu mais lavro nem pontada!
Já tenho a vida cansada
de jazer sempre dum cabo.
Todas folgam e eu não,
todas vêm e todas vão
onde querem, senão eu.
Hui! E que pecado é o meu,
ou que dor de coração?

Esta vida é mais .que morta.
são eu coruja ou corujo,
ou são algum caramujo,
que não. sai senão à porra?
E quando me dão algum dia
licença, como a bugia,
que possa estar à janela
é já mais que a Madanela
quando achou a aleluía.

Vem a Mãe, e diz:

MÃE Logo eu adivinhei,
lá na missa onde eu estava,
como a minha Inês lavrava
a tarefa que lhe eu dei.
Acaba esse travesseiro!
E nasceu-te algum unheiro,
ou cuidas que é dia santo?

INES PEREIRA Praza a Deus que algum quebranto
me tire de cativoiro.

MÃE Toda tu estás aquela!
Choram-te os filhos por pão?
INÊS PEREIRA Prouvesse a Deus que já é rezão
de eu não estar tão singela.
MÃE Olhade ali o mau pesar!
Como queres tu casar
com fama de preguiçosa?
INÊS PEREIRA Mas eu, mãe, são aguçosa
e vós dais-vos devagar.

MÃE Ora espera assi, vejamos.
INÊS PEREIRA Quem já visse esse prazer!
MÃE Cal' -te, que poderá ser,
que ante a Páscoa vêm os Ramos.
Não te apresses tu, Inês,
maior é o ano qu' o mês;
quando te não precatares,
virão maridos a pares
e filhos de três em três.
INÊS PEREIRA Quero-me ora alevantar;
folgo mais de falar nisso:
assi me dê Deus o paraíso,
mil vezes que não lavrar.
Isto não sei que o faz ...
MÃE Aqui vem Lianor Vaz.
INÊS PEREIRA E ela vem-se benzendo.
LEONOR VAZ Jesu a que m'eu encomendo!
Quanta cousa que se faz!

MÃE Lianor Vaz, que foi isso?
LEONOR VAZ Venho eu, mana, amarela.
MÃE Mais ruiva que ùa panela!
LEONOR VAZ Não sei como tenho siso!
Jesu, Jesu, que farei?
Não sei se me vá a el-Rei,
se me vá ao Cardeal.
MÃE Como! E tamanho é o mal?
LEONOR VAZ Tamanho? Eu to direi:

vinh' agora pereli
ao redor da minha vinha,
e um clérigo, mana minha,
pardeus, lançou mão de mi!
Não me podia valer!
Diz que havia de saber
se era eu fêmea se macho.

MÃE Hui! Seria algum mochacho,
que brincava por prazer?

LEONOR VAZ Si, mochacho sobejava!
Era um lOte tamanhouço!
Eu andava no retouço,
tão rouca, que não falava.
Quando o vi pegar comigo,
que me achei naquele perigo,
assolverei, não assolverás:
«Jesu! Homem que hás contigo?»

«Irmã, eu t' assolverei
co breviairo de Braga».
Que breviairo, ou que praga!
Que não quero, áque d'el-Rel!
Quando viu revolta a boda,
foi e esfarrapou-me toda
o cabeção da camisa.

MÃE Assi me fez dessa guisa
outro, no tempo da poda.

Eu cuidei que era jogo
e ele... dai -o vós ao fogo!
tomou-me tamanho riso,
riso em todo meu siso,
e ele leixou-me logo.

LEONOR VAZ Si, agora, eramá,
também eu me ria cá
das cousas que me dizia:
chamava-me luz do dia;
nunca teu *olho* verá.

Se estivera de maneira
sem ser rouca, bradara eu,
mas logo m' o demo deu
cadarrão e peitogueira,
cócegas e cor de rir,
e coxa pera fugir
e fraca pera vencer.
Porém. pude-me valer
sem me ninguém acudir.

O demo, e não pode al ser,
se chamou no corpo dele.

MÃE Mana, conhecia-t'ele?

LEONOR VAZ Mas queria-me conhecer!

MÃE Vistes vós tamanho mal?

LEONOR VAZ Eu me irei ao Cardeal,
e .far-Ih' -ei assi mesura

e contar-lhe-ei a aventura
que achei no meu olival.

MÃE Não estás m arranhada
de te carpir, nas queixadas.
LEONOR VAZ Eu tenho as unhas cortadas
e mais, estou trosquiada:
e mais, pera que era isso?
E mais, pera que é o siso?
E mais, no meio da requesta
veio um homem de ùa besta,
que em vê-lo vi o paraíso.

E soltou-me, porque vinha
bem contra sua vontade.
Porém, a falar verdade
já eu andava cansadinha.
Não me valia rogar,
nem me valia chamar
«áque de Vasco de Fóes,
acudi-me como soes!"
E ele senão pegar:

«Mais mansa, Lianor Vaz,
assi Deus te faça Santa!
«Trama te dê na garganta!
Como! Isto assi se faz?
«Isto não releva nada,
m não vês que são casada?
MÃE Deras-lhe, má hora, boa
e mordera-lo na coroa.
LEONOR VAZ Assi, fora excomungada.
Não lhe dera um empuxão,
porque sou tão maviosa,
que é cousa maravilhosa;
e esta é a conrusão.
Leixemos isto, eu venho,
com grande amor que vos tenho,
porque diz o exempro antigo
que amiga e bom amigo
mais aqueuta que bom lenho.

Inês Pereira é concertada
pera casar com alguém?
MÃE Até 'gora com ninguém
não é ela embaraçada.
LEONOR VAZ Eu vos trago um casamento
em nome do Anjo bento:
filha, não sei se vos prazo

INês PEREIRA E quando, Lianor Vaz?
LEONOR VAZ Eu vos trago aviamento.

INês PEREIRA Porém, não hei-de casar
senão com homem avisado,
ainda que pobre pelado,
seja discreto em falar.
LEONOR VAZ Eu vos trago um bom marido,
rico, honrado, conhecido;
diz que em camisa vos quer.
INês PEREIRA Primeiro, eu hei-de saber
se é parvo, se sabido.

LEONOR VAZ Nesta carta que aqui vem
pera vós, filha, d'amores,
veredes vós, minhas flores,
a descrição que ele tem.
INês PEREIRA Mostrai-ma cá, quero ver.
LEONOR VAZ Tomai, e sabedes vós ler?
MÃE Hui! E ela sabe latim,
e gramática e alfaqui
e tudo quanto ela quer!

Lê Inês Pereira a carta:

INês PEREIRA «Senhora amiga Inês Pereira.
Pero Marques, vosso amigo,
que ora estou na nossa aldeia,
mesmo na vossa mercela
m'encomendo, e mais digo.
digo que benza-vos Deus,
que vos fez de tão bom jeito;
bom prazer e bom proveito
veja vossa mãe de vós.
Ainda que eu vos vi
est'outro dia de folgar
e não quisestes bailar
nem cantar diante mi ...»
Na boda de seu avô,
ou onde me viu or'ele?
Lianor Vaz, este é ele?
LEONOR VAZ Ledo a cana sem dó,
que inda eu são contente dele.

Prossegue Inês Pereira a carta:

INÊS PEREIRA «... Nem cantar presente mi,
pois Deus sabe a rebentinha
que me fizestes então.
Ora, Inês, que hajais benção
de vosso pai e a minha,
que venha isto a conrusão.»
Vistes tão parvo vilão?
Eu nunca tal cousa vi,
nem tanto fora de mão.

LEONOR VAZ Quereis casar a prazer
do tempo d'agora, Inês?
Antes casa, em que te pês,
que não é tempo d' escolher.
Sempre eu ouvi dizer:
ou seja sapo ou sapinho,
ou marido ou maridinho,
tenha o que houver mister,
este é o ceno caminho.

MÃE Pardeus, amiga. essa é ela:
mata o cavaJo de sela
e bom é o asno que me leva.

LEONOR VAZ Filha, no chão do Couse
quem não puder andar. choute.
Mais quero eu quem m'adore
que quem faça com que chore.
Chamá-Lo-ei, Inês?

INÊS PEREIRA Si.
Venha e veja-me a mi,
quero ver, quando me vir,
se perderá o presumir,
logo em chegando aqui,
pera me fanar de rir.

MÃE Touca-te, se cá vier,
pois que pera casar anda.
INF.S PEREIRA Essa é boa demanda.
Cerimónias há mister
homem que tal cana manda?
Eu o estou cá pintando:
sabeis, mãe, que eu adivinho?
Deve ser um vilãozinho!
Ei-Io se vem penteando:
será com algum ancinho?

Vem Pero Marques, e diz:

PERO MARQUES Homem que vai aonde eu vou
nô se deve de correr;
ria embora quem quiser,
que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora. Aqui?
Olhai que me esquece a mil
Eu creio que nesta rua,
e esta parreira é sua.
Já conheço que é aqui.

Chega a casade Inês Pereira.

 Digo que esteis muito embora,
folguei ora de vir cá.
Eu vos escrevi de lá
ũa cartinha, senhora:
e assi que de maneira ...
MÃE Tomai aquela cadeira.
PERO MARQUES E que vale aqui ãa destas?
INÊS PEREIRA Oh, Jesu! Que Jão das bestas!
 Olhai aquela canseira!

Assentou-se com as costas pera elas, e diz:

 Eu cuido que não estou bem.
MÃE Como vos chamais, amigo?
PERO MARQUES Eu Pero Marques me digo,
 como meu pai, que Deus tem:
 faleceu, perdoe-lhe Deus,
 que fora bem escusado,
 e ficámos dois eréus,
 perém meu é o morgado.
MÃE De morgado é vosso estado?
 Isso viria dos céus!
PERO MARQUES Mais gado tenho eu já quanto,
 e o maior de todo o gado,
 digo maior algum tanto.

 E desejo ser casado,
 prouguesse ao Espírito Santo,
 com Inês; que eu m'espanto
 quem me fez seu namorado.

Parece moça de bem,
e eu de bem, er também.
Ora vós er ide vendo
se lhe vem melhor ninguém,
a segundo o que eu entendo.

Cuido que lhe trago aqui
peras da minha pereira:
hão-de estar na derradeira.
Tende ora, Inês, per i.

INÊS PEREIRA E isso hei-de ter na mão?
PERO MARQUES Deitai as peias no chão.
INÊS PEREIRA As perlas pera enfiar:
três chocalhos e um novelo,
e as peias no capelo:
e as peras onde estão?

PERO MARQUES Nunca tal me aconteceu:
algum rapaz m' as comeu,
que as meti no capelo,
e ficou aqui o novelo,
e o pentem não se perdeu:
pois trazi-as de boa mente.
INÊS PEREIRA Fresco vinha aí o presente
com folhinhas borrifadas!
PERO MARQUES Não, que elas vinham chentadas
cá em fundo, no mais quente.

Vossa mãe foi-se? Ora bem!
Sós nos deixou ela assi?
Cant'eu quero-me ir daqui,
não diga algum demo, alguém ...
INÊS PEREIRA Vós que me havíeis de fazer?
nem ninguém que há-de dizer?
O galante despejado!
PERO MARQUES Se eu fora já casado,
d'outra arte havia de ser,
como homem de bom pecado.

INÊS PEREIRA Quão desviado este está!
Todos andam por caçar
suas damas sem casar,
e este, tomade-o lá!
PERO MARQUES Vossa mãe é lá no muro?
INÊS PEREIRA Minha mãe e vos seguro
que ela venha cá dormir.
PERO MARQUES Pois, senhora, eu quero-m'ir
antes que venha o escuro.
INÊS PEREIRA E não cureis mais de vir.

PERO MARQUES Virá cá Lianor Vaz,
veremos que lhe dizeis.
INÊS PEREIRA Homem, não aporfieis,
que não quero, nem me praz;
ide casar a Cascais.
PERO MARQUES Não vos anojarei mais,
ainda que saiba estalar;
e prometo não casar
até que vós não queirais.

Estas vos são das a vós:
anda homem a gastar calçado,
e quando cuida que é aviado,
escarnefucham de vós!
Creio que lá fica apeia.
Pardeus, bô ia eu ã aldeia.
Senhora, cá fica o fato.
INÊS PEREIRA Olhai se o levou o gato!
PERO MARQUES Inda não tendes candeia?

Ponho per cajo que alguém
vem, como eu vim agora,
e vós a escuras, a tal hora
parece-vos que será bem?
Ficai-vos ora com Deus:
cerrai a porta sobre vós,
com vossa candeiazinha;
e siquais sereis vós minha.
Entonces veremos nós.

Vai-se Pero Marques e diz Inês Pereira:

INÊS PEREIRA Pessoa conheço eu
que levará outro caminho.
Casai lá com um vilãozinho,
mais covarde que um judeu!
Se fora outro homem, agora,
Ê me topara a tal hora,
estando comigo às escuras,
dissera-me mil doçuras,
ainda que mais não fora.

MÃE Pero Marques foi-se já?
INÊS PEREIRA E pera que era de aqui?
MÃE E não t' agrada ele a ti?
INÊS PEREIRA Vá-se, muitieramá,
que sempre disse e direi,

mãe. eu me não casarei
senão com homem discreto,
e assi vo-lo prometo
ou antes o leixarei.

Que seja homem mal feito,
feio, pobre, sem feição,
como tiver discrição,
não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
e coma eu pão e cebola,
sequer ùa cantiguinha
discreto, feito em farinha,
porque isto me degola.

MÃE Sempre tu hás-de bailar,
e sempre ele há-de tanger?
Se não tiveres que comer,
o tanger te há-de fartar?

INÊS PEREIRA Cada louco com sua teima.
Com ùa borda de boleima
e ùa vez d'água fria,
não quero mais cada dia.

MÃE Como às vezes isso queima!

INÊS PEREIRA E que é desses escudeiros?
Eu falei ontem ali
que passaram por aqui
os judeus casamenteiros
e hão-de vir agora aqui.

LATÃO Ou de cá!

INÊS PEREIRA Quem está lá?

VIDAL Nome del Deo aqui somos.

LATÃO Não sabeis quão longe fomos!

VIDAL Corremos a ieramá!

Este e eu.

LATÃO Eu, e este,
pola lama e polo pó,
que era pera haver dó,
com chuva, sol e Noroeste.
Foi a cousa de maneira,
tal friura e tal canseira,
que trago as tripas maçadas,
assi me fadem boas fadas
que me saltou caganeira.

Pera vossa mercê ver
o que nos encomendou.
LATÃO O que nos encomendou
será o que houver de ser.
Todo este mundo é fadiga,
vós dixestes, filha arniga,
que vos buscássemos logo.
VIDAL E logo pujemos fogo.

LATÃO Cal' -te.
VIDAL Não queres que diga?

Não fui eu também contigo,
tu e eu, não somos eu?
Tu judeu e eu judeu?
Não somos massa dum trigo?
LATÃO Deixa-me falar.
VIDAL Já calo.
Senhoras, fomos ... Agora falo,
ou falas tu?
LATÃO Dize. Que dizias?
Que foste, que fomos, que ias
buscá-lo, esgaravatá-lo.

VIDAL Vós quereis, arnor, marido
mui discreto e de viola?
LATÃO Esta moça não é tola,
que quer casar per sentido.

VIDAL Judeu, queres-me leixar?
LATÃO Leixo, não quero falar.
VIDAL Buscámo-lo.
LATÃO Demo foi logo,
crede que o vosso rogo
vencerá o Tejo e o mar.

Eu cuido que falo e calo,
falo eu agora ou não?
Eu falo, se vem à mão.
Não digas que não te falo.
INÊS PEREIRA Não falará um de vós?
Já queria saber isso.
MÃE Que siso, Inês, que siso
tens debaixo desses véus!

INÊS PEREIRA Diz o exemplo da velha,
o que não haveis de comer
leixai-o a outrém mexer.

MÃE Mau conselho t'aconselha.
INÊS PEREIRA Judeus, que novas trazeis?

VIDAL O marido que quereis
de viola e dessa sorte
não no há, senão na corte,
que cá não no achareis.

Falámos a Badajoz,
músico, discreto, solteiro,
este fora o verdadeiro,
mas soltou-se-nos da noz.
Fomos a Vilha Castim
e falou-nos em latim:
«Vinde cá daqui a ùa hora,
e trazei-me essa senhora».
INÊS PEREIRA Assi que é tudo nada, enfim?

VIDAL Esperai, aguardai ora:
soubemos dum escudeiro
de feição d'atafoneiro
que virá logo essora,
que fala, e com'ora fala!
Que estrugirá esta sala,
e tange, com' ora tange!
E alcança quanto abrange,
e se preza bem de gala.

Vem o Escudetro e diz:

ESCUDEIRO Se esta senhora é tal
como os Judeus ma gabaram,
certo os anJos a pintaram,
e não pode ser i al.
Diz que os olhos com que via
foram de Santa Luzia,
e cabelos da Madanela.
Se fosse moça tão bela,
como donzela seria?

Moça de vila será ela
com sinalzinho postiço,
e sarnosa no toutiço,
como burra de Castela.
Eu, assi como chegar,
cumpre-me bem d'atentar
se é garrida, se honesta,

porque o melhor da festa
é achar siso e calar.

MÃE Se este escudeiro há-de vir
e é homem de discrição,
hás-te de pôr em feição,
de falar pouco e não rir.
E mais Inês, não muito olhar,
e muito chão o menear,
por que te julguem por muda,
porque a moça sisuda
é ùa perla pera amar.

ESCUDEIRO Olha cá, Fernando, eu vou
ver a com que hei-de casar.
Avisa-te, que há-s-d'estar
sem barrete onde eu estou.

MOÇO Como a Rei, corpo de mil
Mui bem vai isso assi! ...

ESCUDEIRO E se cuspir, pola ventura,
põe-lhe o pé e faze mesura.

MOÇO Ainda eu isso não vi!

ESCUDEIRO E se me vires mentir,
gabando-me de privado,
está tu dissimulado,
ou sai-te pera fora a rir,
Isto te aviso daqui,
faze-o por amor de mio

MOÇO Porém, senhor, digo eu
que mau calçado é,o meu
pera estas vistas assi.

ESCUDEIRO Que farei, que o sapateiro
não tem solas, nem tem pele?

MOÇO Sapatos me daria ele,
se me vós désseis dinheiro ...

ESCUDEIRO Eu o haverei agora,
e mais, calças te prometo.

MOÇO Homem que não tem nem preto,
casa muito na má hora.

*Chega o Escudeiro onde está Inês Perei-
ra, e diz:*

ESCUDEIRO Antes que mais diga agora,
Deus vos salve, fresca rosa,

e vos dê por minha esposa,
por mulher e por senhora.
Que bem vejo
nesse ar, nesse despejo,
mui graciosa donzela,
que vós sois, minha alma, aquela
que eu busco e que desejo.

Obrou bem a natureza
em vos dar tal condição,
que amais a discrição
multo mais que a riqueza.
Bem parece
que a discrição merece
gozar vossa fermosura
que é tal, que de ventura
outra tal não s'acontece.

Senhora, eu me contento
receber-vos como estais,
se vós não vos contentais,
o vosso contentamen to
pode falecer no mais.

LATÃO Como fala!

VIDAL E ela como se cala!

Este há-de ser seu marido,
segundo a coisa s'abala.

ESCUDEIRO Eu não tenho mais de meu,
somente ser comprador
do Marechal, meu senhor,
e são escudeiro seu.
Sei bem ler,
e muito bem escrever,
e bom jogador de bola,
e, quanto a tanger viola,
logo me vereis tanger.

Moço, que estás lá olhando?

MOÇO Que manda Vossa Mercê?

ESCUDEIRO Que venhas cá.

MOÇO Pera quê?

ESCUDEIRO Por que faças o qu'eu mando.

MOÇO Logo vou.

O diabo me tomou:
sair-me de Jão Montês
por servir um tavanês,
mor doudo que Deus criou!

ESCUDEIRO Fui despedir um rapaz,
por tomar este ladrão
que valia Perpinhão!
Moço!

MOÇO Que vos praz?

ESCUDEIRO A viola.
Oh, como ficará tola,
senão fosse casar ante
c'o mais safeio bargante
que come pão e cebola.

MOÇO Ei-Ia aqui, bem temperada,
não tendes que temperar.

ESCUDEIRO Faria bem de t' a quebrar
na cabeça bem migada.

MOÇO E se ela é emprestada,
quem na havia de pagar?
Meu amo, eu quero-m 'ir.

ESCUDEIRO E quando queres partir?

MOÇO Logo quero começar.

Determino de partir
ante que venha o Inverno,
porque vós não dais governo,
pera vos ninguém servir.

ESCUDEIRO Não dormes tu que te farte?

MOÇO No chão, e o telhado por manta,
e cerra-se-m' a garganta
de fome.

ESCUDEIRO Isso tem arte ...

MOÇO Vós sempre zombais assi.

ESCUDEIRO Oh, que boas vozes tem
esta viola aqui!
Leixa-me casar a mi,
depois eu te farei bem.

MÃE Agora vos digo eu
que Inês está no paraíso.

INfs PEREIRA Que tendes de ver co' isso?
Todo mal há-de ser meu!

MÃE Oh, como é seca a velhice!

INÊS PEREIRA Leixai-me ouvir e folgar,
que não m' hei-de contentar
de casar com parvoíce.
Pode ser maior riqueza
que um homem avisado?

MÃE Muitas vezes, mal pecado,
é melhor boa simpreza.

LATÃO Ora ouvi e ouvireis:
dizei alguma cantadela:
«Namorei esta donzela»,
e esta cantiga direis:
«Canas do amor, canas
canas do amor.
Polo longo de um rio
canaval está florido,
canas do amor».

*Canta o Escudeiro o romance de «Mal
me quieren en Castilla», e diz Vidal:*

VIDAL Latão, já o sono é comigo
como oiço cantar guaiado
que não vai esfandagado.

LATÃO Esse é o demo qu'eu digo.
Viste cantar Dona Sol?
«Pelo mar vay a vela
vela vay pelo mar».

VIDAL Filha Inês, assi vivais
que tomeis esse senhor,
escudeiro cantador
e caçador de pardais,
sabedor, revolvedor,
falador, gracejador,
afoitado pola mão,
e sab~ de gavião;
tomai-o, por meu amor.

Podeis topar um rabugento,
desmazelado, baboso,
descancarrado, brigoso,
medroso, cara pa tento.
Este escudeiro, aosadas,
onde se derem pancadas,
ele as há-de levar
boas; se não apanhar,
nele tendes boas fadas.

MÃE Quero rir com toda a mágoa
destes teus casamenteiros!
Nunca vi judeus ferreiros
aturar tão bem a frágua!

Não te é melhor, mal por mal,
Inês, um bom oficial,
que te ganhe nessa praça,
que é um escravo de graça,
e mais, casas com teu igual?

LATÃO Senhora, perdi cuidado:
o que há-de ser, há-de ser;
e ninguém pode tolher
o que está determinado.

VIDAL Assi diz Rabi Zarão.

MÃE Inês, guar' -te de rascão:
Escudeiro queres *tu*?

INÊS PEREIRA Jesu, nome de Jesu!
Quão fora sois de feição!

Já minha mãe adivinha!
Folgastes vós, na verdade,
casar à vossa vontade?
Eu quero casar à minha!

MÃE Casa, filha, muit'embora.

ESCUDEIRO Dai-me cá essa mão, senhora.

INÊS PEREIRA Senhor, de mui boa mente.

ESCUDEIRO Per palavras de presente
vos recebo desd 'agora.

Nome de Deus, assi seja.
Eu, Brás da Mata, escudeiro,
recebo a vós, Inês Pereira,
por esposa verdadeira,
como manda a Santa Igreja.

INÊS PEREIRA Eu, aqui, diante Deus,
Inês Pereira, recebo a vós,
sem mais preço nem demanda,
como a Santa Igreja manda
a Brás da Mata.

LATÃO Aí somos nós.

VIDAL Alça manim, dona, ó dona, há,
area espeçula
bento o Deu de Jacob,
bento o Deu que a Faraó
espantou e espantará.
Bento o Deu de Abraão
benta a terra de Canão!
Pera bem sejais casados,
dai-nos cá senhos ducados.

MÃE Amenhã vo-los darão.

Pois assi é, bem será
que não passe isto assi.
Eu quero chegar ali,
chamar meus amigos cá,
e bailarão de terreiro

ESCUDEIRO Oh! Quem me fora solteiro!
INES PEREIRA Já vós vos arrependeis?
ESCUDEIRO Oh, esposa, não faleis,
que casar é cativoiro.

*Vem a Mãe com certas moças e mance-
bos pera fazerem festa, e diz tia delas,
per nome Luzia:*

LUZIA Inês por teu bem te seja:
Oh! Que esposo e que alegria!
INES PEREIRA Venhas embora, Luzia,
e cedo t'eu assi veja.
MÃE Ora vai tu ali, Inês,
e bailareis três por três.
FERNANDO Tu connosco, Luzia, aqui,
e a desposada ali,
ora vede qual direis.

Cantam todos de terreiro.

«Mal ferida iva la garça
«enamorada,
«sola va y gritos dava.»

*E acabando de cantar e bailar, diz Fer-
nando:*

FERNANDO Ora, senhores honrados,
ficai com vossa mercê,
e nosso Senhor vos dê
com que vivais descansados.
LUZIA Ficai com Deus, desposados,
com prazer e com saúde,
e sempre ele vos ajude
com que vivais descansados.
Esta festa foi agora
mas melhor será outrora.
MÃE Ficai com Deus, filha minha,
não virei cá tão asinha.
A minha benção hajais.

Esta casa em que ficais
vos dou e vou-me à casinha.
Senhor filho e senhor meu,
pois que já Inês é vossa,
vossa mulher e esposa,
encomendo-vo-la eu.

E, pois que des que nasceu
a outrém não conheceu,
senão a vós, por senhor,
que lhe tenhais muito amor,
que amado sejais no céu.

*Vai-se e fica o Escudeiro com sua mu-
lher, o qual diz:*

ESCUDEIRO E vós cantais, Inês Pereira?
Em bodas m'andáveis vós?
Juro ao corpo de Deus
que esta seja a derradeira!
Se vos eu vejo cantar
eu vos farei assoviar!

INÊS PEREIRA Bofé, senhor meu marido,
se vós disse *sois* servido,
bem o posso eu escusar.

ESCUDEIRO Mas é bem que o escuseis,
e outras cousas que não digo.

INÊS PEREIRA Porque bradais vós comigo?

ESCUDEIRO Será bem que vos caleis,
e mais, sereis avisada
que não me respondais nada,
em que ponha fogo a tudo,
porque o homem sisudo
traz a mulher sopeada.

Vós não haveis de falar
com homem, nem mulher que seja;
somente ir à igreja
não vos quero eu deixar.
Já vos preguei as janelas,
por que não vos ponhais nelas:
estareis aqui encerrada,
nesta casa tão fechada,
como freira d'Odivelas.

INÊS PEREIRA Que pecado foi o meu?
porque me dais tal prisão?

ESCUDEIRO Vós buscastes discrição,
que culpa vos tenho eu?

Pode ser maior aviso,
maior discrição e siso
que guardar eu meu tesouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

Vós não haveis de mandar
em casa somente um pêlo;
se eu disser, isto é novelo,
havei-lo de confirmar.
E mais, quando eu vier
de fora, haveis de tremer,
e cousa que vós digais
não vos há-de valer mais
daquilo que eu quiser.

Moço, às partes d'além
vou fazer-me cavaleiro.
MOÇO Se vós tivésseis dinheiro,
não seria senão bem.
ESCUDEIRO Tu hás-de ficar aqui,
olha, por amor de mi,
o que faz tua senhora,
fechá-la-ás sempre de fora.
Vós lavrai, ficai per i.

MOÇO C'o dinheiro que leixais
não comereí eu galinhas...
ESCUDEIRO Vai-te tu per essas vinhas.
Que diabo queres mais?
MOÇO Olhai, olhai como rima!
E depois de ida a vindima?
ESCUDEIRO Apanha desse rabisco.
MOÇO Pesar ora de São Pisco!
E convidarei minha prima.

E o rabisco acabado,
ir-m'-ei espojar às eiras?
ESCUDEIRO Vai-te per essas figueiras
e farta-te, desmazelado!
MOÇO Assi!
ESCUDEIRO Pois que cuidavas?
E depois virão as favas.
Conheces túberas da terra?
MOÇO I-vos vós, embora, à guerra,
que eu vos guardarei oitavas.

Ido o Escudeiro, diz o Moço:

MOÇO Senhora, o que ele mandou
 não posso menos fazer.
INÊS PEREIRA Pois que te dá de comer,
 faze o que t'encomendou.
MOÇO Vós fanai-vos de lavrar,
 eu me vou desenfadar
 com essas moças lá fora;
 vós perdoai-me, senhora,
 porque vos hei-de fechar.

*Fica fechada Inês Pereira e, lavrando,
canta:*

«Quem bem tem e mal escolhe,
por mal que lhe venha não s'anoje.»

Falado.

Renego da discrição,
comendo ao demo o aviso,
que sempre cuidei que nisso
estava a boa condição.
cuidei que fossem cavaleiros,
fidalgos e escudeiros.
não cheios de desvarios,
e em suas casas macios,
e na guerra lastimeiros.

Vede que cavalarias,
vede já que mouros mata
quem sua mulher maltrata,
sem lhe dar de paz um dia!
Sempre eu *ouvi* dizer
que o homem que *isto* fizer
nunca mata drago em vale,
nem mouro que chamem Ale:
e assi deve de ser.

Juro em todo meu sentido
que se solteira me vejo,
assi como eu desejo,
que eu saiba escolher marido,
à boa fé, sem mau engano,
pacífico todo ano,
e que ande a meu mandar:
havia-m'eu de vingar
deste mal e deste dano.

Entra o Moço com ua carta e diz:

MOÇO Esta carta vem d'Além,
creio que é de meu senhor.
INÊS PEREIRA Mostrai cá, meu guarda-mor,
e veremos o que i vem.

Sobrescrito «À senhora mui prezada
Inês Pereira da Grã,
à senhora minha irmã
em Tomar lhe seja dada.»

De meu irmão; venha embora.
MOÇO Vosso irmão está em Arzila?
Eu apostarei que i vem
nova de meu senhor também.
INÊS PEREIRA Já ele partiu de Tavila?
MOÇO Há três meses que é passado.
INÊS PEREIRA Aqui virá logo recado
se lhe vai bem, ou que faz.
MOÇO Bem pequena é a carta assaz.
INÊS PEREIRA Carta de homem avisado.

Lê a carta:

«Muito honrada irmã,
esforçai o coração,
e tomai por devação
de querer o que Deus quer...»
E isto que quer dizer?

Prossegue:

«...e não vos maravilheis
de cousa que o mundo faça,
que sempre nos embaraça
com cousas. Sabei que indo
vosso marido fugindo
da batalha pera a vila,
a meia légua de Arzila,
o matou um mouro pastor.»
MOÇO Oh, meu amo e meu senhor!
INÊS PEREIRA Dai-me vós cá essa chave,
e i buscar vossa vida.
MOÇO Oh, que triste despedida!
INÊS PEREIRA Oh, que nova tão suave!
Desatado é o nó!
Se eu por ele ponho dó,

o diabo m' arrebente:
pera mim era valente;
e matou-o um mouro só.

Guardar de cavaleirão,
barbudo, repetenado,
que em figura d' avisado
é malino e sotrancão.
Agora quero tomar,
pera boa vida gozar,
um muito manso marido;
não no quero já sabido,
pois tão caro há-de custar.

*Vem Lianor Vaz visitá-la e ela finge-se
muito anojada.*

LEONOR VAZ Como estais, Inês Pereira?

INÊS PEREIRA Muito triste, Lianor Vaz.

LEONOR VAZ Que fareis ao que Deus faz?

INÊS PEREIRA Casei por minha canseira.

LEONOR VAZ Se ficaste prenhe, basta.

INÊS PEREIRA Bem quisera eu dele casta,
mas não quis minha ventura.

LEONOR VAZ Filha, não tomeis tristura,
que a morte a todos gasta.
O que haveis de fazer?

Casade-vos, filha minha.

INÊS PEREIRA Jesu! Jesu! tão asinha?

Isso m'haveis de dizer?

Quem perdeu um tal marido,
tão discreto e tão sabido,
e tão amigo de minha vida?

LEONOR VAZ Dai isso por esquecido,
buscai outra guarida.

Pera Marques tem, que herdou,
fazenda de mil cruzados;
màs vós quereis avisados...

INÊS PEREIRA Não! *Já* esse tempo passou:
sobre quantos mestres são,
experiência dá lição.

LEONOR VAZ Pois tendes esse saber,
quereI ora a quem vos quer,
dai ao demo a opinião.

Vai-se Lianor Vaz por Pera Marques:

INÊS PEREIRA Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
asno que me leve quero,
e não cavalo folão;
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Vem Lianor Vaz com Pero Marques.

LEONOR VAZ No mais cerimónias agora;
abraçai Inês Pereira
por mulher e por parceira.
PERO MARQUES Há homem empacho, má hora,
quanto a dizer abraçar.
Depois que a eu usar,
entonces poderá ser.
INÊS PEREIRA Não lhe quero mais saber,
já me quero contentar.

LEONOR VAZ Ora dai-me essas mãos, cá,
sabeis as palavras, si?
PERO MARQUES Ensinarão-mas a mi,
perém esquecem-me já.
LEONOR VAZ Ora dissei como eu digo.
PERO MARQUES E tendes vós aqui trigo
para nos geitar por riba?
LEONOR VAZ Inda é cedo, como rima!
PERO MARQUES Soma, vós casais comigo.

E eu convosco, pardelhas.
Não cumpre aqui mais falar,
e quando vos eu negar,
que me cortem as orelhas.
LEONOR VAZ Vou-me, ficai-vos embora.
INÊS PEREIRA Marido e sairei eu agora,
que há muito que não saí?
PERO MARQUES Si, mulher. saí vós i,
qu'eu me sairei pera fora.

INÊS PEREIRA Marido, não digo isso.
PERO MARQUES Pois que dizeis vós mulher?
INÊS PEREIRA Ir folgar onde eu quiser.
PERO MARQUES I onde quiserdes ir,
vinde quando quiserdes vir,
estai quando quiserdes estar,

com que podeis vós folgar
qu'eu não deva consentir?

Vem um Ermitão a pedir esmola, e diz:

ERMITÃO Senores por caridad
dad limosna ai dolorido,
ermitaño de Copido
para siempre en soledad,
pues su siervo soy nacido.
Por exemplo,
me metí en su sancto templo
ermitano en pobre ermita,
abastada de infinita
tristeza en que contemplo.

Adonde rezo mis horas
y mis días y mis anos,
mis servicios y mis danos.
Donde tu, mi alma lloras,
dolor de tantos enganos.
Yacabando
las horas, todas lloraildo,
tomo las cuentas una y una,
con que tomo a la fortuna,
cuenta dei mal en que ando,
sin esperar paga alguna.

Y así sin esperança,
de cobrar lo merecido,
sirvo allí mis días Copido,
con tanto amor sin mudança,
que soy su sancto escogido.
Oh, senores,
los que bien os va d' amores,
dad limosna al sin holgura,
que habita en sierra escura,
uno de los amadores
que tuvo menos ventura.

Y rogaré al Dias de roí,
en que mis sentidos traigo,
que recibáis mejor pago
de lo que yo recibí
en esta vida que hago.
Y rezaré
con gran devoción y fe,
que Dias os libre de engano,

que esso me hizo ermitano,
y para siempre seré,
pues para siempre es mi dano.

INÊS PEREIRA Olhai cá, marido amigo,
eu tenho por devação
dar esmola a um ermitão,
e não vades vós *comigo*.

PERO MARQUES I-vos, embora, mulher,
não tenho lá que fazer.

INÊS PEREIRA Tomai a esmola, padre, lá,
pois que Deus vos trouxe aqui.

ERMITÃO Sea por amor de mí
vuessa buena caridá.

Deo gratias, mi senora,
la limosna mata el pecado
y vos tenéis buen cuydado
de ser de *mi* matadora.
Devéis saber,
para mercé me hazer,
que por vos soy ermitano
y aún más os desengano
que esperança de os ver
me hizo vestir tal pano.

INÊS PEREIRA Jesus, Jesus, manas minhas!
Sois vós aquele que um dia
em casa de minha tia
me mandastes camarinhas?
E quando aprendia a lavrar
mandáveis-me tanta cousinha?
Eu era ainda Inesinha,
não vos queria falar.

ERMITÃO Señora, tengoos servido,
y vos a mí despreciado;
hazed que el tiempo passado
no se cuente por perdido.

INÊS PEREIRA Padre, mui bem vos entendo,
ao demo que vos eu encomendo!
Que bem sabeis vós pedir!
Eu determino lá d'ir
à ermida, Deus querendo.

ERMITÃO Y cuando?

INÊS PEREIRA I-vos, meu santo,
que eu irei um dia destes
muito cedo e muito prestes.

ERMITÃO Senora, yo me voy en tanto.

INÊS PEREIRA Em tudo é boa a concrusão:
marido, aquele ermitão
é um anjinho de Deus.

PERO MARQUES Corrigê vós esses véus,
e ponde-vos em feição.

INÊS PEREIRA Sabeis vós o que eu queria?

PERA MARQUES Que quereis, minha mulher?

INÊS PEREIRA Que houvésseis por prazer
de irmos lá em romaria.

PERO MARQUES Seja logo, sem deter.

INÊS PEREIRA Ora este caminho é comprido,
contai ua história, marido.

PERO MARQUES Bofá, que me praz, mulher.

INÊS PEREIRA Passemos primeiro o rio,
descalçai-vos.

PERO MARQUES Assi há-de ser.

INÊS PEREIRA E pois como?
E levar-me-eis no ombro,
não me corte a madre o frio.

Põe-se às costas do marido.

Assi.

PERO MARQUES Ides à vossa vontade?

INÊS PEREIRA Como estar no paraíso.

PERO MARQUES Muito folgo eu co' isso.

INÊS PEREIRA Esperade ora, esperade!
Olhai que lousas aquelas,
pera poer as talhas nelas!

PERO MARQUES Quereis que as leve?

INÊS PEREIRA Si, ua aqui e outra aqui.
Oh, como folgo com elas'
Cantemos.

PERO MARQUES Se vós quereis.

INÊS PEREIRA E vós me respondereis
a tudo quando eu cantar:
«Pois assi se fazem as cousas»

Canta Inês Pereira:

«Marido cuco me levades.
E mais duas lousas».

PERO MARQUES «Pois assi se fazem as cousas».

INÊS PEREIRA «Bem sabedes vós, marido,
quanto vos quero!
Sempre fostes percebido
pera cervo.
Agora vos tomou o demo
com duas lousas».

PERO MARQUES «Pois assi se fazem as cousas».
INÊS PEREIRA «Bem sabedes vós, marido,
quanto vos amo!
Sempre fostes percebido
pera gamo.
Carregado ides, noss'amo,
com duas lousas».
PERO MARQUES «Pois assi se fazem as cousas».

E assim se vão e se acaba a dita Farsa.

Laus Deo.

(Idem)

Texto 5

Auto da Lusitania
[Episódio de Todo-o-Mundo e Ninguém]

[...]

BERZABU Por darmos alguma conta
ao deus rei Lúcifer,
põe-te tu a escrever
tudo quanto aqui se monta,
e quanto virmos fazer;
porque a fim do mundo é perto,
e pera o que nos hão-de dar,
cumpre-nos ter que alegar;
pois, pera provar o certo,
escreve quanto passar.

*Entra Todo-a-Mundo, homem como
rico mercador, e faz que anda buscando
algua cousa que se lhe perdeu. E logo
após ele um homem vestido como po-
bre. Este se chama Ninguém, e diz
Ninguém:*

NINGUÊM Que andas tu i buscando?
TODO-O-MUNDO Mil cousas ando a buscar:
delas não posso achar,
porém, ando perfiando,

por quão bom é pemar.
NINGUÉM Como hás nome, cavaleiro?
TODO-O-MUNDO Eu hei nome Todo-Mundo,
e meu tempo rodo inteiro,
sempre é buscar dinheiro,
e sempre nisro me fundo.

NINGUÉM E eu hei nome Ninguém,
e busco a consciência,
BERZABU Esta é boa experiência:
Dinero, escreve isto bem.
DINATO Que escreverei, companheiro?
BERZABU Que Ninguém busca consciência,
e Todo-Mundo dinheiro.

NINGUÉM E agora que buscas lá?
TODO-O-MUNDO Busco honra muito grande.

NINGUÉM Eu virtude, que Deus mande
que tope co'ela já.
BERZABC Outra adição nos acude:
escreve logo i a fundo,
que busca honra Todo-Mundo,
e Ninguém' busca virtude.

NINGUÉM Buscas outro mar bem qu' esse?
TODO-O-MUNDO Busco mais quem me louvasse
tudo quanto eu fizesse.
NINGUÉM E eu, quem me reprendesse
em cada cousa que errasse.
BERZABU Escreve mais:
DINATO Que tens sabido?
BERZABU Que quer em extremo grado
Todo-a-Mundo ser louvado,
e Ninguém ser reprendido.

NINGUÉM Buscas mais, amigo meu?
TODO-O-MUNDO Busco a vida e quem ma dê.
NINGUÉM A vida não sei que é,
a morte conheço eu.
BERZABU Escreve lá outra sorte:
DINATO Que sorte?
BERZABU Muito garrida:
Todo-a-Mundo busca a vida
e Ninguém conhece a morte.

TODO-O-MUNDO E mais queria o Paraíso,
sem m'o ninguém estorvar.

NINGUÉM E eu ponho-me a pagar
quanto devo pera isso.

BERZABU Escreve com muito aviso.

DINATO Que escreverei?

BERZABU Escreve
que Todo-Mundo quer Paraíso,
e Ninguém paga o que deve.

TODO-O-MUNDO Folgo muito d'enganar,
e mentir nasceu comigo.

NINGUÉM Eu sempre verdade digo,
sem nunca me desviar.

BERZABU Ora escreve lá, compadre,
não sejas tu preguiçoso.

DINATO Quê?

BERZABU Que Todo-Mundo é mentiroso,
e Ninguém diz a verdade.

NINGUÉM Que mais buscas?

TODO-O-MUNDO Lisonjar.

NINGUÉM Eu são todo desengano.

BERZABU Escreve, anda lá, mano.

DINATO Que me mandas assentar?

BERZABU Põe aí mui declarado,
não te fique no tinteiro:
Todo-Mundo é lisonjeiro,
e Ninguém desenganado.

[...]

Texto 6

Breve Sumário da História de Deus

[História de Job]

[...]

TEMPO *Alto*, despachai: e vós aguardais?
Fazei o alforge à hora da ida?

ADÃO Dá-me sequer um dia de vida.
TEMPO Diz cá o relógio que não tendes mais;
não há i maneira.
MORTE Não sabeis vós que são vossa herdeira,
e a vossa filha a primeira gerada?
ADÃO Ó triste Morte, como és apartada!
Como és espantosa, em tanta maneira
desaventurada!

*Entrando na casa de sua prisão, e
achando Abel, seu filho, preso naquela
infernial estância, fizeram todos um
pranto, cantando a três vozes. E acaba-
bando, diz:*

MUNDO Eis Job vem falando há grande pedaço,
triste com causa de ter grã tristeza.
TEMPO Oh, quantos haveres e quanta riqueza
perdeu aquele homem em tão pouco espaço!
MUNDO Infinitos gados
e muitos haveres lhe tenho já dados,
e tudo lhe foi através brevemente;
porque Satanás o achou excelente,
todos seus bens lhe tem assolados;
e Job paciente.

JOB Se os bens do mundo nos dá a ventura,
também em ventura está quem os tem.
O bem que é mudável não pode ser bem,
mas mal, pois é causa de tanta tristura;
e se Deus os dá,
como eu creio mui bem que será,
e a Fortuna tem tanto poder,
que os tira logo cada vez que quer,
o segredo disto, oh! quem m' o dirá,
pera o eu saber?

SATANÂS Falemos um pouco, Job, a de parte:
sobre esse segredo, verás que te digo.
Eu quero-te bem e sou teu amigo,
sem usar contigo cautela nem arte.
Tu saberás,
(e não me descubras nem hoje nem crás)
Deus é aquele que trata assi;
quer-te grão mal e diz mal de ti:
não cures dele, e logo tornarás
a como te vi.

Tu dás com teus males louvores a Deus,
e ele pesa-lhe por tu nomeá-lo:
renega, renega de ser seu vassalo,
e logo verás tecer outros véus.

JOB Se o eu deixar,
qual é o senhor que me há-de amparar?
Qual é o Deus que me pode valer?
Nos bens desta vida não está o perder.
que assi como assi cá hão-de ficar,
pois hei-de morrer.

Eu creio, Mundo, que o meu Redentor
vive, e no dia mais derradeiro
eu o verei, Redentor verdadeiro,
meu Deus, meu Senhor e meu Salvador.
Eu o verei, eu,
não outrém por mim, nem com olho seu.
mas o meu olho, assi como está;
porque minha carne se levantará,
e em *carne mea* verei o Deus meu,
que me salvará.

SATANAS Prossigue tu embora tua mania,
que Deus bem de chapa te assenta ele a mão:
derribou-te agora as casas no chão.
e matou-te os filhos morte supitania.

JOB Verdade é isso?

SATANAS Assim me veja eu rei do Paraíso.

JOB Bento e louvado seja o Deus dos Céus!

SATANAS Se o tu renegasses, temer-t'ia Deus,
e correr-se-ia muito de te fazer isso.

JOB Lá, lá aos incréus!

SATANAS Assi! Ora espera, farei que renegues,
quero fazer o que Deus me manda.

*Toca Satanás a Job, e fica coberto de
lepra:*

JOB Oh, chegado de mi, qu'esta é outra demanda!
Oh, Deus meu, e porque me persegues?
Contra mi porfias,
sabendo que nada são os meus dias!
Minha alma se enoja já de minha vida,

faça-se logo sem mais dilatar
a sua vontade.

MORTE Vinda cã, bom homem, que esta é dor
[maior.

JOB *memento mei*, Deus Senhor,
porque vento é a minha vida.
Apressa-te muito asinha,
favorece meu temor,
e a minha alma encaminha.
Peccante me quotidie,
et non me poenitentem,
meus espíritos já não sentem;
timor mortis, conturbas me.

Ubi fugiam, que farei?
circumdederunt me dolores.
Ajuda-me, Rei dos Senhores,
não te alembre que pequei,
esqueçam-te meus errares.
Manus tuae fecerunt me.
Oh, não me desfaças ora;
acorre-me, Senhor, agora,
que a minha vida ida é,
e a Morte é de mi senhora.

BELIAL Ora andai, que tudo é nada
quanto vós podeis dizer.

JOB Que me queres tu fazer?

BELIAL Servir-te e dar-te pousada,
onde estês a teu prazer.

Diz job depois de preso:

JOB *Quare de vulva me eduxiste?*
Antes ali fora consumido.
O minha esperança, faze-me sofrido,
pois vida, morte e prisão tão triste
me fazem pesar-me porque fui nascido.

[...]

(Idem)

BERNARDIM RIBEIRO

Texto 7

Vilançete seu

Antre mim mesmo e mim
nam sei que s'levantou,
que tam meu imiguo sou.

Hus tepos co grad'eguano
vivi eu mesmo com'guo,
agora no mar penguo,
se me descobre o mar dano.
Caro custa hũ desengano,
e pois m'este nam matou,
quam caro que me custou!

De mim me sou feito alheo,
antr' o cuidado e cuidado,
estaa hũ mal derramado,
que por mal grande me veo.

Nova dor, novo rreçeo
foi este que me tomou:
assi me tem, assi estou.

(Cancioneiro Geral)

Texto 8

Nunca foi mal nehu mor
nem no há i nos amores
ca a lembrança de favor
no tempo dos desfavores

Eu por minha má ventura
não há já mal que não visse,
mas nunca tanta tristura
me lembra qu'inda sentisse.
Fui e são grande amator,

e vai-me bem mal d'amores,
e muitos vi de grão dor,
mas este suma das dores.

(idem)

Texto 9

Écloga de Jano e Franco

Dizem que havia um pastor
antre Tejo e Odiana,
que era perdido de amor
per ãa moça Joana.
Joana patas guardava
pela ribeira do Tejo,
seu pai acerca morava,
e o pastor, de Alentejo
era, e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
que Alentejo foi perdido,
da aldea que chamam o Terrão
foi este pastor fugido.
Levava um pouco de gado,
que lhe ficou doutro muito
que lhe morreu de cansado:
que Alentejo era enxuito
d'água e mui seco de prado.

Toda terra foi perdida;
no campo do Tejo só
achava o gado guarida:
ver Alentejo era um dó!
E Jano, para salvar
o gado que lhe ficou,
foi esta terra buscar:
e um cuidado levou,
outro foi ele lá achar.

O dia que ali chegou
com seu gado e com seu fato,
com tudo se agasalhou

em ua bicada de um mato.
E levando-o a pascer,
o outro dia, à ribeira,
Joana acertou de ir ver,
que se andava pela beira
do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia,
um pouco afrontada andava;
fermosa bem parecia
aos olhos de quem na olhava.
Jano, em vendo-a, foi pasmado;
mas, por ver que ela fazia,
escondeu-se antre um prado:
Joana flores colhia,
Jano colhia cuidado.

Despois que ela teve as flores
já colhidas, e escolhidas
as desvairadas coares.
com rosas entremetidas.
fez delas ãa capela.
e soltou os seus cabelos.
que cram tam longos como ela:
e de cada um a Jano em vê-los
lhe nascia ua querela.

E em quanto aquisto fazia
Joana, o scu gado andava
por dentro da água fria,
todo após quem o guiava.
Um pato grande era a guia;
e todo junto em carreira,
ora rio acimaia,
ora, em a mesma maneira.
o rio abaixo descia.

Joana, como assentou
a capela, foi com a mão
à cabeça, e atentou
se estava em boa feição.
Não ficando satisfeita
do que da mão presumia,
partiu-se dali direita
para onde o rio fazia
d'água ua mansa colheita.

Chegando à beira do rio,
as patas logo vieram
todas ua e ua, em fio,
que toda a água moverom.
De quanto ela já folgou
com aquestes gasalhados,
tanto entonces lhe pesou,
e com pedras e com brados
dali longe as enxotou.

Despois que elas foram idas
e que a água assossegou,
Joana, as abas erguidas,
entrar pel'água ordenou;
e assentando-se, então,
as sapatas descalçou,
e, pondo-as sobre o chão,
por dentro d'água entrou
e a Jano pelo coração.

Em quanto, com passos quedos,
Joana pela água ia,
antre uns dessejos e medos,
Jano, onde estava, ardia:
não sabia se falasse,
se saísse, se estivesse;
que o amor mandava que ousasse,
e, por que a não perdesse,
fazia que arrecesse.

Dizem que, naquesto meo,
se esteve Joana oulhando;
e, descobrindo o seu seo,
oulhou-se, e dixeu, um ai dando:
«Eu guardo patas, coitada,
não sei onde isto há d'ir ter,
mais era eu pera guardada.
Que concerto foi este: ser
fermosa e mal empregada!»

Em aquisto Jano ouvindo,
não se pôde em si sofrer,
que, d'antre as ervas saindo,
se não lançasse a correr.
Joana, quando sentiu
os estrompidos de Jano,

e que se virou e o viu,
temor do presente dano
lhe deu peis com que fugiu.

Mui perto estava o casal
onde vivia o pai dela,
que fez ir mais longe o mal,
que Jano teve de vê-la;
mas o medo que causou
Joana partir-se assi,
tanto as mãos lhe embarçou;
que a sapata esquerda, ali,
com a pressa lhe ficou.

Jano, quando viu e oulhou
que nenhum remédio havia,
pera o lugar se tornou
aonde ela n'água se via;
e vendo a sapata estar
no areal, à beira d'água,
foi-a correndo abraçar.
Tomando-a, creceu-lhe a mágoa
e começou de chorar.

Toda a sapata e os peitos
em lágrimas se banharom;
muitos forom os respeitos
que tanto choro causarom.
Encostado ao seu cajado,
a sapata na outra mão,
despois de um longo cuidado,
de dentro do coração
começou falar, cansado:

«Despojo da mais fermosa
cousa que viram meus olhos.
pera eles sois ua rosa,
e pera o coração abrolhos.
Sapata, deixada aqui,
pera mal de outro mar mal,
quem te leixou, leva a mi:
que troca tam desigual!
Mas, pois assi é, seja assi.

Agora hei vinte e um anos,
e nunca inda té agora

me acorda de sentir danos,
os deste meu gado em fora;
e hoje, per caso estranho,
(não sei em que hora aqui vim)
cobrei cuidado tamanho,
que aos outros todos pôs fim;
eu mesmo a mim mesmo estranho.

Antes que este mal viesse,
que me tantos vai mostrando,
que alguns cuidados tivesse,
não me matavam, cuidando.
Agora, por meus pecados,
e segundo em mim vou vendo,
não podem ser outros fados;
meus cuidados não entendo
e moiro-me assi de cuidados.

Dentro do meu pensamento
há tanta contrariedade,
que sento contra o que sento
vontade e contra vontade;
estou em tanto desvairo,
que não me entendo comigo.

[...]

(Idem)

Texto 10

Livro das Saudades

CAPÍTULO I

Menina e môça, me levaram de casa de meu pae para longes terras. Qual fôsse então a causa d'aquella minha levada, - era pequena, - não na soube. Agora, não lhe ponho outra, senão que já então parece havia de ser o que depois foi. Vivi ali tanto tempo, quanto foi necessario pera não poder viver em outra parte. Muito contente fui eu naquella terra; mas, coitada de mim! - que em breve espaço se mudou tudo aquello que em longo tempo se buscou, e pera longo tempo se buscava. Gran desventura foi, a que me fez ser triste, ou a que, pala ventura, me fez ser Ieda. Mas, depois que eu vi tantas cousas trocadas per outras, e o prazer feito mágua maior, - a tanta paixão vim, que mais

me pesava do bem que tive, que do mal que tinha. Escolhi, para meu contentamento (se entre tristezas e saudades ha algum), vir-me viver a este monte, onde o logar, e mingua da conversação da gente fôsse como pera meu cuidado compria, - porque, grande erro fôra, depois de tantos nojos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso que elle nunca deu a ninguem, - estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um cabo, que se não mudam nunca, e, do outro, aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu já que esquecia à desventura, - porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas pudemos, não leixámos em mim nada em que pudesse nova mágua ter logar (antes havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas), e com rezão.

Mas parece que em desaventuras, há mudanças para outras desaventuras; porque, do bem, não na havia pera outro bem. E foi assi, que, por caso estranho, fui levada em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheas, todas as minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dôr.

Allí vi, então, na piedade que houve d'outrem, tamanha e devêra ter de mim, se não fôra tão demasiadamente mais amiga de minha dôr, do que parece que foi de mim quem me é a causa d'ella; mas, tamanha é a rezão porque sam triste, que nunca me veiu mal nenhum, que eu não andasse em busca d'elle.

D'aqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ella aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, pera vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei que me sobjavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu. Agora, há já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tão sómente determinar pera quando m'aguarda a derradeira hora. Não póde já vir longe. Isto me poz em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas, depois, cuidando commigo, disse eu, que arreçar de não acabar d'escrever o que vi, não era causa para o leixar de fazer; pois não havia d'escrever pera ninguem senão pera mim só. Quanto mais, que, em cousas não acabadas, não havia de ser nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim? Antes me pareceu que este tempo, que hei d'estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fôsse, pois Deus quiz que assi minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parecendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas máguas, e não ainda pera as d'outrem. Os tristes o poderão lêr: mas ahi não os houve mais, homens, depois que nas mulheres houve piedade. Mulheres, si, porque sempre nos homens houve desamor. Mas pera ellas não no faço eu; que pois o seu mal he tamanho, que se não póde confortar com outro nenhum, pera as mais entristecer sem rezão seria querer eu que o lessem ellas; mas antes lhes peço muito que fujam d'elle, e de todaslas cousas de tristeza; que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão de poder ser ledas; porque assi está ordenado pela desventura com que ellas nadem.

Pera uma só pessoa podia elle ser; mas, desta, não soube eu mais parte, depois que as suas desditas, e as minhas, o levaram pera longes terras estranhas, onde bem sei eu, que

vivo ou morto, o possui a terra sem prazer nenhum. Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós commigo, e eu comvosco, sós, saíamos a passar nossos nojos grandes, (e tão pequenos para os de depois). A vós contava eu todo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda, senão que estava espreitando já que vos fôsseis. E por que tudo mais me maguasse, tão sómente me não foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber pera que parte da terra ieis; cá descansaram os meus olhos em levarem pera lá a vista.

Tudo me foi tirado; no meu mal, remedio nem conforto nenhum houve ahi. Pera morrer, asinha me pudéra isto aproveitar; mas, pera isso, não me aproveitou. Ainda comvosco, usou a vossa desventura algum modo de piedade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa), em vos alongar da vista d'esta terra; cá, pois pera não sentirdes máguas não havia remedio, pera as não ouvirdes vol-o deu. Coitada de mim, que estoi falando, e não vejo eu ora que leva o vento as minhas palavras, e que me não póde ouvir a quem eu falo! Bem sei eu que não era pera isto a que m'eu ora quero pôr; que o escrever alguma cousa pede muito repouso; e, a mim, as minhas máguas ora me levam pera um cabo, ora pera outro. Trazem-me assi, que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão; porque não sam tão constrangida a servir o engenho, como a minha dôr.

D'estas culpas me acharão muitas neste livrinho; mas da minha ventura foram ellas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro ha de ser do que vai escripto nelle. Das tristezas, não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas. Tambem, per outra parte, não me dá nada que o não leia ninguém; que eu não no faço senão pera um só, ou pera nenhum; pois d'elle, como disse, não sei parte, tanto ha. Mas, se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos. Muitas outras cousas desejo, mas esta me seria assaz.

CAPÍTULO II

Em que a donzella vai proseguindo sua historia

Neste monte, mais alto de todos (que eu vim buscar pala soidade differente dos outros, que nelle achei) passava eu a minha vida como podia, ora em me ir polos fundos valles que o cingem derredor, ora em me pôr, do mais alto d'elle, olhar a terra como ia acabar ao mar, e depois o mar como se estendia logo após ella, pera acabar onde o ninguém visse. Mas, quando vinha a noite, accepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pousos, umas chamarem as outras, parecendo que queria assocegar a terra mesma, - então eu, triste, com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia.

Assi passava eu o tempo, quando, uma das passadas, pouco ha, levantando-me eu, via a menhan como se erguia formosa, e se estendia graciosamente por antre os valles, e deixar indo os altos: cá o sol, já levantado té os peitos, vinha tomando posse dos outeiros,

como quem se queria senhorear da terra. As doces aves, batendo as azas, andavam buscando umas as outras. Os pastores, tangendo as suas frautas e rodeados dos seus gados, começavam assomar palas cumiadas.

Pera todos parecia que vinha aquelle dia assi ledado. Os meus cuidados sós, vendo, -ao parecer, - como vinha poderoso seu contrario, recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos pera quanto prazer e contentamento pudéra aquelle dia vir, se não fôra tudo tão mudado. D'onde, o que fazia alegre a todas as cousas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, para o que tinha a ventura ordenado, me comessem de entrar pala lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fôra, -senhorearam se assi de mim, que me não podia já soffrer apar de minha casa, então, (triste da avesinha), que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella. Pareceu aquelle signal de pesar, naquelle arvoredado, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua, e as folhas após ella, e quizera-a eu ir tomar; mas pala corrente que alli fazia, e pelo matto que d'alli pera baixo acêrca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista. O coração me doeu tanto então em vêr tão asinha morto quem, d'antes, tão pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas. Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assi chorasse de vontade; mas, em parte, este meu cuidado não foi em vão; porque, inda que a desventura d'aquella avesinha fôsse causa de minhas lagrimas, lá ao sahir d'ellas, foram juntas outras muitas lembranças tristes. Grande pedaço de tempo estive assi embargada dos meus olhos, antre os cuidados, que muito havia que me tinham já então, e ainda terão, té que venha o tempo que alguma pessoa estranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem máguas de si.

E estando assi olhando pera onde corria a agua, ouvi bulir o arvoredado. Cuidando que fôsse outra cousa, tomou-me medo; mas, olhando pera alli, vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora da tempo antigo. Vestida toda de preto, no seo manso andar, e meneios seguros do corpo e do rosto e do olhar, parecia d'acatamento. Vinha só. Na semelhança, tão cuidosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe empediam o caminho, ou lhe feriam o rosto. Os seus pés trazia per antre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por ellas. E antre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colhia um cançado fôlego, como que lhe queria fallecer alma. Sendo acêrca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (á maneira de medo de mulher) um pouco como que vira cousa desacostumada ficou; e eu tambem assi estava. Não do medo, que a sua boa sombra logo m'o não consentiu; mas da novidade d'aquello, que ainda alli não vira, havendo muito que, por meu mal, tinha continuado aquelle lagar e toda aquella ribeira. Mas não esteve ella muito, que, parece, conhecendo tambem como estava, com uma boa sombra começou a dizer, (vindo contra mim):

- Maravilha é vêr donzella em ermo. Depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu ...

[...]

*A leitura desta obra pode ser completada com a ed. cit. na Bibliografia Complementar.

UNIDADE 3

ANGELO POLICIANO

Texto 1

«Outras terras, outro mar, outros mundos, e em cabo outros astros»

Que grandioso e vasto quadro de proezas quase inacreditáveis se me não ofereceria, se eu fosse comemorar as vagas do tímido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta, provocadas e quebrantadas pelos vossos lenhos, as balizas de Hércules desprezadas, o mundo que havia sido mutilado restituído a si mesmo, e aquela Barbária, dantes nem por vagas notícias de nós assás conhecida, selvagem, feroz, vivendo sem organização regular, sem figura de lei, sem religião, quase ao modo de brutos animais, agora trazida à polícia humana, à brandura de trato, suavidade de costumes e, até, aos sentimentos religiosos. [...] Na verdade, que outra cousa nos fizestes vós, preclaro Príncipe, senão - «achar» não seria expressão adequada - trazer das trevas eternas e quase diria do antigo caos, para a luz que nos ilumina, outras terras, outro mar, outros mundos, e em cabo outros astros?»

(Carta a D. João II (1491), trad. do latim por A. Epifânio in Teófilo Braga, *Poetas Palacianos*, Porto, 1871, p. 299 e seg. Cit. por A. J. Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Porto, 1955, p. 530)

DUARTE PACHECO PEREIRA

Texto 2

«A ti servirá à última tule»

Princípio do *Esmeralda de situ orbis*, feito e composto por Duarte Pacheco, cavaleiro da casa de el-Rei Dom João o segundo de Portugal, que Deus tem, dirigido ao muito alto, poderoso Príncipe e sereníssimo Senhor, o Senhor Rei Dom Manuel nosso Senhor, o primeiro deste nome que reinou em Portugal.

Muito alto poderoso príncipe e Sereníssimo Senhor, não nos poderemos excusar de cair em repreensão se a notável fama dos excelentes barões e muito antigos antecessores, digna de perpétua lembrança, por esquecimento deixarmos passar que à nossa memória não seja reduzida, porque, sendo sabidos seus grandes feitos, tanto mais se acrescenta a glória do vosso nome, quanto, em vossas esclarecidas obras, Vossa Alteza os precede.

Porquanto os antigos escritores, de cujas obras recebemos doutrina, trataram do descobrimento da redondeza da terra e do mar, em que tiveram desvairadas opiniões, e o presente tempo contém em si esta matéria, portanto Vossa Alteza saberá que Marco Estrabão, Capadócio, muito antigo autor e de grande autoridade, quase no meio do seu primeiro livro da Cosmografia diz:

«Assaz será para nós, se as mais longuras talhando, aquelas samente escrevermos daqueles que sua navegação à Etiópia contam. Alguns dizem que Menelau por Cález, rodeando, trouxe seu curso até à região da Índia, e ao caminho o tempo acomodam, quando se diz em Homero: «Com naus vim no oitavo ano»; outros pelo istmo, s. por entre as terras do Sino Árábico.

Caio Plínio, senador de Roma, excelente autor, no seu segundo livro da Natural História, capítulo sessenta e nove, diz que Hano, Cartaginense, navegou da cidade de Cález até o Sino Árábico. E dizem mais estes autores que Eudoxo, fugindo das mãos de el-rei Latiros de Alexandria, navegou do mesmo Sino Árábico até Cález.

Pompónio Mela, autor muito antigo, natural de junto com Gibraltar, isto mesmo afirma e diz mais, quase no fim do seu terceiro livro «de situ orbis», que este Eudoxo foi o primeiro que o fogo e uso dele trouxe aos povos bárbaros da Etiópia, aos quais até aquele tempo ignoto era. E nesta sentença concordam alguns dos outros cosmógrafos.

A qual navegação e prática dela se tirou assim dos olhos de todos os antigos e de tal maneira se perdeu que por tempo de mil e quinhentos anos, ou mais, se houve de todo esquecida e morta. Os quais fizeram fim no princípio do muito excelente Príncipe, prudente e virtuoso barão, o Infante Dom Henrique, duque de Viseu e senhor da Covilhã, vosso tio que Deus tem. O qual, alumiado da graça do Espírito Santo e movido por divinal mistério, com muitas e grandes despesas de sua fazenda e mortes de criados seus, naturais Portugueses, mandou descobrir a ilha da Madeira e a mandou povoar. E assim descobriu mais por Guiné, que antigamente se chamava Etiópia, começando dos promontórios de Não e Bojador até à Serra Leoa, que está, destes Reinos, número de seiscentas e cinquenta léguas e em oito graus de ladeza da linha equinocial contra o polo ártico.

Ele foi o princípio e causa que os Etiópios, quase bestas em semelhança humana, alienados do culto Divino, desde então muita parte deles à Santa Fé Católica e Religião Cristã cada dia são trazidos.

Porque com mor fundamento e mais santamente esta empresa prosseguisse, ela lhe foi primeiro concedida pelos Santos Padres de Roma, s. pelo Papa Eugénio VI e Martinho Ve Sixto IV, e assim pelos outros que depois destes vieram. Aos quais aprouve que o dito Infante com todos os Reis de Portugal, que depois dele viessem por legítima sucessão, houvessem para sempre, dos ditos promontórios de Não e do Bojador em diante, todas as mais ilhas, portos, tratos, resgates, pescarias, e conquistas de toda Guiné, descobertas e por descobrir, em oriental e meridional plaga, e Índios inclusive. Sobre inumeráveis excomunhões, defesas e interditos que outros alguns príncipes, senhorios nem comunidade, nas ditas partes e terras nem tocar possam, segundo se mais largamente contém em suas bulas e lêteras que ao dito Infante e aos mesmos Reis sobre este caso são concedidas. As quais estão na Torre do Tombo desta cidade de Lisboa.

Por falecimento deste Santo Infante ficou a continuação desta conquista e descobrimento a EI-Rei Dom Afonso, o V, seu sobrinho.

No ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e sessenta, em treze dias do mês de novembro, faleceu o virtuoso Infante Dom Henrique da vida deste mundo. Por cuja morte o excelente Rei Dom Afonso, o quinto, mandou descobrir da Serra Leoa, de onde o Infante acabou, em diante, toda a costa da Malagueta e a Mina, do rio dos Escravos e até o Cabo de Caterina, que será, por costa, além da dita Serra Leoa, seiscentas e cinquenta léguas.

Descobertas todas estas regiões e províncias, e finado EI-Rei Dom Afonso, veio esta mesma «continuação» ao Sereníssimo Príncipe EI-Rei Dom João, o segundo, seu filho, que é tão digno de imortal lembrança. O qual com muito desejo de acrescentar no comércio e riqueza destes Reinos, mandou descobrir as Ilhas de São Tomé e Santo António e as povoou com fundamento da navegação da Índia. Se lhe Nosso Senhor dera vida, devemos crer que ele a descobrira. E também mandou fazer do primeiro fundamento a cidade de São Jorge da Mina, da qual tanta utilidade Vossa Alteza e vossos Reinos recebem.

Por não alargar mais a matéria, deixo de dizer as particularidades de muitas cousas que este glorioso Príncipe mandou descobrir por mim e por outros seus capitães em muitos lugares e rios da costa da Guiné, dos quais em tempo do Infante Dom Henrique e de EI-Rei Dom Afonso a costa do mar somente era sabida, sem se saber o que dentro deles era.

Assim descobriu mais, do promontório de Caterina, donde seu Pai acabou, até o promontório de Boa Esperança, que está além do círculo da equinocial trinta e quatro graus e meio de ladeza contra o polo antártico, e dali até o Penedo das Fontes, que por outro nome o «Ilhéu da Cruz» chamamos, que é mais além deste promontório cento e sessenta léguas. Assim que monta em todo, o que este excelente Príncipe descobriu, setecentas e sessenta léguas de costa, em que entra o Reino de Manicongo com outra muita desvairada gentildade, assaz tormentosa e difícil de navegar. De onde se estendeu a esperança e vontade de se descobrir a Índia, que ora vossa Majestade novamente tem sabida.

Todas estas cousas, Sereníssimo Príncipe, são verdade, e muitas delas em nossos dias praticamos. Mas que direi de Vossa Alteza e da graça divinal que o Sumo Criador em vosso ânimo derramou, dotando-vos de tão excelente engenho, saber e fortaleza, que todos os vossos antecessores, assim antigos como modernos, «precedeis»?

Por quanto, no segundo ano de vosso reinado, da era de Nosso Senhor, de mil e quatrocentos e noventa e sete anos, e no vinte e oito de vossa idade, vossa Alteza mandou descobrir esta costa do Ilhéu da Cruz, donde EI-Rei Dom João acabou, em diante. E não sentindo nem estimando as grandes e grossas despesas que se nisto fizeram, se descobriu e navegou alguma parte daquela Etiópia sob-Egipto que das primeiras idades a nós, sempre foi de todo incógnita. Onde por vossos capitães foi descoberta e novamente achada a grande mina que alguns cuidam ser de Ofir, que agora, por nome novo, «Sofala» é chamada, de onde o sapientíssimo Rei Saio mão houve quatrocentos e vinte talentos de ouro, segundo vem no terceiro Livro dos Reis, capítulo nove, e no segundo

livro do Paralipómeno, capítulo oitavo, no fim, com o qual fez o Sacro Templo de Jerusalém.

Mais adiante por vosso mandado foi descoberto tão grande caminho e mar até se saber a grande província de Malabar, que «Índia Baixa» se chama, onde são sabidas muitas e grandes cidades e notáveis povoações. Entre as quais uma delas é a destruída cidade Malipor, na qual cremos que está a santa sepultura do bem-aventurado Apóstolo São Tomé, onde Nosso Senhor muitos milagres tem feito.

Entre todos os príncipes ocidentais da Europa, Deus samente quis escolher Vossa Alteza, que este bem soubesse, e recebesse e possuísse os tributos dos reis e príncipes bárbaros do Oriente, os quais Roma, no tempo da sua prosperidade, quando mandava uma grande parte do Orbe, nunca assim os pôde haver nem fazer tributários, mas contrariando sempre sua sujeição lhe mataram Marco Crasso, capitão muito esforçado, com vinte mil homens e dez mil cativos do seu exército.

E agora, por uma virtude divinal e graça especial, Vossa Alteza manda tudo, sendo o caminho de vossos cavaleiros posto tanto avante pelas terras e índicos mares e asiáticas ribeiras, como onde reluziram os feitos do grande Alexandre. Dos quais os ímpetus de suas passadas com as Portuguesas armas e frotas, que por vosso mandado e virtude tão grandes feitos fazem, acrescentam vossa gloriosa fama, de maneira que soa por toda Europa e África, Egipto, Arábia, Pérsia, Elemitas, Babilónios, Caldeus, Medos, Assírios, Partos, Fenícios, Palestinos, e entra e passa aos muito alongados e ferozes povos dos Citas e os opulentíssimos reinos da Índia penetra.

Por tanto com razão podemos dizer que a glória de vossas vitórias, o louvor de vosso nome e grande navegação e conquista passa por Menelau e por Hano Cartaginense e por Eudoxo, de que os autores atrás fazem grande festa e menção, e assim por todos os reis e príncipes vossos antecessores.

Como quer que em tão pouco tempo Vossa Alteza descobrisse quase mil e quinhentas léguas além de todos os antigos e modernos, as quais nunca foram sabidas nem navegadas de nenhuma nação deste nosso Ocidente, agora, por mor segurança desta navegação, convém que Vossa Alteza mande tornar a descobrir e apurar esta costa do Ilhéu da Cruz em diante. Por que é certo que no seu primeiro descobrimento se soube em soma e não pelo miúdo, como a tal caso convinha.

Porque Vossa Alteza me disse que se queria nisto fiar de mim, portanto preparei fazer um livro de Cosmografia e Marinharia, cujo prólogo é este que aqui é escrito. O qual livro será partido em cinco livros.

No primeiro se dirá do que descobriu o virtuoso Infante Dom Henrique; no segundo do que mandou descobrir o excelente Rei Dom Afonso; no terceiro do que isso mesmo fez descobrir o sereníssimo Rei Dom João, que faz fim no Ilhéu da Cruz, como já disse; o quarto e o quinto em que pendem vossos gloriosos feitos que são mais em quantidade e maiores em qualidade que os de todos os outros Príncipes. O primeiro destes livros começará do dito Ilhéu da Cruz em diante e fará fim no Cabo ele Guardafui, que está na entrada do Sino Arábico. «O segundo irá da entrada do Sino Arábico» até o Sino Pérsico e dali em diante por toda a Índia. E assim são os ditos cinco livros e neles se tratará segundo aqui irá prometido.

Não tão samente serão necessários para proveito desta navegação e comércio, mas ainda para ficar uma eterna memória e lembrança a nossos sucessores e vindouros, por onde possam saber vossas excelentes façanhas, dignas de gloriosa imortalidade.

Mas qual eloquência terá tanta perfeição, que perfeitamente possa dizer o peso de tão grandes feitos como os do nosso César Manuel?

Marco Túlio, o mais excelente dos latinos, e Homero e Demóstenes, os principais oradores dos Gregos, que, por excelência, sua eloquência entre todos os mortais até agora floresceu, certamente suas mãos temeram escrever feitos de tamanha gravidade.

Mas deixo tudo isto para quem vossa governança houver de fazer. O que toca à Cosmografia e Marinharia por extenso espero dizer.

Farei primeiro com brevidade menção de alguns círculos superiores e da quantidade da terra e da água qual destas duas é a maior parte, declarando sumariamente a grandeza da África e assim da Ásia onde vossas vitórias, assim no Oriente como no Ocidente, florescem. Destas duas samente em soma, e brevemente, quanto ao interior da terra se dirá. Do lito ou costa do mar, tudo o que toca à Marinharia e Cosmografia, mais largamente farei menção.

Serão aqui declaradas todas as rotas, s. como jaz um promontório ou lugar com outro, e isto por que esta obra leve ordem e fundamento e a costa mais seguramente se possa navegar. E o mesmo as conhecenças das terras e assim onde estão as baixas, que para isto é muito necessário saber-se. Também das sondas que há em alguns lugares em quanta altura são, e assim as diferenças dos fundos, s. se é vasa ou areia ou pedra ou saibro ou arestas ou burgau, ou de que qualidade a tal sonda é. E, sendo conhecida, quantas léguas haverá dali a terra. O mesmo as marés, se são de nordeste e sudoeste assim como as da nossa Espanha, ou se são de norte e sul, ou de leste e oeste, ou de noroeste e sueste, as quais para entrarem e saírem nas barras e bocas dos rios são forçadamente necessárias. Assim as alturas de cada um dos polos, por onde se pode saber quantos graus se cada lugar aparta em ladeza da equinocial. Também a natureza da gente desta Etiópia e o seu modo de viver. E assim direi do comércio que nesta terra pode haver.

Tudo isto com diligência, por serviço de Vossa Alteza, farei, e, no melhor modo que puder e souber, neste livro será escrito. O qual «Esmeraldo de situ orbis» será chamado.

Feitas estas cousas com outras que Vossa Alteza manda cumprir, poderemos por vós dizer o que disse Virgílio por César Augusto: «Tu és governador do grande mar e todos honram as tuas grandezas e a ti servirá a última Tule».

(Esmeraldo de Situ Orbis (1499), «Prólogo». Ed. crítica de Epifânio da Silva Dias, Lisboa, 1905 (reed., Lisboa, 1975).

Texto 3

A Experiência, Madre de todas as cousas

Da quantidade e grandeza da terra e de água, qual destas é a maior parte

Escrever o sito do orbe com a grandeza de toda a terra e do mar, as ilhas, as cidades, as fortalezas e animais, com todas as outras coisas que nele são, tanto é longa como difícil matéria, e de elegância não capaz, e a ordem dela assaz intrincada. A qual pela quantidade de tamanho e corpo, impossível é ser particularmente sabida, mas pela admiração de tão excelente causa muito digna de ser escrita e praticada.

Devemos primeiro considerar como os Filósofos que nesta matéria falaram, disseram que a terra toda é cercada pelo mar, consentindo seus entenderes que a soma de nosso Orbe, o assento de nossa vida, a glória de nossos Impérios para proveito das águas em ilha seja feita. E nisto muito afirmadamente tiveram assaz fundadas opiniões e alguns dos Doutores modernos desvairadas e contrárias tenções. Os quais quiseram mostrar, por autoridades da Sagrada Escritura e suficientes razões contrárias aos antigos, como a terra é muito maior que todas as águas, e elas todas juntamente jazem metidas dentro na sua concavidade e fundura e são cercadas pela mesma terra.

[...]

E além do que dito é, a experiência, que é madre das causas, nos desengana e de toda dúvida nos tira.

Portanto, bem-aventurado Príncipe, temos sabido e visto (no terceiro ano de vosso reinado, do ano de Nosso Senhor, de mil quatrocentos e noventa e oito) onde nos Vossa Alteza mandou descobrir a parte Ocidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegável uma tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela, que se estende a setenta graus de ladeza da linha equinocial contra o pala ártico e posto que seja assaz fora é grandemente povoada. E do mesmo círculo equinocial, torna outra vez e vai além em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o pala antártico. Tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela. Pelo qual, segundo a ordem que leva, é certo que vai em circuito por toda a redondeza.

Assim que temos sabido que das praias e costa do mar destes reinos de Portugal, e do promontório de Finisterra e de qualquer outro lugar da Europa e de África e de Ásia, atravessando além todo o oceano diretamente a Ocidente, ou a lueste segundo ordem de Marinharia, por trinta e seis graus de longura, que serão seiscentas e quarenta e oito léguas de caminho (contando a dezoito léguas por grau) e lugares algum tanto mais longe, é achada esta terra navegada pelos navios de Vossa Alteza e, por vossos mandado e licença, os dos vossos vassallos e naturais.

E indo por esta costa sobredita, do mesmo círculo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza contra o pala antártico, é achado nela muito e fino brasil, com

outras muitas cousas de que os navios nestes reinos vêm grandemente carregados.

[...]

Pompónio MeIa e outros antigos cosmógrafos que a mesma terra por muitos anos andaram, e outras pessoas que isso mesmo, por verdadeira informação, a souberam, em três partes notáveis a dividiram. E na quarta parte, que Vossa Alteza mandou descobrir além do Oceano, por a eles ser incógnita, cousa alguma não falaram ...

[...]

(*Idem*, Livro I, cap. 2.º e 3.º)

D. JERÓNIMO OSÓRIO

Texto 4

«As **Humanidades** **desprezadas** floresçam»

Oração de Sapiência
proferida na Universidade de Lisboa,
em louvor de todas as disciplinas,
no dia 1 de Outubro de
1536

Eu desejaria - integérrimo Reitor, distintíssimos Senadores, brilhantíssima assembleia - eu desejaria, repito, ter a faculdade de proferir perante vós uma oração de tal valor, que me proporcionasse, a mim, que a digo, um mínimo de lustre e louvor; produzisse em vós, que me ouvis, apreciável júbilo e prazer; e vos tornasse tão bem dispostos e benevolentes para as minhas palavras, como outrora, segundo se diz, o ilustre orador Ésquines tornou os Ródios ao pronunciar, com admiração de todos, a oração de Demóstenes em defesa de Ctesifonte.

Na verdade, sempre que medito e compreendo a quão alta tribuna temerária e levianamente vim, quão difícil é a missão e superior às minhas forças este encargo que assumi, e que muitíssimos varões, antes de mim, notáveis pela destreza de engenho e dotados de múltiplo saber e variada leitura, hesitaram em assumir, sinto-me (confesso) levado ao maior desalento, e, com receio dos outros, vejo-me possuído dum terror oxalá vão; forçoso é, realmente, que tema por mim em face do perigo alheio. Com efeito, entendo e, conhecedor da minha fraqueza, sem custo confesso que aquele que houver de falar perante vós, deve sobrepujar os outros na veemência oratória, na vivacidade de espírito, e na invulgaridade de erudição. Desprovido destes dotes, não admira me veja hesitante e quase embaraçado, e me sinta atemorizado, sob o enorme peso de tamanha matéria que me deprime e quase esmaga.

Porém, a vossa já muito conhecida e muito provada benignidade me alentou a tal ponto, que soltou a minha hesitação e desconfiança dos tenacíssimos laços do temor e constituiu fortíssimo incentivo para percorrer mais afoitamente esta carreira.

É que eu pensei (e por certo, julgo, esta ideia não me iludirá) que, se dissesse algo de imperfeito ou menos ponderado, vós não só o sofreríeis com benevolência" mas até mo levaríeis em boa conta; tanto mais que, ainda sem exercício nem experiência, vim agora de novo lutar nesta praça, e achei preferível subir ao cimo que ficar, de esperança perdida, no sopé do monte.

Por isso, dai-me forças e ânimo, para que não pareça ter concebido uma falsa esperança da vossa benignidade para comigo, e ouvi com benevolência, se disser alguma coisa que vos desagrade, pois, se é certo que me apresento aqui, severíssimos Senadores, com a condição inelutável de sofrer a vossa censura, faço-o, todavia, atraído mais pela vossa generosidade que pelo juízo que possais fazer a meu respeito. [...]

Vamos pois! E já que viemos para discorrer sobre as letras, preparemo-nos, e abramos como que os berços de todas as disciplinas, cujos santuários com efeito veneramos, e discorramos sobre quais os mortais que primeiro se aplicaram com ardente entusiasmo e esforço a cultivá-las e dilatar os seus domínios, fazendo-o, todavia, com brevidade, para que não suceda aquilo que, no dizer de Plutarco, aconteceu aos embaixadores dos Sámios, que, falando tempo de mais aos Espartanos, ouviram estes dizer que se haviam esquecido do princípio e não tinham percebido o fim, visto se lhe haverem varrido da memória as palavras iniciais do discurso.

Ora, antes de tudo, julgo não dever passar em silêncio isto que se me afigura especialmente ajustado e conducente ao tema fixado e proposto: que foram vários os que descobriram este preclaro e quase maravilhoso dom das letras.

Entre os Egípcios Anúbis e Mémnon foram os primeiros a inventar as letras, pois antes da sua invenção costumavam representar os pensamentos apenas por figuras de animais,

Das letras assírias o primeiro fundador foi Radamanto, e das frígidas Hércules Egípcio.

Quanto às letras gregas, cujo número, depois ao tempo da guerra de Troia, foi aumentado por Palamedes e em seguida por Simónides, gloriaram-se os Fenícios de serem os seus primeiros indagadores e descobridores. Sabemos que estes, sempre que lhes faltavam as folhas de papiro, escreviam em peles de cabra e ovelha, as quais, segundo Heródoto, liv. V, por longo costume chamavam «biblos».

Depois (conforme contaram os antigos) Cadmo, filho de Agenor, levou estas letras dos Fenícios para a Grécia, com incrível admiração de todos, quando para ali se exilou da pátria.

Das letras latinas, recordam uns que os inventores foram Beroso e Tricodemo, e outros, Carmenta da Arcádia, mãe do fugitivo Evandro. No dizer de Lívio antes da chegada da Sibila à Itália muitas gentes vindas de todos os lugares de Itália admiraram-na como profetisa devido ao milagre das letras, uma novidade para estes homens rudes e ignorantes das artes, e tributaram-lhe honras divinas.

Ora, crê-se que daqui derivou e começou lentamente a crescer a disciplina que segundo o grego chamamos Gramática, visto constar de letras que os gregos chamam «grammata», e em latim «res literaria».

De facto, quem ousará afirmar ao certo coisa tão antiga e obscurecida por tantos séculos? Todavia, quem duvidará de que a posteridade deve eterna memória ao autor (seja ele quem for) de tão insigne e quase divina dádiva? Com sua oportuníssima sagacidade e sua extremadíssima diligência conseguiu-se que todo o género humano, primeiramente inculto e rude, e vivendo indistintamente à maneira dos irracionais, se desse à investigação e descobrimento das coisas divinas e humanas, e, depondo toda a fereza e removendo a escuridão do espírito, contemplasse alfim a luz nova, antes oculta.

Com efeito, quem haverá tão cego e rude de espírito, que negue a incomensurável utilidade da Gramática, da qual dependem, como do ferro o magnete, as outras disciplinas, que nela se apoiam como base solidíssima?

Ela iniciou os povos mais distantes em todas as artes que chamamos liberais; preparou o caminho, aliás de acesso difícil, para o exercício de todas as disciplinas; enfim, fez com que os mais altivos bárbaros, que outrora de bandeiras erguidas e desfraldadas oprimiram exultantes quase todo o mundo, fossem totalmente desbaratados, e o seu nome, na verdade desagradabilíssimo, fosse radicalmente destruído.

Não foi doutro lugar senão desta fonte ubérrima que primeiro brotou aquela dulcíssima arte poética, toda ela sem dúvida divina, que, ajudada e enriquecida pelas deliciosíssimas ficções de poetas insignes como Homero e como Marão, difunde uma doçura admirável, e, o que é mais, repele e afasta todos os cuidados, angústias e doenças da alma.

Além disso, toca com admirável suavidade os ânimos abatidos e prostrados dos ouvintes, e, sobre isso, afaga e seduz os ouvidos mais obtusos e cerrados, tal qual outrora (segundo a fábula) o canto das sereias cativou Ulisses, quando, ao regressar do incêndio de Troia, navegava no mar da Sicília.

Daí resultou a fábula da antiguidade segundo a qual Orfeu e Anfião abrandavam com o canto e a poesia os rochedos e os escolhos, os leões e os tigres. E tal ficção não é destituída de fundamento, visto que eles, prendendo e atraindo com a doçura do canto os homens que até aí, errantes e desprovidos de sociabilidade, viviam nos campos como alimárias, levaram-nos à vida domiciliar em povos e cidades, e, depois, obrigaram-nos, vinculados pelas leis, a usarem de estreita comunhão de vida. Deste facto nos fala Horácio elegante e graciosamente nos seguintes versos:

*Douto, sagrado intérprete dos Numes
Fez Orfeu com que os homens inda agrestes,
Um vil sustento e o sangue aborrecessem;
Daqui veio o dizer-se que amansara
Bravíssimos leões, ferozes tigres;
Que Anfião de Tebas construía os muros,
Que ao som da lira as penhas comovera,
E onde quis as levou com meigas preces.*

E não se diz que Tirteu, enviado pelos Atenienses para troça e ludíbrio dos Espartanos, obrou com a majestosa eficácia da poesia muitas maravilhas? Recitando perante o exército lacedemónio os poemas que compusera e onde escrevera as exortações à coragem, os lenitivos dos danos e os conselhos de guerra, tamanho ardor incutiu nos soldados, e tamanha força e furor secreto meteu e infundiu em seus espíritos, que de novo os levou a retomar a guerra contra os Missénios; e, além disso, inflamando-os com a admirável veemência da poesia, tornou-os mais solícitos com as sepulturas do que com a morte (pois a esta se haviam votado).

[...] posto de propósito entre os mares Jónio e Egeu, para evitar o choque permanente e a luta infatigável das suas ondas.

A não ser que tenhamos acaso por falso o que Pirro, rei dos Epirotas, costumava dizer: que tinha tomado mais cidades com os eloquentes discursos do seu embaixador Cineias do que com as armas.

Na verdade, faz mais a facúndia do que o ferro. E, embora os dardos da Retórica possam ser arremessados para os dois lados, pois podem-se perfeitamente utilizar não só para acalmar os tumultos populares, mas também para concitar os dissensões civis e privadas, todavia com isso não deve ser considerada coisa má e nociva, uma vez que, querendo, te é lícito utilizá-la para o bem.

Com efeito, também as leis, que a ninguém fazem injúria, e são, pelo contrário, havidas como mestras da equidade e justiça, não devem ser estimadas como iníquas e injustas pelo facto de os homens fazerem mau uso delas.

Ora, estes exemplos que vou citar chegarão para se ver se algumas vezes a eloquência foi ou não proveitosa.

Conta-se, na verdade, que o velho e cego Ápio se fez transportar às portas da cidade e, com as forças da oratória, impediu os Romanos de concluírem com Pirro uma paz extremamente vergonhosa e infamante.

Também não negaremos que a desmedida audácia de Catilina, o mais criminoso homem que conspirara contra a Pátria, foi reprimida e desfeita pela eloquência arrebatadora de Marco Cícero.

E não é verdade que muitas vezes o discurso facundo dum chefe levanta e encoraja os ânimos aterrados e enfraquecidos dos soldados já inclinados à mais desonrosa debandada? e persuade os que correm os inúmeros riscos da guerra de que lhes vale mais o louvor que a vida?

De resto, a longa e persistente meditação das coisas levou-me à opinião de que os primeiros fundadores das cidades não conseguiram que a multidão dispersa e vagabunda se congregasse em nações e assembleias públicas senão recorrendo à suavíssima persuasão de homens eloquentes.

E, na verdade, eu também não acreditaria que os autores das leis conseguissem que os homens totalmente livres e imunes se sujeitassem logo à acerbíssima servidão do direito e ao freio das leis, se não fossem atraídos pela força superior da eloquência.

Por isso é que Cícero, no livro intitulado *Do orador*, afirma que nada há superior à eloquência para manter os agregados humanos, seduzir os espíritos, levar as vontades para onde se quer, e afastá-las donde se deseja.

Finalmente, para não me alongar muito, que há de mais admirável ou belo que a eloquência? Que há de melhor, mais útil e mais digno para o homem?

Se alguém censurar o seu estudo, não percebo realmente que coisa julgue mais justamente digna de ser louvada, sobretudo quando se vê que as mais prósperas cidades, as mais sólidas alianças, as mais virtuosas e durado iras amizades sociais, só pela majestade e branda persuasão da eloquência foram estabelecidas e ligadas como por um vínculo de diamante.

Desta disciplina da Gramática, que compreende a Retórica e a Poética, colhemos os mais abundantes e preciosos frutos. São-lhe próprias e peculiares (como apraz a Cícero) a lição assídua dos poetas, o conhecimento da história, a interpretação das palavras e um certo modo de falar. Por ela passa o único caminho que leva às disciplinas mais nobres e muito mais felizes. Eis por que não se deve dar ouvidos a certos semi-sábios e, por assim dizer, gramaticões verrugosos, que gostam mais de cheirar urtigas que mangeronas, e não sabem distinguir a farinha do farelo; os quais (para me servir das palavras de Fábio zombam desta arte como de coisa frívola e estéril e desdenham dela como árida e menos produtiva, embora (para dizer a verdade) eles sejam, realmente, reputados muito mais estéreis e áridos, e lhe imputem a falta genuína de que sofrem já desde a adolescência.

Por isso, muito mais vos exorto e peço, brilhantíssimos mestres desta Universidade, que não deixeis esta nobre disciplina, que vos trouxe de pequenos e alçou à maior condição, definhar por incúria e inacção.

Refutai a incapacidade desses ignorantes que dizem inconsideradamente coisas tão vãs e fúteis; esforçai-vos para que as humanidades, desprezadas por estes petulantes, floresçam com a vossa diligente aplicação. [...]

(Oração de Sapiência (1536), Ed. e Trad. de Miguel P. de Menezes. Intr. do Doutor Justino Mendes de Almeida, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965).

D. JOÃO DE CASTRO

Texto 5

Perigo e aventura

Ora, pois, porque cousa desta vida confessarão aprenderem, nem terem aprendido, nem poderem aprender?

Os instrumentos com que se servem em suas navegações, como são astrolábios, quadrantes, balestilhas, agulhas, relógios, cartas, pomas; as tábuas, para saberem o lugar do sol e a inclinação daquele dia; a quantidade das léguas que responde um grau por cada um dos rumos; todas estas cousas, não tão samente se contentam dizer serem os homens

do mar os inventores mas cada um deles crê de si, e pelo menos quer dar a entender, ser o próprio que as inventou. E isto com uma soberba e presunção como se neles estivesse encerrada a astrologia de Hiparco, a mecânica, tão abundante, de Arquimedes, a cosmografia de Ptolomeu, a geometria de Euclides, o engenho e habilidade de Aristóteles, a viva e natural inclinação de Plínio de experimentar os efeitos da Natureza.

E assim, como se neles estivessem todas estas graças, são privilegiados de todos os homens e tidos como soberanos. Porque eles sãmente podem matar sem pena, como diz Plínio dos físicos, e destruir as fazendas e a substância de todos. Pois cada hora vemos que, dando com as naus através por suas culpas, não há quem lhes peça conta dos mortos, mas é-lhes muito agradecido e tido por humanidade quererem dar razão de si e a desculpa do infortúnio, pondo mil aleives ao céu, ventos, mar, com outros achaques infinitos, ora dizendo que a nau lhes levava furtado tantas léguas, ou que as agulhas lhes nordestearam, ora que as águas, com suas correntes, os lançaram fora do caminho. De sorte que, não digo já por suas ignorâncias e contumácias lhes ser dado pena e repreensão dos seus erros, antes em este lugar negociam modos de os apaziguar e buscam muitas razões para lhes absolverem o naufrágio, atribuindo suas culpas e males a fortuna, como que o mundo seria perdido se nele não houvesse pilotos.

Ora havendo eu respeito a todas estas cousas, ó Invictíssimo Príncipe, achando-me na conquista e descobrimento dos Bosforanos e gentes que moram as praias, tão estendidas, do sino Arábico, chamado por outro nome Mar Vermelho, determinei escrever qual seja o sítio desta terra, os caminhos e rodeios que fazem as costas, elevação do polo que têm as cidades e portos, e com isto o caminho de cada dia, tendo por certo nenhuma outra cousa estar mais escura e embaraçada nos entendimentos dos homens e escrituras dos antigos que a cosmografia deste mar e terra.

Bem que matéria tão duvidosa e alta requeira outro engenho mais hábil e estilo mais polido que o meu, deve-se de recompensar o que por esta via faltar e fizer grosseira a obra e pouco cobiçosa de se ler e tratar, com a verdade e grande fieldade que se escreveu para aproveitar aos navegantes que depois de mim viessem.

Mas depois de ter escrito, cuidando eu em que modo buscaria algum nome e título, a este livro, muito pomposo e prenhe de mistérios, pois se fez para se dedicar a tão alto e bem-aventurado Príncipe, temi cair em uma repreensão que os censores deram a Lúcio Lúculo, nobre cidadão de Roma. O qual Romano, edificando umas sumptuosas e grandes casas em uma sua pequena e encolhida herdade, foi fortemente repreendido e, em tom de o motejarem, disseram no Senado: que Lúculo tinha maior terra para varrer que para semear.

Pelo que aceitei de chamar a este livro Roteiro, em o qual se contém a viagem que fizeram os Portugueses, partindo da nobre cidade de Goa, até Suez, que é no fim e extremidade do Mar Roxo, com o sítio e pintura de todo o sino Arábico.

O qual até aqui, não digo ser por alguma nação conquistado, mas nem sabido, na longura e distância de suas praias, dos moradores que vivem e navegam dentro dele. O que estava oculto e em grande segredo, tanto pelo demasiado comprimento do caminho, como pelos infinitos impedimentos e rodeios que nele há. Porque verdadeiramente se pode afirmar que neste mar e costa há maiores dificuldades para se poder navegar que em

todo o circuito do grande Oceano, assim por o curso dos ventos que nele reinam, falta de aguadas, esterilidade das costas, como pelo inumerável número de restingas, baixos, parcéis, ilhas, coroas de areia, penedos, ilhéus, que se opõem a cada hora e momentos aos caminhantes.

Pelo que dificultosamente se poderá julgar se ganharam os Portugueses maior glória e nomeada em triunfarem do Mar Roxo, ganhando nele tantas cidades, vencendo as gentes dos Etíopes, Egípcios, Árabes, se em descobrir e fazer navegáveis suas praias. E porque as vitórias de tantas e tão feras nações, as quais a fortuna não pôde esconder das armas e ímpetos dos Portugueses, cercado-as de uma parte, de grandes e altíssimos montes e terras desertas e inabitáveis, e, da outra, de mar mais do que outros incógnito e inavegável, são dignas de serem tratadas e postas em luz por pessoa de grande engenho e habilidade, não quis fazer ofensa a tão ilustre e alta história. Mas, calando, por honra da glória de tão gloriosas façanhas, os triunfos e vitórias havidas do Mar Roxo, e também porque esta matéria parece alheia e imprópria ao Roteiro, tratarei somente dos ventos, mares, portos.

No que, se em partes escrever mais largo do que é necessário, e em outras menos do que há mister para facilidade e proveito dos que navegam, se, por esta causa, a escuridão e pouca elegância da obra fizerem embaraço e confusão no marear, peço aos navegantes e pessoas que tornarem a peregrinar por estas terras e mares o queiram emendar. Porque, como quer que eu seja homem mortal, em muitas cousas me podia enganar e doutros ser enganado. E ficando nesta obra alguns vícios sem emenda, haveria eu por grande desastre acharem-se os caminhantes, em suas navegações e viagens, errados. Os quais confiados em minhas regras e dando autoridade a minha escritura, põem suas vidas em perigo e aventura.

(Roteiro do Mar Roxo, «Dedicatória»)

SÁ DE MIRANDA

Texto 6

O Sol é grande, caem co'a calma as aves
Do tempo em tal sazão, que sol ser fria.
Esta água que d'alto cai acordar-me-ia?
Do sono não, mas de cuidados graves.

Ó causas todas vãs, todas mudavas!
Qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos, vai dia trás dia,
Incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,
Vi tantas águas, vi tanta verdura,
As aves todas cantavam d'amores.

Tudo é seco e mudo, e de mestura,
Também mudando-m'eu fiz d'outras cores,
E tudo o mais renova: isto é sem cura.

(Obras Completas)

Texto 7

Assi que me mandáveis atrever
A versos já da Musas asselados,
E aquela grande Sílvia consagrados,
Ícaro me põe medo, e Lucifer.

Os meus, se nunca acabo de os lamber,
Como ussa os filhos mal proporcionados,
(Ah! passatempos vãos! Ah! vãos cuidados!)
A quem posso, porém, nisso ofender?

Tudo cabe no tempo, entregue ao ano,
Depois à perda, diga-me esta gente
Qual anda o furioso assi emendado.

Torno às cousas sagradas: que um profano
Leigo, como eu, tocá-las tão-samente
Não é de siso são, mas de abalado.

(Idem)

Texto 8

Carta a seu Irmão Mem de Sá

Em quanto de fia esperança
Em outra esperança andais,
Fazer-vos quero lembrança
Como é leve e não se alcança,
Que sempre adiante é mais.

Cuidais que sois já com ela:
Quando vo-lo mais parece
E quereis lançar mão dela,
Mete remos, mete vela,
Vai rindo, e desaparece.

[...]

Antre os brutos animais
Não se houveram por seguros
Os homens racionais:
Eram bravos e eram mais:
Fizeram armas e muros.

Agora, por que vos conte
Quanto vi, tudo é mudado:
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vizinhos de frente
Vi lobos no povoado.

Um rato d'ũa cidade
Tomou-o a noite por fora:
(Quem foge à necessidade?)
Lembrou-lhe a velha amizade
Doutro que i no monte mora.

Saiu-me a conta errada,
(Muitas vezes acontece):
Creceu-me a minha jornada
(Diz, entrando na pousada);
Logo cidadão parece.

O pobre as si salteado
D'um tamanho cidadão,
Em busca d'algum bocado
Vai e vem muito apressado,
Que não punha os pés no chão.

Ordena sua mesinha:
Inda tinha algum legume,
Inda algum pó de farinha;
Pôs-lhe e tudo quanto tinha,
Pede perdão, por costume.

Diz: - Quem tal adivinhara!
(Contra o cidadão severo)

Tanto revolvera e andara
Que alguma cousa buscara
A quem tanto devo e quero.

Cumpre muito aquela mesa
Mais da fome que da gula.
Tem a fogueirinha acesa,
Faz rosto ledô à despesa,
C'o trabalho dissimula.

Diz o cidadão consigo:
Que gente há d'antre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo
Que não são iguais os dedos.

Depois do fraco comer,
Estando detrás o lar,
Começa o rico a dizer:
- Dous dias que hás-de viver
Aqui os queres passar?

Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o suporte,
D'urzes e tojos coberto,
Sendo tudo tão incerto,
E tão certa só a morte?

Vive, amigo, a teu sabor!
Mais é que cousa perdida
Quem por si toma o peor!
Vai-te comigo onde eu fôr!
Lá verás que cousa é vida ...

Quando as ambas provares
(Que eu d'outrem não adevinho)
Quando te enganado achares,
Aí ficam teus manjares,
Aí tens também o caminho.

Assi disse. Eis o vilão
Em alvoroço e balança:
Ia e vinha o coração,
Ora si e ora não.
Venceu porém, a esperança ...

E que pode i al fazer?
Vive com tanto cansaço,
Inda não pode viver,
Não pode o ano vencer
Que lhe assi corre d'espáço!

E diz: - Quem não se aventura
Não ganha, quem é que o negue?
Escolheu hora segura:
Era pela noite escura:
Guia o rico, o outro segue.

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da cea:
Fiquem os casais colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldeia!

Vou-me por meu conto avante:
Amostra o cidadão tudo,
Que traz no bucho um ifante.
Quem quereis que não se espante?
Anda o vilãozinho mudo.

Que tão somente em provar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começam já d'enjeitar,
Começam de bocejar ...
Em finos tapetes jazem.

Ora, o despenseiro chega
(Que estes bens não duram tanto).
Sente-os, mas a pressa o cega,
Um tiro e dous mal emprega,
Segue-os de canto em canto.

Os cães à volta correram,
Ladram, que é alto serão
As casas estremeceram,
Uns e os outros i correram.
Quis Deus que os gatos não.

Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos: fugiu.
O Ratinho da montanha

Aos pés, em pressa tamanha,
O coração lhe caiu.

Mas, espaçado o perigo
Da morte, que ante si vira,
O coitado assi consigo
Pelo seu repouso antigo,
Que mal deixara, suspira:

Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? e esta riqueza,
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder, voando?

Mal tomadas esperanças,
A paga aqui não me tome.
Traças, que não abastanças,
Assaz vi das vossas danças ...
Deus me torne à minha fome!

(Idem)

Texto 9

Carta a António Pereira Senhor do Basto, quando se partiu para a Corte co'a casa toda.

Como eu vi correr pardaus
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas e o gasto,
Vi, por caminhos tão maus,
Tal trilha e tamanho rasto.

Logo os meus olhos ergui
A' casa antiga e à torre.
E disse comigo assi:
Se Deus nos não val aqui,
Perigoso imigo corre.

Não me temo de Castela,
Donde inda guerra não soa,
Mas temo-me de Lisboa
Que, ao cheiro desta canela,
O Reino nos despovoa.

E que algum embique e caia
(Afora vá mau agouro!)
Falar por aquela praia
Da grandeza de Cambaia,
Narsinga das torres d'ouro.

Ouves, Viriato, o estrago,
Que cá vai dos teus costumes?
Os leitos, mesas e os lumes,
Todo cheira: eu óleos trago;
Vem outros, trazem perfumes.

E ao bom trajo dos pastores
Com que saiste à peleja
Dos Romãos tão vencedores,
São mudados os louvores:
Não há lá quem t'haja enveja.

Entrou, há dias, peçonha
Clara pelos nossos portos,
Sem que remédio se ponha:
Uns dormentes, outros mortos,
Alguém pelas ruas sonha.

Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos e o mar,
Vencer quase a natureza:
Medo hei de novo à riqueza
Que nos venha a cativar.

[...]

As vozeiras montarias,
Derribar aves, que vão
Cantando inverno e verão,
Que aí é salvo remir dias
Do enfadamento aldeão?

Que trabalhosos concertos
De vilãos desentoados,
Os de vilãos mal cobertos,
E, o que é peor, pouco certos,
Muito desarrezoados.

Direis, e eu não vo-lo nego,
Mas quereis também que diga?

Este mundo é armado em briga,
Não busqueis nele assossego,
Nem nua alta ermida antiga.

Todavia há diferenças
Antre o de cá e o de lá:
Cá, nas mais das desavenças,
Éreis mestre das sentenças;
Para ond'is outrem as dá.

Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Das por outras grosadas,
Pelos tempestuosos mares
A grão perigo buscadas.

Convites de quem convida!
Amostram-vos suas tendas:
Quanta causa i é perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas!

Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço não tem igual:
Milagres de Portugal!
- Causas de tanto sabor
Para saberem tão mal!

Onde se há-de lançar tanto?
Aquilo é pagar o pato!
Em fim, quando m'levanto,
Ou hei-de morrer d'espanto,
Ou, se não me espanto, mato.

Que contas vão tão erradas!
Enfastia o que sobeja:
Quem come o que não deseja?
saíam ser as convidadas
Vontades, agora é enveja.

Entra convosco a menhã,
Falam-se muitas languages.
A' tal cea cortesã
Quanta mestura vai vã,
Afora as novas potages!

Que bons convites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Eram para conservar
Os parentes e os amigos,
Que não pera arrebentar.

E de viver juntamente,
Houveram convites nome,
Soltos os olhos da gente,
Por que vissem que somente
Ali se matava a fome.

Aquela ufana Rainha,
Irmã do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente à cozinha
Num grande banquete seu,

Vendo tudo ir-se a perder,
Os amigos convidava,
Já porém não de viver,
Mas d'assi juntos morrer,
Na sua língua os chamava.

A vossa fonte tão fria
Da Barroca, em Julho e Agosto,
Inda me é presente o gosto!
Quão bem que nos i sabia
Quanto na mesa era posto!

Ali não mordía a graça,
Eram iguais os juízes.
Não vinha nada da praça:
Ali da vossa cachaça.
Ali das vossas perdizes.

Ali das frutas da terra
(Que tem cada mês a sua)
Colhida em sação cada ua,
Nunca o sabor à cor erra,
Nem ao nome de nenhua.

Ó ceas do paraíso,
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada ou riso,

Nem carregadas de siso,
Nem danadas da licença!

Des i, o gosto chamando
A móres outros sabores,
Líamos polos amores,
Tão bem escritos de Orlando,
Envoltos em tantas flores.

Líamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro,
Nestes derradeiros anos,
C'os pastores italianos
Do bom velho Sannazzaro.

Líamos pelo alto Lasso
E seu amigo Boscão,
Honra d'Espanha que são.
Ia-me meu passo a passo,
Aos nossos, que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora
Vira, como d'antes era,
Por meu conto avante fora:
Mas não diz hora com hora,
- Vai-se comigo ao fogo a cera.

Que troca ver lá pasquinos
Desta terra cento a cento!
Quem o vê sem sentimento?
- Tratar os livros divinos
Com tal desacatamento!

E o que não devem d'ousar
Dizer, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar
Ao som da sua paixão.

Esquecidos do conselho,
Mas, que digo eu? do mandado,
Sendo por quem foi vedado
No santíssimo Evangelho:
Aos cães não deis o sagrado.

Peitos que sonhando andais,
O muito não no troqueis

Por nadas, como o trocais!
As perlas Orientais
Aos porcos as não lanceis.

Jogareis? Oh! razão cega!
Sempre o jogo fiz defeso,
Que tem noite e dia preso
O triste que assi o emprega,
O seu tempo todo em peso.

[...]

Oh! vida dos lavradores!
Se eles conhecessem bem
As vantagens que tem
C'o aqueles santos suores
Que a si e ó mundo mantem,

Tratando co'a madre antiga
Que, de quanto em si recebe,
(Não entre engano ou má liga)
Singelamente se obriga
A pagar mais do que deve!

Aqueles maiores nossos
Antigos Padres primeiros,
Eram no começo inteiros,
Eram santamente grossos,
Sem mal como os seus cordeiros.

Regidos da natureza,
Nem tanto papel escrito,
Vem um reza e outro reza,
Sem cansar e sem certeza,
Buscam, nunca acham o fito.

[...]

Quando os antigos a alguém
Louvavam, não de senhor
Nem de rico era o louvor,
Chamavam-lhe homem de bem
E ainda bom lavrador.

A nossa gente que quis
Arremedar nos louvores,

Que agora parecem vis,
Aos bons Reis Sancho e Dinis
Chamaram-lhe lavradores.

Os prudentes dos Romanos,
Antes que o tino perdessem,
Donde cuidais que escolhessem
Cincinatos e Serranos,
Que ante si em campo pusessem?

E aquela sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que à mais da nobreza
Sobrenomes da riqueza
Não pôs, antes da lavoura.

[...]

Dos vossos nobres avós
As Cruzes em sangue abertas
Vos põem obrigações certas
Que não as deixeis cá sós,
A ser do musgo cobertas.

O que porém não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como é a de tal irmão,
Que não ouve o nome em vão
De Nuno Álvares Pereira.

Por toda esta grande Espanha
Froais, que sóiam chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rei mouro a patranha,
Mas vosso antigo solar.

[...]

Tereis lá conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E às vezes das pregações
Com muito gosto furtadas.

[...]

São elas, porém, já muitas:
Fê-las ir crescendo a mágoa!
Lembro-vos as vossas frutas,
Lembro-vos as vossas truitas,
Que andam já por vossas águas.

[...]

(Idem)

ANTÓNIO FERREIRA

Texto 10

Ó alma pura, em quanto cá vivias,
Alma, lá onde vives, já mais pura,
Porque me desprezaste? Quem tam dura
Te tornou ao amor, que me devias?

Isto era o que mil vezes prometias,
Em que minh'alma estava tam segura,
Que, ambos juntos, fia hora desta escura
Noite nos subiria aos claros dias?

Como em tam triste cárcere me deixaste?
Como pude eu sem mim deixar partir-te?
Como vive este corpo sem sua alma?

Ah! que o caminho tu bem mo mostraste.
Porque correste à gloriosa palma!
Triste de quem não mereceo seguir-te!

(Poemas Lusitanos)

Texto 11

Aquele claro Sol, que me mostrava
O caminho do Céu mais chão, mais certo,
E com seu novo raio ao longe e ao perto
Toda a sombra mortal m'afugentava,

Deixou a prisão triste, em que cá estava.
Eu fiquei cego e só, co passo incerto,
Perdido peregrino no deserto,
A que faltou a guia que o levava.

Assi co esprito triste, o juizo escuro,
Suas santas pisadas vou buscando,
Por vales e por campos e por montes.

Em toda a parte a vejo e a figuro.
Ela me toma a mão, e vai guiando.
E meus olhos a seguem, feitos fontes.

(Idem)

Texto 12

Carta a Francisco de Sá de Miranda

Antes que minha sorte impida, ou mude
A ocasião de praticar contigo,
Mestre das Musas, mestre da virtude,
Antes que o tempo a todo bem imigo
Me desvie forçado, onde eu já vejo
Minha vida sem gosto, alma em perigo,
Consente-me faltar este desejo,
O' Francisco só livre, e só ditoso,
Em quanto a carta ao longe não tem pejo.
O tempo escuro, e triste, e tempestoso
Mal ameaça; assi viste o passado,
E vês inda o por vir mais perigoso.
Chamar-t'ei sempre bem-aventurado,
Que tanto há, que em bom porto com essas santas
Musas te estás em santo ócio apartado.
Não esperas, nem temes, nem te espantas,
Sempre em bom ócio, sempre em sãos cuidados
A ti só vives lá, e a ti só cantas.
Os olhos soltos pelos verdes prados,
O pensamento livre, e nos Céus posto,
Seguros passos dás, e bem contados.
Trazes ùa alma sempre num só rosto,

Nem o ano te muda, nem o dia;
Um te deixa Dezembro, um te acha Agosto.
Quão alta, quão Cristã filosofia
De poucos entendida nos mostraste,
Que caminho do Céu, que certa guia!
De ti fugiste, e lá de ti voaste,
Lá longe, onde teu espírito alto subindo
Achou esse alto bem, que tanto amaste.
Novo Mundo, bom Sá, nos foste abrindo
Com tua vida, e com teu doce canto,
Nova água, e novo fogo descobrindo:
Não resplandecia antes o Sol tanto.
Não era antes o Céu tão luminoso,
Nem nos erguia o espírito em seu espanto.
Contigo nos nasce o ano mais fermoso,
Mais rosada, e mais loura a Primavera,
Com sêo de alvas flores mais cheiroso.
Por toda a parte o Louro abraça a Hera,
Por toda a parte rios, e águas claras,
E outra mor natureza já da que era.
Tu as fontes abriste, os Céus aclaras,
Às estrelas dás luz, vida aos Amores,
Santos amores d'uas Ninfas raras.
Levantas sobre Reis, e Emperadores
Ao som da lira doce, e grave, e branda
A humildade inocente dos Pastores.
Por onde vai teu espírito, por hí anda
Sempre firme teu pé, e o peito inteiro;
Obedece a vontade, a razão manda,
Nem ao Rei, nem ao povo lisonjeiro.
Nem odioso ao Rei, nem leve ao povo,
Nem contigo inconstante, ou tençoeiro.
Neste Mundo por ti já claro, e novo
Já us espíritos s'erguem no teu lume,
Por quem eu, meu Sá, vejo, e meus pés movo.
Já contra a tirania do costume,
Que té qui como escravos em cadeas
Os tinha, subir tentam ao alto cume
Do teu sagrado monte, donde as veas
Desse liquor riquíssimas abriste,
De que já correm mil ribeiras cheas.
Ali teus passos por onde subiste
A tão alta virtude, e tanta glória,
Medindo iriam, como os tu mediste.

Inda seguindo a tua clara história,
Que em vida de ti lemos, algum espirito
Com teu nome honraria sua memória.
Mas ah tempos crueis! (soe meu grito
Por todo Mundo) mas ah tempos duros,
Em que não soa bem o bom escrito!
Eu vejo um vale, e um monte, onde seguros,
Onde são, e quietos os meus dias
Teria em ócio bom, cuidados puros.
Mas chama o Mundo vãs filosofias
A virtude, o repouso, a liberdade;
E as santas Musas são fábulas frias.

[...]

(Idem)

Texto 13

Ode I

Fuja daqui o odioso,
Profano vulgo! Eu canto
As brandas Musas, a uns espiritos dados
Dos Céos ao novo canto,
Heróico e generoso,
Nunca ouvido dos nossos bons passados
Neste sejam cantados
Altos Reis, altos feitos;
Costume-se este ar nosso à Lira nova.
Acendei vossos peitos,
Engenhos bem criados,
Do fogo qu'o Mundo outra vez renova.
Cad'um faça alta prova
De seu espirito em tantas
Portuguesas conquistas e vitórias,
De que ledos t'espantas,
Oceano, e dás por nova
Do Mundo ao mesmo Mundo altas histórias.
Renova mil memórias,
Língua aos teus esquecida,

Ou por falta d'amor ou falta d'arte.
Sê para sempre lida
Nas Portuguesas glórias,
Qu'em ti a Apoio honra darão, e a Marte.
A mim pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ao canto; o brando Amor só sigo
Levado do costume.
Mas inda, em alguma parte,
Ah, Ferreira, dirão, da língua amigo!

(Idem)

Texto 14

Carta a António de Castilho

[...]
Quando será que eu veja a clara história
Do nome português por ti entoada,
Que vença da alta Roma a grã memória?
Não me foi dado esprito, não foi dada
Igual boca ao grã canto. Bom desejo
Não basta; a ti a alta empresa está guardada.
Desse santo sossego, em que te vejo,
Desse tam raro esprito, olha as grandezas,
Qu'o mundo espera, e eu já ver desejo.
Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
Que tanto há já que em ti Febo entesoura.
Solta o grã Rio, farta mil pobreza.
Assim consentirás, cruel, que moura
Teu nome, e desse esprito e claro lume?
Assi a coroa que te Febo enloura?
Quanta arma, quanto sangue nos consume
O silêncio cruel! Terror e medo
N'África, ao Mouro; n'Ásia, ao bravo Rume.
[...]

(Idem)

Texto 15

Carta a Pero de Andrade Caminha

[...]

Quem vida livre, quem já tal tivesse
Autoridade, ó Príncipes, que à honra
Do verso, antiga e grande, vos movesse?
Não vos honram tesouros, não vos honra
Rico cetro, alto estado, o mar e a terra.
Quantos isso danou! Quantos desonra!
Por escritos viveis, muitos, em guerra;
Muitos, em paz, já ganharíeis glória:
Mas sabe-o a morte só, que tudo enterra.
Quanto mais cá soara a alta memória
Que nos deixou o grã Grego, que o Mundo
Correndo foi com guerra e com vitória,
Se daquele alto, heróico, e facundo
Cantor de Esmirna, só fora entoado
Seu nome, dos antigos sem segundo!
De Lisipo esculpido, e só pintado
D' Apeles, távoas duras perceram;
Os papéis cremos só, de que é contado.
Neles se vê com quanta glória arderam
De Grécia, os Frígios muros; da alta Roma,
Como da terra aos Céos outros s'ergueram.
O Português Império, que assim toma
Senhorio por mar de tanta gente,
Tanto bárbaro ensina, vence e doma;
Porque assi ficará tam baixamente
Sem Musas, sem esprito, que, cantando,
O vá do Tejo seu, ao seu Oriente?

[...]

(Idem)

Texto 16

Carta a Manuel de Sampaio

[...]

Ditosa, ó quam ditosa, aquela gente
Que em sua símprez, sã rusticidade,

A noite trás o dia vê, contente!
Quam triste e dura vida a da Cidade
Chea de povo vão! Quam perigosa
A da Corte a toda alma, a toda idade!
Esta Cidade, em que nasci, fermosa,
Esta nobre, esta chea, esta Lisboa,
Em África, Ásia, Europa tam famosa,
Quam diferente em meus ouvidos soa,
Quam diferente a vejo, do que a vê
O espirito enganado, que no ar voa!
Este idólatra povo, que só crê
No tesouro, seu deus, assi se cega
Qu'em al não cuida, ou escreve, ou fala, ou lê.
Que fé, que sangue já, que amor não nega
Polo seu amor próprio? Que alma ou vida
Lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?
Aquela grã Rua Nova, conhecida
Por todo Mundo, que outra cousa conta
Senão da nao ganhada, ou nao perdida?
Ah, que triste miséria! Ah, grande afronta!
Não ousar levantar-se um bom espirito
A outro cuidado, outra mais alta conta!
[...]
Quanto, Sampaio meu, quanto mais val,
Meu bom amigo, um ócio livre e honesto,
Que as Índias guerrear de Portugal!
Índia, Guiné, Brasil, e todo resto
Do Mundo, a que nos chama, a que convida,
Em Mundo assi ambicioso e desonesto?
Que bem, que alegria há, que destruída
Não seja de mil males, que em espreita
Parece que têm sempre nossa vida?
Busquemos ila estrada mais direita,
Amigo, com saúde e com descanso
De vida, inda que humilde, aos Céos aceita.
Do fresco prado pelo rio manso
Em leve barco, verde de mil ramos,
De mil flores, rememos manso e manso.
Mais ondas, mores mares não queiramos;
Com nossa baixa vela, mas segura,
Cheguemos ao bom porto, a que guiamos.

(Idem)

Texto 17

Carta a D. João de Lancastro

[...]

Queria um bom estado meão, igual
Em todo tempo, lia fortuna honesta,
Que bastasse livrar-me de obrar mal.
O que convém à vida, é o que presta.
Mau sempre, ou perigoso, o que sobeja,
Que logo torce à via desonesta.
Fujo daquilo que se mais deseja:
Não quero eu amar tanto meus herdeiros,
Que minha morte desejada seja.
Não quero ser contado entre os primeiros;
Disto só me contento, a isto chegasse:
Que o primeiro fosse eu dos derradeiros,
Nem invejado fosse, nem invejasse.
Assi, com meu espirito sossegado,
Em tudo a meu estado m'igualasse.
Ah, meu Lancastro, se me fosse dado
Remédio de fugir das tempestades,
Em que anda todo o Mundo levantado!
Em que por mim passassem mil idades,
Por todas ledo e rico passaria,
Com só fugir cortes, vãs cidades.
No verde campo me amanheceria,
Veria o Sol, saindo, roxo e claro,
A grossa névoa alçar, dourando o dia.
O que hão no Mundo por melhor, mais raro
Desprezaria; um só murmúrio brando
D'ágoa corrente me seria caro.
Não às soberbas portas esperando
D'alta casa acharia a triste gente,
Que tam contínua, em vão, anda velando;
Não de mármore altos, e esplendente
Pedra estranha, lavrada por nova arte
De finas tintas e ouro reluzente,
Ergueria colunas; não por parte,
Qualquer que fosse, levaria forçados
Quantos achasse; não do fero Marte
A funesta trombeta, os tristes brados
Me soariam, não os golpes duros,

Nem as quedas dos muros arrasados.
As minhas torres, os meus altos muros
Sejam quieto esprito e vida pura,
Em que meus pobres bens estem seguros.
Meus pensamentos sejam na pintura
Do Céu vário e fermoso, que me está
Mostrando outra mais alta fermosura.
Outra alta fermosura, que eu de cá
Vendo, quando se vê na baixa terra.
Fastio os olhos, pejo ao esprito, dá.
Ó doce campo, ó deleitosa serra,
Vales sombrios, claras e correntes
Fontes, que bem secreto em vós s'encerra!
Em vós viveram as primeiras gentes,
Antigos padres nossos, santa idade
Toda de mãos e peitos inocentes.
Em vós, a alva inocência, a sã verdade,
Igual justiça, andavam companheiras
Da boa fé, da limpa castidade.
Por vós, passando em vós, as derradeiras
pegadas cá deixaram aos Céus subindo
Da terra, às suas moradas verdadeiras.
Ali as brandas Musas, que seguindo
Vou com tanto desejo, de hera e louro
Algu'hora me estem a frente cingindo.
Partam outros o mar, soterrem ouro.

(Idem)

Texto 18

Carta a **D. João III**

[...]
Espantem outros, sejam mais temidos
Que Tigres, que Leões, e trema ant'eles,
Como ant'a mesma morte, o triste povo!
Não ousem levantar os olhos nunca
A seus irosos rostos: adorados
Se façam ser por forças e por medos.
Novas cruizas usem, com que tenham

Seguros os estados de seus ódios.
Tu rege mansamente e com justiça.
Estas sejam tuas artes: a paz ama;
A vencidos perdoa, que se entregam.
A soberbos destrue, desfaze e apaga.
Amemos-te nós sempre; e te chamemos
Clemente, bom Cristão, pai do teu Reino.
Filhos teus nos chamemos: como pai
Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.
Pendamos de teus olhos; mostra-os sempre,
Seguramente, rindo: essa tua graça
Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.
Nossas almas nos levas após ti,
Onde quer que te viras. Tu só, Rei,
És verdadeiro nosso. Em seu lugar,
Deus na terra te pôs de sua mão.
Amor faz os bons Reis, não medo; amor
Estados dá, e conserva: o que é temido
De muitos, muitos teme. Nós te amamos.

(Idem)

Texto 19

Ode a Pero d'Andrade Caminha

Fogem, fogem ligeiros
Nossos dias e anos,
Andrade. Que bem vive? Que mal dura?
O que foi dos primeiros
será dos derradeiros:
Iguais aos bens, os danos
Todos vão dar em triste sepultura.

Torna nova verdura,
Torna Verão e Inverno;
Claro, após chuva, o Sol; após noite, o dia.
Ah! Nossa lei tão dura!
Depois da noite escura,
Do mortal sono eterno,
Já mais torna esta luz, qu'a vida via.

Triste quem se confia
Em cegas esperanças,
Que no mor nosso bem nos 'desenganam!
Quem nome de alegrias
Cá achou, como sabia
Haver medo às mudanças?
Cruéis, que tanto podem, tanto danam!

[...]

Quanto mundo é passado!
Soberbas monarquias
De Ásia, de Grécia e Roma impérios tantos,
Que o mundo sojigado
Tinham, como forçado,
Vês em quão poucos dias
Caíram suas grandezas, seus espantos?

Que ficam senão prantos
E saudades tristes
Daquelas cousas grandes, que acabaram?
Quantos triunfos, quantos
Ledos e doces cantos,
Passados temos, vistes,
Que senão mágoa e espanto nos deixaram?

Ai! Quanto em vão choraram
Após a dura morte,
Tam pouco há, nossos olhos saudosos!
Quanto bem nos roubaram!
Mas que choros bastaram
Mudar a sorte dura
Dos cruéis fados, tristes, invejosos?

Espritos gloriosos,
Que desta baixa terra
Fostes morar aos Céos em clara alteza.
Ditosos vós, ditosos,
Que, já vitoriosos
De tão mísera guerra,
Despistes esta nossa vil baixeza!

Cesse pois a tristeza,
Cesse já a saudade
Baixa; alça o espirito aos Céos, pera que vejas
Com que nova grandeza

Vestida a fortaleza
Já d'imortalidade
De teu irmão está, qu'em vão desejas.

(Idem)

Texto 20

Carta a Pero de Andrade Caminha

Ó quantos quanto mor fama ganharam
Coa boa pena, que outros com a espada!
Quanto mais ricas estátuas cá deixaram!
Quanto foi mais sentida, e mais chorada
A morte do alto Homero, por seu canto,
Que a tua, Aquiles, que ele fez honrada!
Pois com quanta razão m'eu mais espanto
Do que em ti vejo, tanto ver perdido
Sinto o que me assi move a mágoa, e espanto.
Mostraste-te tegora tam esquecido,
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
Como se nela não foras nascido.
Esses teus doces versos, com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se verá, a estranha gente os deste.
Porque o com que podias nobrecer
Tua terra e tua língua lho roubaste,
Por ires outra língua enriquecer?
Cuida melhor que, quanto mais honraste
E em mais tiveste essa língua estrangeira,
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.
Volve pois, volve, Andrade, da carreira,
Que errada levas (com tua paz o digo):
Alcançarás tua glória verdadeira.
Té quando contra nós, contra ti imigo
Te mostrarás? Obrigue-te a razão,
Que eu, como posso, a tua sombra sigo.
As mesmas Musas mal te julgarão,
Serás em ódio a nós teus naturais,
Pois, cruel, nos roubas o que em ti nos dão.
Sejam à boa tenção obras iguais,

E a boa tenção e obra à pátria sirva:
Demos a quem nos deu, e devemos mais.
Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A Portuguesa língua! E já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva.
Se téqui esteve baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitaram:
Esquecimento nosso, e desamor.
Mas tu farás que os que a mal julgaram,
E inda as estranhas línguas mais desejam,
Confessem cedo ant'ela quanto erraram.
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque eles pera os outros assi sejam.
Se me enganei, se tive mau respeito,
Andrade, tu o julga; mas espero
De te ser este meu desejo aceito.
E, en quanto mais não peço, isto só quero

(Idem)

Texto 21

Quando entoar começo com voz branda
Vosso nome d'amor, doce e suave,
A terra, o mar, vento, ágoa, flor, folha, ave,
Ao brando som s'alegra, move, e abranda.

Nem nuvem cobre o Céu, nem na gente anda
Trabalhoso cuidado, ou peso grave;
Nova cor toma o Sol, ou se erga, ou lave
No claro Tejo, e nova luz nos manda.

Tudo se ri, se alegre e reverdece.
Todo mundo parece que renova.
Nem há triste planeta, ou dura sorte.

A minh'alma só chora e se entristece.
Maravilha d'Amor cruel e nova:
O que a todos traz vida, a mim traz morte!

(Idem)

Texto 22

Uns olhos que, ao Sol claro, à Lua, ao Norte,
Seu lume tiram, e onde resplandece
Ua divina luz que, aos qu'aparece,
Faz no perigo não temer a morte;

Uns crespos laços de ouro, que o mais forte
Atam, e prendem, de que se enriquece
Amor, e foge, porque não empece
Neles, temendo algũa dura sorte;

Riso, que em riso converte mau pranto,
Esprito, que em mim todo o bem inspira,
Fermosura no Mundo nunca achada;

São a só causa por que assi suspira
Minha alma em vão, e porque em doce canto
Antes será desfeita, que cansada.

(Idem)

JOÃO DE BARROS

Texto 23

Dom Francisco de Almeida visto por João de Barros

(...) Era dom Francisco homem de honrada presença, cavaleiro de conselho de corte, e, por esta e outras qualidades de sua pessoa, mui estimado; e tanto, que sem ser senhor de terras, nem ter ofício, samente com sua moradia e a igreja do Sardoal em comenda, com o hábito de Santiago, era tam estimado que, estando el-Rei dom João, o Segundo, em Benavente, aos montes, pondo-se um dia à mesa a jentar um pouco cedo pera se logo poer a cavalo e ir ao monte, sendo dom Francisco presente à mesa com outros muitos fidalgos, perguntou-lhe el-Rei se havia de ir com ele a monte; e respondendo que si, disse el-Rei:

- Vós não tereis ainda jentado, assentai-vos aqui, comereis comigo.

E assi o fez, servindo a dom Francisco os próprios oficiais d'el-Rei.

Em quanto andou na Índia, onde há matéria de muitos vícios, foi castíssimo, e nunca lhe ninguém sentio cobiça, senão de honra; e de lá, a igreja do Sardoal, que, como dissemos, tinha em comenda, mandou renunciar em o priol dela, dizendo que a comia não com boa consciência; e esta mostrou em tôdalas suas obras.

Era tam escoimado em auctos de cobiça que, quando vinha a tomar lia peça que lhe el-Rei dava de até quinhentos cruzados na tomada de qualquer presa, tomava lia seta, um arco, ou qualquer outra cousa de tam pouco valor. Foi homem que quanto satisfez com estas boas partes que tinha, tanto veo a perder acerca de alguns por ser mui confiado nelas; porque geralmente os homens, a quem Deos dá tantas qualidades, se têm esta confiança, são mui mal acceptos acerca de muitos, principalmente entre a nação portugêes, que concede mui poucas cousas a ninguém. E porque nas que tratavam acerca do galardão das partes, em quanto andou na Índia, assi como acrescentamento de ordenados, dada de officios e mercês que deu em nome d'el-Rei, despendeo e administrou estas cousas segundo a confiança de sua pessoa, e nisto se mostrou mais magnífico capitão que limitado despenseiro.

Teve el-Rei alguns descontentamentos deste seu modo, e muitos que andavam debaixo da sua bandeira muito maior, porque aos Portugueses mais lhes dói e se indinam polo que dão a seu vizinho, que polo que eles não recebem.

E sabendo ele na Índia que cá no reino se não cumpriram alguns ordenados e acrescentamentos que deu aos que militavam naquelas partes, dizia publicamente:

- Eu irei ao reino e apresentarei a el-Rei, meu Senhor, o Regimento que me deu; e se trespassei seus mandados, dando sua fazenda, aí está a minha; e se não abastar pera pagar tanto dano, dir-lhe-ei que outra hora não meta a espada na mão do sandeu.

E de ser mau de contentar das qualidades dos homens, dizia na Índia alglias vezes que neste reino nunca falara de siso senão com dom Rodrigo de Castro, d'alcunha de Monsanto, alcaide-mor de Covilhã, filho bastardo de dom Álvaro de Castro, conde de Monsanto, e com dom Diogo d'Almeida, prior do Crato, seu irmão, e destes ditos não ganhou acerca de muitos boa vontade.

Também dizem que o primeiro queixume ante ele tinha mais {orça pera se indinar, que a desculpa do terceiro para conseguir perdão, principalmente acerca dos vícios que ele avorrecia.

Despois que houve esta triste sepultura onde acabou, vindo o ano de doze, Cristóvão de Brito, com necessidade de água, veo ter ali; e porque Diogo d'Unhos vinha por mestre da sua nao, o qual, como dissemos, fora ali com o Vizo-Rei e o ajudara a enterrar e a Lourenço de Brito, quis Cristóvão de Brito ver a sepultura destes corpos por reverência de cujos eram; e, porque os achou sem sinal de quem ali jazia, mandou a cada um em lugar de campãa cobrir de muita pedra, e em cima lia grande cruz de pao. E però que os seus corpos têm por sepultura aquele tão bárbaro sítio, sem as insígnias da nobreza de cada um, e fora dos lugares sagrados, que a religião cristã concede aos que professam sua Fé, devemos crer que suas almas terão na Glória lugar de eternidade entre os electos de Deos; e que neste Mundo, em quanto durar esta nossa escritura, será pera eles maior louvor, que lia magnífica campãa assentada em mais célebre jazigo. O qual lugar, se algum nome tem de nobreza, é o que lhe tem dado aqueles corpos que ali jazem.

E mais aproveita pera memória de seus trabalhos este nosso cuidado, que quanto tiveram seus herdeiros de mandar buscar seus ossos, e os tirar dequede tam triste desterro.

Mas parece que assi o premite Deos pera exemplo dos que vivem, porque saibam que mais devem fazer conta de adquirir bom nome que fazenda, porque o nome é propriedade eterna e, ainda que seja própria de quem o ganhou, todos têm parte nela pera o louvar, e vai-se multiplicando com este uso; e a fazenda é tão particular que samente seus herdeiros levam, a qual em breve vão deminuindo com o abuso que têm dela, dos quais exemplos o Mundo está cheo, e este nosso regno não tem poucos nos herdeiros daqueles que a ganharam naquelas partes do Oriente.

[...]

(*Década II*, livro III capô X)

Texto 24

Como Vasco da Gama mandou recado a el-rei de Calecut, que era chegado ao porto de sua cidade e depois, por sua licença, se viu com ele

(...) Posto o Catual e ele [Vasco da Gama] em caminho pera Calecut que seria dali cinco léguas, começaram os doze que levava ficar de dous em dous, porque, além do caminho ser de are a e eles desacostumados de caminhar, era tam grande o curso dos que levavam o andor que em todo o caminho foi Vasco da Gama sem eles, até à noite se ajuntaram em um lugar onde o catual dormio.

Quando veo ao outro dia, que tornaram a caminhar, chegaram a um grande templo do gentio da terra, mui bem lavrado de cantaria, com um coruchéo cuberto de tijolo, à porta do qual estava um padrão grande de latão, e em cima, por remate, um galo. E dentro, no corpo do templo, estava um portal, cujas portas eram de metal per que entravam a uma escada que subia ao coruchéo, ao pé do qual, onde ficava o redondo dele em modo de charola, estavam algumas imagens da sua adoração.

Os nossos, como iam crentes ser aquela gente dos convertidos pelo apóstolo São Tomé, segundo a fama que cá nestas partes havia e eles achavam por dito dos mouros, alguns se assentaram em giolhos a fazer oração àquelas imagens, cuidando serem dignas de adoração. Do qual aucto o gentio da terra houve muito prazer, parecendo-lhe sermos dados ao culto d'adorar imagens, o que eles não viam fazer aos mouros.

(...) Partidos deste templo, chegaram a outro junto de tia povoação onde estava apousentado outro Catual, pessoa mais notável que vinha per mandado do Çamori receber Vasco da Gama. O qual, quando saío a ele, era com muita gente de guerra, todos adargados a seu modo, tão postos em ordem com seus instrumentos de tanger pera os animar, que folgaram os nossos em os ver naquela ordenança, e mais sendo feita por honra de sua vinda.

Chegado o Catual a Vasco da Gama, depois que segundo seu uso o recebeo com muita cortesia, mandou-lhe dar outro andor que trazia adestro, melhor concertado que

aquele em que vinha, e, sem fazer mais detença, seguiram seu caminho aos paços d'el-Rei, onde Vasco da Gama esperou polos seus que não podiam aturar o curso daqueles que levavam o andor; e o maior dano que recebiam era do grande povo que quase os levava afogados polos ver. E ainda sobr'isso, à entrada de um grande terreiro cercado, era tanta pressa por entrarem na volta deles, que veo o negócio às punhadas e daí ao ferro, em que houve feridos e um morto, primeiro que os oficiais de el-Rei apagassem o arroído, e, porém, sempre tiveram tanto resguardo em as pessoas dos nossos que em toda a revolta não lhe foi feito algum desacatamento.

Passado aquele terreiro, entraram em um páteo de alpênderes, onde acharam Vasco da Gama e o Catual com algia gente mais limpa, esperando por eles; e, sem tomar algum repouso daquela afronta em que vinham, entraram todos em lia gram casa térrea em que estava aquele grande Çamori da província Malabar per eles tão desejado de ver; de junto do qual se alevantou um homem de grande idade, que era o seu brâmane maior, vestido umas vestiduras brancas, representando nelas e em sua idade e continência ser homem religioso. E, chegando ao meio da casa, tomou Vasco da Gama pela mão e o foi apresentar ao Çamori, o qual estava no cabo da casa lançado em lia camilha coberta de panos de seda, posto em um leito a que eles chamam cátel; e ele vestido com um pano d'algodão burnido com alglias rosas d'ouro batido semeadas per ele, e na cabeça lia carapuça de brocado, alta, à maneira de mitra cerrada, chea de perlas e pedraria; e per os braços e pernas, que estavam descobertos, tinha braceletes d'ouro e pedraria. E a lia ilharga deste leito, em que jazia, com a cabeça posta sobre lia almofada de seda rasa com labores d'ouro à maneira de broslado, estava um homem que parecia em trajo e ofício dos mais principais da terra, o qual tinha na mão um prato d'ouro com folhas de bétele, que eles usam remoer por lhe confortar o estômago.

O Çamori, posto que no ar do rosto recebeo Vasco da Gama com graça, tinha tamanha majestade e assi estava grave naquele seu cátel, que não fez mais movimento par'ele, quando lhe falou, que levantar a cabeça d'almofada, e de si acenou ao brâmane que o fizesse assentar em uns degraos do estrado em que tinha o cátel, e aos de sua companhia em outra parte, um pedaço afastados, por ver que haviam mister tomar algum repouso, segundo vinham afrontados do caminho. E, depois que per um espaço grande esteve notando as pessoas, trajos e auctos deles, e praticando em palavras gerais com Vasco da Gama, recebidas dele duas cartas que lhe mandava el-Rei dom Manuel, lia escrita em arávigio, e outra, em língua portugûês, que era da mesma substância, disse-lhe que ele as veria, e depois mais de vagar ouveria a ele, que por então se fosse a repousar.

Que, quanto ao seu gasalhado, visse com quem queria que fosse, se com mouros ou com os naturais da terra, pois ali não havia gente da sua nação, segundo tinha sabido.

Ao que Vasco da Gama respondeo que entre os mouros e cristãos havia diferença acerca da lei que tinham, e outras paixões particulares, e que como os seus vassalos, por ele e os de sua companhia não saberem seus costumes, se temiam de os poder anojar, pedia a sua real senhoria que os mandasse apousentar sem companhia algia.

O que aprouve ao Çamori mandando ao Catual que o contentasse, e louvou Vasco da Gama de homem prudente e cauteloso nas cousas da paz, segundo o mouro Monçaide lhe veo contando pelo caminho, até chegarem à cidade de Calecut, já bem noite.

(Década I, livro IV, cap. VIII)

Texto 25

[... Nação a que Deus deu tanto ânimo descuidada na posteridade de seu nome]

Partido Vasco da Gama, não mui contente da espedida que ouve em seu despacho, quando veo ao seguinte dia, andando em calma pouco mais de légua e meia de Calecut, vieram a ele obra de sessenta tonés, que são barcos pequenos atulhados de gente, parecendo-lhe que por ser muita tinham pouco que fazer com a nossa, però, como sentiram seu dano com a artelharia que ao longe os foi receber, e principalmente com uma trovoadá que os derramou, eles tomaram por acolheita a terra e os nossos o mar, seguindo seu caminho à vista da costa.

E desejando Vasco da Gama meter nela um dos padrões que levava, porque outro que mandou ao Çamori per Diogo Dias pera se poer na cidade, segundo ficava na vontade dos mouros, era certo que não havia de estar muitas horas em pé, tanto se chegou à terra pera escolher lugar notável onde o pusesse, que veo dar com ele um toné de pescadores.

Per o qual escreve o ao Çamori per mão de Monçaide, em que se queixou dos enganos que com ele usaram na entrega da gente e fazenda que tinha em terra, onde lhe ficava boa parte. E que não houvesse por mal levar ele consigo alguns dos seus naturais, porque não era a fim de represália da fazenda, mas pera el-Rei, seu Senhor, por eles se poder informar de seu estado e das cousas do seu reino, e ele Çamori per o mesmo modo saber as de Portugal, quando ele, Vasco da Gama, ou outro capitão tornasse àquela sua cidade, que seria o ano seguinte, como ele esperava em Deos, pera confusão dos mouros.

(...) Espedido este barco, [Vasco da Gama] tornou a seguir seu caminho com desejo de meter o padrão que dissemos, e, por não achar lugar mais à sua vontade, em uns ilhéos pegados com terra meteo um per nome Santa Maria, donde os ilheos se chamam ora de Santa Maria, os quais estão entre Bacanor e Baticalá, dous lugares notáveis daquela costa, e no arvorar dele se achou algum gentio da terra que o fizeram com muito prazer por o bom tratamento que lhe Vasco da Gama fazia e cousas que dava.

Assi que, com este padrão que foi o derradeiro em tempo, leixou Vasco da Gama nesta viagem postos cinco padrões: São Rafael, no rio dos Bons Sinais, São Jorge, em Moçambique, Santo Spírito, em Melinde, Santa Maria, nestes ilhéos, e o último, per sítio em Calecut, chamado São Gabriel. Os quais, perá que não sejam postos per nação tão gloriosa de escrever, como foi a gente Grega, nem o nosso estilo possa alevantar a glória deste feito no grao que ele merece, ao menos será recompensado com a pureza da verdade que em si contém.

Não contando os fabulosos trabalhos de Hércules em poer suas colunas, nem pintando algüa argonáutica de capitães gregos, em tão curta e segura navegação como é de Grécia ao rio Fafo, sempre à vista da terra, jantando em um porto e ceando em outro, nem escrevendo os errores de Ulisses sem sair de um clima, nem os vários casos de Eneas em tam breve caminho, nem outras fábulas da gentilidade grega e romana, que, com grande engenho na sua escritura, assim decantaram e celebraram a empresa que cada um tomou, que não se contentaram com dar nome de ilustres capitães na terra aos autores destas obras, mas ainda com o nome de deoses os quiseram colocar no céu.

E a gente português, católica per fé e verdadeira adoração do culto que se deve a Deos, arvorando aquela divina bandeira de Cristo, sinal de nossa redenção, de que a igreja canta *Vexilla regis prodeunt*, não somente à vista dos mouros de África, Pérsia e Índia, pérfidos a ela, mas diante de todo o pagaísmo destas partes que dela nunca tiveram notícia, e isto navegando per tantas millégoas que vêm a ser antípodas de sua própria pátria, cousa tam nova e maravilhosa na opinião das gentes, que até doctos e mui graves barões em suas escrituras puseram em dúvida de os haver; nas quais partes, eles houveram vitórias de todas estas nações, contendendo com os perigos do mar, trabalhos de fome e sede, dores de novas enfermidades e, finalmente, com as malícias, traições e enganos dos homens, que é mais duro de sofrer; assim são próprias todas estas cousas em a nação português, e as tem por tam natural mantimento depois que nagem, que os faz fastientos no trabalho de as querer contar e escrever, como se tevesse a seus próprios feitos ódio pera os ouvir, depois que os faz, como são apetitosos pera os cometer e apressados no aucto de os fazer, e constantes em os segurar.

Certo, grave e piadosa cousa de ouvir, ver ila nação a que Deos deu tanto ânimo que, se tevera criado outros mundos já lá tevera metido outros padrões de vitórias, assi é descuidada na posteridade de seu nome, como se não fosse tam grande louvor dilatá-lo per pena, como ganhá-lo pela lança.

(*Idem* Década I, livro IV, cap. XI)

DAMIÃO DE GÓIS

Texto 26

Melinde

A cidade de Melinde jaz de longe na praia em um campo raso cercado de palmares e areais; tem muitos pomares e hortas com noras, de boa hortaliça e fruta de espinho e outras prumagens. Tem o surgidouro longe da povoação, por estar em costa brava. A terra é fértil de mantimentos e criações de gado, galinhas e caça, tudo muito barato.

É bem arruada; as casas são de pedra e cal e cantaria, com eirados muito formosos da banda de fora e de muito ricos labores e pinturas por dentro.

Os naturais da terra são gentios, baços, de cabelo revoltado, bem dispostos. Os estrangeiros são moiros arábios; andam nus da cinta para riba, e para baixo cingidos com panos de seda e algodão. Os nobres os usam sobraçados; nas-cabeças trazem fotas com cadilhos de seda e ouro. Suas armas são terçados, lanças, adargas, arcos' e frechas. Tratam-se muito bem. Têm grande opinião de cavaleiros; contudo, naquelas partes, quando se quer dar louvor ao melhor de cada cidade, dizem «cavaleiros de Mombaça e damas de Melinde», por serem formosas, cortesãs e bem ataviadas.

Os mais dos mercadores que vivem nesta cidade são guzerates do remo de Cambaia.

Na terra há oiro, âmbar, marfim, breu e cera.

O rei é moiro, serve-se com muitas cerimónias e tem assaz bom estado.

(«Crónica de D. Manuel», in *Alma Pátria - Pátria Alma*, 2.º vol.,
Domingos R. Pechincha e J. Nunes de Figueiredo, Porto, Porto
Editora, s.d.)

Texto 27

D. Manuel

Foi el-rei Dom Manuel homem de boa estatura, de corpo mais delicado que grosso, a cabeça sôbelo redondo, os cabelos castanhos, a testa alevantada e bem descoberta deles, os olhos alegres entre verdes e brancos, alvo, risonho, bem assombrado, os braços carnudos e tão compridos, que os dedos das mãos lhe chegavam abaixo dos joelhos. Tinha as pernas tão compridas e tão bem feitas, segundo a proporção do corpo, que nenhuma coisa mais se lhes podia desejar. Tinha a voz clara e bem entoada, era mui atentado no falar -, e mui honesto e discreto em suas práticas.

Quando comia, posto que fosse apressado no comer, nem por isso deixava de praticar e disputar com letrados que sempre estavam à sua mesa, e sobretudo com homens estrangeiros ou com alguns dos seus que andaram fora do Reino.

Foi sofrido, manso e clemente: perdoava facilmente qualquer desgosto que tivesse dos que tocavam a sua fazenda e pessoa, porque, nos casos da justiça, seguia a ordem dela, posto que fosse algumas vezes com dilações e alvarás de espera, uns em contrário dos outros, o que, por ser de boa condição e mavioso, concedia tão facilmente que, por esse respeito, a uns se divertia a justiça e a outros se alongava.

Foi mui prudente, de claro e bom juízo, o que lhe causava não ser tão sujeito ao parecer dos do seu Conselho como o era o seu particular appetite; contudo, as mais das coisas que intentou, ou por conselho ou por seu parecer, lhe sucederam bem.

Foi mui músico de vontade, tanto que as mais das vezes que estava em despacho, e sempre pela sesta, e depois que se lançava na cama era com ter música; e, assim, para esta música de câmara como para sua capela, tinha estremados cantores e tangedores, que lhe vinham de todas as partes da Europa, a que fazia grandes partidos e dava ordenados com que se mantinham honradamente; e, além disto, lhe fazia outras mercês, pelo que tinha uma das melhores capelas de quantos reis e príncipes então viviam. Todos os domingos e dias santos jantava e ceava com música de charamelas, sacabuxas, cometas, harpas, tamboris e rabecas; e, nas festas principais; com atabales e trombetas, que todos, enquanto comia, tangiam cada um por seu giro. Aléin destes, tinha músicos mouriscos, que cantavam e tangiam com alaúdes e pandeiros, ao som dos quais, e assim das charamelas, harpas, rabecas e tamboris, dançavam os moços fidalgos, durante o jantar e ceia. O serviço de sua mesa era esplêndido, como a rei pertence. Continuadamente todos os domingos e dias santos e alguns de fazer, enquanto foi casado, dava serão às damas e galantes, em que todos dançavam e bailavam, e ele algumas vezes

Foi o primeiro rei cristão da Europa a que vieram elefantes da Índia, dos quais teve cinco juntos, quatro machos e uma fêmea, que, quando cavalgava pela cidade, ou caminhava, iam diante dele. A estes precedia, tão afastada que se não via, a ganga ou rinocerota, e, atrás dos elefantes, ia, diante de el-rei, um cavalo acobertado pérsio, nas ancas do qual um caçador pérsio levava uma onça de caça que lhe mandara el-rei de Ormuz; a qual onça e um elefante e rinocerota mandou ao papa Leão; com a qual pompa, atabales e trombetas cavalgava el-rei muitas vezes pela cidade, e quando caminhava.

Trazia continuamente na sua corte chocarreiros castelhanos, com os motes e ditos dos quais folgava, não porque gostasse tanto do que diziam, como o fazia das dissimuladas repreensões que, com jeitos e palavras trocadas, davam aos moradores de sua casa, fazendo-lhes conhecer as manhas, vícios e modos que tinham, de que se muitos tiravam e emendavam, tomando o que estes truões diziam com graças por espelho do que haviam de fazer.

Os mais dos domingos e dias santos, ia, depois de comer, ver correr a carreira, e a corria; ao que, além dos seus moradores, se ajuntavam muitos dos cidadãos das cidades e vilas onde estava, e perante ele a corriam, que era causa de naquele tempo haver muitos e bons cavalos no Reino, e muitos e bons cavalgadores. O tempo que estava em Lisboa, nos domingos e dias santos em que não ia à carreira, e em alguns da semana, ia folgar em um batel, feição de galeota, toldado e embandeirado de seda, levando sempre consigo música e algum oficial seu, com que ia despachando; e as mais das vezes chegava aos cais dos Paços de Santos-o-Velho, onde Duarte Foreiro, cavaleiro de sua casa, a quem em parte de satisfação de seus serviços dera o ofício de guarda deles, lhe mandava trazer de merendar de muitas frutas verdes, conservas e coisas de açúcar, vinho e água, do que também comiam os fidalgos que, a seu chamado, iam com ele no batel, e assim toda a mais companhia de músicos, moços fidalgos, da câmara, e remeiros, para as quais merendas tinha mercês ordinárias que lhe el-rei para isso fazia ...

(Idem)

DIOGO DO COUTO

Texto 28

O primeiro cerco de Diu

António da Silveira estava no seu lugar, prevendo tudo, mandando reforçar o baluarte com mais gente, acudindo ali aqueles capitães que chegaram de Goa de refresco, tomando os lugares mais perigosos, obrando todas as coisas dignas do valor português. E tudo foi necessário, porque os Turcos pelejavam com desesperação, apostados todos a morrerem daquela feita ou concluírem com aquela fortaleza; e assim se metiam pelo

fogo como bárbaros, sem ordem nem consideração, o que tudo era muito diferente nos Portugueses, que pelejavam com muita confiança, segurança e ordem, porque, com serem tão poucos, assim estavam repartidos por seus lugares, que nem os que pelejavam com as espingardas embarçavam aos das panelas de pólvora, nem os dos bicheiros tinham quem os estorvasse; e assim faziam coisas tão grandes e tão admiráveis que em pouco espaço puseram os inimigos em desconfiança, porque lhes tinham tantos mortos e abraçados, que os vivos lhes era necessário, para pelejarem, [andar] por cima dos que estavam estirados, acabando-os de matar.

Aqui foi a revolta tamanha, que parecia que se entrava a fortaleza; e o reboiço por ela foi tal, que chegou esta voz a casa de Fernão Lourenço, marido daquela boa Ana Femandes que estava curando os feridos que àquela hora chegaram do baluarte do mar. E, sendo ouvido por Fernão Penteado (que estava aguardando que se acabasse de curar outro, para o ele fazer também) e perguntando o que era, dizendo-lhe que se entrava o baluarte, não lhe sofrendo o coração e ânimo português estar ali, saiu-se pela porta fora com uma alabarda nas mãos, e, subindo ao baluarte, passou com grande fúria por todos até o lugar da batalha, em que começou a fazer maravilhas, apresentando-se no maior perigo, até que lhe deram outra cutilada pela cabeça, que o obrigou a ir buscar o remédio para ambas.

Chegando a casa do surujão, achou-o ocupado na cura de outros homens, porque não tinha hora vaga; e, como o negócio do baluarte esteve desta vez muito arriscado e nele cresciam os gritos e alaridos cada vez mais, e pelas ruas andavam correndo mulheres e meninos pedindo misericórdia a Deus, com grandes gritos e prantos, dando isto outra vez nos ouvidos de Fernão Penteado, afirmando-se que o baluarte era perdido, fervendo-lhe o coração no peito, porque estava ali ocioso, havendo que o lugar da briga era o mais seguro e descansado, sem esperar pela cura, tomou a lançar pela porta fora e, entrando no baluarte, passou ao lugar da briga, que estava no mais arriscado ponto em que nunca se viu, por terem os Turcos espalhado o fogo, e já pelejavam sobre a entrada da parede. E, como se não tivera coisa alguma, começou a pelejar como um leão, por um grande espaço, até que a fortuna, invejosa do valor de seu braço, ordenou que lhe dessem por ele uma lançada que de todo o inabilitou para mover as armas; e, sendo-lhe necessário recolher-se, o fez com muita tristeza e mágoa de seu coração, por ser a ferida por parte que não podia tomar dela satisfação, e foi demandar a casa do mestre, onde se curou de três feridas, que eram bem perigosas, de que sarou.

Mas o que o ferro e o fogo não puderam acabar, o fez a água, porque, depois deste cerco passado, morreu este valoroso soldado em uma fusta que se perdeu. E, posto que não chegou a ter satisfação de seus merecimentos, dar-lha-emos nós nesta nossa história, com o deixarmos conhecido ao mundo, enquanto ele durar; porque estes são os galardões que os varões famosos mais pretenderam que todos, que os filósofos antigos houveram pelos maiores prémios que a virtude podia ter, como sentia Bruto, escrevendo a Cicero, dizendo assim: «Que coisa há melhor que a memória dos bons feitos?» - posto que os ilustres ânimos não vão tanto após os prémios e louvores quanto após a virtude; porque, ainda que muitos, por sua grandeza de ânimo, não procurassem glória, nem por isso deixaram de a alcançar, porque depois lhe veio com maior vontade; e bem se sabe que nenhuma virtude recebe tantos louvores como a fortaleza.

(*Década IV*, in *Alma Pátria - Pátria Alma*, 2.º vol., Domingos R. Pechincha e J. Nunes de Figueiredo, Porto, Porto Editora, s.d.)

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA

Texto 29

Ao longo da terra com o mar em bonança

O navio do capitão Martim Afonso de Meio Jusarte perseguia inimigos no mar entre Bengala e Pegu. Naufragou durante uma tempestade, ao longo da cidade de Arração, salvando-se, porém, a tripulação. Receoso dos Mouros, não consentiu no desembarque e o batel de salvação foi aportar num lugar deserto.

Indo Martim Afonso ao longo da terra, com o mar em bonança, viram um ribeiro que se metia no mar, com que deram muitas graças a Nosso Senhor; e, porque ali não parecia povoação, segurou-se Martim Afonso e mandou a Diogo Pires d'Eça e Nuno Fernandes Freire, e a outros dois, que fossem encher de água uma jarra martabana, que levaria dois almudes.

E, estando tomando água, acertaram dois homens da terra de chegar ao ribeiro com uma panela de arroz cozido que ainda levavam quente; e Nuno Fernandes lho comprou e levou-a com água a Martim Afonso; e, querendo ele partir o arroz por todos, lhe pediram que o comesse só, porque para todos não era nada e para ele só seria alguma coisa; e não quis senão parti-lo, e a cada um coube um bocado.

E, porque da água era necessária grande provisão, se fartaram ali dela e levaram a jarra cheia; e, por lhes durar, molhava Martim Afonso a ponta de um lenço na água e dava-o a chupar a cada pessoa certas vezes no dia; e o outro tempo tinham na boca um pelouro de espingarda para não haverem sede, e comiam alguns bocados de biscoitos para se susterem. E com esta dieta tão trabalhosa navegaram cinco dias, sustendo-os Nosso Senhor milagrosamente; e, no cabo deles, chegaram à barra de Arração.

Como a Martim Afonso lhe pesasse muito de se entregar aos Mouros, porque sabia quão desleais e falsos são, trabalhava por buscar todos os modos que podia para se não entregar. E, porque sentia nos mais dos Portugueses enfadamento de tanta má vida, não ousou de lhe dizer o que temia dos Mouros, por que não cuidassem que ele não queria desembarcar, senão trazê-los na barquinha, e que, desesperados, fizessem algum desatino; e, por isso, dissimulou com eles, dizendo-lhes que, antes que se fossem para Arração, fossem ver a uns ilhéus que ali estavam perto, se por ventura estariam ali alguns dos seus navios, e, quando não, algum fato, se fossem perdidos, que o mar ali lançasse, e depois se iriam para Arração.

E, consentindo que fossem, mandou remar para lá, e, começando de atravessar, acalmou o vento, e o mar ficou cavado, e era tão vauzeiro que metia a barquinha no fundo com a água que lhe entrava, que vazavam com um capacete e com uma bacinica que levavam. E aqui se viram de todo perdidos, pelo que chamaram muito devotadamente por São Lourenço, a quem prometeram suas esmolas; e Nosso Senhor, por rogos do bem-aventurado mártir, os livrou deste perigo, a cuja honra depois mandou Martim Afonso fazer uma ermida em sua quinta no termo de Óbidos; e, livres do mar, chegaram ao ilhéu em cuja praia, logo em desembarcando, acharam dois sacos de biscoitos todo

molhado e uma arca de pau e dentro alguns guingões, de que depois fizeram arrombadas à barquinha.

E nisto conheceram que algum navio dos que buscavam era perdido, e viram que o ilhéu era quase tudo praia, pequeno e redondo, e, no meio dele, debaixo de umas árvores altas, estava um charco de água nadível, em que andavam peixes; mas a água cheirava mal e amargava; e por ali havia umas faveiras, como as nossas, com favas, umas verdes e outras secas. Os Portugueses em as vendo aremessaram-se a elas, com a fome que levavam, comendo muitas; e parece que, por terem esta propriedade, os mais dos que as comiam começaram logo de arreessar e sair tudo juntamente, como se comeram alguma peçonha e caíam no chão, muito fracos e desacordados, pelo que os outros cessaram de as comer. E Martim Afonso acudiu mui triste, cuidando que aquilo fosse peçonha, e fez agasalhar os doentes, ainda que não havia outras camas senão a areia; e assim andou até que anoiteceu; e quis-lhe Nosso Senhor bem, que fazia luar para os alumiar.

E andando passeando Nuno Fernandes Freire e Francisco Mendes ao longo do mar, por não poderem dormir com o cuidado do perigo em que se viam, viram sair da água uma tartaruga; e, indo após ela até onde tinha perto de duzentos ovos, tomaram-na com eles e levaram-na a Martim Afonso, que a mandou logo fazer em pedaços para comerem; e fizeram muitos, por ser maior que uma grande rodela; e as gemas dos ovos deitou em uma bacinica e, coalhados ao fogo, os deu por sua mão aos doentes, com que os esforçou; e assim comeram todos da tartaruga assada, e do biscoito, e almeirões cozidos, que havia ali muitos; e coziam-nos em água em um capacete, que, ainda que era ferrugento e os almeirões sabiam a ferrugem, sabiam bem com a fome. E ao outro dia tomaram outra tartaruga, a que acharam mais duzentos ovos, e com este refresco sararam os doentes e esforçaram os sãos algum tanto, em três dias que ali estiveram.

E, vendo Martim Afonso a gente contente, rogou-lhes que não fossem a Arração, porque tinha grande dúvida no senhor daquela cidade, por ruindades que sabia que fizera a Portugueses que ali foram mais prósperos do que eles iam, mas que fossem a Chetigão, outra cidade de el-rei de Bengala, que um português dos da companhia, que já fora nela, lhe dizia que era perto, e que ali os agasalhariam bem, por amor de que navegavam e tinham necessidade da amizade dos Portugueses; e todos disseram que fossem.

E, atravessando a costa, chegaram a uma praia onde viram muitos palmitos; e, vendo Martim Afonso a terra despovoada, desembarcou ali com todos e mandou tirar a barquinha em terra e, com pedaços das tartarugas, que ainda levava, e alguns ovos, e com biscoitos, ajuntaram os palmitos e refrescaram; e com boa água que acharam, deixaram-se estar três dias; e de noite dormiam dois marinheiros na barquinha, e de quando em quando se levantava Martim Afonso e vigiava.

(«História do Descobrimento e Conquista da Índia», in *Alma Pátria*
– *Pátria Alma*, 2.º vol., Domingos R. Pechincha e J. Nunes de
Figueiredo, Porto, Porto Editora, s.d.)

Texto 30

«Logo deram às velas»

... El-rei foi contente por saber que era Vasco da Gama experimentado nas cousas do mar em que tinha feito muito serviço a El-rei D. João; e que era homem de grandes espíritos, e muito próprio para dar fim a este descobrimento, e assim lho disse, quando lhe deu este cargo, encomendando-lhe muito que satisfizesse ao crédito que tinha nele, porque, se assim o fizesse, lhe faria por isso mui grandes mercês, que lhe logo começou de fazer de ua comenda e de dinheiro pera o apercebimento da sua viagem. E, pera irem com ele, despachou também a Paulo da Gama e a um Nicolau Coelho, ambos criados de El-rei e homens pera qualquer grande feito. E, porquanto nos navios da armada não podiam ir mantimentos que abastassem à gente dela até três anos, comprou El-rei ua nau a um Aires Correa de Lisboa, que era de duzentos tonéis, pera que fosse carregada de mantimentos até à aguada de S. Brás, e ali se despejaria e a queimariam.

Despachado Vasco da Gama em Montemor-o-Novo, onde El-rei estava, partiu-se com seus capitães pera Lisboa, onde, feita sua armada, se embarcou a gente dela, que foram cento e quarenta e oito pessoas, em Restelo que era uma légua de Lisboa, um sábado oito dias de Julho do ano de mil quatrocentos e noventa e sete. E, ao embarcar, saíram todos em procissão, de Nossa Senhora de Belém, que é agora um mosteiro da ordem de S. Jerónimo e iam em pelote e Círios acesos nas mãos, e os frades rezando; e ia com eles a maior parte da gente de Lisboa, e a mais dela chorava com piedade dos que se iam embarcar, crendo que haviam todos de morrer.

Embarcados todos e Vasco da Gama com os outros capitães, logo deram às velas e se partiram de foz em fora. E Vasco da Gama ia na nau S. Gabriel e levava por seu piloto a um Pero de Alenquer que fora piloto de Bartolomeu Dias, quando fora descobrir o rio do Infante; e Paulo da Gama ia em S. Rafael, e Nicolau Coelho na caravela Bérrio, e um Gonçalo Nunes, criado de Vasco da Gama, ia por capitão da nau dos mantimentos. E na sua companhia ia Bartolomeu Dias e 11 caravela até a Ilha de Cabo Verde, e daí havia de ir à Mina. E Vasco da Gama mandou a todos que, sendo caso que se perdessem uns dos outros, que fizessem seu caminho para as Ilhas de Cabo Verde, e ali se aúntariam. E, seguindo sua viagem, dali a oito dias houve vista das Canárias.

(Idem)

Texto 31

De como o Governador chegou ao porto de Maçúá, e de como soube que Mateus era verdadeiro Embaixador do Preste

No porto desta ilha de Maçúá estavam duas grandes naos de mouros de Cambaia, e assi muitas gelvas de mouros doutras partes que, como viram a nossa frota, se levantaram logo, e, dando à vela, se acolheram por este estreito a diante. E Jerónimo de Sousa deu caça às naos e aferrou com ua que queimou e o bergantim foi após as gelvas até

defronte d' Arquico, ua boa vila de casas de pedra e cal, de que se espantando os nossos, como não podiam alcançar as gelvas, se poseram a olhá-la.

(...) E nisto viram de terra fia almadia com três homens que, abordando com o bargantim se lançaram dentro, perguntando aos nossos, por aravia, que homens eram, e por ela lhes foi respondido que eram cristãos, vassalos d'el-rei de Portugal. E dous deles, em o ouvindo, beijavam os pés ao capitão, com prazer, dizendo: «Cristão, cristão!, Jesu Cristo, filho de Santa Maria!», pedindo-lhe que os levasse ao capitão-mor da nossa frota, porque lhe levava fia carta do capitão d' Arquico e contaram-lhe como ele soubera dos mouros de Maçuá que aquela frota era de cristãos, e um deles pediu licença pera lhe ir afirmar que si, era; e logo se foi; e os dous ficaram, de que um era cristão abexim e outro mouro. E ambos foram levados ao Governador, que já estava surto, que, sabendo cujos eram, lhes fez muito gasalhado com grande alvoroço por se ver em terra de cristãos. E depois o cristão lhe deu a carta que lhe levava, e assi um anel de prata que lhe o capitão manda va em sinal de paz, que ele tomou com muita festa por ser seu, e mandou ler a carta que dizia que o capitão d' Arquico dava muitas graças a Nosso Senhor Deos porque eram compridas as profecias que eles tinham naquela terra que diziam que haviam de vir cristãos à ilha Maçuá e, por isto que eles sabiam, desejavam muito sua vinda; e, pois o Governador era o senhor do mar, que ordenasse da terra o que bem parecesse, porque ele, com a fé que tinha de ser aquela frota de cristãos, não despejava a vila e os estava esperando, pedindo-lhe que lhe mandasse um sinal de paz e d'amizade. E ouvidas estas palavras polos da capitânia, choravam os mais com prazer de se ver naquela terra de cristãos que havia tanto tempo que estava escondida.

O Governador, depois de dar de vestir aos do capitão, mandou-lhe fia bandeira de damasco branco com fia cruz vermelha, em sinal de paz, e respondeo-lhe com outra carta e tornou-os a mandar no bargantim. E, quando partio, desparou toda a artelharia da frota em sinal de festa; e antes do bargantim chegar a terra um pedaço, lançou-se o mouro a nado, pera que fosse dar nova, primeiro que o bargantim chegasse, da bandeira que levavam ao capitão. O que sabido em Arquico foi o alvoroço tamanho assi nos cristãos como nos mouros, que bem duas mil almas foram correndo à praia: e vendo o bargantim que chegava ao porto, deitavam-se no mar com grande alegria e pegavam dele pera o levar a terra.

E nisto veo o capitão da vila e recebeo a bandeira com grande reverência, adorando a cruz e fazendo muito gasalhado aos nossos, mandou ordenar sua gente em procissão e co'ela foi a bandeira levada à vila, e foi arvorada sobre as suas casas; e, porque lhe o governador escrevia que se queria ver co'ele, e assi ver alguns frades dum mosteiro chamado Bissão, que estava dali a vinte légoas, mandou-os logo chamar e o barnegais a quem ele era sujeito. E barnegais é nome d'ofício que naquela terra é como condestabre, marichal ou fronteiro-mor; e estendia-se sua jurdição da vila d' Arquico até à cidade de Cuaquém que são sessenta légoas polo sertão, e era vassalo do Preste, e tinha continuamente guerra com um rei mouro comarcão daquela terra.

E isto feito, mandou-o dizer ao Governador, que entre tanto foi ver a ilha de Maçuá pera repartir polas naos muitas cisternas d'ágoa doce que lhe diziam que havia nela; e assi achou que eram quarenta e nove e todas cheas e fechadas com chave pera o tempo da necessidade. E repartidas as cisternas pera as naos fazerem agoada, vio toda a ilha pera

levar dela enformação, se ainda em algum tempo quisesse mandar fazer ali lia fortaleza; e vio que tinha muito bom porto çarrado e de bom fundo, e a parte da ilha onde estavam as cisternas era de pedra e a outra parecia furtada ao mar. E mandando-a medir, achou que tinha mil e duzentas braças de roda, e que era comprida e, no meio, onde era mais estreita, tinha de largura duzentas e quarenta, e, em um dos cabos, duzentas e sessenta e em outro duzentas e cinquenta. E havia na terra grande criação de vacas e muitas gazelas, e tantas lebres que as matavam os nossos a pé, e do mais era mui desposta pera se fazer nela quanto quisessem.

E tornando-se o Governador pera o galeão, vio vir por terra um homem de cavalo com quatro bois diante; e, parecendo-lhe que seria algum recado para ele, mandou chegar o esquife a terra, e o de cavalo se chegou à ágoa, bradando: «Cristãos, cristãos! Jesu Cristo, filho de Santa Maria!» E trazia ùa carta grande de porgaminho estendida, e pintada nela a imagem de Nossa Senhora, com o menino Jesu no colo, e de cada parte um anjo e abaixo os apóstolos. E, apresentando os bois ao Governador, entrou com outros dous no esquife tão sem medo, como que conversara sempre com os nossos.

E o Governador os recebeu muito bem e beijou a imagem muito contente de ver o acatamento e veneração que os Abexins faziam à imagem. E perguntando ao que a trazia, a causa de a trazer, repondeo que pera testemunho de sua cristandade e que o capitão lhe mandara que a levasse, de que também lhe deu ùa carta em que lhe escrevia o que tinha feito.

E estando este homem com o Governador, perguntou a Alexandre d'Ataíde, que era o língua, se houvera na Índia nova de um homem que se chamava Mateus, que fora a buscar os nossos à Índia. E sabendo isto o Governador, pera saber a verdade de Mateus, disse ao língua que fizesse que não sabia dele nada, e que lhe perguntasse que homem era. E o abexim lhe contou quem era, como eu já disse no livro terceiro, quando a rainha Helena o mandou à Índia.

E chegados ao galeão, o Governador mandou por Mateus, que ia com Pero Gomez Teixeira, e como ele chegou foi cousa estranha o grande prazer que os abexins mostraram co ele e beijavam-lhe a mão. E ele, com muitas lágrimas, dava graças a Nosso Senhor que o deixara chegar a tempo em que se mostrasse ser sua embaixada verdadeira e outras boas palavras. E mandou dizer ao capitão que mandasse dizer aos barnegais e aos frades de Bissão que viessem logo em todo caso.

E sabido em Arquico que Mateus estava no porto de Maçuá, ao outro dia o foi ver muita gente e perguntavam por abima Mateus. E abima em sua língua quer dizer padre, como já disse, e assi o honravam eles, beijando-lhe as mãos e os vestidos, que os nossos folgavam muito de ver por se certificarem que fora verdadeiro embaixador, e não echarcovo, como alguns imigos d'Afonso d'Albuquerque deitaram fama, que era quando foi à Índia e depois em Portugal, por onde esteve em descrédito até àquele tempo.

(Idem, Livro V, cap. XXIII)

Prólogo do Livro III

Tito Livio, historiador romano, muito Alta e Sereníssima Rainha N. S., pela história que escreve o da fundação de Roma e do mais que os Romãos fizeram na conquista do seu Império, foi antr'eles tão celebrado que, por isso, o tiveram em grande admiração nas províncias estranhas, em tanto que, muitos naturais delas, sendo Roma naquele tempo a mais notável cousa do mundo, mais iam a ela ver a Tito Lívio que a suas grandezas. E o mesmo fizeram outros muitos historiadores de suas cousas, que, por ventura, não foram tão famosas, se aqueles que as escreveram as não souberam tão bem representar, porque na sua eloquência consiste muito serem elas grandes ou pequenas. O que sentindo bem aquele grande Alexandre, teve Aquiles por tão bem-aventurado em ter Homero por escritor de suas façanhas (como testificam aqueles dous versos tão notórios que disse quando vio a imagem d'Aquiles) e desejou tanto que Homero fora em seu tempo pera escrever suas cousas, que, dizendo-lhe üa vez um seu que lhe levava üa grande nova, perguntou se era de Homero ressuscitado.

E vendo eu quam estimados eram os historiadores de cousas dignas de memória, posto que fique muito abaixo do engenho de Homero e não chegue à eloquência de Tito Lívio, deu-me ousadia a escrever o que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista da Índia, serem as façanhas tais que em grandeza, fama e admiração, tiveram muita vantagem às que escreveram Tito Lívio e Homero. E tenho que ganhei muito em ser o primeiro português que na nossa língua as ressuscitei, estando mortas de cinquenta anos, e não samente em Portugal, mas em outros reinos, onde desejavam muito de as saber; do que é testemunha imprimir-se agora em Paris, em língua francesa, o primeiro livro desta história, que tornou na mesma língua mestre Nicolao, que cá foi lente d'artes no Colégio Real.

E, afora isto, fui também o primeiro que mostrei o engano que muitos tinham que na língua portuguesa não se podia escrever quanto quisessem, assi como nas outras, se houvesse quem o soubesse fazer. E ajudou-me a mostrar esta verdade aquele grande poeta português, de muito grande erudição, o doutor Francisco de Sá, com as obras que tem compostas na nossa língua, em prosa e em verso, outro Terêncio de nosso tempo, outro Plauto e outro Virgílio, e outro tão maravilhoso engenho como o de cada um destes.

E o galardão, que me deram alguns vossos portugueses, foi acanharem-me as obras de meus trabalhos diante de sua Alteza, poendo nelas tachas, sem as nomearem, pera que eu não soubesse de que me havia de defender, porque se o soubera, eu o fizera, e farei, se o soubere. Que não sou eu de qualidade, nem tenho tão pouca obrigação d'honra que não atente muito bem o que faço, e mais em cousa de tanta importância que havia d'ir diante dos olhos de Su' Alteza. E, se me eu detive vinte tantos anos em escrever esta história, foi porque a fizesse como havia de ser, principalmente na verdade.

E esta certifico a V. A. que a não soube em minha casa, nem a mandei perguntar por escrito aos que a sabiam, porque me não respondessem como s'acertasse, ou por

ocupação, ou por outra qualquer causa. Mas que a fui saber à Índia, passando na viagem bravas e terríveis tormentas, com que me vi perto da morte e sem esperança da vida, com trabalhos de grande fome e de muito maior sede; e lá, com mil perigos, em mui espantosas pelejas de bombardas e espingardas sem conto. E, antr'elas, soube eu a verdade do que havia d'escrever de muitas causas de vista e outras d'ouvida, e nom de quaisquer pessoas, senão de capitães e fidalgos, pessoas de muito crédito que foram presentes a elas, enformando-me por mim mesmo dos mais que pude, o mais miudamente que mo podiam dizer, e afirmando-me de todos, com juramento, que, segundo sua lembrança me falavam verdade. E, pelo mesmo modo, o fiz despois de tornar a Portugal, onde me acabei d'enformar do que não pude saber na Índia de muitos fidalgos e capitães, que eram já vindos de lá, que nunca deixei de ir buscar onde estavam, posto que fosse longe; que também me custou muito trabalho, caminhando por calmas e por frios, o que duvido que outrem podera sofrer.

E bem pode ser que estes, a que perguntei, lhes não lembraria de me dizerem algüas particularidades, ou, pelo grande discurso do tempo se esqueceram dalguns nomes próprios de capitães ou doutras pessoas que diriam uns por outros. Porém a realidade da causa, como passou, foi verdadeira palas muitos que conformavam nela e por achar que era assi em cartas messivas que alguns escreviam a outros do que passava, e assi em trelados e lembranças que muitos curiosos escreveram do que se fazia naqueles tempos. E foi-me grande ajuda, pera me não contentar tudo o que me diziam, o tempo que andei na Índia, e o que vi dela, que, se isso não fora, bem me poderam enganar, como a quem não tinha visto a terra, nem sabia como se podiam ou não podiam fazer nela as causas, nos lugares em que aconteceram.

E por isso, quem há-d'escrever histórias há-de fazer as diligências que eu fiz e ver a terra de que há-de tratar, como eu vi, que assi o fizeram esses historiadores antigos e modernos.

[...]

(Idem)

FERNÃO MENDES PINTO

* A leitura do texto *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto deve ser feita na seguinte edição: *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, J. David Pinto Correia, Lisboa, ed. Comunicação. 1983.

Luís DE CAMÕES

Texto 33

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
a força, a arte, a manha, a fortaleza;
o tempo acaba a fama e a riqueza,
o tempo o mesmo tempo de si chora.

O tempo busca e acaba o onde mora
qualquer ingratidão, qualquer dureza;
mas não pode acabar minha tristeza,
enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
e o mais ledo prazer em choro triste;
o tempo a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
o peito de diamante, onde consiste
a pena e o prazer desta esperança.

(in *Lírica*, Lisboa, I.N.C.M., 1980-1, 3 vols.)

Texto 34

O fogo que na branda cera ardia,
vendo o rosto gentil que eu n' alma vejo,
se acendeu de outro fogo do desejo,
por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
da grande impaciência fez despejo
e, remetendo com furor sobejo,
vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquela flama, que se atreve
a pagar seus ardores e tormentos
na vista de que o mundo tremer deve.

Namoram-se, Senhora, os Elementos
de vós, e queima o fogo aquela neve
que queima corações e pensamentos.

(Idem)

Texto 35

Eu cantei já, e agora vou chorando
o tempo que cantei tão confiado;
parece que no canto já passado
se estavam minhas lágrimas criando.

Cantei; mas se me alguém pergunta quando:
«Não sei, que também fui iússó enganado».
É tão triste este meu presente estado
que o passado por ledó estou julgando.

Fizeram-me cantar, manhosamente,
contentamentos não, mas confianças;
cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, que tudo mente?
Mas eu que culpa ponho às esperanças
onde a Fortuna injusta é mais que os erros?

(Idem)

Texto 36

No mundo quis um tempo que se achasse
o bem que por acerto ou sorte vinha;
e, por experimentar que dita tinha,
quis que a Fortuna em mim se experimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse
que nem ter esperanças me convinha,
nunca nesta tão longa vida minha
causa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,
por ver se se mudava a sorte dura;
a vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas - segundo o que o Céu me tem mostrado -
já sei que deste meu buscar ventura,
achado tenho já que não a tenho.

(Idem)

Texto 37

Com grandes esperanças já cantei,
com que os deuses no Olimpo conquistara;
depois vim a chorar, porque cantara;
e agora choro já, porque chorei.

Se cuida nas passadas que já dei,
custa-me esta lembrança só tão cara
que a dor de ver as mágoas, que passara,
tenho pela pior mágoa, que passei.

Pois logo, se está claro que um tormento
dá causa que outro n'alma se acrescente,
já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente!

(Idem)

Texto 38

No tempo que de Amor viver soía,
nem sempre andava ao remo ferrolhado;
antes agora livre, agora atado,
em várias flamas variamente ardia.

Que ardesse num só fogo não queria
o Céu, por que tivesse experimentado
que nem mudar as causas ao cuidado
mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
foi como quem co peso descansou,
por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
pois para passatempo seu tomou
este meu tão cansado sofrimento!

(Idem)

Texto 39

Erros meus, má fortuna, amor ardente
em minha perdição se conjuraram;
os erros e a fortuna sobejaram,
que para mim bastava o amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
a grande dor das causas, que passaram,
que as magoadas iras me ensinaram
a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
dei causa que a Fortuna castigasse
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! quem tanto pudesse que fartasse
este meu duro génio de vinganças!

(Idem)

Texto 40

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter, com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Idem)

Texto 41

Busque Amor novas artes, novo engenho,
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças,
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que na alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê.

(Idem)

Texto 42

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem - se algum houve - , as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mór espanto:
que não se muda já como soía.

(Idem)

Texto 43

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
algũa cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

(Idem)

Texto 44

Doces lembranças da passada glória,
que me tirou Fortuna roubadora,
deixai-me repousar em paz üa hora,
que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história
deste pasado bem que nunca fora
(ou fora, e não passara); mas já agora
em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, mouro de esquecido
de quem sempre devera ser lembrado,
se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! quem tornar pudera a ser nacido!
Soubera-me lograr do bem passado,
se conhecer soubera o mal presente.

(Idem)

Texto 45

Alegres campos, verdes arvoredos,
claras e frescas águas de cristal,
que em vós os debuxais ao natural,
discorrendo da altura dos rochedos;

silvestres montes, ásperos penedos,
compostos em concerto desigual,
sabei que, sem licença de meu mal,
já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois me já não vedes como vistas,
não me alegrem verduras deleitosas
nem águas que correndo alegres vêm.

Semeari em vós lembranças tristes,
regando-vos com lágrimas saudosas,
e nascerão saudades de meu bem.

(Idem)

Texto 46

Foi já um tempo doce causa amar,
enquanto me enganava a esperança;
o coração, com esta confiança,
todo se desfazia em desejar.

Ó vão, caduco e débil esperar!
Como se desengana ãa mudança!
Que, quanto é mar a bemaventurança,
tanto menos se crê que há-de durar.

Quem já se viu contente e prosperado,
vendo-se em breve tempo em pena tanta,
razão tem de viver bem magoado.

Porém quem tem o mundo experimentado,
não o magoa a pena nem o espanta,
que mal se estranhará o costumado.

(Idem)

Texto 47

Lembranças saídas, se cuidais
de me acabar a vida neste estado,
não vivo com meu mal tão enganado
que não espere dele muito mais.

De muito longe já me costumais
a viver de algum bem desesperado;
já tenho co a Fortuna concertado
de sofrer os trabalhos que me dais.

Atado ao remo tenho a paciência
pera quantos desgostos der a vida;
cuide em quanto quiser o pensamento;

que pois não há ã outra resistência
pera tão certa queda de subida,
aparar-lhe-ei debaixo o sofrimento.

(Idem)

Texto 48

Na ribeira do Eufrates assentado,
discorrendo me achei pela memória
aquele breve bem, aquela glória,
que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
me foi: «Como não cantas a história
de teu passada bem, e da vitória
que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes que, a quem canta, se lhe esquece
o mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte».

Respondo com suspiros: «Quando crece
a muita saúde, o piadoso
remédio é não cantar senão a morte».

(Idem)

Texto 49

Lembranças, que lembrais meu bem passado
para que sinta mais o mal presente;
deixai-me, se quereis, viver contente,
não me deixeis morrer em tal estado.

Mas se também de tudo está ordenado
viver, como se vê, tão descontente,
venha, se vier, o bem por acidente,
e dê a morte fim a meu cuidado.

Que muito milhar é perder a vida,
perdendo-se as lembranças da memória,
pois tanto dano faz ao pensamento.

Assi que nada perde quem perdida
a esperança traz de sua glória,
se esta vida há-de ser sempre em tormento.

(Idem)

Texto 50

Que me quereis, perpétuas saüdades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais
e, se torna, não tornam as idades.

Razão é já, 6 anos, que vos vades,
porque estes tão ligeiros que passais,
nem todos para um gosto são iguais,
nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado
que quase é outra cousa; porque os dias
têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
que do contentamento são espias.

(Idem)

Texto 51

Ah, minha Dinamene, assi deixaste
quem não deixara nunca de querer-te!
Ah, Ninfa minha, já não posso ver-te,
tão asinha esta vida desprezaste!

Como já para sempre te apartaste
de quem tão longe estava de perder-te?
Puderam estas ondas defender-te
que não visses quem tanto magoaste?

Nem falar-te somente a dura morte
me deixou, que tão cedo o negro manto
em teus olhos deitado consentiste!

ó mar, ó Céu, ó minha escura sorte!
Que pena sentirei, que valha tanto,
que ainda tenho por pouco o viver triste?

(Idem)

Texto 52

Ditosa pena, como a mão que a guia
com tantas perfeições da sutil arte,
que, quando com razão venho a louvar-te,
em teus louvores perco a fantasia.

Porém Amor, que efeitos vários cria,
de ti cantar me manda em toda a parte,
não em plectro belígero de Marte,
mas em suave e branda melodia.

Teu nome, Emanuel, de um ao outro pólo
voando, se levanta e te pregoa
agora, que ninguém te levantava.

E porque imortal sejas, eis Apolo
te oferece de flores a coroa
que já de longo tempo te aguardava.

(Idem)

Texto 53

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: «Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida».

(Idem)

Texto 54

Alma gentil, que à firme Eternidade
subiste clara e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
a fama, a glória, o nome e a saudade.

Não sei se é mór espanto em tal idade
deixar de teu valor inveja à gente,
se um peito de diamante ou de serpente
fazeres que se mova a piedade.

Invejosas da tua acho mil sortes,
e a minha mais que todas invejosa,
pois ao teu mal o meu tanto igualaste.

Oh! ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil sortes,
tu com úa s6 morte o alcançaste!

(Idem)

Texto 55

No mundo, poucos anos e cansados
vivi, cheios de vil miséria dura;
foi-me tão cedo a luz do dia escura
que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados,
buscando à vida algum remédio ou cura;
mas aquilo que, enfim, não quer ventura,
não o alcançam trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
pátria minha Alenquer; mas ar corruto,
que neste meu terreno vaso tinha,

me fez manjar de peixes em ti, bruto
mar, que bates na Abássia fera e avara,
tão longe da ditosa pátria minha!

(Idem)

Texto 56

Tanto de meu estado me acho incerto
que, em vivo ardor, tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio;
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando;
num' hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar um' hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora

(Idem)

Texto 57

Descalça vai pera a fonte

MOTE

Descalça vai pera a fonte
Lianor, pela verdura;
vai fermosa e não segura.

VOLTA

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
sainho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a neve pura;
vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos d' ouro o trançado,
fita de cor d' encarnado...
Tão linda que o mundo espanta!
Chove nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fennosa, e não segura.

(*Idem*)

Texto 58

Canção

Vão as serenas águas
do Mondego descendo
mansamente que até o mar não param;
por onde minhas mágoas,
pouco a pouco crescendo,
para nunca acabar se começaram.
Ali se ajuntaram
neste lugar ameno,
aonde agora mouro,
testa de neve e ouro,
riso brando, suave, olhar sereno,
um gesto delicado,
que sempre n' alma me estará pintado.

Nesta florida terra,
Ieda, fresca e serena,
ledo e contente para *mim* vivia,
em paz com minha guerra,
contente com a pena
que de tão belos olhos procedia.
Um dia noutro dia
o esperar me enganava;
longo tempo passei,
com a vida folguei,
só porque em bem tamanho me empregava.
Mas que me presta já,
que tão fermosos olhos não os há?

Oh, quem me ali dissera
que de amor tão profundo
o fim pudesse ver inda alguma hora!
Oh, quem cuidar pudera
que houvesse aí no mundo
apartar-me eu de vós, minha Senhora,
para que desde agora
perdesse a esperança,
e o vão pensamento,
desfeito em tun momento,
sem me poder ficar mais que a lembrança,
que sempre estará firme
até o derradeiro despedir-me.

Mas a mor alegria
que daqui levar posso,
com a qual defender-me triste espero,
é que nunca sentia
no tempo que fui vosso
quererdes-me vós quanto vos eu quero;
porque o tormento fero
de vosso apartamento
não vos dará tal pena
como a que me condena:
que mais sentirei vosso sentimento
que o que minha alma sente.
Morra eu, Senhora, e vós ficai contente!

Canção, tu estarás
aqui acompanhando
estes campos e estas claras águas,
e por mim ficarás
chorando e suspirando,
e ao mundo mostrando tantas mágoas
que, de tão larga história,
minhas lágrimas fiquem por memória.

(Idem)

Texto 59

Canção

Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido,
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;
cujo nome, do vulgo introduzido,
é felix, por antífrase infelice;
o qual a Natureza
situou junto à parte
onde um braço de mar alto reparte
Abássia da arábica aspereza,
onde fundada já foi Berenice,
ficando à parte donde
o Sol que nele ferve se lhe esconde;

nele aparece o Cabo com que a costa
africana, que vem do Austro correndo,
limite faz, Arómata chamado
(Arómata outro tempo; que, volvendo
os céus, a ruda língua mal composta
dos próprios outro nome lhe tem dado).
Aqui, no mar que quer apressurado
entrar pela garganta deste braço,
me trouxe um tempo e teve
minha fera ventura.
Aqui, nesta remota, áspera e dura
parte do mundo, quis que a vida breve
também de si deixasse um breve espaço,
por que ficasse a vida
pelo mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,
tristes, forçados, maus e solitários,
trabalhosos, de dor e de ira cheios,
não tendo tãe-somente por contrários
a vida, o sol ardente e águas frias,
os ares grossos, férvidos e feios;
mas os meus pensamentos, que são meios
para enganar a própria Natureza,
também vi contra mi,

trazendo-me à memória
algã já passada e breve glória,
que eu já no mundo vi, quando vivi,
por me dobrar dos males a aspereza,
por me mostrar que havia
no mundo muitas horas de alegria.

Aqui estive eu co estes pensamentos
gastando o tempo e a vida; os quais tão alto
me subiam nas asas que caia
- e vede se seria leve o salto!-
de sonhados e vãos contentamentos
em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
num súbito chorar e nuns suspiros,
que rompiam os ares.
Aqui, a alma cativa,
chagada toda, estava em carne viva,
de dores rodeada e de pesares,
desamparada e descoberta aos tiros
da soberba Fortuna:
soberba, inexorável e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
nem esperança algã onde a cabeça
um pouco reclinasse, por descanso.
Todo lhe é dor e causa que padeça,
mas que pereça não, por que passasse
o que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos da voz importunados,
parece que se enfreiam!

Somente o Céu severo,
as Estrelas e o Fado sempre fero
com meu perpétuo dano se recreiam,
mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
saber inda por certo que algã hora
lembrava a uns claros olhos que já vi;
e se esta triste voz, rompendo fora,
as orelhas angélicas tocasse

daquela em cujo riso já vivi;
a qual, tornada um pouco sobre si,
revolvendo na mente pressurosa
os tempos já passados
de meus doces errares,
de meus suaves males e furores,
por ela padecidos e buscados,
tornada - inda que tarde - piadosa,
um pouco lhe pesasse
e consigo por dura se julgasse;
isto só que soubesse, me seria
descanso para a vida que me fica;
co isto afagaria o sofrimento.
Ah! Senhora, Senhora, que tão rica
estais que, cá tão longe, de alegria
me sustentais cum doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
contra o rosto feroz da fera Morte,
e logo se me ajuntam esperanças
com que a fronte, tornada mais serena,
torna os tormentos graves
em saüdades brandas e suaves.

Aqui co eles fico, perguntando
aos ventos a.morosos, que respiram
da parte donde estais, por vós, Senhora;
às aves que ali voam, se vos viram,
que fazíeis, que estáveis praticando,
onde, como, com quem, que dia e que hora.
Ali a vida cansada, que melhora,
toma novos espiritos, com que vença
a Fortuna e Trabalho,
só por tornar a ver-vos,
só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
mas o Desejo ardente, que detença
nunca sofreu, sem tento
me abre as chagas de novo ao sofrimento.

Assi vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
podes-lhe responder que porque mouro.

(Idem)

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

Texto 60

Naufrágio do galeão grande «S. João»

[Manuel de Sousa Sepúlveda saiu de Cochim rumo a Lisboa a 3 de Fevereiro de 1552 com a nau excessivamente carregada. Perto do Cabo da Boa Esperança desencadearam-se grandes tempestades e o galeão deu à costa. Manuel de Sousa ficou impossibilitado de construir um caravelão, pois a nau esmigalhara-se completamente].

Vendo o capitão e sua companhia que não tinham remédio de embarcação, com conselho dos seus oficiais e dos homens fidalgos que em sua companhia levava, que eram Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Amador de Sousa e Diogo Mendes Dourado de Setúval, assentaram que deviam de estar naquela praia, onde saíram do galeão, alguns dias, pois ali tinham água, até lhe convalescerem os doentes. Então fizeram suas tranqueiras 1 de algumas arcas e pipas, e estiveram ali doze dias, e em todos eles lhe não veio falar nenhum negro da terra; samente aos três primeiros apareceram nove cafres em um outeiro, e ali estariam duas horas, sem terem nenhuma fala conosco; e, como espantados, se tornaram a ir. E dali a dois dias lhe pareceu bem mandarem um homem e um cafre do mesmo galeão, ver se achavam alguns negros que com eles quisessem falar, para resgatarem algum mantimento. E estes andaram lá dois dias sem acharem pessoa viva, senão 2 algumas casas de palha despovoadas, por onde entenderam que os negros fugiram com medo, e então se tornaram ao arraial; e em algumas das casas achavam frechas metidas, que dizem que é o seu sinal de guerra.

Dali a três dias, estando naquele lugar onde escaparam do galeão, lhe apareceram em um outeiro sete ou oito cafres com uma vaca presa, e por acenos os fizeram os cristãos descer abaixo, e o capitão com quatro homens foi falar com eles; e, depois de os ter seguros, lhe disseram os negros por acenos que queriam ferro. Então o

capitão mandou pôr meia dúzia de pregos e lhos amostrou, e eles folgaram de os ver e se chegaram então mais para os nossos e começaram a tratar o preço da vaca; e estando já concertados, apareceram cinco cafres em outro outeiro e começaram a bradar por sua língua que não dessem a vaca a troco de pregos. Então se foram estes cafres, levando consigo a vaca, sem falar palavra. E o capitão lhe não quis tomar a vaca, tendo dela mui grande necessidade para sua mulher e filhos. E assim esteve sempre com muito cuidado e vigia, levantando-se cada noite tres e quatro vezes a rondar os quartos, o que era grande trabalho para ele; e assim estiveram doze dias, até que a gente lhe convaleceu; no cabo dos quais, vendo que já estavam todos para caminhar, os chamou a conselho sobre o que deviam fazer; e, antes de praticarem o caso, lhes fez uma fala desta maneira:

- Amigos e senhores: bem vedes o estado a que por nossos pecados somos chegados, e eu creio verdadeiramente que os meus só bastavam para por eles sermos postos em tamanhas necessidades, como vedes que temos; mas é Nosso Senhor tão piadoso, que ainda nos fez tamanha merce que nos não fôssemos ao fundo naquela nau, trazendo tanta quantidade de água debaixo das cobertas; prazerá a Ele que, pois foi servido, de nos levar a terra de cristãos, e os que nesta demanda acabarem', com tantos trabalhos, haverá- por bem que sejam para a salvação de suas almas. Estes dias que aqui estivemos, bem vedes, senhores, que foram necessários para nos convalecerem os doentes que trazíamos; já agora, Nosso Senhor seja louvado, estão para caminhar; e portanto vos ajuntei aqui para assentarmos que caminho havemos de tomar para remédio de nossa salvação, que a determinação que trazíamos de fazer alguma embarcação se nos atalhou como vistes, por não podermos salvar da nau cousa nenhuma para a podermos fazer. E pois, senhores e irmãos, vos vai [nisto] a vida como a mim, não será razão fazer nem determinar cousa sem conselho de todos. Uma mercê vos quero pedir, a qual é que me não desampareis, nem deixeis, dado caso que eu não possa andar tanto como os que mais andarem, por causa de

minha mulher e filhos. E assim todos juntos, quererá Nosso Senhor pela sua misericórdia ajudar-nos».

Depois de feita esta fala e praticarem todos no caminho que haviam de fazer, visto não haver outro remédio, assentaram que deviam de caminhar com a melhor ordem que pudessem ao longo dessas praias, a caminho do rio que descobriu Lourenço Marques, e lhe prometeram de nunca o desamparar; e logo o puseram por obra; ao qual rio haveria cento e oitenta léguas por costa, mas eles andaram mais de trezentas, pelos muitos rodeios que fizeram em quererem passar os rios e brejos que achavam no caminho, e depois tornavam ao mar, no que gastaram cinco meses e meio.

Desta praia onde se perderam, em 31 graus, aos sete de Julho de cincoenta e dois, começaram a caminhar com esta ordem que se segue, a saber: Manuel de Sousa com sua mulher e filhos com oitenta portugueses e com escravos; e André Vaz, o piloto, na sua companhia com uma bandeira com um crucifixo erguido, caminhava na vanguarda; e D. Leonor, sua mulher, levavam-na escravos em um andor. Logo atrás vinha o mestre do galeão com a gente do mar e com as escravas. Na retaguarda caminhava Pantaleão de Sá com o resto dos portugueses e escravos, que seriam até duzentas pessoas; e todas juntas seriam quinhentas, das quais eram cento e oitenta portugueses⁷. Desta maneira caminharam um mês, com muitos trabalhos, fomes e sedes, porque em todo este tempo não comiam senão o arroz que escapara do galeão e algumas frutas do mato, que outros mantimentos da terra não achavam, nem quem os vendesse; por onde¹ passaram tão grande esterilidade, qual se não pode crer nem descrever.

Em todo este mês poderiam ter caminhado cem léguas; e, pelos grandes rodeios que faziam no passar dos rios, não teriam andado trinta léguas por costa; e já então tinham perdidas dez ou doze pessoas; só um filho bastardo de Manuel de Sousa, de dez ou onze anos, que, vindo já muito fraco, da fome, ele e um escravo que lho trazia às costas se deixaram ficar atrás. Quando Manoel de Sousa perguntou por ele, que lhe disseram que ficava atrás obra de meia légua, esteve para perder o siso, e por lhe parecer que vinha

na traseira com seu tio Pantaleão de Sá, como algumas vezes acontecia, o perdeu assim; e logo prometeu quinhentos cruzados a dois homens, que tornassem em busca dele; mas não houve quem os quisesse aceitar, por ser já perto da noite, e por causa dos tigres e leões; porque, como ficava homem atrás, o comiam; por onde lhe foi forçado não deixar o caminho que levava, e deixar assim o filho, onde lhe ficaram os olhos. E aqui se poderá ver quantos trabalhos foram os deste fidalgo antes da sua morte. Era também perdido António de Sampaio sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, governador que foi da índia, e cinco ou seis homens portugueses e alguns escravos de pura fome e trabalho do caminho. Neste tempo tinham já pelejado algumas vezes, mas sempre os cafres levaram a pior; e em uma briga lhe mataram Diogo Mendes Dourado, que até sua morte tinha pelejado mui bem, como valente cavaleiro. Era tanto o trabalho, assim da vigia como da fome e caminho, que cada dia desfalecia mais a gente, e não havia dia que não ficasse uma ou duas pessoas por essas praias e pelos matos, por não poderem caminhar; e logo eram comidos dos tigres e serpentes, por haver na terra grande quantidade. É certo que ver ficar estes homens que cada dia lhe ficavam vivos por esses desertos, era cousa de grande dor e sentimento para uns e para outros; porque o que ficava dizia aos outros que caminhavam de sua companhia, por ventura a pais e a irmãos, que se fossem muito embora, que os encomendassem ao Senhor Deus. Fazia isto tamanha mágoa, ver ficar o parente e o amigo sem lhe poder valer, sabendo que dali a pouco espaço havia de ser comido de feras alimárias, que, pois faz tanta mágoa a quem o ouve, quanta mais fará a quem o viu e passou.

Com grandíssima desventura indo assim prosseguindo, ora se metiam no sertão a buscar de comer e, a passar rios, se tornavam ao longo do mar subindo serras mui altas, ora decendo outras de grandíssimo perigo; e não bastava ainda estes trabalhos, senão outros muitos que os cafres lhe davam. E assim caminharam obra de dous meses e meio; e tanta era a fome e a sede que tinham, que os mais dos dias aconteciam

cousas de grande admiração das quais contarei algumas mais notáveis.

Aconteceu algumas vezes entre esta gente vender-se um púcaro de água de um quartilho por dez cruzados: e em um caldeirão, que levava quatro canadas, se fazia cem cruzados; e porque nisto ás vezes havia desordem, o capitão mandava buscar um caldeirão dela, por não haver outra vasilha maior na companhia, e dava por isso a quem a ia buscar cem cruzados; e ele por sua mão a repartia, e a que tomava para sua mulher e filhos era a oito e a dez cruzados o quartilho; e pela mesma maneira repartia a outra, de modo que sempre pudesse remediar que, com o dinheiro que em um dia se fazia naquela água, ao outro houvesse quem fosse buscar e se pusesse a esse risco pelo interesse. E além disto passavam grandes fomes, e davam muito dinheiro por qualquer peixe que se achava na praia ou por qualquer animal do monte.

Vindo caminhando por suas jornadas, segundo era a terra que achavam, e sempre com os trabalhos que tenho dito, seriam já passados três meses que caminhavam com determinação de buscar aquele rio de Lourenço Marques, que é a Aguada de Boa Paz. Havia já muitos dias que se não mantinham senão de frutas, quando acaso se achavam, e em ossos torrados; e aconteceu muitas vezes vender-se no arraial a pele de uma cobra por quinze cruzados; e, ainda que fosse seca, a lançavam na água, e assim a comiam. Quando caminhavam pelas praias, mantinham-se com marisco ou peixe que o mar lançava fora.

E no cabo deste tempo vieram ter com um cafre, senhor de duas aldeias, homem velho e que lhes pareceu de boa condição, e assim o era pelo agasalho que nele acharam; e lhes disse que não passassem dali, que estivessem em sua companhia e que ele os manteria o melhor que pudesse; porque na verdade aquela terra era falta de mantimentos, não por ela os deixar de dar, senão porque os cafres são homens que não semeiam senão muito pouco, nem comem senão do gado bravo que matam. Assim que este rei cafre apertou muito com Manoel de Sousa e sua gente que estivesse com ele, dizendo-lhe que tinha guerra com outro rei, por onde eles haviam de

passar, e queria sua ajuda; e que, se passassem avante, que soubessem certo que haviam de ser roubados deste rei, que era mais poderoso que ele; de maneira que, pelo proveito e ajuda que esperava desta companhia, e também pela notícia que já tinha de portugueses por Lourenço Marques e' António Caldeira, que ali estiveram, trabalhava quanto podia por que dali não passassem; e estes dois homens lhe puseram nome Garcia de Sá, por ser velho e ter muito o parecer com ele, e ser bom homem, que não há dúvida senão que em todas as nações há maus e bons; e por ser tal, fazia agasalhos e honrava aos portugueses, e trabalhou quanto pôde que não passassem avante, dizendo-lhe que haviam de ler roubados daquele rei, com que ele tinha guerra. E em se determinar se detiveram ali seis dias. Mas como parece que estava determinado acabar Manoel de Sousa nesta jornada com a maior parte de sua companhia, não quiseram seguir o conselho deste reizinho, que os desenganava.

Vendo o rei que todavia o capitão determinava de se partir dali, lhe pediu que, antes que se partisse, o quisesse ajudar com alguns homens de sua companhia contra um rei que atrás lhe ficava. Parecendo-lhe a Manoel de Sousa e aos portugueses que se não podiam escusar de fazer o que lhe pedia, assim pelas boas obras e agasalho que dele receberam, como por razão de o não escandalizar, que estavam em seu poder e de sua gente, pediu a Pantaleão de Sá, seu cunhado, que quisesse ir com vinte homens portugueses ajudar ao rei seu amigo. Foi Pantaleão de Sá, com os vinte homens e quinhentos cafres e seus capitães, e tornaram atrás por onde eles já tinham passado seis léguas, e pelejaram com um caíre que andava levantado, e tomaram-lhe todo o gado, que são os seus despojos, e trouxeram-no ao arraial aonde estava Manoel de Sousa com el-rei; e nisto gastaram cinco ou seis dias.

Depois que Pantaleão de Sá veio daquela guerra em que foi ajudar o reizinho, e a gente que com ele foi, e descansou do trabalho que lá tiveram, tornou o capitão a fazer conselho sobre a determinação de sua partida, e foi tão fraco que assentaram que deviam de caminhar e buscar

aquele rio de Lourenço Marques, e não sabiam que estavam nele, porque este rio é o da água de Boa Paz, com três braços que todos vêm entrar ao mar em uma foz, e eles estavam no primeiro; e sem embargo de verem ali uma gorra vermelha, que era sinal de virem já ali Portugueses, os cegou a sua fortuna, que não quiseram senão caminhar avante. E porque haviam de passar o rio, e não podia ser senão em almadias, por ser grande, quis o capitão ver se podia tomar sete ou oito almadias que estavam fechadas com cadeias, para passar nelas o rio, que el-rei não lhas queria dar, porque toda a maneira buscava para não passarem, pelos desejos que tinha de os ter consigo. E para isso mandou certos bomens a ver se podiam tomar as almadias; dous dos quais vieram, e disseram que lhe era coisa dificultosa para se poder fazer. E os que se deixaram ficar, já com malícia, houveram uma das almadias à mão e embarcaram-se nela, e foram-se pelo rio abaixo e deixaram o seu capitão. E vendo ele que nenhuma maneira havia de passar o rio, senão por vontade do rei, lhe pediu o quisesse mandar passar da outra banda nas suas almadias, e que ele pagaria bem à gente que os levasse; e, pelo contentar, lhe deu algumas das suas armas, por que o largasse e o mandasse passar.

Então o rei foi em pessoa com ele, e, estando os portugueses receosos de alguma traição ao passar do rio, lhe rogou o capitão Manoel de Sousa que se tornasse ao lugar com sua gente, e que o deixasse passar à sua vontade com a sua, e lhe ficassem somente os negros das almadias. E como no reizinho negro não havia malícia, mas antes os ajudava no que podia, foi cousa leve de acabar com ele e que se tornasse para o lugar, e logo se foi e deixou passar à sua vontade. Então mandou Manoel de Sousa passar trinta homens da outra banda nas almadias, com três espingardas; e como os trinta homens foram da outra banda, o capitão e sua mulher e filhos passaram além, e após eles toda a mais gente; e até então nunca foram roubados; e logo se puseram em ordem de caminhar.

Haveria cinco dias que caminhavam para o segundo rio; e teriam andado vinte léguas, quando

chegaram ao rio do meio; e ali acharam negros que os encaminharam para o mar, e isto era já ao sol posto; e estando à borda do rio, viram duas almadias grandes, e ali assentaram o arraial em uma areia onde dormiram aquela noite; e este rio era salgado, e não havia nenhuma água doce ao redor, senão uma que lhe ficava atrás. E de noite foi a sede tamanha no arraial, que se houberam de perder. Quis Manoel de Sousa mandar buscar alguma água, e não houve quem quisesse ir menos de cem cruzados cada caldeirão, e os mandou buscar, e em cada um dia fazia duzentos; e se o não fizesse assim, não se pudera valer. E sendo o comer tão pouco, como atrás digo, a sede era desta maneira, porque queria Nosso Senhor que a água lhe servisse de mantimentos.

Estando naquele arraial, ao outro dia, perto da noite, viram chegar as tres almadias de negros, que lhe disseram por uma negra do arraial, que começava já a entender alguma coisa, que ali viera um navio de homens como eles e que já era ido. Então lhe mandou dizer Manoel de Sousa se os queriam passar da outra banda; e os negros responderam que era já noite, porque cafres nenhuma coisa fazem de noite, que ao outro dia os passariam, se lhes pagassem. Como amanheceu, tornaram os negros com quatro almadias, e sobre preço de uns poucos de pregos começaram a passar a gente, passando primeiro o capitão alguma gente para guarda do passo, e embarcando-se em uma almadia com sua mulher e filhos, para da outra banda esperar o resto da sua companhia; e com ele iam as outras três almadias carregadas de gente. Também se diz que o capitão vinha já naquele tempo muito maltratado do miolo, da muita vigia e muito trabalho, que carregou sempre nele mais que em todos os outros. E por vir já desta maneira, e cuidar que lhe queriam os negros fazer alguma traição, lançou mão à espada e arrancou dela para os negros que iam remando, dizendo: - Perros adonde me levais?

Vendo os negros a espada nua, saltaram ao mar, e ali esteve em risco de se perder. Então lhe disse sua mulher, e alguns que com ele iam, que não fizesse mal aos negros, que se perde-

riam. Em verdade, quem conhecera a Manoel de Sousa e soubera sua discrição e brandura, e lhe vira fazer isso, bem poderia dizer que já não ia em seu perfeito juízo, porque era discreto e bem atentado; e dali por diante ficou de maneira, que nunca mais governou a sua gente como até ali o tinha feito. E chegando da outra banda, se queixou muito da cabeça, e nela lhe ataram toalhas; e ali se tornaram a iuntar todos.

Estando já da outra banda para começar a caminhar, viram um golpe de cafres, e vendo-os se puseram em som de peleiar, cuidando que vinham para os roubar; e chegando perto da nossa gente, começaram a ter fala uns com os outros, perguntando os cafres aos nossos que gente eram, ou que buscavam. Responderam-lhe que eram cristãos, que se perderam em uma nau, e que rogavam os guiassem para um rio grande que estava mais avante e que, se tinham mantimentos, que lhos trouxessem, que lhos comprariam. E por uma cafra, que era de Sofala, lhe disseram os negros que, se queriam mantimentos, que fossem com eles a um lugar onde estava o seu rei, que lhe faria muito agasalho. A este tempo seriam ainda cento e vinte pessoas; e já então D. Leonor era ùa das que caminhavam a pé; e sendo ùa mulher fidalga, delicada e moça, vinha por aqueles ásperos caminhos tão trabalhosos como qualquer robusto homem do campo; e muitas vezes consolava as da sua companhia, e ajudava a trazer seus filhos. Isto foi depois que não houve escravos para o andor em que vinha. Parece verdadeiramente que a graça de Nosso Senhor supria aqui; porque sem ela não pudera uma mulher, tão fraca e tão pouco costumada a trabalhos, andar tão compridos. e ásperos caminhos, e sempre com tantas fomes e sedes, que já então passavam de trezentas léguas as que tinham andadas por causa dos grandes rodeios.

Tornando à história: Depois que o capitão e sua companhia tiveram entendido que o rei estava perto dali, tomaram os cafres, por sua guia; e com muito recato caminharam com elas para o lugar que lhe diziam, com tanta fome e sede quanto Deus sabe. Dali ao lugar onde estava o rei havia uma légua, e, como chegaram, lhe mandou dizer o cafre que não entrassem no lugar,

porque é cousa que eles muito escondem, mas que se fossem pôr ao pé de umas árvores que lhe mostraram, e que ali lhe mandaria dar de comer. Manoel de Sousa o fez assim, como homem que estava em terra alhea, e que não tinham sabido tanto dos cafres, como agora sabemos, por esta perdição e pela da nau «S. Bento» - que cem homens de espingarda atravessariam toda a Cafraria, porque mar medo hão delas que do mesmo demónio.

Depois de assim estarem agasalhados à sombra das árvores, lhe começou a vir algum mantimento por seu resgate de pregos. E ali estiveram cinco dias, parecendo-lhe que poderiam estar até vir navio da Índia, e assim lho diziam os negros. Então pediu Manoel de Sousa uma casa ao rei cafre para se agasalhar com sua mulher e filhos. Respondeu-lhe o cafre que lha daria; mas que a sua gente não podia estar ali junta, porque se não poderia manter, por haver falta de mantimentos na terra; que ficasse ele com sua mulher e filhos, com algumas pessoas quais ele quisesse, e a outra gente se repartisse pelos lugares; e que ele lhe mandaria dar mantimentos e casas até vir algum navio. Isto era a ruindade do rei, segundo parece pelo que depois lhe fez; por onde está clara a razão que disse que os cafres tem grande medo de espingardas; porque, não tendo ali os portugueses máis que cinco espingardas, e até cento e vinte homens, se não atreveu o cafre a pelear com eles, e a fim de os roubar os apartou uns dos outros para muitas partes, como homens que estavam tão chegados à morte, de fome; e, não sabendo quanto melhor fôra não se apartarem, se entregaram à fortuna e fizeram a vontade àquele rei que tratava sua perdição, e nunca quiseram tomar o conselho do reizinho, que lhes falava verdade e lhes fez o bem que pôde. E por aqui verão os homens como nunca hão de dizer nem fazer cousa em que cuidem que eles são os que acertam ou podem, senão pôr tudo nas mãos de Deus, Nosso Senhor.

Depois que o rei cafre teve assentado com Manoel de Sousa que os portugueses se dividissem por diversas aldeas e lugares para se poderem manter, lhe disse também que ele tinha ali capitães seus que hayiam de levar a sua gente, a

saber, cada um os que entregassem para lhes darem de comer; e isto não podia ser senão com ele mandar aos portugueses que deixassem as armas, porque os cafres haviam medo deles, enquanto as viam, e que ele as mandaria meter em uma casa, para lhes dar, tanto que viesse o navio dos portugueses.

Como Manoel de Sousa já então andava muito doente e fora de seu perfeito juízo, não respondeu como fizera, estando em seu entendimento; respondeu que ele falaria com os seus. Mas como a hora fosse chegada em que havia de ser roubado, falou com eles e lhes disse que não havia de passar dali: de uma ou de outra maneira havia de buscar remédio de navio, ou outro qualquer que Nosso Senhor dele ordenasse, porque aquele rio em que estavam era de Lourenço Marques, e o seu piloto André Vaz assim lho dizia; que quem quisesse passar dali que o poderia fazer, se lhe bem parecesse, mas que ele não podia, por amor de sua mulher e filhos, que vinha já mui debilitada dos grandes trabalhos, que não podia já andar, nem tinha escravos que o ajudassem. E portanto a sua determinação era acabar com sua família, quando Deus dissesse fosse servido; e que lhe pedia que os que dali passassem e fossem ter com alguma embarcação de portugueses, que lhe trouxessem ou mandassem as novas; e os que ali quisessem ficar com ele, o poderiam fazer, e por onde ele passasse passariam eles. E porém que para os negros se fiarem deles e não cuidarem que eram ladrões que andavam a roubar, que era necessário entregarem as armas, para remediar tanta desventura como tinham de fome havia tanto tempo.

E já então o parecer de Manoel de Sousa nem dos que com ele consentiram não eram de pessoas que estavam em si, porque, se bem olharam, enquanto tiveram suas armas consigo, nunca os negros chegaram a eles. Então mandou o capitão que pusessem as armas, em que, depois de Deus, estava sua salvação; e contra a vontade de alguns, e muito mais contra a de D. Leonor, as entregaram; mas não houve quem o contradissem senão ela, ainda que lhe aproveitou pouco. Então disse: - Vós entregais as armas; agora me dou por perdida com toda esta gente. Os negros tomaram as armas e as levaram a casa do rei cafre.

Tanto que os cafres viram os portugueses sem armas, como já tinham concertada a traição, os começaram logo a apartar e roubar, e os levavam por esses matos cada um como lhe caía a sorte. E acabado de chegar aos lugares, os levavam despidos, sem lhe deixar sobre si cousa alguma, e com muita pancada os lançavam fora das aldeas. Nesta companhia não ia Manoel de Sousa, que com sua mulher e filhos, e com o piloto André Vaz e obra de vinte pessoas, ficavam com o rei, porque traziam muitas jóias e rica pedraria e dinheiro; e afirmam que o que esta companhia trouxe até ali valia mais de cem mil cruzados.

Como Manoel de Sousa, com sua mulher e com aquelas vinte pessoas, foi apartado da gente, foram logo roubados de tudo o que traziam, somente os não despiam; e o rei lhe disse que se fosse muito embora em busca de sua companhia, que lhe não queria fazer mais mal, nem tocar em sua pessoa nem de sua mulher. Quando Manoel de Sousa isto viu, bem se lembrou a quão grande erro tinha feito em dar as armas; e foi força de fazer o que lhe mandavam, pois não era mais em sua mão.

Os outros companheiros, que eram noventa, em que entrava Pantaleão de Sá e outros tres fidalgos, ainda que todos foram apartados uns dos outros, poucos e poucos, segundo se acertaram, depois que foram roubados e despídos pelos cafres a quem foram entregues por o rei, se tornaram a ajuntar, porque era perto uns dos outros; e juntos, bem mal tratados e bem tristes, faltando-lhe as armas e vestidos e dinheiro para resgate de seu mantimento, e sem o seu capitão, começaram de caminhar. E como já não levavam figura de homens, nem quem os governasse, iam sem ordem, por desvairados caminhos; uns por matos, e outros por serras, se acabaram de espalhar, e já então cada um não curava mais que fazer aquilo em que lhe parecia que podia salvar a vida, quer entre cafres, quer entre mouros, porque já não tinham conselho, nem quem os ajuntasse para isso. E como homens que andavam já de todo perdidos, deixarei agora de falar neles e tornarei a Manoel de Sousa e à desditosa de sua mulher e filhos.

Vendo-se Manoel de Sousa roubado e despedido do rei, que fosse buscar sua companhia, e

que já então não tinha dinheiro, nem armas, nem gente para as tomar, e dado caso que já havia dias que vinha doente da cabeça, todavia sentiu muito esta afronta. Pois que se pode cuidar de uma mulher muito delicada vendo-se em tantos trabalhos e com tantas necessidades, e, sobre todas, ver seu marido diante de si tão maltratado, e que não podia já governar, nem olhar por seus filhos? Mas, como mulher de bom juízo, com o parecer desses homens que ainda tinha consigo, começaram a caminhar por esses matos, sem nenhum remédio nem fundamento, sómente o de Deus. A este tempo estava ainda André Vaz, o piloto, em sua companhia, e o contra-mestre, que nunca o deixou, e uma mulher ou duas portuguesas e algumas escravas. Indo assim caminhando, lhes pareceu bom caminho seguir os noventa homens que avante iam roubados, e havia dous dias que caminhavam, seguindo suas pisadas. E D. Leonor ia já tão fraca, tão triste e desconsolada, por ver seu marido da maneira que ia, e por se ver apartada da outra gente e ter por impossível poder-se ajuntar com eles, que cuidar bem nisto é cousa para quebrar os corações.

Indo assim caminhando, tornaram outra vez os cafres a dar nele e em sua mulher e em esses poucos que iam em sua companhia, e ali os despiram, sem lhes deixarem sobre si cousa alguma. Vendo-se ambos desta maneira, com duas crianças muito tenras diante de si, deram graças a Nosso Senhor. Aqui dizem que D. Leonor se não deixava despir, e que às punhadas e às bofetadas se defendia, porque era tal que queria antes que a matassem os cafres que ver-se nua diante da gente; e não há dúvida que logo ali acabara sua vida, se não fora Manoel de Sousa, que lhe rogou se deixasse despir, que lhe lembrava que nasceram nus, e pois Deus daquilo era servido, que o fosse ela. Um dos grandes trabalhos que sentiam, era verem dous meninos pequenos, seus filhos, diante de si chorando, pedindo de comer, sem lhe poderem valer. E vendo-se D. Leonor despida, lançou-se logo no chão e cobriu-se toda com os seus cabelos, que eram muito compridos, fazendo uma cova na areia, onde se meteu até à cintura sem mais se erguer dali.

Manoel de Sousa foi então a uma velha sua aia, que lhe ficara ainda uma mantilha rota, e lha pediu para cobrir D. Leonor, e lha deu; mas contudo nunca mais se quis erguer daquele lugar, onde se deixou cair, quando se viu nua.

Em verdade, que não sei quem por isto passe sem grande lástima e tristeza. Ver uma mulher tão nobre, filha e mulher de fidalgos tão honrados, tão maltratada e com tão pouca cortesia! Os homens que estavam ainda em sua companhia, quando viram a Manoel de Sousa e sua mulher despidos, afastaram deles um pedaço, pela vergonha que houveram de ver assim seu capitão e D. Leonor. Então disse ela a André Vaz, o piloto: - Bem vedes como estamos e que já não podemos passar daqui, e que havemos de acabar, por nossos pecados. Ide-vos muito embora, fazei por vos salvar e encomendai-nos a Deus; e se fordes à Índia e a Portugal, em algum tempo, diizei como nos deixastes a Manoel de Sousa e a mim, com meus filhos.

E eles, vendo que por sua parte não podiam remediar a fadiga de seu capitão, nem a pobreza e miséria de sua mulher e filhos, se foram por esses matos, buscando remédio de vida.

Depois que se André Vaz apartou de Manoel de Sousa e sua mulher, ficou com ele Duarte Fernandes, contra-mestre do galeão, e algumas escravas, das quais se salvaram três, que vieram a Goa, que contaram como viram morrer D. Leonor. E Manoel de Sousa, ainda que estava maltratado do miolo, não lhe esquecia a necessidade que sua mulher e filhos passavam de comer. E sendo ainda manco de ùa ferida que os cafres lhe deram em ùa perna, assim maltratado se foi ao mato buscar frutas para lhe dar de comer; quando tornou, achou D. Leonor muito fraca, assim de fome como de chorar, que, depois que os cafres a despiram, nunca mais dali se ergueu nem deixou de chorar; e achou um dos meninos morto, e por sua mão o enterrou na area, Ao outro dia tornou Manoel de Sousa ao mato a buscar algũa fruta; e quando tornou, achou D. Leonor falecida, e o outro menino, e sobre ela estavam chorando cinco escravas com grandíssimos gritos.

Dizem que ele não fez mais, quando a viu falecida, que apartar as escravas dali e assentar-se perto dela, com o rosto posto sobre uma mão, por espaço de meia hora, sem chorar nem dizer coisa alguma, estando assim com os olhos postos nela; e no menino fez pouca conta. E acabando este espaço se ergueu e começou a fazer uma cova na areia com ajuda das escravas; e, sempre sem falar palavra, a enterrou, e o filho com ela; e, acabado isto, tornou a tomar o caminho que fazia quando ia a buscar as frutas, sem dizer nada às escravas, e se meteu pelo mato e nunca mais o viram. Parece que, andando por esses matos, não há dúvida senão que seria comido de tigres e leões. Assim acabaram sua vida mulher e marido, havendo seis meses que caminhavam por terras de cafres com tantos trabalhos...

[Escaparam ao todo dezassete escravos e oito portugueses, entre os quais Pantaleão de Sá e o piloto André Vaz. Andando espalhados pela terra, já sem esperanças de salvação, veio ali ter um navio português do comércio de marfim, que os buscou e resgatou a todos, levando-os para Moçambique].

(«Naufrágio do galeão grande S. João na Terra do Natal», Lisboa. António Álvares. sem data, págs. 19-45, in *Quadros da História Trágico-Marítima*, selecção. prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa, 1951, 2.^a edição)

Texto 61

Naufrágio da nau «S. Paulo»

[A nau «S. Paulo» saiu de Lisboa já muito tarde, a 25 de Abril de 1560. O piloto era novo na carreira da Índia e meteu-se muito na costa da Guiné, onde andaram três meses batidos por temporais. Quasi todos os passageiros e tripulantes adoeceram - eram mais de 500. Por ser já muito tarde para dobrar o Cabo da Boa Esperança, decidiram ir arribar ao Brasil. Chegaram à Baía a 20 de Agosto. Reparados da saúde e com a nau consertada, partiram do Brasil a 2 de Outubro. A 15 de Novembro, sempre mal governados pelo piloto, paslaram ao largo do Cabo. Depois de tormentas, friol e calores, chegaram à vista de Samatra a 14 de Janeiro. Um temporal medonho desfez as velas e quebrou os aparelhos. A 22 de Janeiro a nau foi quebrar de encontro a um ilhéu. Desembarcaram a custo e elegeram por capitão Rui de Melo

da Câmara, jurando-lhe obediência. O capitão jurou que os não abandonaria e mandou dois homens percorrer a ilha de Samatra a fim de escolherem o melhor lugar para o alojamento].

A vinte e sete do mês, uma manhã foi o capitão com sete ou oito pessoas a correr a ilha e ver o lugar e sítio que dizia o mestre e piloto ser mais próprio e conveniente para nossas embarcações; o que visto muito, e parecendo-lhe melhor, mandou chamar alguma gente e os carpinteiros com seus machados, com que cortámos desta banda muito mato e alimpámos bom pedaço de praia do mar; e depois de limpo tudo e concertando-o o melhor que pudemos, começámos a mudar o fato das primeiras estâncias para as outras, o que se fez em tres dias. E assim assentámos nossas choupanas, feitas de rama e taboado da nau, cubertas com panos, dos muitos que o mar de si deitava, que nos a chuva apodreceu em pouco tempo; e daí a alguns dias a necessidade nos ensinou a buscar de outra parte ola', que achámos muito boa, que é uma folha como de espadana, com que nestas partes costumam cobrir as casas.

Fez o capitão com os seus achegados, que seriam até trinta pessoas, e os mais deles ás principais, seu aposento bem pegado com o mar, ao pé de uma palmeira e logo a par da sua se fez outra casa de almazém de mantimentos e munições que se da nau puderam tirar, e do que se tornou às partes, que era mais vinho, azeite, azeitonas e alguns queijos, de que deu cárrego a um seu homem, que, por seu mandado, dispensava tudo; e pegado ao almazém se fez uma pequena choupana para os padres, e assim outras muitas para a mais gente, sete ou auto em cada casa.

Tínhamos seis espingardas, chuços, piques e espadas muitas, que se acharam nas arcas que o mar lançava fora, que parece vinham nelas para vingança. E tanto que fomos aposentados, se teve logo conta com o que mais nos era necessário para nossa salvação; e havendo conselho o capitão com todos geralmente, e feito alardo', se acharam trezentas e trinta almas, o que visto, pareceu muito dificultoso fazer-se embarcação para tanta gente, e não haver aí mais mantimentos que os que já disse, e uma pouca de farinha de pau do Brasil, o que tudo se guardava

para os oficiais, para o tempo do trabalho, e a terra ser mui estéril, e assim o era da outra parte de Samatra.

Pareceu bem e mui necessário cortar o esquife e fazê-lo maior, e mandá-lo a Sunda a pedir socorro, com pessoas de crédito e confiança, que era a parte mais perto de nós, para onde os portugueses cá navegam, onde sempre estiveram alguns. A qual ida não teve efeito, por diferenças que sobre ela tiveram; e assim se ordenou ver se podíamos tirar da nau alguma parte do batel grande e todas as vergas, amarras, enxárcias e velas, com o mais taboado e pregadura de que tínhamos necessidade, e cabos para estopa, o que tudo se fez com imenso trabalho.

Não se deixavam por uns trabalhos outros, e a tudo se provia logo com tempo; e cada um descobria o para que era e aproveitava. O piloto, como ourives que foi, ordenou dous pares de foles com couros de guadamicins¹ e botas, e assim se fez ferraria; e capitão dos ferreiros² um fidalgo por nome Rui de Melo, dos quais eram tres mestres, e quatro ou cinco ajudavam à obra. Dos gurumetes escolheram oito para fazer carvão, o qual faziam tão bom e melhor do que se gasta em Lisboa; tinha cargo deles um António de Refoios. E também se ordenaram e escolheram doze homens para serrar algumas vergas e mastros e fazer taboado; e de alguns montantes que se salvaram fez o condestável Fernão Luís duas grandes serras, com que fizeram mui gentil obra e fermoso taboado; também estes tinham seu capitão de qualidade e autoridade, para os prover do necessário. Os quais trabalhadores todos tinham sua regra, ao jantar e cea, de vinho, azeitonas e mariscos que lhe iam buscar, e outras cousas; e o capitão ficava por sobre-rolda de todos, e toda a mais gente andava pelas praias e matos, donde traziam muita madeira e grandíssimas vigas, não havendo quem perdoasse ao trabalho, nem fugisse dele: os homens ocupados no que já disse, e as mulheres e meninos a molhar e desfazer cabos e fazer estôpa. E com indústria de um negro guzarate do mestre, grande mergulhador, tirámos do fundo da nau, onde a artelharia vinha por lastro, oito berços com nove câmeras e

muitos pelouros, e dous falcões com outras duas câmaras e um falcão pedreiro, e os cinco barris de pólvora que atrás disse; e com esta artelharía, e gente em suas quadrilhas, se ordenou a vigia do arraial.

Fizemos também com grande fervor e devoção uma igreja coberta de ola, muito boa e forte, e as paredes apamentadas de panos de Rãs e paninhos de Flandes, que da nau se salvaram, e ornamentos singulares de veludos e setins, que se fizeram, galantes e mui bem feitos; os quais benzeu o padre Manoel Álvares, que tinha poder para isso. Tínhamos todos os dias missa, e aos domingos pregação, e todas as noites ladainhas, e às quartas e sextas-feiras procissão, em que muitos se disciplinavam.

Acabado de acrescentar o esquife, que não foi a Sunda, como estava determinado, pusemos em ordem a embarcação grande sobre um pedaço de proa do batel, e seria do tamanho de uma caravela das de Alcáçere, que vem com trigo a Lisboa, e nos pareceu capaz de caber nela, como melhor pudessem, duzentas e sessenta pessoas; porque às outras sessenta e tantas dávamos o esquife e uma galveta o seu tamanho, que fez o sota-piloto por sua indústria e trabalho; e o que fez sofrer às gentes tão imensos trabalhos como se tiveram no fazer desta embarcação, com muitas calmas, chuvas e tempestades, e por cima de tudo com muita fome, foi a esperança que todos tinham de se embarcarem e salvarem-se nela, porque, se souberam ou suspeitaram o que ao diante sucedeu, ninguém lhe pusera mão á obra; e muitas vezes, dividindo-se em magotes e campanhias o quiseram fazer², se o padre com sua pregação e prudentes palavras não reduzira a todos à concórdia e amizade.

Sustentava-se a gente todo este tempo com algum queijo, azeitonas e vinho, que o mar lançava fora, e algum marisco e tramoços por curtir e caranguejos da terra, a que comíamos somente as pernas e cabeças, que o corpo amargava muito: coziám também ervas com azeite, que lhes tirava muita parte de sua malícia e venenosidade, e assim dos palmitos bravos: e, emquanto houve estas cousas, foi grande terço: e alivia à fome; mas, gastados em poucos dias, não ficando por experimentar e rebuscar nada, cor-

rido já tudo, determinimos buscá-lo da outra banda de Samatra, pospondo todo o trabalho por não ter guerra e fazer pazes com tamanho inimigo como é a fome.

Ia-se buscar mantimento da outra banda, correndo a parte do Sul seis e sete léguas, onde andavam os homens buscando algum marisco, quatro e cinco dias metidos na água até à cinta, mariscando de noite com marrões e candeas, fregindo o peixe que tomavam, porque lhe não durava nem aproveitava de um dia para o outro, pela grande quentura e humidade, e por não haver sal.

Já neste tempo a terra ia dando mostras de si, porque nos começou a morrer gente; e foram os primeiros um João Rodrigues, natural de Lisboa, e João Dias, que vinha com a filha de António Pessoa, veador da fazenda, e daí por diante outros muitos. E aos treze dias de Fevereiro, andando uns três homens marinheiros mariscando, obra de três léguas da banda do Norte, acharam uma almadia com dez negros, dos quais andavam pela praia cinco ou seis apanhando pregos da madeira da nau, e outras cousas que o mar lançava fora, e por acenos falaram com eles, a que nunca puderam entender, nem por mimos que lhes fizeram os puderam trazer consigo ao arraial; e vindo um dos marinheiros dar rebate ao capitão, passou logo na almadia com o piloto e um jau seu, que ambos falavam muito bem a língua malaia, e defendeu que não passasse mais gente, e todos ficassem de guarda ao arraial.

Foi muito para ver o fervor com que toda a gente, ou a maior parte dela, passou da outra banda, sem haver quem lho defendesse, não consentindo ir assim o seu capitão só, passando os mais a nado com os piques e espadas na boca, outros pelo vau com a água pelo pescoço, cuidando que os inimigos eram mais, e temendo-se de algum engano ou cilada; e daí a uma légua e meia encontrou o capitão com dous deles, que com os nossos marinheiros estavam assentados na praia, praticando por acenos, e os outros não ousaram chegar e se tornaram ao parau. E assentando-se o capitão com eles, lhes perguntaram que terra era aquela e onde estavam; e disseram que era uma

muito embandeirada com muito fermosas bandeiras que lhe fizemos, acabada uma missa que dentro nela disse, o padre Manoel Álvares a benzeu e lhe pôs nome «Nossa Senhora da Salvação». E, repontando a maré, foi ao mar sem nenhum dano nem perigo, tão bem feita como o pudera ser na Ribeira de Lisboa, com que nos dava muito alegre mostra, por nos mostrar tão bom fruto de nosso trabalho, em que, depois de Deus, tínhamos toda a esperança de nossa salvação. E sendo amarrada, que demandaria meia braça de água, disparou toda a artelharia, que alterou o ânimo dos homens e criou em nós novos espíritos, de quão derribados os trazíamos.

Estando tudo prestes, assim a embarcação grande como o esquife e galveta, a vinte de Março, pela manhã, depois de recolhida a artelharia e feita a aguada, partiram do arraial para as estâncias velhas as embarcações, com o capitão e oficiais e as mulheres dentro, para lá recolherem toda a mais gente.

E antes de todos serem dentro, ficando ainda algumas pessoas em terra, o navio grande não regia com a muita gente que nele estava e não cabia; e se qualquer homem bulia, se ia logo à banda e sossobrava; e a causa era quererem em uma embarcação tão pequena fazer câmaras e retretes para D. Francisca e a filha de António Pereira, e outras mulheres, onde, com este achaque, se levava muita fazenda, e bem mal adquirida, com a qual se tinha mais conta que com a vida dos homens; e, por não praguejar, não direi acerca disto, pois o não posso fazer sem prejuízo de partes.

Ficámos todos mui confusos e desconsolados, porque o tempo não permitia estar mais neste lugar; o que vendo o mestre e calafate, mui antigos no mar, disseram à gente que bem viam como estavam impilhados e em quão manifesto perigo se punham, se assim caminhassem, que muito melhor era ir por terra e morrer nela, que não no mar; e que eles assim o queriam fazer e fariam companhia' aos que quisessem caminhar; em que alguns, pouco experimentados, temerariamente consentiram, pois tudo o que eles diziam era falso, como se logo viu.

Assim que sobre a noite tornaram a revocar o navio para dentro da enseada, onde já todas as choupanas estavam feitas pó e cinza, porque lhes pusemos o fogo antes que partíssemos, e chegados, fez o capitão sair toda a gente a terra, deixando dentro algumas pessoas particulares com as mulheres, onde ele também veio, amesquinhando-se e chamando-se mofino de seu trabalho sair em vão, e que havia mister ir gente por terra, com que ele também iria; a que o padre Manoel Álvares respondeu que, já que assim era, desfizessem o paiol e o gasalhado de D. Francisca e outras mulheres, que tomavam até o pé do mastro, e fossem todos juntos, conforme ao tempo, e não houvesse exceção de pessoas, senão para salvar as vidas como melhor pudessem, e deitassem ao mar uma jarra que tomava meio navio, que o piloto levava cheia de azeite, que ele dizia ser de água; e pois havíamos de ir ao longo da costa mariscando e buscando algum mantimento, que não faltaria água, e duas pipas bastavam com alguns barris para resguardo, e assim caberia toda a gente; e, quando não coubesse, se faria o que melhor parecesse a todos. Ao que o capitão respondeu que assim era muito bem que se fizesse, e se recolheu ao navio com muitos da sua cevadeira (e outros, que entenderam o negócio, se foram também com ele), donde, bem alta noite, mandou chamar alguns seus amigos, com os padres, que cuidaram que eram chamados para conselho.

E, em rompendo a alva, acudiu toda a gente à praia, esperando de se embarcarem ou verem o que se determinava; e o capitão, do navio onde estava, lhes disse de largo que era necessário irem por terra cento e cinquenta deles, por se não poder escusar nem fazer outra cousa; e que ele os havia de esperar à enseada grande, outo ou nove léguas daqui para a banda do Sul, onde já alguns tinham chegado, e aí fariam outra embarcação achando algum género de mantimento; ao que os da terra responderam que saísse ele fora a os ordenar e dar capitão, e lhes desse armas com que se defendessem, pois as não tinham e as haviam mister, e que recolhesse os meninos e doentes, que todos estavam em terra, os quais não podiam caminhar por ela. O qual tornou em res-

posta que não era já tempo de sair em terra; e, enquanto às armas, lhes daria das que pudesse, e assim alguma cousa para os doentes

O que vendo a gente, e seu mau propósito, lhe pediu que lhes desse um dos padres e a João Gonçalves ou António Dias; e parecendo-lhe que João Gonçalves o não aceitaria, recorreu a António Dias, ficando-lhe e prometendo-lhe, e ao padre Manoel Álvares, de ao outro dia os irem tomar à enseada que já disse, onde os mandavam esperar; o qual aceitou de muito boa vontade, como valentíssimo homem que era, e mui robusto da sua pessoa, de mui boa vida, antigo na índia e havia já invernado em Sunda; era casado em S. Tomé da costa de Coromandel. E logo ele saltou no esquife com seu astrolábio, compasso e quarteirão, que tomava bem o sol, por lho a gente assim pedir; porque haviam por graça esperarem na enseada, vendo que se acolhiam, e com ele Tomé Jorge, valente mancebo natural de Lagos, com sua espingarda, que o capitão lhe deu, e assim também a bandeira das reliquias, e padre João Roxo, valenciano, com um crucifixo nas mãos, e assim também outro padre de sua Companhia, chamado Pedro de Castro, bom homem e virtuoso, que conosco veio do Brasil com desejos de ver a Índia. Assim os deitaram no esquife da banda de Samatra, dizendo aos da terra que passassem pelo vau enquanto tinham maré vazia e o podiam fazer, e se colhessem todos à bandeira que os esperava.

E deitando-se alguns a nado às embarcações, que os recolhessem, o que não quiseram fazer, podendo, e lhe defenderam com muitas pancadas e espaldeiradas chegar a elas, com que deram ao mar com outros, que iam já nelas apegados, podendo ainda levar mais de sessenta homens e deixando em terra meninos e doentes, sem consolação nenhuma, e nem partiram conosco das armas que levavam. Foi este um cruel feito, miserável e mui lastimoso; e outro segundo naufrágio, e o mais triste apartamento que se nunca viu, ficando às mulheres seus maridos em terra; e a outros, pais e filhos, irmãos e amigos, segundo a sorte foi de cada um; e todos sem esperança de se verem mais uns aos outros.

Eram as lágrimas, gritos e clamores tamanhos, que penetravam os céus. E por que não pareça que por ser um dos que em terra ficaram praguejo, deixarei de tocar muitas cousas mui mal feitas, dignas de muita piedade.

Passados logo todos da outra parte de Samatra, pelo vau, onde estava a bandeira, deixando cada um seu fatinho por ir mais despejado e leve, cada um com as armas que tinha, sábado, véspera de Ramos, começámos nosso caminho com o crucifixo diante, que o padre levava, por terra para a parte do Sul, a derrota de Sunda. Éramos cento e setenta e duas pessoas, entre as quais havia muitas de qualidade; e as do mar eram, no navio grande, cem pessoas, duas mais ou menos, e na galveta dezóito, e no esquife quinze.

As embarcações, com vento, fizeram-se ao mar, e este dia e o seguinte, que foi dia de Ramos, andaram bordejando defronte da ilha donde saíram. Indo assim nosso caminho, chegando ao rio da água doce, que dantes se passava a nado, posto que de maré vazia, determinávamos fazer jangadas, com outra que já nele lá estava, para passarmos além; e, metendo-se alguns nele para passarem a nado, foram tomando pé, achando-o em todo ele; e assim se puseram da outra banda, dando a nova de tão manifesta merce, como esta era, e em que Nosso Senhor começava a usar conosco de suas grandezas e misericórdias.

Passados da outra banda do rio, em dobrando uma ponta que metia bem ao mar, vimos tornar a nós a galveta, de que se deitou a nado com muito perigo Pero Luís, escravo do mestre, que vinha ver se podia falar secretamente com algumas pessoas a que nas embarcações iam grandes penhores. Com a qual vinda houve entre nós grandes brigas e contendas, porque logo antes de chegar houve muitos que, arrancando das espadas, se puseram a guardar a praia, e que se não deitasse ninguém ao mar, pondo as espadas nos peitos aos que se chegavam à borda de água; e ao negro defenderam que não saísse fora, e se não, que o matariam. E da água disse, da parte do capitão, que sendo caso que ao outro dia o não achassem na enseada, onde dissera, que fôssemos avante até umas ilhas, que seriam

mais de vinte léguas. A que dando em reposta o que àqueles e ao padre bem pareceu, quasi por força o fizeram tornar a embarcar; e aquela noite nos agasalhámos ao longo da praia, boas quatro léguas donde partimos, comendo de alguns saguins brancos que achámos.

Ao outro dia, rompendo a alva, começámos a caminhar sem ordem nem concerto, trabalhando cada um de chegar primeiro à enseada, que seria daí boas cinco léguas, parecendo-lhe que nisto estava sua salvação; à qual chegámos a pouco mais de meio-dia, atribulados e cansados pelo ruim caminho que andámos, quasi sempre com a água pelos peitos, por arrecifes mui grandes e pedras tão agudas, que levávamos os pés abertos com mil cutiladas que penetravam o vivo, a que não havia outro remédio sena-o embrulhar os vestidos neles; e com a dor nos esquecia buscar de comer.

Chegando à enseada e não vendo cousa viva, nem na terra nem no mar, creu a gente o que lhes vinham dizendo alguns experimentados naquelas cousas-que se não apressassem tanto, e repousassem, e tomassem o caminho mais de vagar em que ainda enta-o entravam - o que tudo não bastava para quererem repousar e deitar pelo meio da calma, que nos assava vivos, por dobrat a ponta, enganando-se que na volta nos achariam; onde chegámos ao pôr do sol, bem fracos e relaxados, e nos aposentámos ao longo de um pequeno regato, refrescando-nos com água e alguns palmitos mansos, de que nos fartámos, e nos houvemos com eles por mui ditosos e contentes, e determinando de caminhar dai por diante com melhor ordem, assim para buscar algum género de mantimento, como também por segurar nossas vidas dos inimigos.

Juntos ao outro dia pela manhã, ordenámos e fizemos nosso capitão a António Dias, que já o era, e alferes a que se entregasse a bandeira, e ouvidor que entendesse e determinasse as diferenças, de que se fez auto assinado por todos-

Começámos nosso caminho nesta ordenança: ia diante o alferes com a bandeira das relíquias, com cinquenta homens dos mais esforçados e são, com uma espingarda e alguns piques e dardos tostado; após estes, um tiro de pedra,

iam os padres com o crucifixo e vinte homens com eles, com outra espingarda, e levavam entre si todos os meninos e doentes, com honesto passo; e detrás ia o capitão com o guião e toda a mais gente. E para se buscar de comer iam obra de cinquenta homens mariscando pelas praias e arrecifes.

Desta maneira fizemos nosso caminho, atravessando este dia um mato mui espesso de uma légua e meia; e andando algumas seis léguas, já quási noite, nos aposentámos ao longo de um claro rio de águ'a doce, de que nesta terra há muitos.

Neste mesmo dia foram as embarcações surgir entre cinco ilhas limpas, sem nenhum fundo nem baixo, e sobre a tarde se fizeram à vela para dentro de uma enseada que defronte tinham, mui grande, e teria na boca doze léguas de ponta a ponta; e surtos, mandaram à terra buscar água, que acharam muito boa; e já bem tarde viram uma vela grande ao mar, que vinha surgir entre as mesmas ilhas, onde também parece queria fazer aguada, como quem sabia a terra.

E, tanto que o capitão houve vista dela, fez equipar e fazer prestes ambos os batéis: no esquife meteu Rui de Melo, o de Banda, e Cristóvão de Melo, filho de Rui de Melo, que foi capitão da Mina, Rui Gonçalves da Câmara e João de Sousa, e outros, que seriam até vinte e três homens; e na galveta foi João Gonçalves e com ele Bento Caldeira, Baltasar Marinho e Lourenço Gomes de Abreu, seu irmão, e outros, que faziam número de vinte e cinco homens, com algumas panelas de pólvora, que se puderam remediar em caqueiros velhos, e um china do piloto que sabia muito bem a língua malaia, que se entende por toda esta terra. E os encomendou a Deus, que fossem saber delas quem eram e onde estávamos, e se fretariam aquela embarcação ou se lha venderiam, ou outra alguma, para tornar pela gente. E, quando não que lha tomassem por força de armas, porque não havia nas embarcações cousa do mundo para comer, que, depois que partiram do arraial, só sete tremoços e cinco azeitonas, com meio côco de água, comia cada um cada dia; e com isto as poucas esperanças de nenhum mantimento. **De** maneira que vinham todos com muito perigo das vidas; mas

Nosso Senhor, que nunca faltou em tais tempos, veio com sua misericórdia e nos trouxe este junco, e depois outros, para se salvarem os da terra, porque de outra maneira nos não pudéramos salvar, nem se soubera nunca de nós, ainda que fôramos mil homens e muito bem armados.

Partidos os nossos à boca da noite, com bom luar que fazia, chegaram ao junco às onze horas, que estava afastado dos nossos mais de três léguas; e os negros estavam já postos em armas, a que o nosso língua perguntou que gente eram, a que nunca responderam; e perguntados se venderiam aquela embarcação e alguns mantimentos, disseram que não eram mercadores, senão gente de guerra e achéns, como que com isso os temeriam, porque todas estas nações da banda de Samatra os temem como a próprios demónios, e têm feito muitas guerras aos portugueses destas partes. E lançaram logo de si um grande chuvaireiro de setas, todas de peçonha, com que feriam muitos dos nossos, e os batéis ficaram todos encravados; e respondendo-lhe com os berços pelos costados, a galveta de uma parte e o esquife da outra, e remando mui rijo a eles, os abalroaram pela popa, onde foram de cima feridos de tantas azagaiadas e Irechias, que foi necessário remarem atrás pelo muito dano que lhe faziam, por serem muito rasos e o junco muito alteroso, e não lhe chegavam acima quasi com os piques! e, afastados, o varejavam bem com a artelharia; e ordenaram tomar-lhe o parau que por popa tinham, por não fugirem nele; e, abalroando-os outra vez por popa, lhe tomaram o parau e deitaram dentro no junco algumas panelas de pólvora, que nunca tomaram fogo.

E os negros pelejavam como valentes homens, não tendo em conta nada, e dando, a cada tiro que lhe atiravam, grandes apupadas; e da quarta vez foram abalroados e entrados dos nossos, fazendo-lhes mui dura resistência. Entrou primeiro que todos um Bernardo da Fonseca, marinheiro, e após ele João Gonçalves, que o tirou das mãos dos negros, livrando-o muito mal-ferido, e após estes entraram outros, que os acabaram de vencer; e os mais se deitaram ao mar, onde se afogaram e foram mortos dos nossos que nos batéis estavam; e acharam-se

cinco vivos debaixo da coberta. Foram feridos dos nossos dez homens na galveta e cinco no esquife, e todos muito mal, a que valeu não morrerem todos o pau contra a peçonha que levavam, que lhes deu o piloto, em que logo mastigavam, e não morriam.

Havida que foi a vitória, que seria uma hora depois da meia-noite, mandaram os capitães no parau do junco três homens com a nova ao capitão, que vinha já a remos em busca deles, a acodir-lhes, porque ouviu as bombardas e, não os vendo, cuidava que eram tomados; e com a nova deram todos graças a Deus, e o capitão se foi logo no parau ao junco a dar os agradecimentos a todos; e deixando nele Pedr'Alvares com a mais gente necessária, que o fizessem à vela para a enseada, se tornou com os feridos e os cinco negros; amarrados e metidos logo a tormento, souberam de um deles, que só quis falar, que estávamos no próprio lugar e paragem em que nos fazíamos, que era a costa de Samatra, e eles eram daí três jornadas: iam carregar farinha de sagu, que é o seu mantimento, e levavam para resgate ferramenta de todas as sortes em fardos, por encabar, e umas contas amarelas e manilhas de latão e acharam-lhe catorze ou quinze fardos de arroz, que fez a todos mui alegres pela necessidade que dele tinham.

E, pela mágoa que tinham dos companheiros que nos mataram no arraial e cruzeiros que neles fizeram², se lhes cortou a cabeça a cada um, a bordo, com um machado, o que eles sofreram com tão grande ânimo, uns perante os outros, que, acabado de matar um e lançando-o ao mar, se oferecia logo o outro com a cabeça ao talho; e deu-se a vida a um que era seu piloto, que sabia a navegação desta costa e tínhamos dele necessidade.

Ao outro dia, pela manhã, que foi o primeiro de Abril, mandou o capitão a galveta atrás, a dar as boas novas aos que vínhamos por terra de como tinha embarcação para todos; e foi nela Bento Caldeira para conosco vir por terra. E nós caminhávamos na ordem já dita, umas vezes com mui grandes calmas e outras com infinitas chuvas, e passando grandíssimos matos e íngremes e riscosos penedos, nos quais trabalhos

nos fez Nosso Senhor grandíssimas merces, porque era tanto o peixe, que às mãos o tomávamos e matávamos às pancadas, e tantas as lagostas e outros géneros infinitos de mariscos, cocos e palmitos, que depois da jornada do dia cumprida, toda a noite se gastava em assar e cozinhar.

Em uma terça-feira, à tarde, primeiro de Abril, encontraram os que iam diante dous largartos: um deles, tanto que ouviu o rumor da gente, se meteu pelo mato com grandlssimo estrondo, e o outro se tornava para o mar, tão grande e façanhoso, que parece fábula dizê-lo; seria mais de cinco varas de comprido, e tao grosso como um tonel, coberto por cima de umas conchas verdes, com uns vieiros pretos, em parte muito bem pintados; e em sentindo a gente, arremeteu com um maravilhoso ímpeto, com a boca aberta, pela qual caberia um grande boi, de que todos fugiram por cima de umas pedras, e o lagarto foi cair entre as aberturas de uns altos penedos, onde encalhou e ficou entalado de maneira que se não podia manear, e não era senhor mais que de mui pequena parte do cabo, com que jogava e batia, e espalhava a água mui alta e ioi longe; e ali foi morto às espingardadas e lançadas; e, esfolado, se repartiu entre a gente toda, a que bastou ametade dele, com a qual houve grande festa, porque, assado, parecia muito bom carneiro, tal tinha o gosto e sabor; e guardaram dele para o outro dia.

Caminhando, a quarta-feira, dois de Abril, por uma fermosa praia, entre as onze e doze do dia, vimos vir a nós a galveta, que nos pôs a todos em muita confusão, pelo que logo se proveu com tempo no que nos cumpria e se lançou um pregão da parte do capitão - que, sob pena de morte, nenhum homem passasse uma risca que se fez na praia. E ao longo dela mandou o capitão pôr quinze ou vinte homens com suas armas, a que mandou que logo matassem qualquer que passasse. Ordenado isto, surgiu a galveta um bom pedaço ao mar, por as ondas serem mui empoladas. Bento Caldeira se deitou a nadar, ao qual não deixaram tomar terra, mas que do mar dissesse o que queria; mas, vendo quão

cansado vinha e o grande espaço que nadara, lhe foi concedido sair fora. Após ele veio Bastião Álvares da Fonseca, e assim Álvaro Freire e outros, e contaram tudo o que acontecera, e que tinham um junco e o seu parau, em que todos caberíamos.

E, acabado de se falarem todos e se gratularem com seus amigos e conhecidos, no. pusemos diante do crucifixo que o padre em suas mãos tinha, de joelhos, e lhe demos muitas graças, e em vozes altas lhe pedimos misericórdia. E pedindo Bento Caldeira os doentes para os levar, nunca se puderam embarcar, porque o não podiam fazer senão a nado. E assim se recolheram com muitas lagostas e pedaços de lagarto que lhe demos, e muitos cocos e palmitos de que se carregaram, dizendo-nos que até o outro dia seríamos até onde estava a armada, e que eles iriam à nossa vista e em nossa companhia.

Tornando a nosso caminho, viemos este dia em mui grande trabalho e opressão, porque, desde a madrugada que partimos, nunca achámos água, e era o sol tão quente que nos assava; e, com as esperanças de a achar cedo fomos, até as duas horas depois do meio dia, aonde parecia que, por ser a terra de muitas aberturas para dentro do mato, acharíamos alguma, a qual nunca, por mais que a catámos, a achámos; e estando nesta agonia e congosa, cortando um soldado a caso uma verde rota, de muitas que das grandes árvores estavam dependuradas e vinham beijar o chão, que são como canas de Portugal e de sua feição, mas são maciças, mui rijas e fortes, de que se servem em todas estas partes de cordas, assim na terra como no mar, começou (como dantes dizia) a correr dela água em fio, que, pondo-a, pela muita necessidade que dela havia o que a cortou, na boca, achou que era doce e muito boa e se fartou dela; do que dando rebate a todos, fizemos o mesmo, e

bebemos e nos refrescamos e fartámos; e assim nos remediou Nosso Senhor desta vez.

E depois de passada a sesta, tornámos a nosso caminho, em que andámos o que de dia ficava e bom pedaço da noite, por bem roim caminho, sem nunca achar água; e quasi às onze

horas a achámos entre umas pedras, onde se não esperava; e aqui veio surgir a galveta defronte de nós. Foi tanto o peixe que ao luar, em umas tocas, tomámos, que o deixámos por ai: muitas tainhas, mui grandes, e boas choupas e lagostas infinitas. E mais se gastou da noite em cozinhar e comer, do que em dormir e repousar. Vindo a manhã, quarta-feira, que foi de Trevas, da Somanana Santa, se despediram de nós os da galveta, dizendo que aquele dia, se andássemos bem, seríamos com a nossa gente, e eles pode ser que lhe seriam la necessários; e tornámos ao nosso caminho, de que nunca nos virámos, com o grande desejo que tlnhawos de chegar, não dando crédito a nenhuma cousa senão ao que os olhos vissem bem claro.

Sexta-feira de Endoenças, quatro dias de Abril, vieram surgir, onde a nossa armada estava, duas lanchas que a não viram, por não ser ainda bem manhã, contra as quais mandou logo o capitão o esquife e a galveta; e em lhe começando a atirar com os berços que levavam de proa, se lançaram logo os negros ao mar para uma ilha de que estavam muito perto. E estas lanchas, 'com um esquife, vinham carregadas de muito bons mantimentos que levavam para outra parte, com a qual esmola deram todos muitas graças a Deus, porque era tanto o mantimento, que não havia onde se agasalhar: e às nove horas do dia veio outra lancha carregada dos mesmos mantimentos, a qual foi tomada também, e os negros se lançaram ao mar e se afogaram. Seriam estas lanchas tamanhas como as barcas de Coina.

Era o prazer mui grande em todos com tanta embarcação e mantimentos, e desejavam já ver-se juntos comnosco; e não querendo o capitão perder o gosto e alvoroço de tão boa nova, e que ele fosse o que a desse à mIsera gente que por terra vinha, para alivio de seu trabalho, logo se meteu ao caminho, deixando a armada entregue a pessoas de crédito e confiança. As quatro horas, depois do meio-dia, nos encontramos uns com outros, com muitas lágrimas de todos, e o capitão nos abraçou um por um, pe-

dindo perdão do passado, o que foi ordenança divina para nos salvarmos todos os que ali éramos, se não fôra nosso descuido e confiança, que nos apoquentou, como direi adiante.

Indo nós assim pelo caminho, encontrámos a mais gente que vinha a nos dar embarcações ; e não falo nos abraços e lágrimas de todos, porque o discreto leitor saberá. que tais deviam cie ser entre gente muito liada por amizade e parentesco, sem nenhuma esperança de se verem, contando cada um o que lhe acontecera ...

[Distribuidos pelas várias embarcações, partiram para a ilha de Mitau e daí com muitas tormentas para a foz do rio Menencabo, onde foram atacados à traição pelo gentio, quando estavam quási todos descuidados em terra. Deixando na praia sessenta mortos, partiram dali e após muitos dias de provações, chegaram ao porto de Banda, em Sunda, onde os esperavam nau. portuguesas, que os recolheram e salvaram].

(«Relação da viagem e naufrágio da nau S. Paulo». Henrique Dias, in *Quadros da História Trágico-marítima*. selecção. prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa. 1951, 2ª edição. pp. 446-470)

Texto 62

A perda do galeão «Santiago»

[António de Melo de Castro saiu de Goa a 25 de Dezembro de 1601, como capitão-mar do galeão Santiago». A embarcação, que era franzina, vinha abarrotada de fazenda e trazia ainda 300 pessoas. Chegado à vista da ilha de Santa Helena, a 14 de Março, uma quinta-feira, encontrou lá o general holandês Cornelius Sebastianus com três naus, que regressavam de Sunda, bem municiadas e excelentemente dispostas para pelejar. O combate travou-se na ponta noroeste da ilha, a que chamavam o Esparavel, entre o galeão português e duas naus inimigas, que o iam pouco e pouco dismantelando. Não valeu ao «Santiago» fazer-se ao mar: as naus inimigas foram em sua perseguição, e a luta recomeçou com fúria. O barco português, todo esburacado, metiaágua por todos os lados; mas o capitão persistia no Combate e mandou içar uma bandeira vermelha, em sinal de continuação da luta].

Amanheceu o galeão ao sábado na forma que está dito, com sua bandeira vermelha por popa, da qual o inimigo parece sentir o para que se pôs; e entendendo que convinha abordar o galeão, meteu nas vergas de ambas as naus combatentes uns contralais com certos vasos de fogo, que mostravam tenção e prevenção de quererem abordar o galeão, o que os nossos muito festejavam, por cuidarem que viriam aos cabelos, como desejavam. E vindo nesta forma um bom espaço, mudaram conselho e tornaram a tirar os contralais, e continuaram úa nova e terrível bateria de artilheria, com que nesta manhã mataram e feriram algumas pessoas.

Os do galeão não cessavam com os seus dous sacres, com que se enxergava 'que o inimigo recebia algum dano, porque se arredava mais. Porém o galeão fazia tanta água, que lhe eram as bombas já debalde nem as diligências do carafate, que, por serem animosamente feitas, sempre foram de muito efeito, se o mar não andara tam picado e o galeão já tam metido, de modo que não chegava aos buracos profundos. Ajuntou-se a isto o grande estrago das enxárcias e velas, dos muitos pelouros de cadea disparados nelas de prepósito, com que se arruinou tudo de maneira que não tinha a verga já senão nos antigalhall¹, quando se arrombou um paiol de pimenta, com a qual se entupiu a dala das bombas, e elas de todo sem servirem para nada; com o que, e com a muita fazenda que a noite dantes se tinha alijado ao mar, ficou o galeão desarrumado e tam descompassado que não governava, e com os balanços que dava, por andar o mar picado, ficou anhoto, e a mais da gente tam desconfiada da defesa, que se foram muitos ao capitão-mar, dizendo-lhe que, já que a fortuna os tinha chegado àquele estado, e irremissivelmente se ia o galeão ao fundo por momentos, lhe requeriam que se entregasse e não permitisse que morressem todos afogados, pois careciam de remédio humano para se poderem defender.

O capitão-mor lhes respondeu que se lembrassem que eram Portugueses, a quem em semelhantes sucessos o temor da morte não fizera

nunca perder o ponto da honra e obrigação de cavaleiros, e que esperassem pela noite, com grande confiança em Deus, que tinha muito que dar, porque também era de advertir que os inimigos tinham disparado tanto número de munição que era cousa impossível terem já com que os ofender, e que essa falta os obrigava a abordarem ou largarem a presa. E com estas e outras palavras acomodadas ao estado em que estavam, os quietou t, animando-os: que cada um tornasse a seu ofício e que, cerrada a noite, alijariam muita fazenda e destupiriam 2 as bombas, e que em Deus esperava que se haviam de defender com muita honra. E neste passo mostraram os fidalgos e nobres bem a galhardia de sua cavalaria e sangue, ajudando ao capitão-mar muitos deles a quietar aquela turba motinada e desacoroçada, esperando todos que, se se defendessem mais um dia, gastaria a munição (porque eles não sabiam quam provido dela estavam), e que depois bem se faria.

Quieto este motim e tornado cada um a seu posto e obrigação, não bastou sobeja constância dos do galeão a sustentá-lo sobre a água; porque claramente se enxergava que se ia ao fundo, com os novos buracos que recebia de cantina. E desenganada a gente disto, que lhe baliava o costado por fora e por dentro, se levantou um sussurro antre eles, e, passada palavra que se iam ao fundo, tornaram com grande motim ao capitão-mor, levando consigo o padre Frei Félix com um crucifixo nas mãos, o qual lhe requereu, em nome de todo aquele povo, que pelas chagas de Nosso Senhor Jesu Cristo se quisesse entregar, atento o estado em que estavam, e que, se ele tam claramente queria perder a vida, não quisesse perder a alma, deixando morrer toda aquela gente, que outro remédio não tinha já senão entregar-se à disposição do inimigo. A estas e outras palavras, que naquele passo o padre Frei Félix soube representar, respondeu o capitão-mor:

- Já V. R. tem muito bem cumprido com o ofício de bom religioso e pregador; agora me deixe a mim fazer o de capitão

E pedindo a todos que se quietassem e lhe obedecessem, como eram obrigados, lhe dixe Manuel Ferreira, escrivão *do* galeão, que possesse o negócio em votos.

- O negócio-respondeu ele-não é de votos, no estado em que estamos, maiormente quando se me pede, pela maior parte da gente, que me entregue.

Em este passo se chegou a ele o mestre Simão Peres e lhe falou à orelha; e, como vinha de ver o prão e não falou em público, coligiram que desenganava que o galeão se ia ao fundo, por momentos; porque um dos que mais perto ficava ouviu uma palavra ao capitão-mor significadora disso, que era «Pois ajudá-lo a ir» e o

mestre lhe tornou: - Pois logo Vossa Mercê quer morrer? Pois se isso quer, também eu morrerei com ele.

Estas práticas, ainda que eram entre ambos, estava a gente a elas tão atento, que, coligindo o que passava, levantaram a voz quase todos, com grande motim:

-Pois se Vossas Mercês querem morrer, nos queremos salvar as vidas, pois não aproveita pelejar nem ha remédio de defesa.

E desobedecendo ao capitão-mor a maior parte da gente, se subiu o motim ao chapitêu, e, por mais brados e diligencias do capitão-mor se lhe desobedeceu e se largou por popa uma bandeira branca, por um oficial do galeão. A qual sendo vista dos inimigos, cessaram com a bateria e vieram a bordo dele com suas lanchas, adonde o capitão-mor não pôde dessuadir a turba motinada que não desse pacifica entrada aos inimigos (que eles já desejavam mais grangear por amigos que escandalizá-los). E dadas reféns, entrou o capitão Cornelius té à varanda onde o capitão-mor estava retirado, vendo-se desobedecido, e acompanhado de alguns quenunca o desacompanharam. Cornelius o salvou com as palavras costumadas entre capitães, vencedores e vencidos, e consolando-o: que se não agastasse, que eram successos de guerra e da fortuna, e que, por quam bem o tinham feito, ele lhe prometia **em** nome da sua República toda a fazenda que trazia no galeão, e que lhe entregasse logo o livro da carre-

gação e as vias, regimento e mais papéis que trazia, com toda a pedraria. António de Melo lhe respondeu:

- Esse partido, capitão, fizei vós com os que vos entregaram o galeão e vos chamaram e deixaram entrar, que eu não hei mister merces vossas, nem da vossa República, que rei tenho para mas fazer; nem eu tenho pera que vos entregar nada, porque me não dou por vencido, senão quando vós me abordardes e renderdes pelas armas.

A esta resposta voltou o holandês colérico às suas lanchas, dizendo:

- Ainda tu, capitão, não queres?

E levando às suas naus as pessoas que tinha nas lanchas em reféns, tornou a voltar, trazendo gente sua armada.

O que vendo o capitão-mor, e que a sua gente já não tratava das armas, nem havia lugar outra cousa, tomou as vias e o livro da carregação e bom golpe de pedraria, e, atando tudo, ele com Rui Pireira e com o mestre Simão Peres deram fundo com uma corja de porcelanas, estando outras pessoas presentes na varanda, que se espantaram do perigo a que se punha, visto o que passara com o holandês; e ele os satisfez com dizer que percesse embora a sua vida e não percesse um ponto de sua obrigação, nem quisesse Deus que os inimigos soubessem os segredos de Sua Majestade pelas suas vias que botara ao mar e que, dos que presentes estavam escapassem e fossem a Portugal, seriam testemunhas de como se houvera naquele particular.

Entrado Cornelius com gente sua d'armas no galeão, tornou-se à varanda, e, sabendo que não havia vias nem livro de carregação, e o que o capitão-mor fizera, colarizou-se muito contra ele e o tratou com muitos disprimores, e o fez logo passar à sua nau com seu filho Francisco de Melo, que estava muito mal das feridas. E pedindo-lhe todos os mais papéis que tivesse e pedraria, o capitão-mor lhe respondeu que ele nem papéis nem pedraria tinha que lhe dar; que no galeão estava, que o buscasse ele, e que só uma cousa lhe pedia, que muito estimaria pelo que lhe ia nisso, que era o seu regimento, pois ele era capitão e sabia a obrigação que ele tinha de mostrar que

guardara a ordem que lhe dera, e que, quando g não quisesse dar, que Sua Majestade teria a isso respeito, para a descarga que lhe era ele, capitão-mor, obrigado a dar.

Cornelius lhe disse que se embarcasse, e que ele lhe prometia de lho dar (como de feito lho mandou dar na ilha de Fernão de Loronha, deixando em sua mão o treslado autêntico pelos seus escrivães), e o fez embarcar e passar à sua nau, com seu filho e com outros que lhe pareceu devia de tirar do galeão. E feito isto, começaram logo amigos e inimigos a trabalhar sobre o remédio do galeão, com quantos meios lhe foram possíveis, até que se cerrou a noite, que os inimigos não quiseram esperar no galeão, não se havendo seguros nele; e retirados às suai naus, ficaram os nossos tam temORIZADOS aquela noite de se subverter o galeão, quanta era a razão que para isso tinham. E não sossegando té pela manhã, consistia o seu repouso das cansadas noites e dias atrás, em alijar quanta fazenda podiam ao mar, e em outras diligências que entendiam que lhe convinham, que, em tais extremos, tudo são traças por salvar a vida...

Ao domingo tornaram os inimigos ao galeão para ver se o podiam remediar, e, mandando nove caraiates, em que entrou José Dinis e oito holandeses, embalçados por fora do costado, a tapar os buracos a que podessem chegar, com que o galeão estava feito um crivo, a mail gente portuguesa e holandesa entenderam em alijar fazenda ao mar com toda a outra cousa que lhe pareceu pesada; e porque as bombas estavam tupidas, se ordenaram muitos gamotes pelas escotilhas, que suprissem a falta das bombas. Os quais gamotes tinham também grande impedimento na multidão de cocos que se vieram acima d'água e empediam encherem-se e dobravam o trabalho ao. que nisso se ocupavam; e nem com trabalharem nesta forma, uns pela vida e outros pela presa, bastou para remediarem o galeão, que cada vez se sobvertia mais, pelas muitas e profundas bombardas que tinha, que por fora nem por dentro se lhe não podiam tapar; até que, desesperados os inimigos de algum remedio, parecendo-lhes que, se se detivessem mais no galeão, se

podiam com ele sobverter, chamaram pelas suas lanchas com toda a pressa e lançaram-se a elas *com* tanta presteza e tam desacordados, que caíram dous deles ao mar e se afogaram.

Aqui se viu um terrível espectáculo, porque, vendo os portugueses a presteza com que os inimigos largavam a presa por não perderem com ela a vida, entraram em grande e desesperado temor, e, largando os gamotes e serviço que faziam, uns se dispiam, outros, vestidos, arremetiam aos bordos do galeão, e, postos pela parte de fora, pelas mesas de guarnição e pegados às enxárcias, pondo os olhos no céu, o rasgavam com gritos, pedindo a Deus misericórdia, e acrescentando com lágrimas as águas do naufrágio em que se viam. Alguns se lançaram ao mar após os holandeses, os quais eles mataram cruelmente, como gente inhumana carecente de fé e caridade cristã. Foi um destes mortos o pobre do carafate José Dinis, que naquele auceno tinha trabalhado com mais ânimo que de carafate. Ao escrivão do galeão feriram mal, e assi ferido se lhe pôde meter na lancha, e, deitando-se nela como morto, enquanto elea se ocupavam na morte dos mais, ficou ali com vida.

Afastados os holandeses coro as lanchas do bordo do galeão, quanto baatou para lhe não saltarem nelas, encaravam as armas a todo o que isto cometia, e detiveram-se ali um pouco por algüas vozes que dele ouviam: «que tomas em pedraria». E a alguns que lhe mostravam bisalhos dela, tomavam, e a todo o outro que comesse entrar matavam cruamente. Vendo o mestre Simão Peres que o negócio ia por aquela via, mostrou-lhes o apito de prata com sua cadea, e por ele o tomaram.

Ia neste galeão um bombardeiro chamado Vicente Fernandes, fugido deste reino para se ficar na India, temendo ser enforcado por um homem do termo que matou mal, a S. Sebastião da Pedreira de Lisboa. Vendo este que os holandeses não tomavam senão quem tinha pedraria, determinou de se lhe arremessar nas lanchas. de cima da varanca, quando se largassem e preparassem por popa; para isso atou nela üa corda em que se embalçou com tais voltas e laços, que ao

tempo que se quis lançar em ùa⁴ lancha, se lhe embarçou a corda no pescoço, de modo que ficou por ela enforcado; e estando perneando com a morte, lhe não quiseram os holandeses valer, e se afogou e morreu enforcado com as suas próprias mãos permitindo-o Deus assi por seus secretos e justos juizos.

A mais gente, quando viu que os inimigos não tomavam senão a quem lhe dava pedraria que poucos tinham), e aos outros matavam, entraram em maior desesperação da vida, e com ùa triste desconolação, postos nus por fora do costado, esperando por momentos gostar a amarga morte, davam desesperados gritos, pedindo misericórdia aos inimigos, que claramente os ouviam e nenhũa piedade tinham deles

O capitão-mar António de Melo, não podendo sofrer aquele triste espectáculo em que via estar a sua gente, se foi ao capitão Cornelius e lhe dixe que, já que o soubera vencer com tanto valor, o soubesse mostrar em se apiedar daquela gente cristã, que se via ir ao fundo diante de seus olhos, pedindo-lhe misericórdia. A esta petição tam pia acudiu um holandês (que alguns dizem ser Lourenço Bique, feitor naquelas naus) e, pegando *pele* cabeçaõ ao capitão-mor, lhe deu um avano, dizendo-lhe:

- Não peçais tal, que não queremos dar a vida a inimigos; e vós os haveis de ir também logo acompanhar ao fundo, pois que, podendo-vos render em tempo, os deixastes chegar àquele estado.

O capitão-mar, parece que como quem já estimava mais morrer com os amigos que viver entre tais inimigos, lhe respondeu:

- **A** mor mercê que me podeis fazer é mandardes-me meter antre eles, onde eu bem desejei acabar antes a vida que ver-me a mim e eles como vejo.

Os do galeão assi trespassados, vendo-se na infelice hora da morte, que por momentos esperavam, por o galeão estar já tam metido e cheio de agua que parecia milagre não se sobverter, e desesperados de acharem piedade em herejes cegos em tudo, tiraram os olhos deles, e, pondo-os

com toda sua esperança no céu, pedindo a Deus misericórdia com grande confiança, se lhes cerrou a noite; e cobrando um novo ânimo, mais decidido do céu que de suas forças, remeteram uns aos gamotes, outros [a] alijar fazenda e artelheira ao mar, e rezando de continuo ùa devota ladainha, acompanhada de lágrimas e suspiros, aprouve a Deus ouvi-los e que o galeão se tivesse sobre a água tê pela manhã, que foi notável maravilha e gram confusão e espanto para os inimigos, no que lhe Deus mostrou bem que só à sua Divina Majestade se há-de recorrer em tais apertos e pedir piedade e misericórdia.

Amanhecendo a segunda-feira o galeão sobre a água, que foi cousa maravilhosa e mais que ordinária, e picados os inimigos da cubiça, parecendo-lhes que, pois o galeão se não sobvertera aquela noite, ainda poderia ter algum remédio, e, quando não, tirariam dele algũa fazenda, tornaram a ele muitos para trabalharem, havendo que a nossa gente estaria já cansada (como estava, de tantas noites e dias de fadiga); e entretanto, cortaram logo o mastro grande, que tinham por muito pesado, e que não aproveitava para navegar com ele, por estar tam crivado e espedaçado que não poderia esperar verga nem vela, e cortado o lançaram ao mar, com verga, gávea e tudo; e após ele alijaram muita fazenda, com assaz mágoa de seu coração; e feita toda a diligencia com carafates por fora do costado, que faziam grande efeito, por estar o mar muito lançado e quieto, e com os gamotes pelas escotilhas, chegaram a estado de te destupirem as bombas. Vazando com elas e com os gamotes a água por grande espaço, a chegaram a vencer, porque o galeio com estas diligências (e especialmente por ser Deus servido de se apiedar daquela gente, que esta é a verdade), ia descobrindo o costado e os buracos profundos, dando lugar a os carafates os poderem tapar, té que só com as bombas chegaram a vencer a água, com tanta alegria dos nossos, que choravam com prazer, dando a Deus infinitas graças por tam maravilhosa merce, conhecendo que de sua infinita bondade lhes resultara o remédio de suas vidas, e não da íraca diligência de seus braços, com que se abraçavam uns aos outros, pedindo-

-se alvissaras, com tanto prazer como se se viram dentro na barra de Lisboa a salvamento.

Vencida pois ùa tam grande dificuldade, se puseram à trinca os inimigos alguns dias, té fazerem navegável o galeao, assi do estanque da água, como de velas de proa, em que havia masto, posto que roto e desbaratado; e, continuando as bombas, seguiram a derrota da ilha de Fernão de

Loronha e expediram logo dali a terceira nau, que não tinha peleijado na volta de Holanda, a levar nova da presa, e para que se lhe segurasse um passo de Dunquerque, quando lá chegassem.

Depois de pacificas as trovoadas e tribulações que houve no nosso galeão, se admiraram os holandeses de o ver tam cheio de fazenda. Havendo que só o que dele le tinha alijado era bastante para carregar ua grande nau, diziam aos nossos:

- Dizei, gente portuguesa, que nação haverá no mundo tam bárbara e cubiçosa', que cometa passar o Cabo de Boa Esperança na forma que todos o passais, metidos no profundo do mar com carga, pondo as vidas a tam provável risco de as perder, só por cubiça; e por isso não é maravilha que percais tantas naus e tantas vidas; e o que mais noa espanta é ver que, nao vindo este navio nem para navegar nem para peleijar, vos ponhais muito de siso a quererdes batalha comnosco.

Basta que estavam admirados de ver o galeão naquele estado; já que fizera, se o viram como partiu de Goa, porque não sendo ele de porte das Daus de carga, sendo muito maia piqueno de fraco, trazia mais fazenda que a maior delas; e só no prão quatro mil quintais de pimenta, que era outra tanta como as duas naus inimigas com que peleijou traziam por carga da índia, dous mil cada ùa 7 sómente, sem mail nada, posto que foi pela razão apontada. E assi vinha o galeão a mais rica nau que muitos anos havia partira de Goa.

Puseram até a ilha de Fernão de Loronha vinte e dous dias, nos quais foram os portuguesei tratados cruelmente dos inimigos com todos os disprimores possíveis, que se nlo puderam esperar de gente bárbara e antes de os lançarem em terra elegeram dous holandeses que enten-

deram que eram para aquele eleito apropriados, os quais foram passando aos nossos um e um pela busca do corpo e vestidos, por verem se desembarcavam com alguma pedraria ou peça de ouro. E digo pela busca do corpo e vestidos, porque não sómente os dispiam e descalçavam e davam busca pelos vestidos e partes exteriores, mas ainda pelas interiores, té lhe meterem por elas os dedos; e em que lhe pes lhe faziam beber um copo de vinho para lançarem da boca alguma pedra, se nela a levassem; e só o capitão-mor António de Melo por mais honestidade o buscaram dentro num camarote, e os próprios capitães holandeses o descalçaram e o buscaram sem lhe acharem cousa alguma; e o que os nossos mais que tudo sentiram (e com razão) foi o estrago que estes herejes fizeram em algumas imagens que alcançaram à mão, e vestiram-se por ludíbrio em ùa casula sagrada que no galeão vinha, fazendo farça do trage, procurando com grande gosto que até este opróbrio os portugueses tevessem para mais os magoar, o que a Divina Majestade sofre em semelhantes ocasiões pelos respeitos a seus ocultos e justos juízos notórios.

Diferente termo teve Francisco Draque, capitão inglês, com ser luterano, quando por batalha rendeu a nau da índia «S. Filipe» com nove naus com que andava entre as ilhas dos Açores, da qual era capitão João Trigueiros, porque, trazendo-lhe da nau um crucifixo de ouro, o tomou e lhe tirou o barrete, dizendo que a sua religião lhe defendia adoração das imagens, e como aquela era de Cristo, e de ouro, o poderia obrigar ao que se lhe defendia; que lhe parecia, por se tirar de dúvida, lança-lo ao mar; e assim o fez. E a toda a gente da nau da Índia deu liberdade que de seus caixões levassem o que sobre suas pessoas pudessem, de vestidos, e que se lhe não empedisse e assi houve homem que sobre si levou dous vestidos e pedraria e outras cousas, e até colchas e alcatifas tiraram envoltas em escravos; e quando desembarcaram na Ílha Terceira de ua urca em que mandou lançar a gente, ataviada de todo o necessário, não pareciam roubados, senão que desembarcavam da sua nau com muito gosto;

posto que o capitão João Trigueiro não quis sair senão com o seu vestido do mar, de pano de Portugal, como quem tinha razão de sentir o sucesso. E parece que se quis nisto haver Francisco Drake com esta gente com tanto primor, havendo que lhe bastava uia tam grande presa, para não cobrar nome de pirata formigueiros, como fora se a dispira e fizera o que fizeram os holandeses.

E não hei-de deixar de tocar, a este propósito, outro primor, quanto a mim bem digno de ser contado, que usou o Conde Chumberland, inglês, andando com fias suas naus antre as mesmas Ilhas, onde tomando uma urca que ia de Lisboa para a Ilha Terceira, em que antre outros passageiros ia Ventara da Mota, meirinho geral delas, com sua mulher e filhos, em ua câmara da urca com muito fato seu. Sabendo-o o Conde, *ante omnia* ordenou que um capitão seu de confiança fosse diante, à urca, e lançasse na câmara em que ia aquela mulher nobre um cadeado, e que cinco palmos da porta da dita câmara não chegasse inglês algum, nem se lhe tocasse em fato que dentro estivesse, e fizessem conta que dentro da dita câmara não estava cousa alguma, por muito que se entendesse que podia estar dentro, e assi se fez inviolavelmente; e não cumpriu ao capitão o contrario. por nao passar pelo que em semelhante sucesso passou o capitão Arpar, que o mesmo Conde em Porto-Rico mandou enforcar sem remissão, sobre ua mulher que desacatou. De modo que a mulher de Ventura da Mota esteve e se ficou em paz na câmara fechada, com tudo o que nela tinha, e nem o rosto lhe viu o capitão nem pessoa algũa, emquanto a urca se saqueou e a largaram: primores certo dignos de memória de um conde luterano (que é mágoa não ser católico), e que o fazem tam famoso como a Trajano ser iustioso. se não fora perseguidor da Igreja.

E, tornando a nosso propósito, foram os do galeão «Santiago» lançados naquela ilha de Fernão de Loronha, buscados e despojados como dito é, sem cama nem cousa com que pudessem reparar a vida, e só a Francisco de Melo de Castro deram ua alcatifa, em que fosse levado e deitado, por estar muito mal das feridas; e a todos os escravos que vinham no galeão deram liberdade, e levaram

consigo para Holanda os que quiseram ir com eles.

{Melchior Estácio do Amaral, «Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago», Lisboa, António Alvares. 1604.fl.s. 25-36. in *Quadros da História Trágico-Marítima*. selecção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa, Lisboa. 1951, 2ª edição)

UNIDADE 4

RODRIGUES LOBO

Texto 1

Proposição

Canto as armas reais e o firme peito
Do varão português nunca vencido,
Quanto era na paz aos céus aceito,
Tanto na guerra foi fone e temido,
Cujo braço a seu Rei deixou sujeito,
O Reino em vários bandos dividido,
E sujeitara a toda a redondeza,
Se lhe não dera o Céu mais alta empresa.

De dom Nun'Álvares canto o valoroso
Claro libertador da pátria terra,
Que imortal lez seu nome e glorioso
Em armas, em justiça, em paz e em guerra;
E com triunfo mais alto e mais famoso
De todos os que o mundo breve encerra
Em batalha a si próprio se venceu
Conquistando, depois da terra, o Céu.

Suspenda Apolo a Lira de ouro fino,
E com as nove irmãs ouça o meu canto,
Que invoco outro favor alto e divino,
Outro maior poder supremo e santo:

Vejam que nesse assento cristalino
Sobre as asas da fama a voz levanto,
E com sonoro canto, e brando verso
Espalho seu valor pelo universo.

Ó vós Virgem mais pura que as estrelas,
Que pisando as estais no claro assento,
E vestida de sol, que é senhor delas,
Dais honra, glória, e luz ao firmamento,
A quem das criaturas as mais belas,
Ajudando dos céus, ao movimento
De anjos, e querubins diversos coros
Cantam hinos, e versos mais sonoros.

Vós tesouro do Céu; certa esperança
Dos homens, e dos bens que Eva perdeu
Doce restauro; vós justa balança

Em que já se igualou a terra e o Céu,
Vós sustentai, Senhora, a confiança
De quem em vosso nome se atreveu;
Fazei que a minha pena o céu coroe,
E, como de tal ave, escreva e voe.

Não procuro a favor da incerta fonte
A que Pégaso deu o nome e traça,
Nem os louros do vão Castálio monte,
Que honra as fontes poéticas, que enlaça.
Para que do grão Nuno os feitos conte,
A vós invoco só, Fonte de graça,
Monte de perfeição, louro mais nobre,
Que outro divino sol defende e cobre.

Este é o capitão que sempre triunfava
Dos annados contrários que vencia,
Quando ante vossas aras pendurava
Os famosos troféus, que adquiria:

Este que os altos templos fabricava
Todos ao nome Santo de Maria.
Do vosso Nuno canto humilde e forte
A valerosa vida e santa morte.

Vossa é alta Senhora. a nova empresa,
Meu este bem nacido atrevimento,
Os louvores da gente Portuguesa
Que dos vossos não ma o pensamento;
Onde há tanto valor, tanta grandeza,
Tenha meu verso algum merecimento,
Que nos vossos mui firme, e mui seguro
Contra os mores perigos. me aventuro.

(«Condestabre», Canto I, in *Antologia Literária do século XVII*
Amadeu Torres, (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.).

Todos os outros textos desta Unidade da Antologia remetem para a
mesma fonte.

O sonho de D. Fernando

Olha este armado e forte cavaleiro,
Com as insígnias reais, de que te esqueces;
Acorda, olha-me o rosto verdadeiro
Que com justa razão me desconheces;
Eu sou o grande Afonso, o Rei primeiro,
A que em obras tão pouco te pareces;
Eu sou o que ganhei com braço forte
À terra, a quem tu vás trocando a sorte.

Eu sou o que ao bárbaro inimigo
As bandeiras ganhei, com tanta glória;
Eu sou o que deixei com meu perigo
Este divino escudo por memória;
Eu sou o que te chamo, o que te obrigo
A sustentar a fé desta vitória,
E a liberdade antiga Lusitana,
Que por teus vãos descuidos se profana.

(*Idem*, Canto I)

O Alfageme de Santarém.
Nuno que em armas sempre anda cuidando
E com elas somente se ocupava,
Andara o dia de antes passeando
Donde então a donzela se apartava,
E viu a um Alfageme pendurando
Uma lustrosa espada que acabava,
Com tal primor pulida e perfeição
Que lhe fez ter cobiça a guarnição.

Enlão lhe perguntou se se atrevia
A lhe guarnecer outra como aquela;
E respondeu-lhe alegre que faria
Inda mais atilada, inda mais bela;
Mandou-lhe Nuno aquela que trazia,
E indo-se (como ouvistes) a donzela
Com o desejado irmão voltando vinha,
Sem lhe lembrar a espada que ali tinha.

Quando os olhos voltou àquela parte,
A viu na porta estar bem guarnecida
E, tomando-a com brio, graça e arte
Ameaçou rompendo uma ferida;
Temeu na sua esfera o feroz Marte,
O Sol mostrou na sua a cor perdida,
Parou um pouco o Tejo de assombrado,
Não vendo contra qual estava armado.

Da espada e do cuidado satisfeito,
Mandou Nuno pagar liberalmente
Ao Alfageme então; que outro respeito
Lhe faz que espere a paga diferente;

«Satisfação, Senhor, nenhuma aceito,
Diz, nem de vós a quero facilmente;
De Ourém tomareis Conde em tempo breve,
Pagar-me-eis o cuidado que outrem teve».

Sorrindo o cavaleiro lhe tomou
Que aceitasse o seu prémio, mas em vão,
Porque com tais razões se lhe escusou.
Que se partiu sem mais satisfação.

(Idem, Canto VI)

Texto 2

História do pastor Peregrino

Fui já pastor, e agora peregrino
Com o cuidado, e traje diferente,
Vou trás de minha morte, ou meu destino,

Fui livre em outro estado, e fui contente,
Amor me fez cativo de um cuidado
E eu me entreguei cativo livremente.

Tive amigos, cabana, e tive gado,
Tive descanso, e foi de pouca dura,
Que nunca dura muito um doce estado.

Entregou-me o Amor logo à ventura,
Em vindo às suas mãos fei-me dela,
Cuidei, por ser de amor, que era segura.

Vi no primeiro dia a minha estrela,
Mas quando em meu favor aparecia,
Cerrou-se a noite, e eu houve de perdê-la.

No berço feneceu minha alegria,
E dela ouve, pastor, a triste história,
Que foi contente em quanto o Céu queria,

Era (se me ficou livre a memória
Que em codtar minhas penas ocupada
Nem pelo nome já conhece a glória)

Uma clara manhã. bela e dourada.
Quando o Sol mais fermoso se mostrou
E a terra de mais flores semeada,

Uma tristeza estranha me assombrou
Que em meu esqvwvo e livre pensamento
Até então lugar não alcançou.

Senti n'alma (inda isenta) um sentimento,
Sem me obrigar nenhuma ocasião,
Um desejo, um cuidado, um rendimento,

Um faltar-me no peito o coração,
Uns suspiros sem conta, que quebravam
Em lágrimas, sem tempo e sem razão,

Um as ideias, que representavam
Imagens vãs de gostos vencedores,
Que os sentidos por sombras encantavam...

Apartei-me do gado e dos pastores,
Fui-me encostar no centro de um penedo,
Onde o sono venceu meus vãos temores.

Como direi de Amor este segredo?
Se sou para o contar tão receoso
Que até da noite e sombras tenho medo!

Ah! ditoso pastor, livre e ditoso
Se o mal que padeces não se apura,
Obrigado a segredo perigoso.

Despertou-me suspeito que a ventura,
Levantei-me sonhando e sem mais tino
Entrei por uma cova em noite escura.

Eu, que tornar ao pasto determino,
Noutro vale me achei tão diferente,
Qual é da sombra o duro cristalino.

Fiquei confuso ali, porém contente,
Porque tudo o que via era tão belo
Que outro vale não vi que o represente.

Gastei em espantar-me só, e em vê-lo,
Daquele dia espaço não pequeno,
E ainda agora, cuidando-o, me desvelo.

Entrei: fui descobrindo o vale ameno
Té chegar a uma fonte, e levei dela
Um ministro do mal que agora peno.

Sem cuidado, receio, e sem cautela,
Por um caminho estreito da montanha
Para buscar-lhe o fim, meti-me nela.

Quando (ó nova visão, ao mundo estranha)!
Vi vestida de monte a Citereia
Sem o cego menino que a acompanha.

Mas ali! que se com esta Semideia
Vénus ante o Pastor de Frigia fora,
Ficara descontente, e fora feia.

Não era Citereia, era senhora
Do amor, da fermosura, e deste monte
Aonde andava tão livre e caçadora.

Dormia a seu sabor, e o Sol defronte
Cantando estava as graças do seu rosto,
Que outro não há que as veja nem que as conte.

O arco no braço esquerdo tinha posto;
A cabeça na aljava que trazia,
Ah! custosa lembrança, ai! caro gosto!

Ceguei de perto e, vendo que dormia,
Atrevi-me e, temendo que acordasse,
Ora chegava a vê-la, ora fugia.

Mas como a alma ali presa ficasse,
Para penar aquele atrevimento
Não consentia Amor que me apartasse.

Doce hora para mim. doce momento,
Que o bem. quando é maior, não dura mais
Que em quanto dá lugar ao sentimento.

Uma seta roubei, e estes sinais
Foram indícios já do que padeço
Quando logo escolhi penhores tais.

E, em lugar dela, a presa lile ofereço
Com umas letras escritas num cajado
Que pelo que já tinha era de preço.

Apartei-me dali para o meu gado,
Aonde depois não pude durar tanto
Que não buscasse o fim do meu cuidado.

Tornei a ver aquele novo espanto
Cujo retrato agora na alma vejo,
Por quem contra a Fortuna me levanto.

E quanto eu mais temia o meu sobejo
Atrevimento, e vão, mais à vontade
Enganava a ventura meu desejo.

Quão bem amor nos vence e persuade!
Quanto oferece, e quanto facilita
Para tirar de uma alma a liberdade!

A um humilde pastor que o monte habita,
Que só no seu rebanho, quando cresce,
Se alegre, se engrandece e se exercita,

Uma Deusa dos bosques lhe oferece
E, dourando o veneno que lhe dá.
Já quando não tem cura, o mal conhece.

Enganei-me, porém, conheço-o já;
Se me valera, e não me vale já agora
Que lavrou o veneno, e na alma está.

Mas ah! doce veneno, quando o fora!
Fui, falei, atrevi-me, e a ventura
Por atrevido levantou-me uma hora.

E aquela mais que humana fermosura
Me deu nas suas mãos uma esperança
Enquanto a minha fé fosse segura.

Porém, ou já de inveja, ou por usança,
A mesma que esta glória me granjeia
Fez em meu dano logo outra mudança.

Uma pastora ali da mesma aldeia,
Por meu mal me quis bem, que este instrumento
Costuma-o destruir a sone alheia.

Viver me não deixava um só momento
Com perseguir-me. e eu. fugindo dela,
lá seguindo em vão meu pensamento.

Guiou-a o cego amor, ou minha estrela,
Àquele bosque a todos escondido
Aonde o **CEU** me mostrou visão tão bela.

Errou o camínho, e eu fiquei perdido:
Descobriu-se o segredo desta glória
Naquelas mãos que a deram, prometido,

A maneira não sei, que desta história
Não tenho mais que a dor, e esta manhã
Como a traz por momentos a memória.

Cerrou-se para mim logo a montanha,
Desterrei-me da pátria tão querida
E vim buscar a mone à terra estranha.

Aonde, aborrecendo a triste vida,
Guardei noutras ribeiras manso gado,
E ali foi minha voz de novo ouvida.

Cobrei um fiel amigo desejado,
A quem fiz secretário de meu peito.
Posto que nunca o foi deste cuidado.

Amava (era este amor mal satisfeito)
A uma linda pastora e, descontente,
De quem foi por mais triste o mais aceito.

Tivera ela um cizidado diferente
De que já se aparta o pensamento,
Como de cousa enfim que estava ausente.

Contou-me ele este amor e sentimento,
E em só melhorar sua esperança
Lhe dava a ela algum consentimento.

Meteu-se em meio a vil desconfiança,
E com um falso sinal mal entendido
Perdeu de minha fé toda a lembrança.

Logo me houve por falso e fementido,
Fugiu, por me não ver naquela aldeia.
Ou ao menos ficou nela escondido.

Eu. que habitava já na terra alheia,
Vendo nela a Fortuna conhecer-me,
Mais longe fui pisar estranha areia.

Não pude ali também dela esconder-me
Mudei o trajo. e vou peregrinando
A perdê-la de vista, ou a perder-me.

Não escolho o caminho por onde ando,
Sigo o mais arriscado e encoberto,
Do desejo e de mim vou-me alongando.

Por permissão do Fado, ou por acerto.
A esta fonte cheguei sem companhia
Com uns pastores, que amor tinha em concerto.

Voltei; neste lugar faltou-me o dia,
Da noite me abriguei nesta aspereza;
Se a um triste buscas para companhia
Achaste o próprio centro da tristeza!

(Pastor Peregrino)

Regresso do Pastor Peregrino. Sereno e manso rio
Que das fontes do Lena acompanhado
Aqui perdeis o nome e fermosura,
Em cujo senhorio,
Das mais fermosas Ninfas invejado,
Não tem lugar efeitos da ventura.

Se na água clara e pura
Onde me vejo agora
Daquele que me vi tão diferente
Caírem juntamente
As que o meu coração nos olhos chora,
Porque são de alegria
Dai-lhe com vossas águas companhia!

A vós, rio saudoso
Que fere o Sol primeiro noutros montes,
Contente as graças do'u desta tornada!
Sempre sejais ditoso,
Sempre corram contentes vossas fontes
E seja esta corrente celebrada;
A minha frauta amada,
Nos vossos frescos vales
Tomem a ouvir as ninfas e os pastores;
Ou cante meus amores;
Ou chore o sentimento de meus males,
Resulte em vossa glória
O que Amor ordenar de minha história.

Humilde outra vez beijo
Vossas areias brancas e esmaltadas
De luzentes cristais, de alvos scixinhos;
Aqui com mor desejo
Alegre estamparei livres pisadas,
Daqui me abrirá Amor novos caminhos;
Os outeiros vizinhos,
Os vossos arvoredos,
Os vales e os ribeiros saudosos,
Alegres e queixosos,
As serras, as montanhas e os rochedos
Que ornem vossa corrente,
Queixoso cantarei, porém contente.

Mas se quando partistes,
Lá onde se mistura o manso Lena,
Passastes pelo bosque defendido
Por quem meus olhos tristes
Choraram largamente injusta pena
Que ainda agora atormenta o meu sentido,
Meu rio tão querido,
Dizei: quando passastes
Por entre aquelas brenhas e aspereza,
Se aquela alta beleza
Por sorte em vossas ondas encontrastes,
Se em vós viu porventura.
Aquela estranha e nova fermosura?

Mostrai-me em vosso centro
O seu retrato, inveja das estrelas,
Antes que as ondas gozem tal ventura,
Que se o virem lá dentro,

Arderão os delfins de amores delas
E os focas moradores de água escura;
Mas isto me assegura
Que não no mereceste,
Pois passando os limites costumados
Com modos desusados,
Os ásperos penedos não rompestes
Até molhar as plantas
De quem no bosque faz florescer tantas.

Porém quando imagino
Que molhastes a terra venturosa
Que em algum tempo dela foi pisada,
A vós meu rosto inclino,
E, tocando esta linfa tão fermosa,
Me faz no coração alegre entrada
A corrente sagrada,
O venturoso rio,
A saudosa, amiga eleda praia;
Antes que esta alma saia.
Deixando sobre a terra o corpo frio,
Celebre no universo
Vosso ditoso nome em brando verso.

Beba em vossas correntes,
Descanse reclinado sobre as flores
Que com vosso borribo sustentais;
Cantando entre os contentes,
Celebre vossas Ninfas e pastores,
Coroados dos louros que regais
E entre estes desiguais
Montes que ao longe vejo,
Goze, apesar da sorte, algum sossego
E, esquecido o Mondego,
O Guadiana, o Minho, o Douro, o Tejo,
Por meio de outra pena
Cante só Lusitânia o Lis e o Lena!

(Idem)

Texto 3

Canção de Lereño

Pelo fragoso da serra
Vi descer a uma Pastora
Que parece ser senhora
Da espessura.
Porque a sua fermosura
Faz abrandar os penedos
E abaixar os arvoredos
Quando passa.

Não há planta tão escassa
Que lhe negue seus louvores
E lhe não solte mil flores
Na cabeça.
O ribeiro que atravessa
De alegria e gosto salta,
E a tenra verdura esmalta
E as boninas
De mil gotas cristalinas,
E ali de contentamento,
Vem bailando o manso vento
Ante seus olhos.
Vão fiorecendo os abrolhos
Que com seu descuido pisa
Sobre a folha tenra e lisa
Dos loureiros.
Passarinhos chocalheiros,
Pintados de várias penas,
Com suaves cantilenas
A festejam.
As nuvens, porque desejam
Competir com o monte e prado,
De ouro, azul e de encarnado
Vêm vestidas
E por bocas escondidas
Borrifos de aljôfar lançam,
E ditosos os que alcançam
Seus cabelos!
O Sol, que morre por vê-los,
De entre os ramos os espreita,
E com os raios que lhe deita
Resplandecem.
Duas estrelas parecem
Os seus olho, peregrinos.
A boca, dois rubins finos
Engastados
Em uns cristais relevados
Que, com o seu claro efeito,
Mostram o bem mais perfeito
Da vontade.
O rosto dá claridade,
Fermosura e ser ao dia,
E enche os campos de alegria,
Gosto e graça.
Os cabelos com que enlaça
Os corações mais isentos,
Eram para os avarentos
Ouro fino.
Mas o amor cego c menino
Que deles fez seu tesouro,
Tirou quilates ao ouro
Por lhos dar.
Descendo para o lugar
Onde os pastores estavam,
Que ve-la tal festejavam
Ledamente.

Dentre a mais rústica gente
De toda aquela montanha,
Um pastor de terra estranha
Ventureiro,
SE atreveu ser o primeiro
A falar de seus louvores,
E à vista dos mais pastores
Começou:

- Quem viu vossa fermosura
Não tem mais para que ver,
E o que mais por vós perder
Se perdeu com mais ventura.

Eu sei, senhora, um perdido
Por vós, que está de afeição,
Que não teve coração
Para ajudar ao sentido.

Nem olhar vossa figura
Pode sem desfalecer,
E em saber-se assim perder
Se perdeu com mais ventura.-
Eis que o vale festejou
A cantiga que dizia,
Inda que em sua ousadia
Era culpado.
Porém, de muito obrigado
A fermosura tão rara,
Todo o dia não cessara
Deste canto
Se lhe concedera tanto
A sua ditosa estrela;
Torna a pôr os olhos nela
Com receio,
Levando como em rodeio
A vista àquele lugar,
Pela não poder fitar
Ao direito.
Vendo no seu rosto um jeito
E uma cor enfraquecida,
Lhe cantou com mui sentida

E baixa voz:

- O mal que vos muda a cor
(Se eu posso julgar de cores)
Pois a cor mata de amores,
Deve de ser mal de amor.

Se é mal o que em vós está
(Que parece cousa injusta)
Não se sinta à vossa custa,
Que a minha alma o pagará.

Outrem tenha dele a dor,
Vós tendes sòmente as cores,
Que, se essas matam de amores,
Deve o mal de ser de amor.-

Ela nisto os olhos pôs
No chão, sorrindo e zombando;
Esteve como cuidando
Se era assim...
O pastor, para dar fim
À antiga prometida,
Acabou por despedida
Desta sorte:

- Se com arco e setas
Vindes aos montes,
Mais cativam os olhos
E de mais longe!

(Primavera)

Vilancete

Disse Inés que me queria
No tempo que me enganava;
E eu queria, ela zombava.

Deu-me mostras e sinais
Que me amava de verdade,
Cativou minha vontade
Para assim querer-lhe mais;
Cuidei que eram naturais
Os extremos que mostrava,
E eu queria, ela zombava.

Era de mim tão contente
Que assim mesmo tinha inveja,
Que o que muito se deseja
Logo se crê fàcilmente;
Logo ela era tão diferente
Que em tudo o que me tratava
Eu queria, ela zombava.

Foi-me assim, zomba zombando,
Vencendo por graça e riso;
Sem nunca me amar de siso,
O siso me foi tirando;
Fiquei doido, como quando
Pelo amor, que me mostrava,
Eu queria, ela zombava.

Diziam-me os guardadores:
- Olha ora por ti, Joane,
Deixa Inês e não te engane,
Que ela tem outros amores. -
Cuidavam que eram melhores
Os que comigo tratava:
E eu queria, ela zombava.

(Idem)

Vilancete

Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

Depois que ando transformado
Num cuidado que me obriga
A viver sempre enleado,
Não posso achar quem me diga
Se sou perdido, ou ganhado;
Nem por fé se me consente
Que saiba parte de mi,
Quem me tem nega, e não mente,
Que, depois que me perdi,
Ando perdido entre a gente.

A alma, que buscou lugar
Que Amor por seu fim lhe ordena,
Bem se quer³ empregar,
Mas ficou presa no ar,
Aonde anda e aonde pena;
Nem ganhada, nem perdida
Posso dela saber nada,
Nem de mi, se alguém duvida,
Quem me dá vida emprestada,
Nem morro, nem tenho vida.

- Fartai-vos de ver, meus olhos,
Os olhos de Guiomar.
- Não nos podemos fartar!

- Andais de dia após ela
Pelo monte e pelo prado;
Se entra a mondar ao serrado,
Sempre lhe estais à cancela;
Se à noite tomais a vê-la
Nunca vos fartais de olhar ...
- Não nos podemos fartar!

- Inda bem se não enfeita
Com a fraldinha louça
Ao domingo de manhã
Quando a vós tendes de espreita,
E nada disto aproveita
Para vos fartar de olhar?
- Não nos podemos fartar!

Tem o seu rosto tal ser
E os seus olhos tais extremos
Que quanto neles mais vemos,
Tanto mais temos que ver;
Quem os sabe conhecer
Nunca se farta de olhar;
Não nos podemos fartar

Não há força que resista
Ao que com seus olhos trata,
Que, estando vendo, nos mata
De fome com sua vista;
Ou se vista, ou se não vista,
Ou no monte, ou no lugar,
Não nos podemos fartar!

(Idem)

Vilancete de resposta

Coração, olha o que queres:
Que mulheres, são mulheres...

Tão tirana e desigual
Sustentam sempre a vontade,
Que a quem lhes quer de verdade
Confessam que querem mal;
Se Amor para elas não val,
Coração, olha o que queres;
Que mulheres, são mulheres...

Se alguma tem afeição
Há-de ser a quem lha nega,
Porque nenhuma se enrega
Fora desta condição;
Não lhe queiras, coração,
E se não, olha o que queres:
Que mulheres, são mulheres...

São tais, que é melhor panido
Para obrigá-las e tê-las
Ir sempre fugindo delas
Que andar por elas perdido;
E pois o tens conhecido,
Coração, que mais lhe queres?
Que, enfim, todas são mulheres!

(*Idem*)

CORTE NA ALDEIA

Texto 4

DÍALOGO II

Da polícia e *estilo* das cartas missivas

Ficaram os amigos tão afeiçoados à conversação daquela noite, que, por fazerem a do outro dia mais comprida, acudiram a ajuntar-se logo depois de se pôr o Sol; porém, cada um com pejo de ser o primeiro, passeavam em dois postos, o Doutor com D. Júlio, e Pindaro com Solino, à vista da casa de Leonardo, té que ele chegou à janela e, mostrando o mesmo desejo que os quatro traziam, facilitou o receio e aprovou as horas. Subiram todos, e disse o Doutor:

- Pareceu-me este dia tão comprido, na esperança da noite, como aos trabalhadores que devem o jornal.

- E a mim (tornou Leonardo) a noite, depois que me deixastes, tão imponuna como quem espera a manhã para cousa de seu gosto; e assim não é muito que vós viesseis tão cedo e que a mim me pareça que já era tarde.

- Todas as cousas que se desejam muito (tornou D. Júlio), por pouco que se dilatam, tardam mais.

- E as que se temem (prosseguiu Solino), por muito que tardem, parece que se antecipam. Donde um disse maravilhosamente que o que queria que a Quaresma lhe parecesse breve, devesse pagamentos para a Páscoa. Enfim, chegou mais cedo este prazo que todos desejávamos; e se o senhor da casa dormiu pouco, eu apostarei que há algum na companhia que se desvelou mais.

- Não era ocasião para descuidos (disse o Doutor) e nos mancebos era demasiada confiança entrar nesta batalha despercebidos.

- Os apercebimentos (tomou o Fidalgo) podem fundir muito pouco, porque como ategora é incerta a matéria de que se deve tratar, serão sem fruto as diligências.

E Engano (replicou Solino), que nunca falta uma carta em que prender; como um homem tem as suas apuradas e há cousas que se levam a rastro *como* corpo morto, e, quando sejam bem cuidadas, nunca são mal ouvidas. E se oão, digam-no as olheiras com que esta manhã vi a meu amigo Píndaro.

- Já sei (disse Píndaro) que vedes mal, mas contra mim ainda é pior a vossa tenção que a vista; não me pagais bem o que vos mereço, mas é na moeda que tendes.

- E na que corre (tornou ele), que o rifão de agora diz que fazer e dizer mal, nunca se perde. Não vos escandalizeis, que tudo há nos homens e nas cartas.

- Essas (disse então D. Júlio) hei-de eu partir porque desejava muito alçar por elas; e, pois o Doutor falou ontem em cartas missivas, e aprovou para elas a Ungua PortUguesa, nos há-de declarar o que há-de ter uma carta para ser cortesã e bem escrita.

- Esse cargo (tomou o Doutor) convém mais ao senhor da casa, porque ainda que a carta consta de letras, não é profissão de letrados o faze-las cortesãs e quem sabe tanto do estilo da Corte como Leonardo, pode dar lei para elas.

- Vós (responde êle) sois Doutor em tudo, e meu superior em todas as matérias, e como tal me podeis dar o grau de cortesão. Eu o quisera parecer na confiança e em obedecer ao gosto destes amigos, mas para eu prosseguir com autoridade é bem que vós comeceis a principiar a matéria, dizendo que nome é *carta* e o seu princípio, pois me dais o cargo antes de estar apercebido para ele.

- Bem sei (lhe respondeu o Doutor) que por me honrardes a mim tomais tudo à vossa conta; folgarei de a dar boa do que me encomendais. Este nome *carta* é genérico, e teve origem de uma cidade do mesmo nome, donde foi natural a Rainha Dido, que, por o amor que tinha à sua pátria, pôs à que edificou por nome *Cartago*. E porque em Carta se inventou primeiramente a maneira em que se escrevia (ou fosse papel, ou outra cousa semelhante a ele) tomou dela o nome, como de *Pérgamo* o *pergaminho*. É para saber que nos primeiros tempos, quando se inventaram as letras, escreviam os homens nas folhas das árvores. como ainda hoje nas de palmeira escrevem os gentios de algumas panes do Oriente; as Sibilas nelas escreveram suas profecias, e assim se chamaram a seus escritos *folhas sibilinas* e ainda na linguagem Portuguesa se conserva alguma cousa desta antiguidade, pois dizemos *folhas de papel* sem o papel ter folhas, mas é em lembrança das primeiras que se usaram na escritura. Depois se escreveu em uma casca tenra de árvores, que é o entreforro da corrica. E porque a esta chamavam *livro*,

conservam ainda agora eles o nome e a divisão que agora fazem os escritores do *livro primeiro segundo*, e daí adiante é o número porque então deviam contar aquelas cascas. Também se escreveu em o miolo de uma maneira de juncos a que chamaram *papiros*, donde aos Latinos ficou o nome para o papel. Depois se escreveu em tábuas, nas quais, sobre cera, com um instrumento de ferro ou de latão, a que chamavam *estilo* se assinavam as letras, e do ferro com que se escreveram se veio a derivar o que agora dizemos *bom* ou *mau*, *humilde* ou *altivo estilo* de escrever, passando-se por translação a perfeição do instrumento ao concerto e policia das palavras. Deste próprio modo se usa o nome de carta, que alcança em género a todo o género de papel escrito e ainda pintado. Os Portugueses fazemos este nome particular tomando *carta missiva* por a principal de todas, e assim basta dizermos *carta*, sem mais declaração, para se entender que é esta; porém nas especiais delas usam o nome com seus atributos. E nos instrumentos judiciais, que testemunham antiguidade, se diz *carta precatória*, *demúsória*, *citatória*, *de liberdade e de venda*, e outras muitas; e ainda as de jogar, sem terem letras, se chamam comumente cartas. E a gente aldeã, conservando alguma cousa da antiguidade, a qualquer estampa ou pintura em papel chamam *carta*. Os Latinos puseram nome às cartas missivas *epístola*, do verbo grego que quer dizer *mandar*; e *letras*, porque a carta consta delas. Os Italianos deram singular e plural a este nome segundo. E na nossa língua, a que chamam limitada, não faltou nenhuma destas diferenças, antes houve maior perfeição porque a uma chamaram *Cartas mandadeiras*. às que tinham menos de papel, escritos; e às cartas de Itália *letras*, que são as de Roma e as de câmbio, porque deviam ter o mesmo principio; porque logo nos de Portugal mandavam os Reis dele, por letras, copiosas doações à Sé Apostólica do que conquistavam. De maneira que o nome de carta, quanto à sua origem, é geral e comum; e, entre nós, particular das cartas missivas; e pois lhe descobri o nome, é necessário. senhor Leonardo que lhedeis agora o **SEF**.

- Parece-me (respondeu ele) que estou já do meio da minha obrigação (conforme ao dito do poeta): que quem começou, também tem feita a maior parte. B passando do nome da carta aos exteriores dela, digo que há-de ter: cortesia comua, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, papel limpo, dobras iguais, chancela sutil e selo claro; e com estas condições será carta de homem de Corte.

_ E, falando de cortesia (disse Solino), que entendeis nela?

- A cortesia (lhe respondeu ele), nao falando na leitura da carta, é o sobrescrito, o apartado da cruz té à primeira regra, e do princípio do papel té o começo do todas; e o final e nome de quem escreve, abaixo da data da carta. E porque nisto há diferentes costumes e erros, me parece bem fazer de tudo lembrança.

- Nos sobrescritos temos pouco que tratar (tornou Solino), que, depois que com a premática os cercearam, não há já *prezados, magníficos, honrados e ilustrísimos*, nem os *senhores*. Ainda ficaram alguns de rodeio que são muito para ver, e assim o dizem eles, a cujo propósito voa hei-de contar uma história. Eu (como todos sabeis) vejo com óculos e (conforme a opinião de alguns) com eles muito menos. Os dias atrás, sendo eu ainda inocente deste costume, me deram uma carta de um amigo que dizia: *Para ver o senhor Solino,* aberta ela, a leva tal, tão miuda e embaraçada, que desmentia o sobrescrito e por nenhuma via pude ver o que dizia. Mas respondi noutra letra muito pior e pus no sobrescrito: *Para cegar o senhor Fuão;* ao que ele depois me respondeu que estava pelo costume dos presentes.

- Nem todos se hão-de seguir (disse o Doutor) que, como escreve o filósofo Favorino, cada um deve usar do palavras presentes e costumes antigos; e maia quando o uso é abusão, que no primeiro, por ser tal, o defenderam as leis, e no segundo o repreendem os mesmos que o usam. Contudo Leonardo dirá o que lhe parece.

- A mim (respondeu ele) que a lei é boa e a cautela, escusada. Porém o sobrescrito tem mais partes de cortesia que essa que dissestes. ainda que à primeira vista pareça cousa tão limitada. E, para que comecemos em ordem, *sobrescrito* é uma notícia vulgar da pessoa a quem se escreve e do lugar aonde lhe mandam a carta, exprimindo-se nele o nome e a dinidade por onde é mais conhecida, e o do lugar onde naquele tempo assiste. Nesta regra geral há uma limitação, e é: que às pessoas de grande título e cargo se pode calar ou usar de outro modo diferente esta segunda notícia, porque, além dos cargos declararem muitas vezes a assistência das pessoas, parece conesia que as que são mui conhecidas por seu título e dignidade, basta essa e o nome para serem buscadas. O primeiro modo é como se escrevessemos a N. Viso-rei da Índia, a N. General de Portugal. O segundo, como a N. Embaixador de EI-Rei de Espanha em a Corte de Roma. E posto que estes assistam a tal tempo em vilas ou cidades particulares, não é necessária outra leitura no sobrescrito Não trato aqui das cartas enviadas aos Reis, de seus vassalos, porque não entram nesta regra as que vêm dirigidas a seus Conselhos particulares

- Bem podeis (disse o Doutor) meter nesse lugar a história de um letrado da minha profissão, que mandando uma informação à Mesa do Paço, pôs no sobrescrito: *A EI Rei nosso Senhor nos Paços da Ribeira, junto de Luis César.*

- Doutro soldado ouvi eu contar (disse Solino) que escreveu à Índia: *A N. Viso.Rei da India, nos Paços de Goa, defronte de um lanceiro torto.*

- Para gente tão néscia (disse Leonardo) não servem preceitos; mu em ouua vejo muiltal vezes sobrescritos tão miúdos e sobejos que pessoas mui particulares se podiam dar por afrontadas deles, como é: a Fuão, em tal terra, em tal rua, detrás de tal pane. defronte de tal casa e

junto a N. E. às vezes, é a pessoa tal que deve ser mais conhecida por si que pelas confrontações.

- Dos sobejos (atalhou Solino) não posso eu calar um, que vi há poucos dias, de um frade que escreveu ao seu provincial, que tinha cinco Padres Nossos como conta benta e dizia: *Ao muito Reverendo Padre nosso, o nosso Padre N. nosso Padre Provincial no Convento de nosso Padre S. N. Padre nosso,*

- Por isso digo (prosseguiu Leonardo) que a notícia deve ser vulgar, que nem ofronte, nem lisonjeie, nem so-beje, nem falte.

- Mais provável é (disse D. Júlio) que se peque nos sobrescritos por demasia que por falta, porque todos dizem o nome da pessoa e a terra para que escrevem.

- Não já um (respondeu PÍndaro) que escreveu: *A meu filho o Licenciado em Salamanca, que Deus guarde,* parecendo-lhe que bastava o grau em lugar do nome. Mas que lugar dareis vós aos títulos dos sobrescritos? Que há alguns mais compridos que as cartas, que rezam o nome, o título, o senhorio, o cargo, a comenda e ainda as pretensões da pessoa a quem se escreve.

- A mim parece (tornou Leonardo) que os títulos é coisa conveniente e necessária; usados porém com moderação conforme ao que tenho dito; que notícia vulgar é ser um homem conhecido por o senhorio e cargo que tem; e assim se há-de escrever de cada um o cargo que tem, e por onde é mais conhecido. Do senhorio como: *A N. senhor de tal Vila.* E estando em ela: *A N. na sua Vila N.* O que também se usa nos lugares e quintas em que cada um assiste. Do cargo: *A Fuão, do Conselho de El-Rei o seu Presidente da Fazenda, da Consciência, etc. A Fuão Desembargador de El-Rei nosso Senhor e seu ouvidor dos Agravados etc.* Tudo isto com a brevidade necessária porque o sobrescrito, como dixe, serve de notícia e não já de adulação. E, na cana, não se permite no sobrescrito o que se não consente no interior; como se algum escrevesse a este Fidalgo e lhe quisesse pôr os títulos, que ele merece, no sobrescrito; convém saber: *A D. Júlio, Coluna da nobreza de seus passados e glória das esperanças de sua pátria. Ou: Ao Doutor Lívio, honra e luz do Direito Civil exemplo da filosofia e tesouro da humanidade;* cousas eram estas que deles se podiam dizer, porém não já no lugar do sobrescrito. E passando d'les adiante: A segunda cortesia é do papel, da cruz até à primeira regra; que há alguns que lhe põem os olhos muito junto com as sobancelhas, outros que lhe deixam pelo meio uma estrada de coches; e, pela desconformidade que há entre uns e outros, veio a ser a regra entre os iguais que fique em branco a quarta parte do papel, que vem a ser no alto a primeira dobra, e na ilharga um espaço razoado que dá lugar à mão para ter a carta sem cobrir as letras, e para se cortar ou passar chancela sem as ofender.

- E de que nasce (preguntou PÍndaro) que muitos deixam mais de meio papel em branco da ilharga e vão a cerzir a letra com a cortadura da tesoura?

- Esse erro e outros muitos (respondeu ele) nascem de mudarem alguns os serviços às cousas: porque a invenção não estava mal no seu lugar se a não fizeram servir nos alheios. Em cartas de negócio, feitas a pessoas ocupadas, que se fazem por capítulos e apartados, ou perguntas sobre matérias dos mesmos negócios, se deixa igual parte do papel para responder à margem em ordem a cada uma das cousas, e assim fica servindo para duas uma mesma carta; mas estas não guardam a regra, nem a cortesia das missivas. O mesmo erro há no que Solino primeiro apontou dos sobrescritos: *Para ver o senhor Fuão*, que nasceu de alguns papéis emmaçados, que se usavam de ministro a ministros com somente aquele sobrescrito sem outra carta, e sem terem mais de carta que o irem cerrados e selados, deram ocasião aos que usam o mesmo termo nos sobrescritos delas.

- Muitos erros há (disse D. Júlio) nascidos da mesma ocasião. E posto que seja sair um pouco fora do propósito, é tão grande bugia da virtude e da honra a vaidade, que, somente por a seguir em as aparências, tropeças a cada passo em desatinos. Este escreveu: *Para ver*; porque N. Menistro, ou privado, escreveu assim; e veste de tal pano porque N., de maior qualidade, o trazia; e o que este fez (pode ser por remediar o seu frio) faz outro à imitação e se abrasa de quentura. À Espanha se passou o uso de vestir dos soldados de Flandres per bizzarria, e razão tinham de imitar em outra as cousas aos práticos que militam em uma praça tão enobrecida da Europa; mas o que eles faziam obrigados do clima e sítio da terra, usavam os cortesãos por gala, levados do engano da vaidade: os chapéus de aba grande contra a neve, os ferragoulos, abotoados e com descansos, para o frio, as meias de escarlata debaixo de botas altas contra a umidade, as solas levantadas por detrás para não resvalarem nos caramelos, as roupetas abertas sobre as armas; tudo isto, e outras muitas cousas, sendo inventadas pela necessidade, se passaram à galantaria. Deixo as cores de Rei e da Infante, e a história do mercador com El-Rei D. João o Terceiro, que lhe pediu que se quisesse vestir de um pano que tinha muito rico, o qual lhe daria de graça: que, com este ardid, em El-Rei o vestindo, vendeu ele à mar valia uma quantidade de peças daquela cor que lhe haviam entrado numa partida.

- Não é isso somente nas cartas e nos trajos (disse o Doutor) que ainda passa adiante o engano. Em Corte do Emperador Carlos V, andando ele indisposto, lhe mandaram os médicos comer barragens, por ser erva medicinal para a sua enfermidade; e porque os fidalgos e titulares a viam de ordinario na mesa Imperial, sem advertirem a ocasião porque se fazia, veio a valer entre eles muito e a fazerem mil iguarias daquela erva, de sorte que se semeavam tantas nas terras onde a Corte assistia que não havia agros doutro fruto. Usam-se enfim as cousas mal, e às vezes são nascidas de bom costume.

- Assim é (disse Solino) que até óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria.

- Dessa maneira (seguiu D. Júlio) se devia mudar para as canas o estilo dos papéis, que o não eram por imitarem aos validos. E, tornando à cortesia, que cousas tem mais de que tratar?

- A terceira (tornou ele), é o nome e sinal do que escreveu a carta, que nem há-de estar tão junto do papel como quem escolheu melhor lugar, nem tão apartado que fique ausente das regras, nem tanto na ponta do fim que pareça que se amou àquele canto; mas com um meio ordinário, como é assinar-se um pouco abaixo das regras, mais inclinado à parte direita que à esquerda, que é uma certa modéstia e humildade de quem escreve.

- E que dizeis (perguntou o Doutor) do acompanhamento do sinal? Porque há uns que se nomeiam *servidor da vossa mercê N.*; outros, *vassalo*, outros, *cativo*; outros, *seu N.*, e há nisto muita variedade e ignorância.

- Primeiramente (continuou Leonardo) *servidor* já se passou das cartas para as retretes; *servo*. para os matos, e *cativo*, para os cumprimentos refinados em a prática; *criado*, era termo bem criado, e *seu* é descortesia; e por fugir desta, e de alguns extremos. o mais seguro é escrever cada um o seu nome sem mais leitura.

- Não sejais tão estreito nas licenças (disse Solino), que deitais a perder cartas que só pelos cumprimentos do sinal merecem fama. Um homem, escrevendo a sua própria mulher, se assinou *vosso servo N.*, e ela o fazia tal na mesma ausência. O outro, de que contam vulgarmente, porque corria nos sinais o *menor criado de vossa mercê N.*, escrevendo a sua mulher se assinou o *menor marido vosso N.*, e a senhora havia de ter mais varões que a Samaritana.

- De uma gentil dama sei eu (disse Píndaro) que, escrevendo a um galante, se assinou *sua N.*, e ele, lendo a carta, voltou para um amigo com quem estava. e disse: *Sempre temi esta nova*; e perguntando-lhe o outro que era, respondeu: *Sua N.*, a é *principio de verão* Outro. em Coimbra, querendo-se humilhar muito aos pés de um amigo a que escrevia, se assinou *Antipoda de vossa mercê N.*

- Quanto mais galantes são essas histórias (tornou Leonardo, tanto mais de estimar é a moderação e bom termo de não sair daquele limite da cortesia comua; e, passando dela, há-de ter a carta regras direitas, que há alguns que escrevem em escadas como figuras de solfa; letras juntas e razões apartadas, com a distinção dos pontos, vírgulas e acentos necessários para fazerem perfeito sentido das razões: porque há cortesãos que, por *afermosearem* a letra e facilitarem melhor os rasgos da pena, vão enca-

deando as letras pelas cabeças como sardinhas de Galiza e de maneira confundem a escritura que não ha tirar dela o sentido verdadeiro do seu dono; e há cartas bem notadas que, por mal escritas, perdem reputação; o papel seja limpo para nele cmpregar scm fastio avista o que há-de ler, e por que pareçam melhor as letras bem ordenadas; a chancela, sutil, porque ao abrir da carta a não ofcnda, que alguns a fazem parecer carta rota antes de lida; dobras iguais, porque o concerto autoriza as-cousas e as faz parecer melhor; o selo, claro, assim para lustro da carta como para guarda dela, pois é o cadeado que a defende dos curiosos de saber segredos alheios.

- Não corrais com tanta pressa (disse D. Júlio) por

essas particularidades e miudezas, que em algumas delas tinha perguntas que fazer; mas contentar-me-ei com as que se me oferecerem de novo sobre a matéria das Armas e Tenções com que se costumam selar as cartas; e assim estimarei que nos digais disto alguma cousa.

- As armas (prosseguiu ele) é a insígnia que cada um tem de sua nobreza, conforme ao apelido com que se nomeia, e com o sinete delas sela as cartas de importância, ou com elmo e folhagens sobre o paquife do escudo, ou com de em tarja, como tenção; que estas, como são pensamento e desenho particular, se abrem às vezes em redondo, ovado ou quadrângulo, e outras figuras, sem respeitar a do escudo. Em Portugal é cousa muito antiga nos Príncipes trazerem tenções e empresas com letras, e ainda as usavam misturadas nas Armas Reais, que, posto que naquele tempo não estavam tão apuradas como agora, nem eram sujeitas à arte que delas e para elas fizeram os modernos, não lhes faltava entendimento e galantaria. El-Rei D. João o Primeiro trazia na orla das Armas uma letra que dizia: *Por bem*. E a Rainha D. Filipa de Alencastre, sua mulher, outra que respondia a esta em Inglês que dizia: *Me contenta*. O Infante D. Fernando, seu filho, o Santo, trazia uma capda de hera com seus cachinhos e no meio dela a Cruz de Avis, de cuja Cavalaria era Mestre. O Infante D. Pedro, uma capela de carvalho com suas bolotas, e no meio umas balanças, e nas Armas Reais, no banco de pinchar, em cada pé, de alto abaixo, três mãos, e por cima letras escritas muitas vezes, que diziam: *Desir*; e entre cada palavra destas um ramo de carvalho com bolotas. O Infante D. João que foi Mestre de Santiago, casado com a neta do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, trazia uma capda de ramos de silva com cachos de amoras, com as bolsas de Santiago no meio e três conchelas. em cada uma com uma letra em Inglês, que dizia: *Com muita razão*. O Infante D. Henrique, Mestre de Chrisus, trazia as armas do Mestrado, e as antigas de Portugal, e ao redor um cinto largo de correia que abroxava no cabo de baixo, e uma fivela que fazia volta com a correia, e em Inglês a letra dos cavaleiros da Garrotes, que de também era, e daia: *Contra si faz quem mal cuida*. e uma capela de carrasco, e no banco de pinchar três flores de lirio em cada pé. El-Rei D. Monso o Quinto, trazia pintado um mundo com esta letra: *Conheço que não te conheci*. El-Rei D. João O Segundo, seu filho, trazia um rodízio com esta letra: *Sete e*, e na Outra, trazia um Pdí. licano ferindo o peito, e dizia a letra: *Pala lei e poia grei*. A Rainha D. Leonor, sua mulher, trazia um rede de pescar, a quem chamam rastro. El-Rei D. Manuel, uma Esfera com uma Cruz. A Excelente Senhora, uns alforjes, e nas cevadeiras pintadas as Armas de Castda com esta letra: *Memoria de mi derecha*. O Marquês de Valença, Neto do Conde D. Nuno Álvares, trazia dous guindastes, que levantavam um título de pedra, com quatro letras. cada uma por parte. E, além destas, há memória doutras muitas que dão testemunho do uso que delas havia neste Reino.

- Por certo (disse D. Júlio), que estou assás contente do fruto que colhi da minha pergunm, por saber curiosi-

dade tão notável dos nossos Príncipes antigos, que para a minha natural inclinação é a causa de maior gosto e interesse; e não fora menor, pois falamos de Armas e Tenções, e vós sois visto nelas, fazer que saibamos mais alguma cousa atrás desta matéria. principalmente donde nasceu e teve principio o uso dos Escudos de Armas e das Tenções.

- Quanto à minha opinião (respondeu Leonardo) é que Armas e Empresas ou Tenções não tiveram no seu principio a diferença que agora lhes assinam os que delas escrevem, de letras e corpos, e corpos sem letras, com limitações e regras mui apertadas. Antes me parece que as Armas eram as insígnias que os Reis e Emperadores davam aos seus para ser conhecida sua nobreza, conformando-se na figura delas com a qualidade dos sucessos por onde as mereceram. ou com a antiguidade do sangue: donde descendiam os a quem as davam, e as que os mesmos Reis tomavam para si em memória de semelhantes feitos, ou derivadas dos seus antecessores. Empresas ou Tenções são as que os mesmos Reis, Príncipes ou particulares tomam, conformando as figuras e letras com o desenho e pensamento que cada um tem para emprender cousas altas. E daqui adiante entram as regras que depois lhe acrescentaram; que, por ser um discurso mui comprido, não tem lugar em noite tão breve. Além destas há outras Armas dos Reinos, Províncias, Repúblicas e Cidades, que se devem chamar *Divisas*, que tiveram principio ou das cousas de que são mais abundantes, ou da maneira em que foram povoadas ou adquiridas. E no que toca ao principio das Armas, Hércules foi o primeiro que trouxe por armas a pele do leão que matou na selva Nemea. depois da vitória que dele teve, e antes desta vitória trazia a mesma insígnia do porco de Erimanto, que matou em Arcádia. Jason trouxe por armas o Velocino de ouro que conquistou. Teseu, o Minotauro, Ulisses, o Paladion, e Eneas o escudo que ganhou de Ulisses na guerra de Tróia: estas eram verdadeiras Armas, em memória de valorosos feitos. E, quanto ao principio das Empresas. escreve Pausânias que Agamenon trazia no escudo a cabeça de um leão de ouro, com uma letra que dizia: *Este é terror dos homens*, o que o traz é Agamenon. Andoco trazia por armas outro leão. Hector, dous leões de ouro em campo vermelho. Sdeuco, um touro. Alexandre, um Rei de ouro em seu trono, em campo azul Alcibades, um Cupido. Lúcio Papírio, o Pégaso. César, uma águia preta. Pompeio, um leão com uma espada empunhada. Judas Macabeu, um drago vermelho em campo de prata. Atila. um açor coroadado. E cada um destes, posto que pudera tomar a figura das Armas em significação de feitos celebrados e vitórias adquiridas, só quiseram dar-lhe as figuras conforme ao seu pensamento; e César, ao agouro que da águia teve. E, descendo às Armas particulares dos Reis, que sabemos: as do Emperador é uma águia preta de duas cabeças em campo de ouro em memória da de Júlio César e da união do Império Oriental e Ocidental. Armas de El-Rei de França são três flores de lírio de ouro em campo azul, que foram milagrosamente dadas a El-Rei Clodoveu. Armas de El-Rei de Portugal, os cinco

escudos de azul em cruz, em sinal do vencimento que o primeiro Rei D. Afonso teve dos cinco Reis Mouros no campo de Ourique; e neles, e com eles, os trinta dinheiros de prata, por que Nosso Senhor foi vendido, em memória da sua Paixão e do Aparecimento que o mesmo Rei viu antes da batalha; por orla das armas sete castelos de ouro em campo vermelho, e, por timbre, um drago coroado. Armas de El-Rei de Inglaterra: três leopardos de Ouro em campo vermelho, posto que dantes tinha El-Rei Artur por Armas três coroas de ouro em campo azul. Armas de El-Rei de Espanha: os castelos e leões, tão conhecidos no mundo. Armas de El-Rei de Frízia: um escudo de prata, riscado de linhas vermelhas e atravessado com uma banda azul. Armas de El-Rei de Jerusalém: uma Cruz de ouro nos extremos com cruzetas do mesmo metal, e Outras pelos vãos dos ângulos. Armas de El-Rei de Polónia: duas águias de prata e um homem em cima de um cavalo do mesmo metal. Armas de El-Rei da Irlanda: uma harpa e na mão que a está tocando. Armas do Preste João da Índia: um crucifixo negro, com dous azorragues em campo de ouro. Deixo outros muitos, como os botões de Aragão, as cadeias de Navarra, o romã de Granada, as bandas de ouro e vermelho de Malhorca, e outras que querer contar fora infinito. Têm do mesmo modo as Províncias suas armas. Primeiramente, as quatro partes em que o mundo se divide: Asia, três serpentes; Africa, um elefante; Europa, um cavalo; América, um crocodilo. Itália tinha por armas antigamente o cavalo; Trácia, um Marte; Pérsia, um arco; Scítia, um raio; Arménia, um bode; Fenícia, um Hércules; Sicília, uma cabeça armada; Albânia, um cágado; Frízia, uma porca; Espanha, um castelo; Lusitânia, uma cidade. As Repúblicas que têm suas armas particulares: a de Veneza, um leão com um livro nas unhas; a de Sena, uma loba; a de Génova, um S. Jorge; a de Florença, um leão com um livro de ouro. As Cidades, da mesma maneira: Atenas, a coruja; Roma, a águia; Lisboa, uma nau com os corvos, em memória do corpo do glorioso Mártir S. Vicente, seu padroeiro; Coimbra, o drago e a donzela coroada; Évora, as cabeças das vigias; o Porto, a imagem de Nossa Senhora entre duas torres; Leiria, uma torre entre dois pinheiros e neles dous corvos. E assim todas as outras. Porém isto é já muito tarde, e gastámos nesta matéria mais tempo do que convinha à das canas, em que começamos; e por que nas Armas e Tenções não nos fique por saber algumas significações e figuras de Armas dos particulares senhores e fidalgos de Portugal, que todas foram merecidas com louvor de gloriosos feitos, deixando os animais significadores de força, braveza e velocidade, e os Planetas de poder, antiguidade e clareza, e outras figuras semelhantes: banda significa postura de tábuas; escada, engenho por onde se cometeu alguma obra de valor ou dificultosa entrada, com risco da vida; fua ou barra representa vitória de batalha singular de cavaleiro a cavaleiro, e quantas forem tantos diremos que são os vencimentos com que se ganharam as Armas. Parte de muro, torre ou castelo significa ser ganhado, entrado ou

socorrido com esforço e perigo da vida. Escadas, ásteas ou pedaços de lanças denotam subida trabalhosa ou defesa arriscada na mesma subida. Assim que a variedade dos corpos, ou forma que vedes nas Armas, todas nasceram de ilustres façanhas e valorosos feitos. E todas as das Empresas e Tenções dão sinal claro do ânimo e pensamento de seus donos; e com umas e outras se devem selar as cartas, de maneira que se dividem as figuras e letras delas, como tenho dito.

- Vejo (disse Solino) que temos a carta encerrada, selada e com sobrescrito, sem ainda sabermos nada do principal dela.

- Não vos enfadeis (respondeu ele) que na noite de amanhã a abriremos e leremos muito devagar a estes senhores, se não ficarem de agora cansados do sobrescrito.

- Antes (disseram eles) que só o dia seguinte lhes parecia comprido e vagaroso.

E dando fim à conversação daquela noite, deram o que dela ficava ao repouso, que, com a moderada recreação de horas bem gastadas, é mais aprazível.

(Corre na Aldeia)

Diálogo V - Dos encarecimentos. (...) - Esta manhã (prosseguiu ele), porque me pareceu de caça, e gastar nela o dia com menos cuidado do desejo da noite, me fui por detrás da nossa serra alongando-me para a parte do mar um grande espaço de caminho, e voltando sobre uma fonte que nasce ao pé de uma coroa de penedos, coberta da sombra de uns altos ervados e aroeiras, cheios de verde rama como no milhar tempo da Primavera, embaraçados com umas vides silves. tres que os atavam e que ainda de todo não estavam despedidos de sua folha, vi junto a ela e coberto com eles o mais fermoso rosto que eu imagino que pode haver no mundo para satisfação de uns olhos afeiçoados. Era de uma mulher em hábito de peregrina, que, fiada na soidão daquele deserto, e por gozar dos raios do Sol que naquele lugar se espalhavam, com os toucados lançados sobre os ramos à vista da fonte. consertava os cabelos; e eram eles tais que não somente faziam perder ao Sol a fermosura, mas, cobrindo outro mais fermoso, que era o seu rosto, contentavam de maneira o desejo que não fazia muito por passar deles adiante. Eu, sem atinar no silêncio com que era razão Que me escondesse por lhe não ser pesado,

fiquei tão esquecido que, afrouxando as rédeas ao cavalo, o deixei tropeçar entre os ramos e fui sentido da fermosa peregrina, que, levantando os olhos, a cuja obediência os cabelos se apartaram, qual soe ferir o relampago dentre as nuvens, me saltaram a vista com uma luz estranha, descobrindo juntamente aquele tesouro de ricas pedras, que o ouro dos cabelos escondia. Os olhos eram duas estrelas de diamantes, em cujo fundo um verde escuro de esmeraldas aparecia, que comunicando aquela fermosa côr a claridade dos raios que despediam, roubariam as almas de quem os olhasse; e, decendo deles abaixo, era tudo tão cheio de perfeições que o menor lugar em que se empregava a vista tinha desusados extremos de fermosura. A boca era um laço de todos os pensamentos amorosos; e nunca vi cousa tão piquena em que coubessem tantas grandezas: pareceu-me um rubi partido pelo meio, que com um perfilo aleonado se dividia, e por detrás luziam como por vidraça as perlas que até então me não descobrira o pejo com que ficou de me haver visto. A coluna que sustentava este edifício era um pescoço de cristal jaspeado de umas veias roxas e azuis muito delgadas, que me representaram naquela hora a cor do Céu sereno, que pola rotura de duas nuvens brancas aparece a quem fazia parecer mais fermoso o círculo da sombra com que se engastava no áspero burel da esclavina que a romeira vestia; apeei-me eu; e neste mesmo tempo lançou ela o toucado sobre os cabelos, pondo os olhos na fonte como em espelho; mas como as suas madexas eram mais compridas que a toalha branca com que as quis encobrir. se mexiricavam pelos extremos das pontas, que vinham a guarnecer de fino ouro aquele grosseiro trajó; falei-lhe com a cortesia a que a modéstia e gravidade do seu rosto me obrigava; e ela. sem mostrar outro alvoroço de minha presença mais que vestir de' escarlata a branca neve de que parecia formado. me respondeu perguntando se estava perto o lugar e se'era aquele o caminho. Eu. que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, me parteceu tudo o que tinha visto sombra da graça e brandura com que falou com uma voz tão fina que penetrava o interior do coração e tão suave que o desfazia. e com uma modéstia tão grave que não dava lugar a se pôrem nela os olhos dereitamente, senão com um respeito armado de receios. Perguntei-lhe donde era para onde ia. encarecendo-lhe o perigo em que punha sua beleza de ser ofendida. fiando a de desvios tão solitários; mas ela desprezando todos os temores e fazendo mais dificultoso sua jornada pelo que dela lhe pendia que pelas transes que à sua conta se me representavam, deu a entender muitas cousas com que eu perdi o acordo e ousadia de lhe perguntar outras, e oferecer algumas das que costumam haver mister os que fora da sua pátria vêm experimentar os males das alheias. E além de eu estar atalhado com sua vista, o estava ela tanto com minha presença, que perdi o interesse de a ver, por o respeito de a não molestar; despedi-me magoado; estou arrependido e cobiçoso de a tornar a ver, de maneira que não aparto o pensamento do lugar onde os meus olhos a deixaram. E porque ainda me parece que deve ser mais estranho o successo que a traz naqueles

vestidos que a novidade da sua gentileza, a que se deve todo o cortesão tributo de vontades bem nacidas, peço ao senhor Leonardo que, por a melhor via que lhe parecer, saiba desta estrangeira, que por esta noite deve de estar na Aldeia; ouvirá dela mesma a sua história, e eu acreditarei com a vista o que tenho dito de sua fermosura.

- Bem andastes, senhor D. Júlio (disse o Doutor) em tomar primeiro carta de seguro para o que havíeis de dizer; porque os encarecimentos dessa peregrina são mais pinturas vossas que gentilezas suas; porque não há mulher nas obras da natureza tão perfeita cá na terra como a soube fingir o vosso entendimento ou afeição; e à conta dela me parecia bem que assentássemos o retrato de beleza tão sobrenatural, que em matérias de amor tudo o que reluz é ouro e tudo o que assombra é sol; e só com esta desculpa salvareis louvores tão desacostumados.

- A afeição do que vi não posso eu negar (tomou ele), mas à vista da peregrina dissei o que quizerdes contra minhas razões, que nas suas partes hei-de achar armas com que defenda o que disse.

Leonardo se ofereceu então a mandar fazer a diligência com muito cuidado; e voltando para Solino, que tinha os olhos no ohão, lhe disse:

- Vós que calais. quereis alegar serviços ao lenhor D. Júlio, porque a vossa natureza não é deixar passar esta mercadoria sem rezisto.

- Estava agora (respondeu ele) cuidando nos livros de cavalarias, que há poucas noites que defendi; e desejava dar um cavaleiro andante àquela peregrina, que, se uma cousa destas aparecera a meu amigo Píndaro, que encantamentos não rompera, e que poesias e obras heróicas apareceram de novo no mundo, que alabastros, marfins, mármore, cristais, topázios, jacintos, esmeraldas, rodaram por esses ares! Que, posto que o senhor D. Júlio saiu deste encontro mais elegante do que se esperava, Píndaro, com sua licença, tem nesta matéria mais direito adquirido; e não se houvera de contentar de descer do Céu as estrelas e o Sol em semelhantes louvores, mas os arcanjos, querubins, dominações e potestades haviam de ter lugar neles.

- Não será fora de propósito (disse o Doutor) divertir-nos agora com esta matéria em desconto e recompensa das passadas, e gastar esta noite em saber a causa e o estilo dos encarecimentos namorados, que é pensamento que já me desvelou em outra idade.

- Obrigame eu (disse Leonardo) que a nenhum dos presentes descontente a vossa escolha; e eu particularmente estimarei segui-la, tomando o primeiro voto do Licenciado, que por hóspede, estúdioso e cortesão se lhe deve o lugar.

- O meu voto (tomou Feliciano) é de pouca importância e o lugar, devido a outrem; mas com toda a humildade aceitarei o que me derem; e se com a minha razão ficar corrido, barato é o saber que se compra com primeiro errar; e assim digo que os encarecimentos nascidos de amor não devem parecer estranhos (por desiguais que sejam) a nenhum juízo afeiçoado; porque o amante, para pintar a fermosura de uma dama que satiafaz

a seus olhos e pensamentos, dificultosamente achará nas cousas criadas 's que a compare que lhe fique parecendo que a encarece; porque, ainda que sejam fermosa as estrelas, lhe não agradam tanto como os seus olhos; e sendo o Sol tão belo, se alegra menos com e claridade de sua luz que com ver o rosto que ama; e são de menos valia para seu gosto e desejo o ouro, as perlas, rubis, esmeraldas e safiras, que o riso da sua boca e a graça da sua vista; e de não imaginar na terra uma amante cousa que se iguale ao objecto da sua afeição, dá em o desvario de a comparar aos espíritos que não alcança com o entendimento, subindo com ele polas hierarquias mais levantadas; a causa é porque o amor fez as cousas tão fermosas a seus olhos que leva muita ventagem à natureza que criou urnas e outras, e a cobica e opinião que engrandeceu a muitas delas; que até do gosto, como diz Plauto, nem o que tem sabor, sem amor, é saboroso, nem há fel tão amargoso que com ele não pareça suave: que não sómente com seus poderes dá perfeição às cousas, mas também as converte em outra sustância.

- Não estou contra a vossa razão (acudiu Leonardo), mas parecem-me de forma os encarecimentos de que falais, que todos, pouco mais ou menos, não saem de certos limites; porque, em decendo da pedraria, os que são menos lapidárias empeçam em coral, marfim, pórfido, alabastro, rosas, neve, ouro; e quanto por meu voto a paixão de amor não havia de guardar regra certa nas palavras e louvores, antes encarecer sua dama com as cousas que a seu gosto e opinião sejam mais fermosas; e como as feições são tão diferentes, assim o seriam as gabos e encarecimentos.

- Para louvar (replicou Feliciano) não há tantos caminhos como' para ter afeição; porque logo dais com uma estrada Coimbrã, que é *tão bela como o Sol, tão clara como a Lua. tão alva como a neve, tão loura como o ouro*, e daqui adiante.

- A mi me parece bem (disse Solino) a razão do Licenciado, que o Doutor tinha jeito de meter os louvores de uma dama em exemplos caseiros, chamando. lhe fresca como o seu pomar, linda como o seu jardim, clara como **a lua** fonte e alta como as suas faias; e como os amantes, para encarecer, se não contentam com pouco. todos chegam ao que pode ser: todo o branco é cristal e diamantes; o azul, safiras, e amarelo, ouro e jacintos; e até as mães dos mininos, a que Ditur lmente têm excessiva amor, não lhes sabem chamar pouco: quando os tomam nos braços, logo os intitulam de meu *duque*, meu *marques*, meu conde; nas pedras, *meu diamante*, e nas flores, *meu cravo e minha roso*: quanto mais louvando mullheres, a quem todo o encarecimento fica curto e envergonhado pela força com que tem cativos os sentidos e as potências dos que hão-de falar nelas. E para conclusão de tudo, diga Píndaro o que sente neste particular.

- Os encarecimentos de que usam os amantes (disse Píndaro) menos são seus que adquiridos dos famosos poetas que lhos ensinaram deixando-os escritos em suas obras; porque. como retratadores das obras excelentes da natureza, buscaram tão altivos materiais para darem vivas cores à fermesura. E não é muito que, pintando um

rosto formoso da terra, lhe acomodassem cores e arributos celestes, quando para pintarem cousas do mesmo Céu usam tantas vezes dé semelhanças e encarecimentos da riqueza da terra, como o fêz Ovídio na casa de Febo, com tectos de lavrado marfim e ladrilhos de ouro, com paredes de topázios, jacintos e esmeraldas; e o mesmo fez pintando os pavões, que no Céu levavam o carro da Deusa Juno, que depois acrescentou em obra e feitio Martillno Capela. E. como a frase poética é a mais excelente e levantada e por tal escolhida das Sibilas e Oráculos para usarem dela, também fizeram os amantes a mesma eleição, entre as quais qualquer miúda consideração de um voltar de olhos é arco. aljava e setas de Cupido, com todas as mais alegorias e transformações que os poetas usaram (...).

- A razão (respondeu Feliciano) é a mesma: porque quem encarece a causa, igualmente exagera os efeitos; a pena de um disfavor, o termo de uma crueldade ou esquiva é o maior tormento da mane ao que ama; e um favor e brandura que recebe em sua afeição é na sua estima o maior bem da vida; e, quanto ao estilo de viver sem alma e sem coração, o declarou maravilhosamente um poeta modema, dizendo em um soneto à sua dama, da qual estava ausente, que uma parte da alma, com que vivia, lhe ficara, mas a com que imaginava, entendia e amava, tinha sempre com ela. Nem é outra cousa os desvarios e desatentos dos que amam, senão viver em certo modo fora de si, como pareceu a Propércio dizendo que o que se entrega ao Amor perde o juízo; e o que eu vejo, que poucos em presença da cousa amada ficam com ele.

- Também S. Hierónimo (acrescentou o Doutor) escreve que o amor da fermosura é um esquecimento da razão; e assim chamam os poetas ao amor, inimigo dela. ,E que maior exemplo se pode imaginar desta .verdade e mudança dos que amam, que o de Hércules, a quem os Embaixadores de Udia acharam lançado no regaço de sua amada, mudando-lhe os anéis dos dedos, ela com a coroa Real na cabeça e o famoso Tebano com um sapato seu dela em lugar da coroa? ,Que menos esperado que o de Dionísio Siracusano, que, por mão e parecer de Mirta, sua amiga, despachava os negócios importantes de seu reino? ¿Que mais estranho que o de Termistocles Ateniense, famoso capitão da Grécia, que, namorado de uma dama que cativou na guerra de Epiro, usava em uma doença. que sua amada teve, dos mesmos remédios que lhe a ela faziam, tomando as purgas e sangrias com a mesma dama, e lavando o rosto por regalo e gentileza com o seu sangue dela? Que menos crível que o de Lúcio Vitélio Emperador, que, namorado de uma filha de um escravo seu a quem libenara. de tal maneira perdia o juízo, que, tendo uma esquinência, não usava outro remédio mais que um unguento que fazia de mel com o cuspo de sua dama, imaginando que a virtude de ser seu lhe podia dar saúde untando com ele a garganta? (...)

(Idem)

DIÁLOGO XI

Dos contos e ditos graciosos e agudos
da conversação

No dia seguinte, antes das horas em que Os amigos se haviam de ajuntar para a conversação. Leonardo e os mais tiveram recados de D. Júlio, em que lhe fazia a saber que chegara doente e que tinha por hóspede ao Prior com outro irmão seu; que receberia de todos grande mercê em quererem juntar-se aquela noite em sua casa, porque só com este remédio daria alívio ao mal que trouxera da Cidade (...)

Pitreceu muito galante e provocou a todos a riso o conto de Feliciano; e prosseguiu o Doutor, dizendo:

- Os contos da ignorância têm mais graça que os da malícia; e assim dizia um discreto que só a parvoíce com autoridade era sem sabor; que não pode ser maior galantaria que um enjeitar ao sirgheiro o chapéu porque não tinha a rosa para diante. podendo-a ele voltar para onde quisesse; o outro, espantar-lhe muito de lhe não tingirem umas meias negras de verde, sendo assim que havia pouco tempo que umas verdes lhe tingiram de negro; e o outro, que para não perder a chave do cadeado a meteu dentro na canastra encourada. antes de o fechar, e, depois lhe foi necessário quebrar a êle ou romper a ela para tirar a chave: e muitas semelhantes, que contar agora seria infinito.

- Ainda (acudiu D. Júlio) haveis de dar licença ao conto de um meu conhecido que, ouvindo falar que havia antípodas e que andavam com os pés para os nouos. o não pude persuadir de que modo podia estar esta gente. sem cair de cabeça abaixo Andando às vexas.

- Todos esses (disse Leonardo) são extremados; porém os de engano. se tem menos ocasião de provocar a riso, têm a graça mais viva na sutileza e malícia: equando a matéria é graciosa, levam a todos os outros muita vantagem: Um amigo meu era muito regalado de doces, e no tempo das flores e das frutas mandava fazer em sua casa muita variedade deles; uma das criadas, com quem se servia, era tão gulosa que, em vendo bocados a enxugar, não se aquietava até tomar a sua ração, que era cerceá-los a todos como a reales. Desejando o senhor de saber qual dos seus moços ou criadas lhe fazia aquela travessura, mandou fazer certos bocados com azevre: cobertos de açúcar e postos ao Sol, deu muito lugar à moça, que, acudindo ao reclamo, fez seu lanço, e, como logo se quis aproveitar do ponto, foi tão grande o amargor na boca que o não pôde encobrir; fazendo muitas diligências começou a dar sinais e agastar-se; o amo, fingindo suspeitas de peçonha, meteu toda a casa em revolta e a moça em desconfiança, fazendo-a beber azeite e tomar outros defensivos; porém, como ele não podia encobrir o riso de a tomar na empresa com aquele engano, entendeu ela o que seria: e, por remediar sua falta, fingindo estar atribulada, disse que lhe declarassem se morria, porque havia de deixar culpado quem a convidara com aquele doce, por ela não descobrir

os que lhe vira muitas vezes furtar dos tabuleiros: e deste modo remediou seu erro, deixando seu amo na mesma dúvida que tinha dantes.

- Um estudante (disse Feliciano) que, entre outros, era hóspede em casa de um amigo, jazendo todos na cama, por ser o tempo de verão, ele, que era menos corrido que engraçado, lhes disse: Não se riam vossal mercê, tanto do meu pé, que apostarei que há na companhia outro pior; cada um, fiado nos seus zombava e saía à aposta, de maneira que a fizeram que, se ele o mostrasse, ganharia certo preço ou perderia outra igual valia; feita a aposta, tirou ele o pé esquerdo, que tinha escondido, que por calçar mais dois pontos que o outro, tinha os dedal em arco, tão tortos e cheios de cravos, e o pé de joanetes, que não parecia natural; e assim ganhou, com muito riso de todos, o que tinha apostado.

- Outro estudante do meu tempo (prosseguiu Píndaro) passando parte de um anoite de Inverno em casa de um amigo, que morava perto do rio, choveu tanta água e cresceu com tanta fúria o Mondego que lançou por fora e fez ilha das casas do estudante: o hóspede esperava que o convidasse a ficar e o amigo não tinha essa vontade porque temia a roupa de alguns males contagiosos que dele suspeitava; estiveram assim grande espaço da noite, sem cessar a chuva, té que o senhor da casa começou a bocejar e o hóspede a se despir: e perguntando-lhe o amigo para que se despia, respondeu que, ou para nadar, ou para se lançar na cama. Vendo-se ele apertado, respondeu: Pois assim é, ali tendes uma táboa: ou vos salvai nela, ou fazei dela cama em que vos lanceis.

- Esse conto (acudiu Solino) tem o pé em duas raías, ou parte com dous termal, que consta de dito e de feito; mas passe sem selo, por ser vosso,

- Sinal é (respondeu ele) que vos Dão deve dereitos.

Então gabaram, todos, os contos, e disse o Doutor:

- Além destas três ordens de contos de que tenho falado, há outros muito graciosos, e galantes que, por serem de delcuidol de pessoas em que havia em todas as cousas de haver maior cuidado, nem são dinos de entrar em regra, nem de serem trazidos por exemplo: a geral é que o desatento ou a ignorância donde me nos se espera tem mor graça. Atrál os conto, graciosos se seguem outros de subtileza, como são furtos, enganos de guerra, outros de medos, fantasmas, esforço, liberdade, desprezo, largueza, e outros semelhantes, que obrigam mais a espanto que a alegria: e, posto que se devem todos contar com o mesmo termo e

linguagem, se devem neles usar palavras mais graves que risonhas.

- Não era essa matéria (disse D. Júlio) para se passar por ela tão apressadamente; porém, já que no fim da noite, em que me eu aparteí, se tratava do sal, parece que sinto menos a falta da que perdi com vos achar ainda agora nesta graça, como dependência do que então se falou; que não a pode haver melhor

aceita que a dos ditos agudos e galaotes; assim que não havemos de conseolir que o Doutor se divirta para outra cousa.

- Eu não posso (disse ele) sair de vosso gosto: porém a matéria não era para tão de repente, nem para tão breve tempo como se requiere que seja o da visita. Porque primeiramente, *dito*, na significação Portuguesa, temamos por cousa bem dita, ou seja grave, como o são as sentenças, ou aguda e maliciosa, como são as de que agora tratamos; e chama-se dito porque diz em uma palavra, ou em muito poucas, muito de entendimento, de graça, ou de malícia. E, deixando a sentença, que terá em outro dia o seu lugar: Os ditos agudos consistem em mudar o sentido a uma palavra para dizer outra cousa, ou em mudar alguma letra ou acento á palavra para lhe dar outro sentido, ou em um som e graça com que nas mesmas cousas muda a tenção do que as diz; e de uns e outros os mais engradaçados e excelentes são os de resposta, porque além de estas serem mais apressadas, e tão de repente que tomam entre portas o entendimento, têm matéria sem suspeita nas perguntas. Dos da primeira espécie não tem pouca graça os que dizem sobre os nomes próprios como aconteceu um cortesão, que, perguntando a um amigo pelo nome de uma dama da Côrte a quem visitavam infinitos galantes, lhe respondeu que se chamava N. do Vale. Deve ser (tornou ele) o de Josafá, segundo a gente que corre para esta parle. Nenhuma me parece (replicou o outro) que vem a juízo, porque nem ela o tem, nem os que a buscam. (...)

- Temos tntetado dos contos graciosos e ditos agudos e galantes, como exemplos muito a propósito da sua diferença; fica para dizer o como na prática se deve usar deles; e posto quelhe tirava deste trabalho o conhecimento que tenho da suficiência do que estão presentes, como eu nesta matéria aponto as regras mais para as aprender que para me seguirem, é necessário tocar ao menos do que dela me parece: e assim como dizem que muito insina o que bem pergunta, assim se pode dizer que muito aprende o que diante dos mestres insina. Os conros e ditos galantes devem ser na conversação como os passamanes e guarnições nos vestidos, que não pareça que cortaram a seda para eles, senão que caíram bem e botaram com a cor da seda ou do pano sobre que os puseram: porque há alguns que querem trazer o seu conto a remo quando lhe não dão vento os com que pratica; e ainda que com outras cousas lhe cortem o fio, torna à teia, e o faz comer requentado, tirando-lhe o gosto e graça que podia ter se caíra a casso e a propósito, que é quando se fala na matéria da que ele trata ou quando se contou outro semelhante. E se convém muita advertência e decoro para os dizer, outra maior se requiere para os ouvir: porque há muitos são sôfregos do conto ou dito que sabem, que, em ouvindo começar a outrem, ou se lhe adiantam, ou o vão aju-

dando a versos como se tora salmo: o que a mim me parece notável erro porque, posto que a um homem lhe pareça que contará, aquilo mesmo que ouve, com mais graça e melhor termo, se não há-de fiar de si, nem sobre essa certeza se querer melhorar do que o conta, antes ouvir e festejar com o mesmo aplauro, como se fora a primeira vez que o ouvisse, porque muitas vezes é prudência fingir em algumas cousas ignorância.

- Ora vos digo (acudiu Solino) que não se deve pouco a quem sabe passar essa dor sem dar sinais dela: porque saber um homem o que o outro conta às vezes mal e sujamente, e estar feito pedra, é pior que darem-lhe com uma na cabeça: e cuidei que só aos Pregadores lhe era concedido esse privilégio, por falarem sem lhes haver outrem de responder; porém haveis de consentir que haja nisso uma exceção: e é que, quando algum disser o conto ou dito com algum erro, o possa emendar e advertir o que o viu passar ou esteve presente quando sucedeu.

- Em tal caso (respondeu o Doutor) piadosamente o consentirei, se, o que conta, ou lhe tirar a graça principal, ou errar as pessoas e o sujeito. Também não sou de opinião que, se um homem souber muitos contos ou ditos de uma mesma matéria em que se falou, os traga todos ao terreiro, como jogador que levou rufa de um metal, mas que deixe lugar aos outros e não queira ganhar o de todos, nem fazer a conversação só consigo.

- Parece-me (disse Solino) que vos ficou por tratar uma espécie de ditos graciosos que muitas vezes não tem o pior lugar na galantaria da conversação. É porque, ficando fora das vossas regras, os podem tomar daqui adiante por perdidos, a mim me releva por o meu particular saber o como o discreto se há-de haver neles, que são os de semelhanças, a que comumente chamam *apodas*, que, se são bem apropriadas, dão sal à prática e gosto aos ouvintes. (...)

Nisto se começaram os mais a levantar: e, perguntando a D. Júlio se estava melhorado do seu achaque, respondeu que não sentia outra pena naquele tempo mais que o que perdera de tão boa conversação, dando-se por muito obrigado do favor da visita: que, posto que aos ilustres se deve em tudo respeito, obediência e cortesia, nenhum a sobe melhor estimar que o generoso.

(*Idem*)

Diálogo XII. Das cortesias

Depois que os amigos se despediram, os hóspedes ficaram gabando a D. Júlio a graça e bom termo de falar de todos os que entravam naquela conversação, dizendo que em *tal* Aldeia se podiam ensaiar os que quisessem aparecer na Côrte apercebidos, aprovando a maneira que se tinha de discursar sobre cousas tão miúdas e tão esquecidas, sem causa, dos cortesãos. D. Júlio lhe relatou algumas matérias de que tinham tratado aqueles dias, que ao soldado deixaram cobiçoso; e foram nesta prática tomando tantas horas emprestadas ao repouso, que, para se entregarem dele pela manhã, se levantaram da cama para a mesa: tiveram o doente e os hóspedes suas visitas e, quando veio a noite, já os amigos estavam juntos em sua casa, com gosto de Leonardo, que o pediu a todos eles. **E** D. Júlio, para lhes pagar esta diligência no em que ele sabia que mais desejavam a satisfação, lhes disse:

- Não parece razão que à conta de cortesia, com que dissimulais comigo me encerre eu com o que sei que desejais de ouvir com muito cuidado. Quero agora acudir aos remoques de Solino e à curiosidade dos mais, que lançaram juízos temerárias sobre a minha jornada: e, para que não esconda nenhuma das cousas que passei, a conto diante de tão abonadas testemunhas. Soube (e não quero dizer que acaso, porque o procurei de propósito) o dia em que o senhor Prior levava para a Cidade aquela religiosa peregrina que, por ter tantas cousas do Céu, deixou todas as da Terra vencidas com o seu desprezo e acanhadas e humildes com sua fermosura. **E** assim, por o acompanhar a ele em obra de tanto merecimento, como por ver despedir de todas as pretensões humanas quem em tantas partes e extremos era divina, e, na resolução sua e desengano), ver o das esperanças que o desejo podia fundar em sua gentileza, me fiz encontradiço no caminho, aonde me dei por obrigado a chegar até à Cidade, fingindo que ali de novo soubera sua determinação. Conheceu ela ser eu o mesmo que ua fonte da serra a encontrara e, lembrada e agradecida da cortesia e respeito com que a tratei sem saber quem fosse me pagou com a brandura de seus olhos a alma que neles perdi quando a olhava naquele desvio. Disse-lhe o senhor Prior quem eu era, acrescentando do seu o que agora fico o dever à sua cortesia: e, conhecendo a estrangeira à sua vontade, me fez muitas mercês e favores pelo caminho: que, a não ser aquele o derradeiro que havia) de fazer no mundo, me pudera eu encher de vaidade para os não trocar por todos os interesses dele. **O** que nela vi foi o que já me ouvistes: e, posto que o decoro e respeito com que a levavam não acrescentou graças à sua fermosura, lhe dava outro valor diferente, como o engaste do ouro bem

lavrado o costum, dor às pedras finas. Ficou entregue ao Céu, com quem se parecia, e os olhos, que ali a deixaram, a saudades e desenganos. Não foram estas ocasião de minha doença, que não costuma a ler tão leve a que deles se gera: e assim pode fazer em mim maiores efeitos a sua lembrança.

- Da vosse parte (disse o Prior) tendes contado o que passastes, porém daquela estrangeira pudera eu dizer muito mais: que só no que lhe ouvi se podia conhecer quando estimou o bom termo da vossa cortesia e, muito mais, esta segunda de a acompanhardes.

- A primeira, de a deixar sem companhia. (tor. nou o Fidalgo) me foi a mim mais custosa. E ainda que diz o rifão antiguo que *cortesia e falar bem, custa pouco e vale muito*, não se podia dizer pola minha.

- Antes de si (disse o Soldado), pois vos rendeu tanto, e vós não metestes mais cabedal que dar lugar à razão aonde o não podia ter o apetite. E, posto que a cortesia tem muito grande lugar entre os Portugueses, porque no comedimento fazem ventagem a muitas outras nações, no falar bem, segundo o sentido desse rifão, acham eles a dificuldade; porque dize-lo dos seus próprios naturais lhes não custa pouco, que é uma culpa que nos arguem cum razão os estrangeiros, na qual pecamos contra o principal termo da cortesia. Mas certamente que uma e outra era devida aquela gentil senhora, de cuja riqueza e estado eu, como fronteiro que fui daquela Ilha, pudera dar informação; e a vi tão obrigada e desejosa de se mostrar agradecida ao senhor D. Júlio, que excedia o modo da sua brandura e receio.

- Já desejo (disse o Doutor) que passemos desta romaria; e não sei eu melhor ocasião que falar em cortesias, assim estrangeiras como naturais; que é matéria que beta muito bem com as das noites passadas.

- "Quem haverá (respondeu Alberto) que não aprove a vossa escolha? Que, além de vir a prática a propósito das que enfre nós se trataram, temos presente o senhor Prior, a quem está melhor que a todos o cargo de nos fazer cortesãos por doutrina, assim como o pode ensinar a todos com o exemplo.

- São os meus hábitos (disse ele) tão alheios do estilo cortesão que estão culpando a vossa inculca, e o atrevimento que eu desejo tomar pera vos obedecer; porém tenho por menor erro cair em muitos nesta empresa que desobedecer em todas ao vosso mandado; mas com tal condição que acudais vós, por cortesia, aos descuidos que eu nelas fizer, porque então não terei receio de falar, nem estes senhores pejo ou fastio de me ouvir. E, falando em este nome de *cortesia*, é um vocábulo particular que entre nós tem a significação mui large, porque no seu verdadeiro sentido ainda é mais estreito que o Latino, que é *urbanidade*, derivado de *urbs*, que quer dizer *cidade*; e, assim, é o comedimento e bom modo dos que vivem nela, em diferença dos aldeãos; e cortesia é dos que seguem a Côrte, em diferença de uns e outros. Porém, na significação genérica, este nome compreende estas três espécies de cortesia: *Cerimónia*, que é a veneração com que trata-

mos as cousas sagradas da Igreja e dos ministros dela, que pertence à côrte eclesiástica do Papa, dos Bispos e de outros Prelados inferiores: *Cortesia*, que é a que se tem aos Reis, Príncipes, senhores, títulos e ministros Reais: *Bom Ensino*, que é a inclinação, reverência e comedimento que se costuma entre os iguais, ou sejam de maior ou menor qualidade. E, deixando de tratar das duas primeiras e de outras duas que muitos põem no segundo género, que é *cortesia* militar, a que chama *ordem*, usada nos exércitos, esquadrões e alojamentos, e a outra, *naval*, que se usa nas frotas, armadas e navegações, porque umas e outras têm regras e leis declaradas, tratarei somente do bom insino. Para o que me parece advirtir que da cerimónia se derivou a cortesia, e dela o bom insino, decendo por degraus, como o mostram os exemplos de uma e outra; que, como os Reis e Príncipes se endeusaram com a vaidade, foram tomando muito na cortesia do que era devido só a Deus; e porque igualmente os inferiores quiseram parecer-se com os Reis, foram também contrafazendo os seus estilos na cortesia, a qual consiste em três cousas: na *moderação*, na *inclinação* e nas *palavras*; e, trazendo o exemplo de cada uma *com* seus princípios: a Deus falamos com os joelhos em terra por cerimónia; aos Reis com o esquerdo posto no chão por cortesia, aos iguais, com ele dobrado, tornando o pé atrás por bom insino; a Deus beijamos o chão ou o assento do altar onde está posto; ao Papa, o pé: ao Rei, a mão (posto que alguns da gentildade costumam ainda beijar o joelho): entre os iguais beijamos a mão com que tocamos a sua, e de palavras *as* de todos. Nas palavras se quiseram os Reis levantar mais com os títulos Divinos; e de *mercê* e *senhoria*, que era o seu próprio lugar, subiram a *Alteza*, que era só de Deus, e depois a *Majestade*; e ainda, se se puderam chamar *Divindade* e *Omnipotência*, me parece que o fizeram. Aos iguais tratamos de *mercê*, com que fomos tomando o que os Reis deixaram; e ficou-se o *vós* e a brandura dele para os amigos e para os mal insinados. *Bom insino* é tratamento de homens bem doutrinados, ou por experiência da Côrte e da Cidade, ou por insino de outros que nela viveram. A *inclinação* consiste em abaixar a cabeça, ou a descobrir, em dobrar os joelhos ou os pôr em terra, em inclinar a vista ou a desviar do com quem se fala. A *moderação* em se mostrar mais humilde em beijar primeiro a mão, em dar o melhor lugar ao que fazemos a reverência, ou, para melhor dizer, em tomar de tudo menos do que nos cabia. As *palavras*, elas mesmas, declaram quais são de Côrte na conformidade do provérbio ou sentença com que começamos, que é falar bem do terceiro, dizendo o que faça em seu favor, e escutando com cortesia enquanto ouvimos o que fala; fora outra cortesia de palavras, a que chamam *comprimentos* de que por ora não determino tratar. Esta cortesia no exterior difere mui pouco da virtude da humildade, e tem o mesmo fruto entre os homens da terra que o Evangelho promete no Céu aos humildes, que é serem levantados: porque também para os vangloriosos e

arrogantes é grangearia o bom insino e comedimento, porque assim são mais bemquistos, aceitos e respeitados dos menores. Tem esta virtude da cortesia ou bom insino (a que também Marco Túlio chama *virtude*) quatro escolas principais em que se exercita, que são o *encontro*, a *visita*, a *mesae* a *conversaço*; os dois termos, em que se sustenta, são humilhar-se uma das partes, e a outra querer-se melhorar na humildade; porque quanto um mais se aproveita dela, mais obriga ao outro se querer mostrar bem insinado. No encontro do caminho, da visita ou do passeio, é a regra, entre os iguais, que o que vem ou está melhorado de

lugar seja o primeiro na cortesia, assim da fala como do chapéu ou mesura: como, se vem andando, e o outro está parado, se vem a cavalo, e o outro está ou vem a pé; e se ambos andam, e um vem da mão direita ou do lugar mais alto; e da mesma maneira o que está em terra, casa ou lugar seu, seja o primeiro que acometa a cortesia.

-Desse termo de cortesia (disse Leonardo) temos uma história antiga em Portugal que nos pode servir de exemplo e autoridade para ela. Conta a crónica de El-Rei D. Fernando de Portugal que, quando ele e El-Rei D. Henrique de Castela falaram no Tejo em dous batéis, houve de ambas as partes dúvida em qual deles seria o primeiro que falasse; e El-Rei de Castela se resolveu em ser o primeiro por ter Lisboa de cerco e estar na guerra de melhor condição que El-Rei D. Fernando: sendo assim que, por ser em terra de Portugal, havia ele de ser o primeiro e assim lhe disse: *Mantenha-vos Deus, senhor Rei de Portugal*, porque estes eram os cumprimentos daquela boa idade.

- O mesmo (acudiu o Doutor) entendia El-Rei D. Fdipe, o Sábio, quando com tanto excesso de cortesias recebeu no seu Reino a El-Rei D. Sebastião, seu sobrinho, na jornada de Guadalupe, aonde na fala e mesura foi sempre o primeiro, como eu posso mostrar de uma relação que tenho da mesma jornada e também se alcança da visita que o Ifante D. Luís fez ao Emperador Carlos V, quando, dando-lhe a dianteira na entrada de uma porta, o Ifante, não se podendo escusar, arremeteu a uma tocha com que ia diante um criado, porque era de noite, e foi alumando ao Emperador, para também o vencer na cortesia que com ele usara.

- O mesmo (disse Feliciano) aconteceu a uma pessoa de não tanta calidade, porém de sangue ilustre, que, dando-lhe um titular a dianteira na entrada de uma porta-travessa de uma igreja, ele se voltou a ele com a água benta, fazendo o ofício do seu capelão.

- Todos esses lanços e outros semelhantes são estratagemas e finezas de cortesia (respondeu o Prior) das quais eu me não esquecerei no meu lugar. E, prosseguindo a matéria, a visita tem três termos de cortesia, que são: o *recebimento*, o *assento* e o *acompanhamento* da despedida. O *recebimento* é sair o visitado fora da casa onde há-de tomar a visita, até à sala, para na entrada dar a dianteira e melhoria ao que o vem visitar. O *assento* dar o seu ao hóspede e tomar

que se hão-de dividir na mesa, melhorando ao hóspede na escolha de cada cousa, a que podem chamar *cortesia mimosa*. O comer há-de ser sem sofreguidão, sem mostra de gula, nem demasiado apetite; e também não mostrar uma frieza cheia de fastio, que é desagradecer a comida e a vontade do que lha oferece. O beber sela sem pressa e com tento, não levantando o copo nem o púcaro quando outrem o tem na boca, salvo aonde se usar a diferente cortesia dos estrangeiros, que se convidam a beber em um mesmo tempo. O que está à mesa não há-de falar sempre enquanto os outros comem, nem comer enquanto os outros falam. E, de uma maneira e outra, o que se disser não seja cousa que possa enojar o estômago ou diminuir o gosto dos convidados. Também deve cada um acabar de comer quando os mais, ainda que lhe tivessem ventagem na brevidade. As graças pertencem primeiro ao dono da casa, e aos hóspedes a cortesia depois delas; que é uma maneira de agradecimento cortesão. E, posto que pudera calar estas miudezas por mui sabidas (como outres que deixo pola mesma razão), tenho alguma de falar nelas enquanto me servem para ao diante. (...)

- Essa inclinação (disse o Prior) de inclinar a cabeça, dobrar os joelhos ou po-los em terra, e estendendo o braço para a pessoa a que queremos venerar, beijar a mão própria, é cerimónia antiquíssima, que só a Deus se faziam, e assim se colhe de muitos lugares da Escritura, como é no livro V dos Reis, capítulo XIX; no de Job, capítulo XXXI; e no Deuterónimo, capítulo XVII; o que também alguns gentios usaram, como lemos em Plínio, libr, XXVIII, capítulo II. E daqui creio que se derivou este uso, que entre nós há, do *beijo as mãos de V. M.*

- U costume de beijar a mão (respondeu o Doutor) entre os Romanos antigos foi dos escravos aos seus senhores. Mas Plutarco conta que, depois que Calão deu fim à sua milícia, despedindo-se dele os soldados com muitas lágrimas, e estendendo-lhe as capas e os vestidos por onde passava, lhe beijavam a mão, e daqui começaram os livres a usar esta cortesia, de que logo lançaram mãos os pretendentes para grangearem ânimos e vontades alheias, como Séneca diz na Epístola CXVIII, e logo os Emperadores modernos mandaram que seus vassallos lhes beijassem a mão, como escreve Pompónio Leto; e os Reis da Espanha o puseram por ordenação, como se vê nas leis de El-Rei D. Afonso, nas leis de Castela, libro V, título XXV, pág. IV. E daqui se derivou o *beijo as mãos de V. M.*, que é confessar-se por escravo ou vassallo daquele a quem se faz a cortesia.

- Essa (acudiu Solino) me custa a mim bem pouco; porque não gasto nela mais que palavras, e essas com as abreviaturas de agora, são já muito menos. O que me a mim cansa é o tirar o chapéu, que me fazem de despesa as boas correspondências de forros e cairéis, afora os danos do feltro, o que Deus sabe e eu sinto; e não me pesara saber onde teve princípio este mal que padeço.

- O chapéu (respondeu a Doutor) era entre os Romanos sinal de nobreza e símbolo da liberdade; e, quando a queriam significar, pintavam um chapéu, como se vê nas moedas de Claudio, de Antonino e de Galba. E assim, quando libertavam os escravos, lhes davam chapéu, como refere Piério Valeriano nos seus hieroglíficos, livro XL, onde também afirma que os escravos, que se vendiam por maus costumes e ruins partes que tinham, os punham na almoeda com chapéu na cabeça, em sinal que seu senhor o não queria por escravo, nem se obrigava a fiar sua má natureza. De sorte que o descobrir um homem a cabeça e tirar o chapéu ao outro, é confessar-se por seu escravo; e a esta cortesia responde a de chamarmos senhores aos iguais e maiores com que tratamos, e ainda aos inferiores.

- Pois eu vos afirmo (disse Solino) que a muitos tiro o chapéu, de que não quisera parecer escravo; e esses mo fazem trazer tal que parece dos que o são. Contudo me fizestes muito grande mercê em me descobrir essa razão e a de outra cousa em que eu já cansei algumas vezes o pensamento, que era saber o porque os chocarreiros se cobrem diante dos Príncipes, e, sendo gente tão vil, gozam de tão grande preminência; e agora entendo que deve ser por estarem no andar dos escravos que se vendem por ter más manhas, que se vendem com chapéu para serem por ele conhecidos.

- Mais me parece a mi (acudiu D. Júlio) que é polo pouco caso que se faz da sua cortesia, ou porque se entenda que, assim como tem aquela liberdade, tem outras para falarem o que não é lícito aos homens cortesãos bem disciplinados. Porém não sei a causa porque nos esquecemos da cortesia a que chamam *comprimentos*, que nesta idade tem chegado à mor perfeição de encarecimento que pode ser.

- Nisso (disse Feliciano) se acredita ela muito pouco, e menos os que usam muito deles: que, à falta de verdade, e de obras, se introduziram no mundo os *comprimentos*, que são um engano desaforado de toda a jurisdição: conforme ao rifão que diz que *palavras de cortesia não abrigam a pessoa*.

outro igual à sua mão esquerda, sem ser o primeiro que se assente. O *acompanhamento* da despedida é sair com ele até à casa aonde o recebeu, tomando sempre a sua mão esquerda, dando-lhe deste modo a melhoria na entrada, lugar e passeio.

- O descuido dos ignorantes (respondeu Leonardo) tem pervertido essas regras tão verdadeiras, ou, ao menos, embaraçadas pela sua má correspondência; porque no receber das visitas há alguns que são como pesos de lagar, que se levantam de vagar e se assentam depressa; e a um dos tais disse um corteção que era bom para testemunho falso, porque o não levantariam. Outro disse a um titular: que menos era para senhor que para vassalo, porque nunca se levantaria. Já no recebimento há muitos que se ficam atrás dos paus, por não deixarem a casa só, e assim dão cinco, e fazem o mesmo no acompanhamento da despedida; a cujo propósito cabe aquele dito excelente de um senhor tão ilustre por sangue como por entendimento neste Reino, que, visitando a um Legado do Papa vindo de Pouco a Lisboa, na despedida deu com ele mui poucos passos ao sair da casa, e ele, tomando-o pela mão, o trouxe adiante dizendo: Para Italiano faz V. S. muito pouco exercício.

- Porém declarai-me se, nas visitas, falais também das que se costumam a fazer a anojados e enfermos, porque serão necessárias outras regras muito diferentes.

- Não podia (disse o Prior) fazer essa mistura sem grande confusão e enleio. Mas delas, e das que se fazem a donas e donzelas e outras semelhantes, determino particularmente dar meu voto debaixo da censura de vosso entendimento. E agora seguindo a minha determinação: a terceira escola da cortesia é a mesa, em a qual as regras são muitas, porém muito ordinárias e conhecidas. A primeira é do assento: a segunda, do serviço: a terceira, de iguarias: a quarta, das graças depois de comer. O assento, em mesa de muitos, é o primeiro lugar o tópo, a que chamam *cabeceira*, que fica à mão direita dos outros, entendendo que há-de ficar uma das partes da mesa livre para o serviço dos ministros dela; e, quando é de menos gente, sempre o que agasalha toma por cortesia o lugar da mão esquerda. No serviço, o primeiro é dar água às mãos, em que sempre se há-de preferir o hóspede: e andam nistojá os servidores tão apurados que não fica aos convidados lugar mais que de algum leve comprimento. O segundo (entre os amigos) é o fazer o senhor da casa para cada um dos outros os pratos

- Parece-me (tornou D. Júlio) que tornamos à sentença com que se começou a prática, enquanto diz que *falar* bem *vale muito e custa pouco*: o que à letra se entende dos cumprimentos, pois custam tão pouco que ninguém por eles fica obrigado.

- Não digamos mal deles (disse Solino) que são a melhor cousa do mundo, salvo que perderam reputação como as sardinhas, que, por as haver sempre e custarem baratas, as não estimam: e não era a matéria dos cumprimentos para ficar de fora nesta ocasião.

- À noite (respondeu o Doutor) é a que não basta a tanto; e nesta me não atrevo eu a vos acompanhar mais, e assim me haveis de dar licença que me recolha.

Com isto se levantaram todos e deram boas-noites; e depois de recolhidos, gastaram em o desejo da que se seguia o mesmo espaço que daquela poupavam; que muitas vezes a recreação dos sentidos vence a necessidade do repouso que os suspende.

(*Idem*)

PASTOR PEREGRINO

Texto 5

Com razão se pode estranhar ao Peregrino a segurança com que caminhava em companhia tão perigosa, buscando o remédio de Monteia e o sossego de Menandro, como se no de ambos estivera o de seu desterro; porém é cousa tão natural em um ânimo desenganado e verdadeiro, não se acautelar de perigos, com desejo de dar fim a um bom começo, que bem lhe basta a tenção para desculpa. Foi despertar a pastora antes que amanhecesse; tomaram o caminho da cidade, que ainda se divisava mal com uma névoa que embaraçava a vista; andaram até que o sol começou com seus raios a desfazê-la, deixando os ares e a graciosa verdura borrifada de cristalino orvalho. A cidade juntamente com o sol apareceu, descobrindo-se pouco e pouco as soberbas torres e os ameaçados muros que a cingiam; até que de um lugar alto, que ficava sobre ela, viram uma máquina estranha e populosa, que os espantou; e sentados os pastores sobre um penedo, com os olhos nela, disse Lerenó:

- Que julgas, Monteia, desta formosura que daqui aparece, tão alegre aos olhos, tão cobiçosa ao desejo, tão diferente das aldeias e lugares onde nos criámos? Quanta diferença há entre nós, os pastores, e os cidadãos? Nós, nascidos entre os matos, criados como as ovelhas, companheiros das árvores silvestres, moradores nos bosques e montanhas, rústicos no trato e mantimento, agrestes no traje, desprezados na vida, escravos do trabalho: eles, grandes da fortuna, mimosos da vaidade, criados em delícias, discretos no falar, polidos no vestir, ociosos no trabalhar, e moradores nestes edifícios e aposentos tão custosos.

- Nenhuma inveja, disse a Pastora, me fazem seus bens, porque, com as mudanças de minha vida experimentei já muito de seus males; conheço as cidades, tratei as gentes delas; licença e ousadia me deram para fugir e murmurar de suas grandezas.

- Mais que tudo estimo, tornou o Pastor, saber que te não podem enganar estas aparências, e estares tão ensinada a conhecer o que a mim me podia embaraçar, que eu só seja o perigoso. Todas estas cousas que daqui divisamos, e outras que ainda obrigam a mais a vontade, são um labirinto de enleios, uma comédia de enganos, uma escola de opiniões, um jogo de falsários, uma ordem confusa, um cárcere aprazível, laços cobertos, redes escondidas, anzóis enganosos, canto de sereia; enfim cidade, obra que a malícia inventou para tirar aos homens a idade de ouro. Ali, entre aqueles muros cingidos, andam os vícios mais libertados que nas nossas campinas e montanhas: triunfa a vaidade, reina a cobiça, priva a mentira, mata a inveja, não se ouve a razão, não se conhece a verdade, não se vê a pobreza, não se trata a justiça, nem se estima a humildade. De melhor condição estamos os pastores; e melhor estava o mundo quando

só a eles tinha: para a vida, que é curta, bastam casas mais pequenas que estas de mármore; e as nossas de cômlo, primeiro deixamos que o tempo as arruíne. Quão bem falou o que dizia que a formosura do mundo era o esquecimento da morte; porque, se esta nos lembrara, medíramos com a vida os edifícios, e não trabalharam os homens tanto por causa que lhes há-de servir tão pouco.

- Pois eu te afirmo, disse ela, que, com todos os extremos da arte e fábrica da riqueza dos homens, me parecem melhor as obras da natureza: e que mais me levam trás si os olhos as cousas nascidas da graça, que as mais custosas da vaidade; as penedias sem arte, as árvores sem ordem, as flores sem número, as ervas sem conto, os montes cheios de verdura, as serras prateadas de neve, os vales cerrados de sombrios ramos, os rios bordados de louras areias e brancos seixos, as fontes emboscadas em alegres arvoredos, e tudo o mais que nas nossas aldeias gozamos sem pagar tantas pensões à fortuna.

- Pois estás tão acautelada, disse o Pastor, do que eu te podia avisar, entremos neste labirinto com confiança, deixando um fio, que nos torne a tirar dele, que é o conhecimento de seus enganos.

Com esta determinação foram ambos até entrarem pelas portas da cidade com a estranheza que o descostume costuma causar; que ainda lhes fazia pejo na vista o que com ânimo desprezavam. Era aquele dia de festa e havia muitas em toda a cidade; estavam as paredes vestidas de ricos panos, as ruas de verdes ramos e espadanas, as janelas toldadas de sedas ricas, e acompanhadas de formosos rostos, que igualmente mostravam os poderes da arte e natureza. Ali entre a confusão da inquieta gente, atravessava com desassossegados olhos o namorado mancebo, por outra parte o acautelado empregava em furtos a vista, e em mudos suspiros mostrava a seus amores o que sentia. O confiado com o cavalo desempedrava as ruas, o galante, favorecido do traje e dos poderes de quem a tudo o mais tira a valia, como o soberbo pavão, mostrava a roda; o gentil-homem, acrescentando às graças naturais a postura e movimento concertado, fazia seu emprego. Do alto os acenos, os desdêns o mudar de vistas, o alterar de cores, faziam uma amorosa guerra, de que um sem causa saía agravado, outro soberbo, uns dando ocasião a muitas de se enganarem com eles, e a outras de os enganarem consigo. Nesta confusão e máquina tão grande andavam os singelos pastores com os olhos em tudo, sem que ninguém os pusesse neles, efeito certo da humildade, que é ficar tanto abaixo da soberba, que nem de vista se alcança. Foram assim notando mil diferenças de rostos e de enganos, até chegarem a uma espaçosa praça, em a qual amor e vaidade faziam custosa mostra de suas riquezas: ali perdia a razão o poder, e reinava o desejo; ali se dava a vida por qualquer preço, e se empenhava a liberdade em qualquer troco; ali se acanhavam as esperanças dos menores, e se cevavam os pensamentos dos grandes; do alto tudo eram peças de artilharia pelos dois tiranos que tinham a fortaleza; no baixo os vencidos, que lha rendiam. Daqui feriam os olhos negros, engastados em vivo cristal; dali os azues assombrados de raios de ouro; doutra parte os verdes rasgados, os par-

dos venturosos, os garços graves, os pombinhos chocalheiros; uns acompanhados de grossas pestanas, outros de engraçadas sobancelhas; os dentes de pérolas entre perfis e rubis, os cabelos de ouro que acrescentavam maior beleza, as jóias ricas, as pedras de preço, as cores várias, as sedas estranhas, as guarnições custosas, Aqui parando, o Peregrino disse para Monteia:

- O certo é que aqui só se vive; e que aquilo que nos parece mal, é o que nos faz inveja: como rústicos não devemos entender a glória que neste bem se encerra; e como humildes não aspiramos a cousas tão altas. Que belezas tão sobrenaturais, que aspectos tão divinos, que parece que os ofende quem com algum vão desejo se emprega neles!

- Parece-me, companheiro, disse a Pastora, que perdeste o fio; não te venças logo com a presença, pois de antemão estavas avisado que estas imagens, que cativam a vista, com a sua enganam os sentidos alheios; e entre as floridas ervas se esconde a venenosa cobra; coberta de ouro se facilita a amargosa pílula, e escondido de ramos o enganoso laço: não é rodo o que parece; nem há na ocasião de agora quem não faça muito por parecer o que não é. Estes aparatos, aquele enfeites, aquela diferença de trajas, cores e toucados, tudo são favores da arte em defeitos da natureza. Ali verás vestir de escuro a que tem a cor preta, porque com a que o é mais se melhora a sua; a alva vestir de verde, de pombinho, e de encarnado; a corada de branco, e de amarelo; a pálida de aleonado, e de mistura, fugindo cada uma do que mais encontra o seu parecer. Verás ao rosto redondo o toucado erguido, ao comprido moderado, ao largo coberto, ao delicado cheio; ou porque represente em vão o que lhe falta, ou porque pareça menos do que sobeja. À que tem os membros mais relevados verás os vestidos justos, para que melhor se mostre a perfeição deles; à que subtis e delicados, roupas mais largas, para que o aparato supra o em que faltou o natural; uma que faz a cor amortecida, outra que desmente a graça natural e se faz branca: e outras muitas cousas, que querer agora dizer seria infinito, Enfim não há aqui cousa em seu ser, rodo é emprestado, são bens que enganam o desejo e não satisfazem a vontade; são espelhos mentirosos, que mostram o que não é; alquime, que com o primeiro orvalho se desdoura: se tirares a máscara a estes enganos, restituirás à nossa vida pastoril os seus louvores. Quanto mais vale o rústico toucado de uma serrana: os cabelos atados sem ordem, e não riçados por arte; com as cores, que lhes inveja o sol, lhes muda o vento; e não com as que lhes dão seus próprios inimigos; ora cheios de flores do vale, ora de bem-me-queres do campo; a beatilha revolta em lugar do volante levantado; o rosto com graça natural, e não com mentiras alheias; a garganta torneada com molduras da mesma peça, e não com larga prisão de jóias, que ou nos impedem a vista, ou a enganam; o vestido grosseiro, mas honesto, livre para quem o traz, aprazível para quem o vê: o corpo medido da planta do pé até os cabelos; sem chapins, que fazem de rostos meninos corpos gigantes. E quando esta formosura, que te contenta, fora o

que parece, quantas cousas há ali, que não se vêem, e te poderão obrigar a fugir de tudo?

- Certo (disse entre si o Pastor) que muito pode a inveja com esta, ou comigo as mostras do que vejo, que não podem ter nenhum mal grande que o mais pequeno bem não faça leve.

E falando com Monteia lhe tornou:

- Nenhuma cousa haverá que me faça aborrecer esta tão digna de ser amada; porém sabe que, ainda que tudo junto me contenta, nada em particular me obriga, só me levanta o pensamento a cousas que a meu parecer ficam mais altas.

Nesta prática estavam os dois estrangeiros, quando de uma janela das que sobre eles caíam, ouviram tocar concertados instrumentos; e escutando os pastores para ouvir o que seria, três vezes com muita arte e suavidade cantaram o seguinte:

Marfiza, formosa e dura,
Cuja beleza e rigor
Eu vi nos olhos de Amor,
E achei nas mãos da ventura:

Ouvi-me dela o queixume,
Como ouviste meu cuidado,
Quando, de mal costumado,
Não temia o seu costume.

Verás claro o meu perigo
Em amor, e minha estrela;
Que era forçado perde-la,
Para perdê-lo contigo.

Já sou outro diferente,
Já não vês o que antes viste;
Sou o debuxo de um triste
Pela sombra de um contente.

Já com extremos me amaste,
Já te tive como minha;
Por ter ventura te tinha,
Por sem ela me deixaste.

Tu pródiga, eu liberal
Do que a ventura me deu;
Tendo a ti só por bem meu,
Vieste a ser só meu mal.

Teus passa tempos e enganos
A meus males deram traça,
Quando compravas de graça,
À minha custa, meus danos.

Bem claramente entendi
Desta mudança perjura
Que amaste a minha ventura,
E não me amavas a mi.

Não mudaste o pensamento,
A ventura se mudou:
Poia o teu já se empregou
Com tão falso fundamento.

Outro, que escolheste agora,
Não no invejá por ditoso;
Que já fui mais venturoso,
E perdi tudo numa hora.

Queira o céu desta afeição
Qual me eu vejo não se veja:
E que antes lhe tenha inveja,
Marfiza, que compaixão.

Eram as da janela muitas damas, e galantes, que em saborosa companhia esperavam as festas, entretendo-se em vária conversação e amorosas cantigas: e acabada esta, enquanto descansavam os instrumentos, disse Lereno:

- Também esta música, Monteia, se me parece com o mais; mas da letra estranho a crueldade, com que se galardoou amante tão verdadeiro, que se punha à ventura de ouvir o desengano para tão fraco interesse.

- Mal sabes logo, disse a Pastora, o que por estes lugares se usa, e não para descobrir feltas alheias, pois estas não são particulares de ninguém: mas, por te de senganar da pouca experiência que tens da cidade, te afirmo que as mesmas cautelas, que aqui usam com a natureza, tratam com amor. Verás entre estas damas, que te parecem do céu, pensamentos tanto da terra, que se esquecem dos dotes naturais por empregarem a afeição nos da fortuna; e como querem bem só ao que dela querem, assim como varia os estados, mudam elas o pensamento; e este seu amor (a quem justamente põem tão bom nome) é ainda mais perigoso que a cobiça, porque, se uma está penhorada de um amante a que se mudou a ventura, e ela nisto a quere imitar a todo o risco de sua vida, dele o desengana; e por resgatar sua culpa, comete outras, de que não resultam pequenos enleios. Outras há entre estas de melhor natureza, ainda que inimigas de seu descanso, que amam só por aparências, sem atentarem mais que ao que vêem: contenta-as um corpo bem proporcionado e melhor vestido; um rosto bem afigurado, um passear airoso, um falar encarecido; e quando estes longes lhe aparecem de perto em lugar donde não há fugida, e se acham com um querer diferente, um termo desconfiado, ou um proceder ingrato, e um desprezar queixoso; destas te digo eu que o menos desatino é a mais fácil mudança: e se alguma quere sustentar a primeira opinião, e enganar o mundo à sua custa, ali verás os suspiros sem tempo, as lágrimas sem fruto, a tristeza da vida, os queixumes da sorte, a lembrança dos bens passados, os rostos descontentes, as palavras trocadas, as razões confusas, e outras cousas que acabam depressa a vida ou o sofrimento. Verás outras, que, fiando-se em palavras que custam pouco, e em cartas que, mentem mais, e se enver-

gonham menos, fazem praça de seus favores a quem só para os pôr nela pretende alcançá-los, querendo tirar vanglória de leviandades alheias; e obrigando a áspera vingança corações cheios de brandura, causam mil desatinos e desvários. Nestas pode tanto a ira, como em outras o amor; nada deixam de intentar para satisfação de seu ódio; e não alcança a fúria dele só ao culpado, mas é às

(*O Pastor Peregrino*, Livro I Jornada11.^a)

A vida rústica

Como acontece a quem, por enganar pensamentos inquietos, se convida ao sono, que adormecendo por mil maneiras os sentidos, torna enfim a despertar com o mesmo cuidado: assim Criano, a quem os seus negavam repouso de continuo, não podendo aquietar, passada a primeira parte da noite, dava mil voltas atentando ao companheiro que dormia, com desejo de lhe comunicar que tinha de tomar outra vida diferente, como lhe começou a descobrir; e indo enlevado nesta imaginação, ouviu que um dos marinheiros (a quem a noite então oferecia descanso dos trabalhos do dia) sentado junto ao leme, ao som das águas que nele se apartavam, ia cantando; e com a ocasião de ouvir a sua cantiga despertou a Lerenó, e ambos escutaram que dizia:

Leríope bela,
Ninfa a quem a sorte
Para ser meu none,
Fez do mar estrela;

Por quem com chorar
Fiz um mar de novo,
Com águas de fogo
Nascidas de amar:

Agora que o manso
Vento o mar serena,
E a noite à mar pena
Promete descanso;

Antes que o ligeiro
Dia tome a nós,
Ouve, Ninfa, a voz
Do teu marinheiro.

Ouve não te escondas;
Mostra belo rosto.
Qual o sol já posto
Entre as brancas ondas.

Vem ouvir os ais
De quem tanto te ama;
Se, porque te chama,
Não fugires mais.

Vem, Ninfa, não tardes.
Ahl quem te detém !
Que as horas do bem
Sempre são cobardes.

Se não queres vir,
E este amor não vale,
Mostra-me um sinal
Para te servir

Se ficas atrás,
Como esta alma teme,
Guiarei o leme
Para donde estás.

Erre-se a jornada,
Porque em ver-te acerte;
Que não há, sem ver-te,
Acertar em nada.

Se agora vieras,
Se no mar te vira,
Quanto ele me tira,
Por amor me deras.

Fará a noite escura
Tão serena e clara,
Que o dia invejara.
Sua formosura.

Se estas ondas viram
Teu retrato nelas,
Ficaram tão belas,
Que do sol se riram.

Eu vira em bonança
O mar de meus olhos,
E na cor de abrolhos
A minha esperança.

Sem ti nada vejo,
Que me satisfaça,
Porque é a tua graça
Fim do meu desejo.

O que mais contenta,
Faz amor que enjeite;
Que até o mar leite
Sem ti me é tormenta.

De cristal as velas
Nas rochas vizinhas,
E as várias conchinhas
Nas brancas areias ...

Os mariscos ledos,
Pintados de cores
Com tantos primores,
Por entre os penedos...

Se queres que seja
Tudo de meu gosto,
Mostra o belo rosto,
Onde tudo veja.

Com o som das águas, o escuro da noite e os suspiros que o marinheiro de quando em quando despedia, fazia a sua voz tal saudade e sentimento. que entristeceu novamente aos dois Peregrinos, e ambos o ficaram louvando de namorado; e tomando a tratar de seus pensamentos, disse Lerenó:

- Em nenhum estado acho segura de amor a liberdade; fui pastor, soube a vida e trato dos pescadores; ouvi o dos cortesãos e experimentei o de Peregrino: em todos achei o retrato de meus próprios queixumes. Ninguém vive sem eles, e cada um escarnece melhor a fé com que o sustenta. Se há algum gosto de amor algum bem da ventura, tudo se compra a mor valia. Este marinheiro julgava eu por o mais livre de amor que se podia imaginar, porque o trabalho continuo do serviço das velas, e do leme, o andar sempre lutando com os mares, coberto cada hora das ondas e arriscado com os ventos, parece que bastava a lhe impedir outra sujeição.

- Cada hora, disse Oriano, me vejo mais confuso com os remédios que busco à minha vida porque a desejo passar com traie e ocupação mais humilde da cm que nasci; quisera escapar à ventura por abatido, pois a perdi alguma hora levantado. Folgarei (se este desejo meu te não for pesado) que me contes da vida dos pastores que sempre ouvi gabar, a que todos invejam, de que todos praticam, em que tantos sábios e poderosos se disfarçaram. E pois que nasceste entre rústicos (se isto se pode crer) e deves saber melhor que todos a verdade que eu busco das vidas alheias, pelo que já ouviste da minha; agora que este marinheiro nos despertou com o seu canto, e que pelas estrelas, que aparecem, deve estar o dia perto, estimara que me contasses a tua opinião.

- Não sei, tornou Lerenó, que pode dizer da vida pastoril quem a trocou por este desterro; mas porque o meu mal não tire louvor aos bens que nela se encerram, escuta agora:

Ninguém de sua sorte está contente,
Que ou a razão lha desse, ou a ventura;
Cada um das alheias mostra inveja;
O mal, que um recebeu, outro o deseja;
Em nada se assegura
O nosso pensamento,
Mais ligeiro e mais vão que a sombra e vento.

Na guerra trabalhosa
Suspira pela corte lisonjeira,
Cheia de engano, o mísero soldado;
E o cortesão cansado
De esperanças valdías,
Louva do campo as livres alegrias.
O lavrador queixoso,
Dos trabalhos vencido,
Dos grandes mal ouvido,
Nas contendas inerte, e sem cautela,
Culpa com mil suspiros sua estrela,
Batendo a madrugada
À porra sempre a míseros cerrada.

Suspira o navegante,
Que entre as ondas se viu no fundo abismo,
Pela pátria suave e deleitosa,
Donde o vil cobiçoso se desterra,
Por ir, passando os mares,
Onde a bárbara terra
Lhe dê com prata e ouro
Ou miserável morte, ou vão tesouro.

Se neste grande enleio
Eu pudera escolher, não já segura,
Mas vida mais quieta,
Seguira, ou invejara,
Por mil vezes ditoso, o que se aparta
Do tumulto civil, foge as contendas
Da confusa cidade,
As leis da vaidade,
As cobiças, os roubos, as fazendas,
Onde não se permite
Moderado, descanso nem limite,

Não serve a Marte armado de aço fino,
Trazendo de contino
As armas carregadas,
Ou do alheio sangue ou seu pintadas.
No reino de Neptuno
Não corta as crespas ondas,
Famosa sepultura de atrevidos,
Aonde enfim descansa
Quem a vida fundou nesta esperança.
Antes servindo a Ceres

Loura, amorosa e branda,
A Dionísio, a Febo e a Diana,
Em rústicos cuidados se exercita.

Vai rompendo os torrões da pátria terra
Com o curvo arado, doce e brandamente
O lavrador cantando
Ao vagaroso passo dos seus bois;
E cevando-os depois,
Espalha o louro trigo,
Que sem medo e perigo
Cobre, de agudos dentes cheia a grade;
Recebe-o amorosa em brando seio
A terra agradecida,
E do seu calor húmido ajudado.
Deita tenras raízes para o centro,
Dividindo-se dentro
O grão num gomo verde
Que enche os paternos campos de alegria
Com súbita mudança,
E ao lavrador de gosto e de esperança.

Eis quando o gomo em erva se derrama,
E levantando a cana torneada,
Que com miúdos nós vai sustentando,
A folha mais amiga
Lança a fértil espiga,
E o grão, que tenro e uerde
Em cerrados casulos se recolhe,
De modo que lhe tolhe
A cobertura leve
As ofensas da chuva, o sol ardente;
Amadurece já no seco estio
O grão nos seus bolsinhas:
Mas porque os importunos passarinhos
Com o bico cobiçoso
Não rompam o segredo,
E o tesouro da sábia natureza

De praganas agudas a rodeia,
Fazendo delas muro,
Com que conserue o novo grão seguro;
Chegada já a sazão doce e suave,
Ondeiam. pelos campos as espigas,
Que tomando a cor d'ouro,
Para a terra inclinadas
Se movem do seu fruto carregadas.

Ou se deste exercicio se desvia,
Guardando manso gado,
No vale, monte e prado,
Sem meter nouuos bens a fantasia,
Que mor contentamento,
Que mais certa esperança,
Que mais ditosa vida,
Que tê-la em tais cuidados repartida?

Vê no campo fiorido
Saltar os cabritinhos,
Enxovalhando as flores ledamente,
E as mães, que junto às fraldas da corrente,
Dos ramos dos salgueiros penduradas,
Alegremente pascem
Os amargosos gomos que renascem.

Vê no manso rebanho
Das humildes ovelhas
Balar com lento passo os seus cordeiros,
E marrar os carneiros
Em áspera porfia;
E ele, tangendo a rústica sanfona,
Só de Amarilis canta,
E a outro desejo vão não se alevanta.

Vê na loura manada
Das vacas amorosas
O animoso touro que as rodeia,
Quando o campo receia,
Do Carneiro inimigo,
Pondo a vida e os cornos ao perigo.
Vê outra hora em contenda
Os armados novilhos com ciúme,
Que cada qual presume
Mostrar-se mais forçoso;
E enfim, o que é vencido,
Fica em brenhas e em matos escondido.

Com isto se recreia,
Se exercita, se alegre, se enriquece,
Nem dos Paços Reais a formosura
Lhe enleva os sentidos;
Não lhe ofende os ouvidos
O vil murmurador, que sem piedade
Fere com o dente agudo;
Nem os olhos da inveja venenosos
Perturbam seu descanso;
A sede de ouro não lhe tira a vida,
Que passa a sua alegre e sem mudança
No cuidado, na vida e na esperança.

Os limites dos agros, que granjeia,
O são dos seus desejos;
Nunca perde de vista a pátria sua;
Outro mar não conhece, outra corrente,
Que do claro ribeiro
As ondas prateadas, que murmuram,
Regando os mesmos prados que semeia.

Não bebe do licor de Baco amado
Por ouro bem lavrado ou prata fina;
Serve-lhe a mão de vaso,

E o líquido cristal de clara fonte;
Serve-lhe o leite puro
De licor mais suave e mais seguro.

Colhe o fruto sem medo
Das levantadas plantas que criou;
É sem mais arte as acha saborosas,
Ou à sombra da eozinha mais antiga,
Ou sobre a tenra erva reclinado:
Com canto não comprado,
Seguro se adormece
Com o som que oferece
A fonte, cujas águas cristalinas,

Rotas nos brancos seixos e queixosas,
Se mostram mais formosas,
Ou quando as verdes ramas
Com amoroso vento
Formam saudoso e brando movimento.

Não desperta ao som dos acambores,
Pifanos e trombetas,
À voz de um fero capitão que chama.
O vigilante galo,
Na doce madrugada,
Quando com doces lágrimas a Aurora,
Deixando o seu Titon, cobre a verdura
Das perlas cristalinas,
O convida a trabalhos ordinários,
Ainda que que rigorosos, voluntários.

Livre canta e o coração lhe oferece
Matéria a ledó canto;
Nunca noutros enganos imagina
Mais que em armar aos pássaros ciladas,
Laços aos animais,
Naças aos peixes no mais fundo rio;
De sorte lhe acontece,
Que enfim não teme o mal nem o conhece.

E aquela mesma terra,
Que sem tumulto e guerra
Na vida o sustentou, na morte o cobre
Com sepultura humilde, porém nobre.

Neste exerdcio os meus primeiros anos
Gastei livre de amor,
Não sabendo inda os tratos da cidade;
Até que a liberdade
A seu tirano mando sujeitei;
O hábito troquei;
E feito Paregrino,
Ando sentindo agora de contino.

Porém a larga história
De minha vida triste.
Tão diferente é já da que me ouviste
Como eu que, de quem era.
Sou qual Estio após a Primavera.

(*Idem*, Livro II, Jornada 8.^a)

O DESENGANADO

Texto 6 - Cantiga

Digamos da festa bem,
Pois seus bens nos comunica:
Mas que noiva que lá fica,
E que inveja que cá vem!

Bem alheio sem inveja
É pequeno e não sabido,
Porqué, em sendo conhecido.
Se murmura e se deseja:
Não vem da festa ninguém;
Se esta raiva não lhe pica.
Ah! que noiva que lá fica!
E que inveja que cá vem?

É galante, é graciosa,
Discreta e de boa estreia,
E além de tudo é alheia,
Que isto a faz ser mais formosa;
Entre outras partes que tem,
Deste queixume está rica:
Ah! que noiva que lá fica!
E que inveja que cá vem!

É nosso mal tão sobejo,
Que o bem, que nunca entendemos,
Se em outros braços o vemos,
Então nos move o desejo;

Não sei que engano isto tem,
Que mais a vontade aplica:
Mas que noiva que lá fica!
E que inveja que cá vem!

Destas invejas de agora
Se paga o noivo a sabor;
Que então lhe fora pior,
Se o bem de invejar não fora;
Tanto é de mor gosto o bem,
Quanto a inveja o publica:
Mas que noiva que lá fica!
E que inveja que cá vem!

(*O Desenganado. Discurso 6.º*)

A vida nos montes

(...) ainda que a vida privada dos montes é remédio de desenganados, muitos varões doutos e homens valerosos a escolheram por melhor que a da cidade: porque ali vive um homem mais seu e menos importunado; procede conforme a obrigação de sua vida, e não já a inclinação de seu apetite; serve mais à razão, que à opinião; contenta-se com os frutos que seu trabalho lhe rende, sem se aproveitar do que com a cobiça granjeia e às vezes rouba; vê a manhã mais cedo, goza o dia mais alegre, *passa a* tarde vagarosa, a noite quieta, pisa a terra mais enxuta bebe a água mais limpa, tem o ar mais livre e a vista dos campos mais contente; e quando estas e outras comodidades mo não parecessem, me bastava tomar tão humilde estado para coutho seguro de meus males.

- Disputar sobre o gosto de cada um (lhe tornou Arcélio) é coisa vã; porém, deixando o que tu já conheces da minha vontade, o desejo e o amor com que te trato, o pouco pejo e muito interesse que recebo de tua companhia, te lembro que tratas de começar a vida alheia, exercício mais robusto, e cuidados mais duros, que os com que nasceste; e que te pode ser custosa a mudança. Ainda que os longes dessa vida ta façam parecer aprazível, não os creias; que as coisas que não são vistas de perto, muitas vezes enganam. Parecer-te-á nas *calmas* de Agosto um vale cheio de amenos arvoredos e frescas sombras; correrás todas as árvores e penedos sem achares lugar onde os raios do Sol te não firam em descoberto. Verás em um verde prado a miúda relva cheia de flores, que na tarde te convida a saboroso assento; e de perto acharás quebradas, covas, piçarras e penedos desiguais, que te neguem lugar acomodado a qualquer repouso. Irás subindo a fragosa serra cheia de asperezas, e divisarás o caminho, que ao longe aparece plano e descoberto; e en-

trando nele o acharás mais dificultoso e intratável: enfim que só contra a experiência não vale engano. Vai muito de cortêsão a pastor, de senhor a criado, de mimoso a sofredor. A dureza dos montes, o serviço do gado, o trato das árvores, o que tem de rigor lhe tira poder fazer mimos ao apetite: aconselha-te com a tua natureza e costume; não faças eleição por conta da ventura, que te persegue.

- Bem sei (respondeu Oriano) que o melhor conselho de todos é pedi-lo, e fugir cada um do seu próprio parecer: porém isso se entende onde há escolhas; que em mim é força e necessidade abater-me à fortuna, por ver se, na mudança do traje e do exerdcio, me desconhece.

(*Idem*, Parte 2.^a Discurso 3.^o)

FÉNIX RENASCIDA

Texto 7

A uma suspeita

Amor, se uma mudança imaginada
É com tanto rigor minha homicida,
Que fará, se passar de ser temida,
A ser, como temida, averiguada?

Se só por ser de mim tão receada,
Com dura execução me tira a vida,
Que fará, se chegar a ser sabida?
Que fará, se passar de suspeitada?

Porém, já que me mata, sendo incerta,
Somente o imaginá-la e presumi-la,
Claro está, pois da vida o fio corta,

Que me fará depois, quando for certa?
Ou tornar a viver para senti-la,
Ou senti-la também depois de morta.

(Anónimo)

Texto 8

Falando com o Tejo

Águas do Tejo, que tão mansamente
Entre estas praias discorreis cansadas,
Depois de ter vencidas e rasgadas
AS altas serras tão soberbamente:

Aqui correis por modo diferente,
Depois de estar já brandas e domadas,
Que as cousas em soberba começadas
Assim vêm a acabar humildemente.

Eu, por cair também neste pecado,
Vos acrescento, e vejo num momento
Castigadas a vos e eu castigado.

Mas ai !, por que é maior meu sentimento?
Porque vós lá no mar mudais de estado,
E eu na terra não mudo de tormento!

(A. B. Bacelar)

Texto 9

Ao Tejo queixando-se

Alegre o manso Tejo vai regando
Do monte as fraldas e do prado as flores;
Eu de Lise os desvios matadores
Tristemente afligido estou chorando.

Ele do campo a gala vai bordando,
Tecendo com cristais os seus verdores;
Eu, de todo rendido a minhas dores,
Com pranto as suas águas aumentando.

Bem puderas, ó Tejo desumano,
Parar a ver-me assim tão lastimado,
Não correndo esquecido de meu dano.

Mas oh sorte cruel, oh duro fado!,
Que até um rio, com rigor tirano,
Se corre de tratar c'um desgraçado!

(*Idem*)

Texto 10

A um bem perdido

Eu me vi neste monte noutra idade
Nos braços da ventura reclinado:
Esta fonte, esta rocha, aquele prado
Testemunhas serão desta verdade.

Oh que tamanha mágoa a saudade
Me representa agora no cuidado!
Mas quando durou mais um doce estado
Que tem a segurança na vontade?

Para igualar a glória que então tinha,
Dos astros revestido o Firmamento
Se deu, oh quantas vezes, por vencido!

Mas que vã ignorância é esta minha:
Tão ocioso trago o pensamento,
Que me ponho a cuidar num bem perdido!

(Idem)

Texto 11

A variedade do mundo

Este nasce, outro morre, acolá soa
Um ribeiro que corre, aqui suave
Um rouxinol se queixa brando e grave,
Um leão com rugido o monte atoa.

Aqui corre uma fera, acola voa
Co grãozinho na boca ao ninho uma ave;
Um derruba o edifício, outro ergue a trave,
Um caça, outro pesca, outro enfuroa.

Um nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo Ministro aquele adora,
Outro segue do Paço a sombra amada,

Este muda de amor, aquele atura:
Do bem de que um se alegra o outro chora...
Oh mundo, oh sombra, oh zombaria, oh nada!

(Idem)

Texto 12

Glosa ao soneto **de** Camões - Seteanos. etc.

Pretendendo Raquel, serrana bela,
Sete anos de pastor Jacob servia;
Porém como a Raquel só pretendia,
Não servia a Labão, servia a ela.

Consolava-o a esperança: só com vê-la
indo passando um dia e outro dia,
Dava-lhe alento o muito que queria,
E pagava-se só com merecê-la.

Porém quando por meios tão tiranos
De Raquel se lhe nega a fermosura,
Agradece a Labão estes enganos,

Cifrando em mais servir maior ventura,
Dizendo: - Servirei, porque os meus anos
Com servi-la hão-de ser de eterna dura.

(Idem)

Texto 13

À morte do Conde do Castelo Melhor

O Castelo melhor, o melhor fone,
Glória do Minho, horror de Salvaterra,
Quando subiu ao céu, caíu à terra;
Caiu, ai triste caso, ai dura sorte !

Da maior fortaleza de Mavorte
Um jaspe só toda a ruína encerra.
O tempo fez o que não fez a guerra;
O que não pôde Marte, pôde a Morte.

Fosso lhe deu, serviu-lhe de estacada
Pio o Galego, o Castelhana exangue,
Com cadáveres um, outro com sangue.

E fora extinta, e fora aniquilada,
A ter mais duração ou mais estrela,
Deste Castelo só toda Castela.

(Jerónimo Baía)

Texto 14 - A uma trança de cabelos negros

Diversa em cor, igual em bizzarria
Sois, bela trança, ao lustre de Sofala;
Luto por negra, por vistosa gala,
Nas cores noite, na beleza dia.

Negra, porém, de amor na monarquia
Reinaiis senhora, não sereis vassala;
Sombra, mas toda a luz não vos iguala,
Tristeza, mas venceis toda a alegria.

Tudo sois, mas eu tenho resoluto
Que sois, só na aparência enganadora,
Negra noite, tristeza, sombra, luto.

Porém na essência, Ó doce matadora.
Quem não dirá que sois, e não diz muito,
Dia, gala, alegria, luz, senhora?

(Idem)

Texto 15

Ao rigor de Lísi

Mais dura, mais cruel, mais rigorosa
Sois, Lísi, que o cometa, rocha ou muro
Mais rigoroso, mais cruel, mais duro,
Que o Céu vê, cerca o mar, a terra goza.

Sois mais rica, mais bela, mais lustrosa
Que a perla, rosa, Sol ou jasmim puro,
Pois por vós fica feio, pobre e escuro,
Sol em Céu, perla em mar, em jardim rosa.

Não viu tão doce, plácida e amena,
(Brame o mar, trema a terra, o Céu se agrave),
Luz o Céu, ave a terra, o mar sirena.

Vós triunfais de sirena, luz e ave,
Claro Sol, perla fina, rosa amena,
Mor cometa, árduo muro, rocha grave.

(Idem)

Texto 16

A F., favorecendo com a boca e desprezando com os olhos

Quando o Sol nasce e a sombra principia,
A doce abelha, a borboleta airosa
Procura luz ardente e fresca rosa,
Que faz a terra céu e a noite dia.

Nas quando à flor se entrega, à luz se fia,
Uma fica infeliz, outra ditosa,
Pois vive a abelhae morre a mariposa
Na favorável rosa e chama impia.

Pois abelha sou, sou borboleta,
Que com affecto igual, com igual sorte,
Busco em vós melhor luz, *flor* mais *selecta*.

Mas quando a dor é branda, a chama é forte,
Néctar acho na dor, na luz cometa;
A boca me dá vida, os olhos morte.

(Idem)

Texto 17

A uns noivos que se foram receber, levando ele os vestidos emprestados e indo ela muito doente e chagada

Saiu a noiva muito bem trajada,
Saiu o noivo muito bem trajado,
O noivo em tudo muito conchegado,
A noiva em tudo muito conchagada.

Ela uma anágoa muito bem bordada,
Ele um capote muito bem bordado;
Do mais do noivo tudo de emprestado,
Do mais da noiva tudo de emprestada.

Folgámos todas os amigos seus
De ver o noivo assim com tanto brio,
De ver a noiva assim com tantos brios.

Disse-lhe o cura então: - Confio em Deus.
E respondeu o noivo: - E eu confio,
E respondeu a noiva: - E eu com fios.

(D. Tomás de Noronha)

Texto 18

À morte de F.

Esse jasmim que arminhos desacata,
Essa aurora que nácares aviva,
Essa fonte que aljôfares deriva,
Essa rosa que púrpuras desata;

Troca em cinza voraz lustrosa prata,
Brotada em pranto cruel púrpura viva,
Profana em turvo pez prata nativa,
Muda em luto infeliz tersa escarlata,

Jasmim na alvura foi, na luz aurora,
Fonte na graça, rosa no atributo,
Essa heróica deidade em luz repousa.

Porém fora melhor que assim não fora,
Pois a ser cinza, pranto, barro e luto,
Nasceu jasmim, aurora, fonte, rosa.

(Francisco de Vasconcelos)

Texto 19

A fragilidade da vida humana

Esse baixel nas praias derrotado
Foi nas ondas Narciso presumido;
Esse farol nos céus escurecido
Foi do monte libré, gala do prado.

Esse nácar em cinzas desatado
Foi vistoso pavão de Abril florido;
Esse estio em vesúvios encendido
Foi Zéfiro suave, em doce agrado.

Se a nau, o Sol, a rosa, a Primavera
Estrago, eclipse, cinza, ardor cruel
Sentem nos auges de um alento vago,

Olha, cego mortal, e considera
Que és rosa, Primavera, Sol, baixel,
Para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.

(*Idem*)

Texto 20

Soneto

Alegre pintasilgo, flor vivente
Não cantes, lisonjeia um desgraçado:
Suave fontezinha, alma do prado.
Não corras, acompanha um descontente.

Vejo que entre essas ramas livremente
Festivo zombas do meu triste fado;
Julgo que entre essas penhas sem cuidado
Murmuras rindo do que peno ausente.

Mas já que corres livre sem demoras
Bate essas asas, acelera o passo,
Vai ligeiro saber dum bem que adoro;

E, se queres chegar em breves horas,
Voa com estas penas que aqui passo,
Corre com estas águas que aqui choro.

(André Rodrigues de Matos)

Ao amado ausente

Texto 21

Se apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu lugar e dura morte,
De que nasce tardar-me tanto a morte,
Se ausente d'alma estou, que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano é viva morte;
Já que se foi Silvano, venha a morte,
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah, suspirado ausente, se esta morte
Não te obriga a querer vir dar-me vida,
Como não me vem dar a mesma morte?

Mas, se n'alma consiste a própria vida,
Bem sei que, se me tarda tanto a morte,
Que é porque sinta a morte de tal vida.

(De poetisa anónima)

Texto 22 - A um desengano

Será brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presunção, vária a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança;

Terá a ingratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza,
Lhana a ficção, sofisticada a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivaça;

Será merecimento a indignidade.
Defeito a perfeição, culpa a defesa,
Intrépido o temor, dura a piedade,

Delito a obrigação, favor a ofensa,
Verdadeira a traição, falsa a verdade.
Antes que vosso amor meu peito vença.

(De uma poetisa anónima)

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

Texto 23

Memória e queixa

Estes mares que vejo, essas areias,
Rompi, pisei, beijei hoje há sete anos;
Sete servi, sete perdi, tiranos
Sempre os Fados nas vozes das sereias.

Tantos há que, arrastando cruéis cadeias,
Não guardo ovelhas mas aguardo danos,
Das fermosas Raquéis vendo os enganos
Sem a promessa ouvir das Lias feias.

Sofra Jacob fiel Labão mentindo,
Que, se dobra o servir, da alta consorte
Já não pode negar-lhe a mão devida.

Ai do que espera, quanto mais servindo!
Para um tão triste fim, tão leda a morte;
Para um tão largo amor, tão curta a vida!

(*Segundas Três Musas do Melodino*)

Texto 24

Versos pregão das dores

Pois são tantos os males padecidos
Da Fortuna, e do tempo às gentes dados,
Não me estranhe ninguém que meus cuidados
Sejam por tantos modos repetidos.

Estes, que já vos foram referidos,
Em diferente estilo então cantados,
Tornam segunda vez hoje chorados,
Por ver se são de vós melhor ouvidos.

Não de flores, de lástimas se cobre
A pobre humilde Musa, que procura
Sempre a paz, nunca o prémio da ignorância.

E se rica algum tempo, agora pobre
A verdade se quer para doçura,
O desengano só para elegância.

(Idem)

Texto 25

Aritmética da ausência

Diminuir da fé tão nobre intento,
Fermosa Lici, em vão pretende o Fado,
Porque a ausência reparte o seu cuidado
Pelo valor do próprio apartamento.

Conta é esta que nunca o pensamento,
Com a saber provar, houve encerrado;
É o mesmo Amor, que a tem multiplicado,
Quando somar a quer, vai muito atento.

Riamo-nos da ausência, se há lembrança;
Se há firmeza, riamos do receio;
E, pois há fé, riamos do castigo.

Riamo-nos do Fado e da mudança;
Riamos do desvio e do rodeio,
Se nunca vai sem vós, quem vai consigo.

(Idem)

Texto 26

Metáfora alegórica

Batia em um penedo da água erguido,
Lá na serra da Arrábida viçosa,
Irado o mar, com força temerosa
Do fero sopro do Austro embravecido.

Responde, repetindo-lhe o bramido
Na branca praia, húmida, arenosa,
Um eco, que na penha cavernosa
Durou medonhamente repetido.

Sereno pescador, que a Daliana
Adora, vendo já que se estremece
A firme penha, donde o mar batia:

- Vem - diz - , verás, ó Ninfa desumana,
Que à porfia e ao Amor tudo obedece;
Tu só zombas do Amor e da porfia!

(Idem)

Texto 27

Que de tão pouco um triste se contenta

Quem lhe ouvir murmurar tanto a este rio,
Cíntia, se for estranho ou passageiro,
Crerá que foi, sem dúvida, o primeiro
Maltratado das mãos do ardente estio.

Ai de mi!, *ai* de mi!, que em calma, em frio
Acho tanto perigo verdadeiro !
Ano estéril de Amor, que passa inteiro;
Ausência o inverno, e o verão desvio.

Não cabe a vida nunca em quem não caiba
O queixume da dor, que a dor lhe deixa:
Só minha queixa e dor jamais iguá-lo !

Ora eu me calarei, como se saiba
Que quem lhe tira a voz, a quem se queixa,
De novo se lhe obriga a remediá-lo.

(Idem)

CARTA DE GUIA DE CASADOS

Texto 28

À proporção do casamento

Uma das coisas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados, é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradição: a contradição discórdia. E eis aqui os trabalhos por onde vêm. Perde-se a paz, e a vida é inferno.

Para a satisfação dos pais convem muito a proporção do sangue, pura o proveito dos filhos da fazenda, para o gosto dos casados a das idades. Não porém que seja preciso uma conformidade, de dia por dia, entre o marido e mulher; mas que não seja excessiva a vantagem de um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja sempre da parte do marido, em tudo à mulher superior. E quando em tudo sejam iguais, essa é a suma felicidade do casamento.

Dizia um nosso grande cortesão, que havia três castas de casamento no mundo: casamento de Deus, casamento do diabo, casamento da morte. De Deus, o do mancebo com a moça, Do diabo, o da velha com o mancebo. Da morte, o da moça com o velho.

Ele certo tinha razão, porque os casados moços podem viver com alegria. As velhas casadas com moços vivem em perpétua discórdia. Os velhos casados com as moças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias.

Mas porque estas coisas são muito gerais, e ainda os incapazestêm delas o conhecimento que aos entendidos lhes sobeja, é tempo de passar a alguns mais particulares avisos.

Senhor, saiba v. m. que à sua alma se acrescenta outra alma de novo; à sua obrigação se junta outra obrigação. Assim devem crescer seus cuidados, e seus respeitos. E da mesma sorte que, se o um homem que possuísse uma herdade, a qual cultivasse, lhe fosse deixada outra de novo, para o mesmo efeito, este tal homem, sem diminuir em sua alegria, era força que na diligência se avantajasse, por abranger com seu trabalho a ambas aquelas suas fazendas: nem mais, nem menos deve o casado multiplicar o tento, e a fadiga (sem que por isso se entristeça) por não faltar ao novo cargo, que tomou, e lhe entregaram, com a mulher que lhe deram; não para que a arriscasse, e perdesse (e a si mesmo com ela), mas para que com maior cómodo e descanso pudesse passar com ela a vida.

Várias castas de mulheres

Cuidam, com falso discurso, algumas mulheres que como elas guardem a lei devida à honra de seus maridos, em tudo o mais lhes devem eles de sofrer quanto elas quiserem que lhes sofram.

É este um mero engano; por duas razões a primeira, porque nada se lhes deve às honradas de guardarem a obrigação, em que Deus, a natureza, o mundo, o medo as tem posto.

Lembra-me que, estando em Madrid, tinha uma vizinha muito brava, que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade: *Hermano, soy muy honrada*; e ele respondia-

lhe: Pues anda a Dias qui te lo pague, qui a mi cuenta no está el pagarlo, quando lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas.

A segunda, porque não só a honra de seus maridos se perde por sua descontinência, mas não menos pelas ocasiões a que põem os homens por muitos outros excessos que cometem. Foi assim graciosa, mais que segura, a opinião de certa pessoa, que ninguém tanto sofria como quem tinha boa mulher, bom criado, e boa cavalgada. Porque à conta de boas peças cada uma fazia sua vontade, e nunca a de seu dono.

Não fosse ora por isso o dizer a chocarrice castelhana: *buena mula, buena cabra, buena hembra, son tres malas bestias.*

As mulheres de rija condição, a quem comumente chamam bravas, são as que menos cura tem; porque até da temperança do marido, que era a sua melhor mezinha, tomam causa de se demasiarem: sendo já antigo, que o soberbo se faz mais insolente à vista da humildade: o bravo se enfurece diante da mansidão. A violência e o castigo não têm lugar na gente de grande qualidade. Pelo que já disse um muito discreto, que entre as coisas, que os vilãos traziam lá usurpado aos fidalgos, era uma, o poderem castigar suas mulheres cada vez que lho mereciam.

Pouco mais remédio soem ler estas tais condições, que uma grande prudência com que se atalhem. Aconselharia a aquele a quem tal sucedesse, se apartasse o possível de viver nas cortes, e grandes lugares. Quem grita no despovoado, é menos ouvido. Atalham-se assim inconvenientes; não se ficará sendo a fábula do povo, onde de ordinário servem de iguaria aos murmuradores as acções de tais casados. Procede daqui não leve injúria: pelo menos um escrúpulo de afronta, que anda sempre zunindo nos ouvidos do pobre marido, como os gritos da própria mulher brava.

A feia é pena ordinária, porem que muitas vezes ao dia se pode aliviar, tanta, quantas seu marido sair de sua presença, ou ela da do marido. Considere que mais vale viver seguro no coração, que contente nos olhos; e desta segurança viva contente; que pouco mais importa haver perdido por junto a formosura.

que vê-la ir perdendo cada dia, com lástima de quem a ama. Isto sucede sempre nas mulheres, já pela idade, já pelos achaques, a que toda a formosura vive sujeita. Donde com muita razão se queixava um discreto, não de que a natureza acabasse as formosas, mas de que as envelhecesse.

Mulher néscia, coisa é pesada, mas não insofrível: procure o marido emprestar do seu juízo às acções de sua mulher aquela discricção que vir que lhe falta. Assim o fará o entendido, e se ele também o não for, pouca pena lhe dará que ela o não seja.

A doença, que a muitos aflige é também um não pequeno trabalho: vê-se penar a pessoa a quem se quer bem: e porventura soem ser estas as que menos o merecem; porque males e bens muito há que costumam andar desordenados. Deve a mulher, quando enferma, ser tratada de seu marido com todo o regalo possível, sofrida com toda a paciência. (Pode-se fazer esta conta: que estando disposto haja de padecer o homem em metade de sua alma, favor foi grande de Deus padecesse antes naquela parte que menos falta faria à sua família. Considere-se (para que se bem sofra) que a obrigação do fiel companheiro, é guardar companhia, tanto pelo mau, como pelo bom caminho. Se as sortes se mudassem, da mesma maneira quisera o marido ser tratado, e sofrido da mulher.

Há não poucas mulheres proluxíssimas e de condição impertinente, cuja demasia de ordinário descarrega sobre os criados a quem são insuportáveis: donde à casa resulta ruim fama, e achar o senhor dela com dificuldade quem o sirva. Convém que a estas tais se lhes aperte o freio, se lhes dê pouca mão no governo e como as pessoas feridas de mal contagioso, as sirvam, e ministrem ao longe, ouvindo-se pouco, e dando-lhes a ouvir menos. Mostrem-se-lhes por experiência os frutos de sua condição, faltando-lhes talvez com o serviço necessário; porque se com este garrote não tornam em si, são por outro modo de dificultoso remédio; e vem a pagar o marido, sem culpa, os desabrimentos da mulher agressora, e merecedora de ruim vontade dos servos, que, como pouco prudentes, não distinguem em acções tão próprias como as de mulher, e marido, qual deles é digno de amor, e qual de desamor.

Acontece serem escassas: e dos defeitos mais leves, que nelas se acham, é este um deles. Não julgo que seja de algum perigo (posto que pode ser de descontentamento, e azo de pouca paz) porque se o marido é liberal, ele dará logo remédio à condição da mulher; se tiver o mesmo costume, viverão com miséria, mas com contentamento.

Não cuido certo que os Egípcios com toda a sua agudeza, inventaram mais excelente jeroglífico do que o descobre um nosso provérbio português: O marido barca, a mulher arca, Ouvi-o há dias a uma velha, e o escutei como da boca de um sábio: Traga o marido, e guarde a mulher.

Mulher ciosa, é bem ocasionada mulher para que se viva sem contentamento. Dizia uma de bom juízo: A mulher ciosa tende a ociosa. Queria dizer, não lhe deis causa, que ela a não tomará. Esta não vinha em distinguir a queixa do ciúme; porque aquela que com razão se sente, não chamo eu ciosa. A ciosa é aquela que sem causa se queixa: e estas são as trabalhosas. Porque emendar cada um as suas fraquezas, sobre que é dificultoso não é impossível; mas emendar as alheias não é dificultoso, porque é impossível.

Contra as ciosas sem razão, o melhor remédio é que elas a não tenham; porque assim se segura a consciência, e a honra. Contra as ciosas com razão, curando-se o marido da leviandade, fica a mulher curada do ciúme. Para desconfianças leves, que um discreto chamava sarna do amor, que faz doer, e gostar juntamente, digo eu, que como se satisfizeram as damas, se satisfarão as esposas. Aquele amor desordenado, mais furioso é, e assim mais veementes seus ciúmes (como é do melhor vinho o melhor vinagre). Quem soube (que todos souberam) desmentir os ciúmes de sua dama, quando a leve, por esse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha.

Eis aqui vêm as gastadoras, fogo perenal Jas casas, e das famílias. Sempre foi causa de muitos males esta tal condição: porque lá tem suas cores de coisa boa; e sobretudo é mui aceita. Digo, senhor N., com verdade, que me parece uma mulher honrada tratar o dinheiro com aquele mesmo temor que ao ferro e fogo. e outras coisas de que convém sejam medrosas. Parece o dinheiro em mãos da mulher arma imprópria. Pergunto: Se para despedir, e lançar de sua casa um criado, a mulher casada por si não tem bastante autoridade, porque a quererá ter para despedir, a lançar fora de casa sua fazenda, em que consiste o bem, e repouso de amos, e criados?

Governo doméstico

Disse que seria bom ocupar a mulher no governo doméstico; e é bom, e é necessário, não só para que ela viva ocupada, senão para que o marido tenha menos esse trabalho.

Coisas tão miúdas não é bem que pejem o pensamento de um homem; e para os da mulher são muito convenientes. Pergunto: Não se rira v. m. se vira ir um elefante carregado com um grão de trigo na tromba? Sim, por certo; e logo louvara a Deus se o visse levar no bico a uma formiga. Diz bem por isso o rifão: Do homem a praça, da mulher a casa. Os maridos que em tudo querem mandar, são dignos de repreensão, igualmente aos que não querem mandar em nada.

Enfim, sr. N., fique assente, que o gasto ordinário convém que se entregue à mulher pela contentar, pela ocupar, pela confiar, por lhe der aqueles cuidados, por lhe desviar outros.

Se o faz como é razão, que maior ventura? Fará conta o marido que achou um criado tão bom como ele, e tão fiel, que o serve de graça. Se o faz menos bem, ainda é mal bem tolerável. Quanto melhor será que o desaproveite a mulher que não o criado? Que ela sempre errará contra sua vontade, ou pelo menos com vergonha: e o criado pode ser que muito por sua vontade, e sem nenhum pejo, desacerte.

As casas da gente ordinária devem ser melhor governadas: porque infalivelmente guardam esta regra: um traz outro aproveita.

Dissera eu que à mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por excitar com ela alguma avareza: porém, porque tenho por sem dúvida não convém às mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquelas que sem ordem recebem.

Diga-lhe o marido, que ele se oferece para seu escritório, que acuda a ele quando lhe falta o dinheiro, como pudera a uma gaveta de seus contadores: e faça-lho assim certo. Leve-a pela vaidade de grande governo: mostre espantar-se do muito a que chega sua indústria. Não se vê o bom alfaiate onde há muito pano, nem o bom cocheiro nas ruas largas. Eu fico que se a mulher é gloriosa, para o seguinte mês, gaste um terço menos.

Para que lhe não seja molesto o pedir-lhe contas, dê-lhe contas seu marido daquilo que gasta, e corre por sua conta. Mostrar-lhes confiança as obriga a que façam o mesmo.

Estas contas de fazenda entre casados, não seria eu de parecer que jamais se ajustassem, nem levassem ao cabo: seja só reconhecimento, que na mulhar haja ao marido. Tira-se daqui uma grande conveniência: a qual é, que a mulher está sempre como que não é senhora disso mesmo que possui. Igualmente convém que gaste a medo, e goze a medo: mas jamais seja despojada do que logra: porque então agradece, como que lhe deram, aquilo que lhe não tiram.

Agora inventou a cautela outra, cautela, contra esta boa política, ajustando-se logo nos contratos do casamento (especialmente entre pessoas poderosas) os alimentos que hão-de dar os maridos a suas mulheres, durante o matrimónio. A quem o prometeu assim aconselharei que o satisfaça: a quem o não prometeu, aconselharei que não faça.

Não é, a este propósito, pequeno o inconveniente que há quando se casa uma filha herdeira: as quais com maior razão pretendem ser senhoras do que é seu, e ter na governança de seus bens maior mão que seus maridos: de onde lemos haver algumas discórdias entre o Rei D. Fernando. e D. Isabel. Quando a mulher tal pretendesse, certifique-a seu marido, que quem é senhor da pessoa, e da vida, o é também da fazenda. Quem deu um anel de diamantes em uma caixinha de veludo, que não desse também a caixa, como deu o anel!

O trajar

Não há para que me detenha no modo de vestir-se, vista-se conforme sua idade, mude-se com ela. Tom-se nisto respeito aos filhos, à saúde, ao gosto, à presença; ou ausência do marido, e também à idade dele. Se o houvésemos de regular, parece que até aos três filhos, e até aos vinte e cinco anos se permite toda a gala. E ainda nesse mesmo tempo tenha suas cescentes, e minguentes: que nos mesmos altares de Deus se mudam as cores, e adornos, e vez há em que se mostram tristes. Aborrece-me umas maias muito enfeitadas sempre de bordados, e jóias, que parecem Fama de procissão, ou Rainha Moura de comédias. Seja mais confiada em si a formosura, se são formosas: e mais reportada a fealdade, se são feias.

Dizia um marido galante a sua mulher, destas muito arraiadas: que em a vendo daquela sorte, lhe fazia mais devoção que amor: porque aquele seu andar, não era andar vestida, senão revestida.

Outras há, que são uma perpétua pastilha, e uma caçoila perene. Muito conforme coisa e com elas o cheiro; mulheres, e perfumes, tudo são fumos. E se eles fossem bem adubados da diserição, eu fico que recendessem mais ainda. Confesso que nunca fui desafeiçoado ao concerto das casas, e das pessoas, como por concertá-las se não desconcertem. Lembra-me haver ouvido, e lido (tudo conto com pouco aplauso meu) do imperador D. Fernando o segundo, pai do que hoje impera (se ele impera), que não quis dormir em uma câmara, porque lha tinham perfumado. Se foi achaque de natural repugnância, é descupável; se não mais que hombridade, não vi eu maior impertinência. Há quem diga que foi religião; porque dizem, tinha D. Fernando para si, que os cheiros eram só devidos a Deus. Do nosso rei D. Sebastião também contam, não ser muito coroável de cheiros. Não sei como isto é, porque, como eu sempre ouvi chamar reais a todas as coisas boas, cuidava sermos obrigados a crer que todas as coisas boas eram reais: eram, digo, aceitas e dignas dos reis. A experiência mostra alguma vez que essa regra não é infalível. Contudo, se tem por certo sinal de um bom espírito ter inclinação para todas as coisas boas. Não sei se nestes perfumes das mulheres entram tantas filosofias: mas ainda que não sejam virtude, contentemo-nos que não seja vício.

Amizades

Torno às amigas, e reparo muito, que em nosso bom português com muita razão, de amigas inimigas quase não vai diferença. Sou tão ruim, que creio que muito mais dano fizeram amigas no mundo, que inimigas. E assim costume eu dizer, que aos homens perdem seus inimigos, e às mulheres suas amigas.

Tenha-se que devem ser as melhores; e estas não tratadas com porfia; basta que seja sem artifício. E esta tal amizade assento eu em especialidade, e cumprimento. Isto com as mais amigas.

Mulheres palreiras descompostas e muito risonhas

Falar sempre. é mau; rijo, é malíssimo; e em lugares indecentes pior que tudo. Acontece que muitas se prezam de discretas, respondem alto nas igrejas para que as ouçam, e aplaudam, entendem com as amigas, que lhe ficam longe, a fim de serem ouvidas. Também o suspirar à pregação, fazer gestos com a cabeça, como que lhe contenta o que se disse, rezar desentoadado, compassar a música, são coisas que não houveram de ser.

Fale a mulher discreta o necessário, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem fala, e não das outras. Comparou bem um entendido as pessoas com os sinos que pela voz se conhece se estão são, ou quebrados. Escuso de mostrar como as palavras informam do ânimo; porque assim como pelo correio que vem de tal parte, sabemos as novas que lá vão, assim pelas palavras, que vêm do juízo, sabemos o que lá vai.

Elas já sei que me terão por suspeito; pois até os movimentos lhe hei-de medir. Uma das terríveis coisas que há na mulher é usar de meneios descompostos. Sem que nem todas podem ser airosas: mas graves, todas o podem ser. Faz grande dano uma maldita palavra, que se nos pagou de Castela, a que chamam despejo, de que muitas se prezam; e certo que, em bom português, despejo é descompostura. Outra explicação lhe ia eu a dar, mas esta baste. É claro está, que o despejo é coisa ruim, porque o pejo era coisa boa. Nada disto se lhe perdoe: sendo, senhor meu, tão importante que estes costumes exteriores andem concertados, como é a formosa frontaria a um nobre edifício, para que se tenha por nobre.

Ora do riso que diremos? Pois se elas têm bons dentes e aquilo que chamam graça na boca, e cova na face, aí lhe digo eu a v. m. que está o perigo. Há mulher destas, que rirá a todo o sermão da Paixão, como se fosse ao de dia de Páscoa, somente por assoalhar aquele seu tesouro. Não disse Platão, nem Séneca, coisa melhor que o que disseram as nossas velhas: *Muito riso, pouco riso.*

Longe estou de persuadir à mulher que seja melancólica; porque antes o sempre triste induz pouca satisfação de sua vida. Alegre-se, e ria-se em sua casa, à sua mesa, e na conversação de seu marido, filhos, e familiares, deixe o riso em casa, quando for fora, a modo da serpente que vomita a peçonha primeiro que vá beber, e depois que bebe, torna outra vez o recolher a sua peçonha. Venha para casa, e tome a sua boa graça.

Amas

A miséria dos tempos que em tudo vão para trás, tem feito que as amas, que antes eram mulheres honradas, se hajam hoje trocado a vilãs bem dispostas. Já viemos das mães para as amas; e agora das boas amas imos para as ruins. Enfim, é uso, vá com ele. Mas contra a natural obrigação das mães; porque, como disse um sábio: quem antes de nos ver, e conhecer, nos sustenta nove meses dentro de si: por que depois de nos ver e conhecer, nos enjeila, e busca outrem que nos sustenta? Bem folgara eu de ver os filhos de meus amigos mamar bom leite; não só na qualidade do corpo, mas também na do espírito.

A quem foi filho tão bem criado como v. m., pouco, ou nada tenho que lhe lembrar na criação dos filhos. Crie-os v. m. como seus pais o criaram, que todos nos daremos por contentes.

É também esta matéria larguíssima para discorrer nela, e toca verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora levamos é só apontar regras à vida dos casados, para que levem suavemente aquele jugo que sobre ambos descansa.

Jogo

O jogo em todos os estados é ruim ofício, se é ofício, quando não passe de ocupação cortesã, e que anda anexa à ociosidade dos poderosos.

Eu viera facilmente em que se jogara o lícito, se eu soubera medir até onde era lícito o jogo: mas ainda acho maior dificuldade em poder ter mãos nas rédeas da cólera ou ambição daqueles que jogam: affectos, que jamais se enfreiam. Sobre uma muito pequena causa se arma uma porfia, e sobre ela uma perda de honra, ou de vida; porque os homens já não fazem motivo da quantidade da perda, senão da qualidade da dúvida.

São tantos os exemplos, que não há para que provar os danos do jogo. Olhem-se as lágrimas: escurem-se as tragédias. Era dito de um discreto, que vinho, jogo e tabaco se deviam vender nas boticas como mezinha.

O solteiro, se joga, joga o seu, ainda quando dermos que é seu isso que joga. O casado joga o que é alheio, porque ele não tem em sua família mais de um quinhão: e respectivamente tem ali outros a mulher, os filhos, e os criados. Logo como pode com justiça aventurar, contralar, e perder o alheio?

Tinha um senhor muito inclinado a jogo, uma filha muiro querida. Começou a perder dinheiro, jóias, alfaias, que ia mandando buscar a sua casa, e eram todas grande parte do dote daquela sua filha. Ela aflita, e queixosa justamenre, tomou seus criados, e foi-se onde ela jogava: viu-a o pai e com grande sobressalto lhe perguntou que queria dele em tal lugar?

Respondeu-lhe: Venho, senhor, a que V. S. me jogue também, e que me perca; porque, assim como assim, eu para que valho já em casa sem o que V. S. tirou dela?

Um, que gabava o jogo, chamava-lhe escola da paciência. Fora-o, se nela se aprendesse como se se gasta. A este fim considero em muitas vezes a servidão de um taful: a que não acabo de dar saída; porque quando vejo que, se contra um destes se dá uma sentença de vinte mil-reis pronunciada por um juiz, e confirmada por três, elega dúvidas, põe encargos, mete tempo em meio, e ainda no fim de todo, ou não paga, ou se queixa; e logo naquela maior demanda do jogo os vejo tão obedientes, que porque sota de ouros veio primeiro que lei! de eapadas, lhe levam sua fazenda, e o dá por bem julgado: confesso a v. m. que, quando tal vejo, não sei filosofar em qual seja a causa desta temperança à viata daquela demasia.

Acabarei de falar no jogo com uma bem grande galantaria dum dos nossos antigos cortesãos. Dizia este, que três bens desejava a seus inimigos para se ver vingado deles: pedir, mas que lhe dessem: pleitear, mas que vencessem: jogar, mas que ganhassem.

Amigos

Outro género de perigo não menos urgente é o duns que andam enfeitados com amigos: seguem com eles caçadas, folguedos, banquetes, viagens, e todas as mais acções que traz consigo a ociosidade. Digo a v. m. que este dano compreende mais os homens de inferior sorte: porque verdadeiramente entre os grandes são *tão* poucos os amigos, que assim como não há gozar dos proveitos da amizade, assim não há perigar dos inconvenientes dela: mas deles sempre se guarde.

Parecerá contudo mal, e será mau, que o casado escolha por amigo o solteiro, principalmente se ele é de vida solta: porque como a amizade consiste na semelhança, por milagre tivera que o casado não fizesse o que visse fazer o solteiro.

Destes os mais costumam dar maus conselhos, exortar ao casado que se não sujeite à mulher, e viva como livre. E manha antiga de nossa fraqueza folgarmos de fazer os vícios comunicáveis. Os doentes desconfiam de que haja quem se guarde de seu mal. Aqueles que padecem, ou affectam sua soltura, procuram de a pegar aos que vivem em devido recolhimento.

E para ser seguido, e acompanhado do bom casado, o casado de bom procedimento: e destes sempre deve ser o parente preferido. São bons para amigos aqueles, cujas mulheres são também amigas das mulheres próprias. Podem-se ajudar, e prestar nas ocasiões;

desabafa-se com eles o enfadamento familiar com mais confiança de compaixão, e remédio: porque além de se referir a pessoa que os conhece, fica dito a pessoa, que outro dia pode fazer o mesmo.

Conclusão

Ora, Senhor N., quando comecei a escrever a v. m. foi com ânimo de não passar de uma carta, e acho-me agora com um processo escrito. Eu de meu natural sou miúdo, e prolixo; o estar só, e a melancolia, que de si é cuidadosa, me fizeram armar tão largas redes, para colher dentro delas todos os casos, e todos os avisos. Praza a Deus que nos não hajamos cansado de balde; como seria, se no caso de v. m. haver ouvido muito, e de haver eu dito muito, daqui não tirássemos algum proveito.

Rematarei com as generalidades que, a meu parecer, avultam bem a grandeza das casas; isto como conclusão do muito que nestes pontos havia que dizer.

Bem vejo eu que se chegar a ser lido de alguma casada, ou casado (e maia ainda dos que estiveram para o ser) acharão medonho este caminho, por onde pretendo guiá-los à prometida casa do descanso. Porque dirão eles o estão vendo cheio de abrolhos, e cautelas, que apenas parece poderá passá-lo a consideração. quanto mais a obra. (...)

Quem com bom juízo considerar esta máquina de coisas, as verá tão semelhantes, atadas, e dependentes umas de outras, que não lhe parecerão muitas, mas uma só. E porque, como vemos, a corda de poucos fios se quebra facilmente, se com ela apertam muito; por isso é necessário tecer e torcer de muitos avisos, e remédios esta corda, de que está pendurada a honra, vida, e salvação dos casados: porque com as forças do vício se nos não rompa. E como todas elas costumam quebrar pelo mais fraco, e esta fraqueza é própria da mulher: por essa mesma razão convém fortificá-la de sorte, com tanta cautela, e arte, que por mais que tire a ocasião, sempre se conserve sã, e inteira.

Mas se contudo parecer às mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina, certifico-lhes que meu ânimo não foi esse, senão encaminhar tudo à sua estimação, regalo, e serviço.

E porque assim se veja mais certamente, haja quem queira de mim outra carta para as casadas; e então se verá quão bem advogo por sua parte, quando pelo que aos maridos deixo dito as mulheres não se deem por satisfeitas.

Senhor meu. Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto Cavallo gordo. Prata muita. Ouro a menos. Jóias

que se não peçam. Dinheiro o que se possa. **Alfaias** todas, Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros **alguns**. Armas que não faltem. Casas próprias. Quinta **pequena**. Missa em casa. Esmola sempre. poucos vizinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido cristão; é boa vida e boa morte.

(Torre Velha, em 5 de Março de [650, *Carta de Guia de Casados*)

VISITA DAS FONTES

Texto 29

Interlocutores

Fonte Velha do Ressio - Fonte Nova do Terreiro do Paço - Apolo - Soldado

Fonte Nova. Tudo está muito bem; mas, sem que passemos adiante uma palavra, haja pelo amor de Deus quem me construa aquele estudantão que ali vai, a quem trago em olho já há muitos dias porque a imundícia de seus trajos, a extravagância de seu gosto e a corte de ociosos esfarrapados que sempre lhe alliste me tem feiro crescer tanto água Da boca por conhece-lo, que, se ela crescesse tanta em minhas bicas ou arcas de água, não se dera a cidade por mal servida, nem eu necessitara de grão família de alcatruzes, que me empobrecem.

Fonte Velha. Por onde vai?

Fonte Nova. Não o vedes?

Soldado. Já fez roda. Que não venha cá cego sobre trípeça, em dia que estrea milagre novo!

Fonte Velha. Ah, sim! Muito bem, muito bem! Não: quanto é daquele, eu vos direi mais do que porventura queirais ouvir-me, e mais não direi tudo o que há nele digno de ser notado!

Fonte Nova. Que profissão?

Fonte Velha. Gramático, com fumos de poeta, falando com perdão dos que me ouvem.

Apolo. Bofé, eu sou o primeiro que o ouço e que o perdoou.

Fonte Velha. Pois cuidava eu que a vós tocava diretamente esta indulgência,

Apolo. Assim fora, se fosse poeta o ofendido, matriculado nos livros da cozinha de minha casa, mas de capigorrões vadios e mentecaptos, como ora este, não fazemos lá caso na corte de Helícona.

Soldado. Ó senhor Apolinho, falar bem, porque não há ordem para vos sofrermos desvarios, Comedi vossas palavras, ou chamarei pela ronda!

Apolo. Vedes isto? Mas quanto vai, que se pica também este pícaro de trovador? Ora o mundo há mister uma calda?

Fonte Nova. Valha-me Deus! É possível que entre nós há-de haver disgosto por um ninguém de um gramático poetinha que não vai nem vem?!

Fonte Velha. Cumpre-me meter o bastão, Ó senhores, vossas mercês se aquietem por meu amor, visto que não é com ele o arruído, senão entre mim e a senhora minha sobrinha: nós falamos cá para connosco: não passe adiante a desconfiança, e seja poeta e gramático quem o for, por seus pecados.

Apolo. Ouve. vê e cala: viverás vida folgada.

Soldado. E fala - dizia um falador do meu tempo.

Apolo. Parvoíce é esta para fazer um discreto!

Fonte Nova, Despenai-me, senhora tia. e acabai já de me dizer se aquele pobre é gramático e poeta juntamente. que são dous infernos neste mundo, fora o outro que o espera, por suas péssimas ocupações.

Fonte Velha. Sim, filha: tudo isto padece o triste, que são dous males que andam juntos, como a gota e a pedra: ou para melhor dizer açoutes e galés que, ainda mal, porque não vem um sem o outro a estes pecadores!

Fonte Nova. Poeta e gramático! Salvo tal lugar, arredo vá por mim e por todos a quem eu bem quero! Mas que vem o somar toda essa ladaíinha de trabalhos, se se pode dizer?

Apolo. O que era bem que isso fosse, eu vo-lo dissera; mas em dizer o que é. assim sou eu parvo!

Fonte Velha. Tendes razão, porque não são essas palavras as que cabem na boca de um homem honrado. Gramáticos como aqueles, menina, é uma praga de gente bem escusada no mundo. São como os cães das boas letras: não servem senão de roer os ossos e espinhas, até que as põe na espinha.

Apolo. Nunca vi fonte correr mais claro.

Fonte Velha. Sobre se um *tu* ou um *eu* - que são palavras bem pequeninas, aniquiladas e criadas entre nós - vem de Grécia ou de Palestina, sem que nisso vá ou venha cousa alguma, e se tem raiz hebraica ou grega, se vem o mundo abaixo, como se as tais palavras importassem muito serem gentias ou cristãs-novas! Pessoas há destas. tão malditas e porfiosas, que por averiguar o tamanho de uma letra e levar a sua avante, sobre se é longa ou breve, gastam quanto dinheiro tem em papel, e quanto tempo lhe não sobeja em ler Calpíno e Varrões, e no cabo ficam mal informados como dantes, sendo a pior parte deste brinco que ninguém lhe paga ou agradece esse trabalho, repartido e repetido em tantas arengas enganosas. impertinentes e

desaproveitadas, porque, se nós vemos que ainda pelos críticos não está averiguado se se há antes de dizer *xapéu* ou *chapéu*, se, *tostães* ou *tostões*, se *al que*, ou se *antes que*, sendo palavras caseiras, com que nos criamos. como estará cá entre nós se o *omega* dos gregos, vindo lá de tão longe, se há-de dizer depressa ou devagar, *ómega* ou *oméga*, que é uma das modernal contendas destes míseros?

Fonte Nova. Ih!, senhora tia! Grande pensão é essa! Sempre fui inimiga de tal gente. Quem conta as letras, melhor contará os bocados. Não há cousa como um falar desabotoado, de modo que as pessoas digam tudo quanto lhe faz mister, sem pedir outras regras que as que lhe dá a natureza de mão comum com a necessidade, ocasião e compostura, que a todos em seu modo pertence: mas andar falando, como quem bebe por púcaro pedrado, ou como a história do sal-sioha. que haveis de dizer *sim* nem *não*, é um maldito costume!

Apoio. Adiante vá quem assim te criou, minha água pura!

Soldado. A fé, que a fontainha, para lançar pouca água, já mija fora do testo!

Fonte Nova. Mas dissei-me, senhora: essoutra gente a que chamam poeta é tão proluxa e escusada como a gramática?

Fonte Velha. Maus são os poetas, porém dão tal vez algum contentamento: porque, como já disse algum deles, não falta deus tão ocioso que lhes assista, se Apolo, que está presente, os não deixa mentir; porém, os gramáticos nunca dão gosto, porque, além de ser turba para si mesmo sem sabor, a profissão é inútil, usada fora de tempo. Sabeis como são? São pròpriamente como uns melindrosos, que sempre se curam e sempre estão doentes. Pelo mesmo caso que os gramáticos de contínuo desentranham os idiomas e fazem barrela e muitas barrelias à linguagem, são de contínuos que pior falam, escrevem e conversam. Senão, vejam-se Fulano e Fulano que, gramaticando perpetuamente, lhe não falta no cabo para barbatos a grossura de um patacão.

Fonte Nova. Qua nome é este *gramática*, ou que significa e donde vem?

Fonte Velha. Não me toca essa averiguação, estando quem está presente.

Apolo. Como Grécia fosse província dilatada, succedeu à sua língua o que succede às mais do mundo, que são estendidas por várias gentes, donde umas, sendo mais sutis que outras em juízo e pronunção, pronunciam com maior suavidade as palavras e as escolhem com maior prudência: os mais grosseiros tudo isto fazem rudamente. Daqui procedeu que os gregos dividiram seu idioma em quatro classes, das quais era a mais sublime, regular e concertada a língua dos éticos, por caber em seu distrito a universidade de Atenas, que lhe deu nome e ao mundo todo, como, se cá entre nós, disséssemos se falava maia elegante em Coimbra que em outra parte, não mentiria-

mos, sendo ali o coração e alma das ciências que se ensinam e aprendem. Logo, porque os gregos chamam *gramma*, ao que nós *letras*, juntando-se estes dous nomes - *gramma* e *ática* -, fizeram aquele nome composto que dizem *gramática*, que vale o mesmo que *letras dos áticos*. O qual nome, alargando-se com o tempo, veio a significar o regulado estilo de falar qualquer língua do universo, porque em todos há sua perfeição a contextura, a qual, por semelhança dos áticos, se chama *gramática*. Desta tal observância se deduziram as regras e leis do bom falar e escrever que vem em soma ao ofício dos gramáticos: porém fizeram eles dele tão impertinentes guisados que na maior fome do mundo os não comera o Diabo, porque com desordenado zelo de sua profissão, não há cousa que não arrastrem para ela, sendo assim que, por fim de contas, não se estende mais a senhora gramática que ao que vos tenho dito.

Fonte Velha. Folgo de saber isto, porque, quando via estes homens tão entonados, cuidava deles que eram os pais da sabedoria.

Fonte, Nova. Muito contente estou de vos ouvir: mas agora desejo de entender se aquele gramático é excelente em sua arte.

Apolo. Qual excelente! É um pobrete, que, suposto que ensina, sabe ele muito menos do que eu lhe ensinei. Porém, não se desconsola a vossa nasção, porque entre os portugueses podeis com razão celebrar o vosso padre Manuel Alvares, mestre e autor da *Gramática Latina e Portuguesa*, em que foi tão subido, que pela sua arte nova, que se fez e compôs, reformando as antigas de Despautério e outros caducos, se ensina hoje em Itália a gramática! E foi para esse efeito traduzida pelo famoso Horácio Torcelino, um dos mais eminentes latinos, orador, escritor e gramático de seus tempos, como se vê em suas obras e principalmente no epítome das histórias do mundo.

Fonte, Velha. Não tivemos outros famosos gramáticos na nossa nasção?

Apolo. Sim, tivestes, como o insigne historiador João de Barros, que compôs dela uma *Arte de Gramática Portuguesa*, de poucos conhecida, e anda junta ao seu livro de *Viciosa Vergonha*, também de poucos visto. O mesmo vosso bispo Osório Cardoso, Barbosa, Amaro de Reboredo, João Nunes Freire e outros Vocabulistas, aos quais avantaja o presente autor das *Prosódias*, com justa razão celebrado.

Soldado. Par Deus! Suceda o que suceder, eu lhe hei-de perguntar por algum dos vivos, que conheço grandes oficiais deste ofício. Pois falais nesses, senhor Apolo. não me dareis razão de alguns autores?

Apolo. Nomeai-mos!

Soldado. Macedo. Gallegos, Pires, etc.

Apolo. Tende mão! Esse Pires nunca havia de ser prato. e pratão menos; os Galegos sempre foram melhores para a chuça, que para a pena. O Macedo me dizem se foi para Macedónia, e não é bem julgar à reveria; mas sabeis que de autores que comem e be-

bem não costumamos fazer juízo; se os mortos vos não dão medo, tratai deles.

Fonte Nova. Antes será melhor que nos ponhamos em salvo da grande briga que lávem. Justo Juiz! Que revolta tão grande será aquela?

Fonte Velha. Mais de mil varas de Justiça vejo vir seguindo e perseguindo a um pobre homem. Coutado, que não sabe onde se meta, nem ele pode fugir, que seis mil prisões traz a rojo! Nem há quem contra elas o socorra!

Fonte Nova. Se conheceis este miserável?

Fonte Velha. Quem quereis vós que conheça a um perseguido? Se diz o nosso texto - *preso e cativo não tem amigo!*...

Soldado. Oh! Lá vai o rio de monte a monte! Mau negócio tendes, compadre, se vos faltam os compadres!

Fonte Nova. Logo há aqui justiça de compadres! Boas novas tendes.

Apolo. Contudo, o mundo não se perde por respeitos, senão por maus respeitos.

Fonte Nova. Descobri já quem seja esse preso!

Soldado. Com a muita gente que o cerca, o não podia ver, mas já o lobriguei; e, pelo que tenho ouvida, suspeito quem é.

Fonte Nova. Grandes delitos deve ter cometido homem que assim sem piedade é acochado!

Apolo. Não é forçosa consequência, posto que é violenta presunção.

Soldado. Dizia por outros tais um bargante da minha terra: - *Não fez trezentas, nem quatrocentas, como o parvo de João de Mena; mas fez uma e boa.*

Fonte Nova. Se o conheceis é o que pergunto.

Soldado. Jurara eu que já vira este homem triste, mais alegre em outra parte, e melhor tratado!

Fonte Nova. Ele faria cá por donde o maltratas sem, que tarde ou cedo a verdade anda por cima da água, e a Justiça dá o seu a seu dono.

Soldado. Assim é; mas, enquanto a água anda por cima da verdade e a Justiça não conhece quem é o dono do seu, perece o dono e a verdade.

Fonte Nova. Pois suas culpas não hão-de ser vistas e mostradas?

Apolo. Sim, hão-de ser, que por isso nas sentenças se usa tanto do verbo *mostrar*, porque a Justiça não se há-de fazer de ouvidas, senão de vistas e mostradas.

Soldado. Olhai! Cada um mostra as cousas como lhe convém, armando laços aos olhos! Fazei conta pelos muitos que também nos armam, ao que atentou aquele galante namorado que, tendo uma dama, cujo nome era Maria Aires, ele lhe pôs este sobrescrito, escrevendo-lhe de amores: *À senhora Aires Maria*, dizendo: - *Embrulho-lho assim, por que, & do senhor paifor visto, não seja entendido.*

Fonte Velha. Por certo tu me fizeste agora rir com essa embrulhada!

Quevedo. Não direi eu outro tanto pelos meus *Sonhos*, dos quais estou tão satisfeito, que, pois toda a vida é sonho, me pesa agora muito de não haver sonhado toda a minha vida.

Autor. Ainda não posso prezar-rue nem entristecer-me de haver escrito os meus *Diálogos* ou *Apólogo*, porque todavia ignoro a fortuna que os espera.

Lipsio. Finalmente, senhor, nos quereis dizer que por sermos os presentes todos quatro escritores de repreensões e emenda de vícios e costumes da República - eu com a minha *Crítica*, Bocalino com os seus *Regalhos*, Ouevedo com os seus *Sonhos*, e vós com os *Diálogos* -, nos manda a Relação de Apolo. como rei da sabedoria, visitemos esta biblioteca convertida em hospital, ouçamos os doentes, nos informemos dos males e lhes consultemos o remédio? Difícil comissão nos é dada!

Autor. Sim, senhor Justo Lípsio: mesmissimamente é o que dizeis.

Bocalino. Pois não fora bom ajuntar todos ou pelo menos os mais dos filósofos gregos e latinos e admitir os médicos, quer fossem mouros quer pagãos, e com esta junta dar cura e mezinha a tantos languentos, como ouço gemer por essas estantes?

Quevedo. Médicos e Ouevedo não se podem ajuntar em um próprio caso, e menos em uma casa própria. Ou eu ou eles havemos de assistir neste congresso.

Lipsio. Aos príncipes toca a consideração e medida das pessoas que elegem, e aos eleitos só servir e obedecer. Façamos como bons servos: e, pois o hospital é do destrito deste Reino, seja o nosso Autor quem nos inculque e nos informe acerca dos que devem ser curados e dos que não tem cara.

Bocalino. Se nós houvéssemos de observar aquela sentença do rei egípcio, ou as regras da prudente caridade, por nós mesmos havia começar a barrela. Porém, já que o Senhor Lípsio, sendo nosso mestre, assim o ordena, sua palavra vá adiante.

Autor. Perigoso ofício me dais: porém, a troco de ser mais mais depressa advertido de minhas faltas, mostrarei as alheas.

Bocalino. Assim dizia um galante bastardo: - *Não sei quem foi minha mãe, senão quando El-rei me faz alguma mercê.*

Quevedo. Por essa conta. o Autor e nós outros, se não saímos honrados da festa, sairemos pelo menos advertidos.

Lipsio. Com elegância política disse o Fénix de Africa, Santo Agostinho, que mais dano recebera Roma da vitória que alcançou de Cartago, que de toda a guerra que lhe havia feito, porque, tirando-o Roma defronte dos olhos, vivendo sem inimigos, vivera sem concerto: donde não só procederam os descuidos, mas os vícios do império. Tão saudável cousa é a repreensão e emenda, ministrada como e quando convém!

Quevedo. Mas quem acertará com o tempo e com o modo, se são pontos indivisíveis?

Soldado. Não é despropósito, senão propósito e rexa velha, em que anda a verdade e a mentira, a demonstração e engano.

Fonte Velha. Como dizeis bem! Porque não há pintor de maiores fantasias, que o afecto próprio.

Soldado. Bem se prova por outra história que estava para vos contar.

Fonte Nova. Sua história vá adiante.

Soldado. Mostrava um cristão em Ceuta certo painel de Santiago a um mouro, e tinha o Santo muitos mouros desbaratados e rendidos a seus pés. Construiu-Iho, dizendo: *Olha, perro, quantos mouros que venceu o Senhor Santiago!* Perguntou-lhe então o mouro. muito socarrão, em sua má algaravia: - *Quem pintar senhor cristão? Pintar cristão, ou mouro? Como pintar mouro!* - dizia o cristão - *Pintou-o um cristão muito honrado e cristão-velho!* - *Pois* - respondeu o mouro - *bem parecer; porque, se pintar mouro, pôr mouro a cavalo e mais de trinta Santiagos ao pé!* Tanto tomam as pinturas da mão de quem faz os painéis!

(Apólogo Dialogal Terceiro)

HOSPITAL DAS LETRAS

Texto 30

*Em que são interlocutores os livros de Justo Lipsio.
Trajano Bocalino, D. Francisco de Quevedo e o
Autor desta obra.*

Autor. Aonde força há, direito se perde!

Bocalino. E às vezes onde não há força; porque isto de quebrantar a razão é uma das cousas que se faz tão bem por manha como por força.

Autor. Saiu hoje por acórdão da Relação de Apolo que vós, Senhor Trajano Bocalino, o Senhor Justo Lípsio, o Senhor D. Francisco de Quevedo e eu déssemos uma vista a este hospital, onde também jazemos como os mais pecadores: víssemos.ouvíssemos e remediássemos seus enfermos. Já não há para quem apelar, senão fazê-lo.

Justo Lipsio. Uma vez escrevi a minha *Crítica*, emendando e melhorando mais que acusando, aos autores: e por uma vez que fiz tal livro, cento me arrependi. Oxalá o não tivera feito, porque não há cousa mais sem propósito que curar de propósito a quem não quer saúde!

Bocalino. Senhores, para que é agora deter nessas pouquidades? Em tendo idade, logo é tempo de enfrear o potro: que, se for por sua vontade, jamais haverá animal que seja doméstico,

Autor. Escusai a disputa, porque as lástimas e queixas que ali está dando um doente acusam já vossa ponderação por impiedosa. Oh, coitado! Como se mostra dolorido !

Autor. A menos custa de prosa, eu sei já, senhores, quem é o doente.

Lipsio. Quem ?

Autor. É o pobre de Luís de Camões, que está ali lançado a um canto, sem que todo. os seus cantos tão nobremente cantados lhe negociassem melhor jazigo!

Bocalino. De que se queixa o famoso poeta português ?

Quevedo. De nós todos se poderá queixar, porque, sendo honra e glória de Espanha, tão mal tornamos por ele, que, se são poucos os que o lem, são menos os que o entendem.

Bocalino. Cuidei que se queixava de quatro traduções e dous comentadores, que o tem posto na espinha.

Lipsio. Contudo, não disse mal Bocalino, por mais que sempre diga mal. A razão é clara, porque dos dois polos em que funda a poesia, que são amor e ociosidade, nenhum deles se pode achar verdadeiramente em os varões religiosos, em quem a mortificação se opõe ao afeto. e a disciplina ao ócio. Logo, como a poesia seja um estudo de muitos estudos, o qual de todo arrebate a mente de seus professores, jamais se compadece perfeitamente naqueles que, exercitando ciências mais altas, se reservam talvez a esse accidental divertimento: donde nasce que, faltando o exercício daquelas subtis ideas, a variedade daquelas sérias palavras, a frequência daqueles agudos conceitos, ornados de razões pomposas, que tudo vem a ser as plumas mais louças de que a poesia se reveste, não pode ela nunca campear nos escritos casuais com igual galhardia à que seu culto requer, que só se acha, quando se acha, em os famosos espíritos, que, abstraídos de outra ocupação, de todo se entregam à doce prática das Musas.

Lipsio. Vamos avante. E essoutro que está junto ao Camões, que por acenos parece que se queixa igualmente. quem diremos que é ?

Quevedo. Oh! Muito é que, sendo do nosso ofício, o desconheçais!

Bocalino. Ou já por isso o desconheço, que não de balde diz o rifão: - Quem é teu inimigo? Oficial do teu ofício.

Autor. Aquele é o nosso Francisco de Sá de Miranda, que em sua vida e escritos encerrou toda a moral filosofia.

Lipsio. Senhores, a poesia épica é carreira que poucos no mundo tem acertado, porque são tantas e tão várias as leis e preceitos de que consta, que vem a ser quase impossível ao juízo humano sua observância. Aristóteles a pôs em praxe, usando daqueles escuros termos que depois se enevoaram muito mais, pelo comento dos expositores.

Bocalino. Acabem alguma hora por isso os épicos de se conformarem em suas regras, e haverá quem possa decorá-las e satisfaze-las; mas, entretanto que uns não querem que se conte mais que um só herói, como fez Virgílio com Eneias, e que outros admitam muitos companheiros, como Valério Flaco em os seus *Argonautas*; e entretanto que uns mandam se dê principio aos poemas pelo princípio da acção, seguindo a Homero em Ogígia, outros pelo meio dela, conforme ao Mantuano com o seu herói à vista de Cartago e que entretanto que uns se matam sobre o final apóstrofe ou peroração, dizendo que o poeta de boa lei se devia despedir com cortesia do auditório, falando ao mecenas a quem convidou para ser ouvido, segundo que todos os poetas latinos o fizeram e entre os mais elegantemente Silio Itálico: e outros afirmam ser demasia indecorosa. de que fugiu Lucano, Tasso e Camões: suposto que alguns vulgares a aceitassem - fique o negócio, pois, como dantes e faça cada um o seu poema segundo Deus lhe ajudar, ou o não refaça, porque também é cousa dura que, tendo Homero liberdade para pintar o seu rio deitado, não possa outro poeta sob pena de excomunhão dos críticos, pôr o seu rio em cóqueras...

Bocalino. Ora galantes homens são os poetas! Todos vereis queixar da malícia dos tempos e da avareza dos príncipes. Eu provo que nunca os tempos foram menos Maliciosos, nem os príncipes menos avaros. Senão, dizei-me como podem os tempos deixar de ser muito bem enclinados, se eles sofrem tal quantidade de desvarios, como no mundo correm com o nome de poesias! E como deixariam os príncipes de ser agora mais liberais, se os poetas são tantos, que que não há monarca no mundo que tenha hoje para poder dar um almoço cada ano aos poetas da sua freguesia! Quando se pagavam os versos a peso de ouro por Augusto César, que sabe Deus se seria, ou não seria, era porque era um só Virgílio o que poetizava: mas hoje, que se comutam a poetas todas as sete pragas do Egipto, quem quereis vós que os farte,

quanto mais que os enriqueça? Vão-se nas horas
mas e de duas escolham uma: ou sejam menos e
melhores, ou se sofram a si como os estimam, tendo-se
por aqueles que montam.

Autor. Aí tendes ao *Lima* de Diogo Bernardes.

Quevedo. Este foi poeta da terra da promessa,
todo mel e manteiga: não se viu musa mais mimosa.

Autor. Parece que o estranhais, como se a poesia
convisse por alguma via alguma aspereza!

Bocalmo. Assim é, mas também nos não negareis
que os versos se querem varonis e esforçados.

Quevedo. Isso parece que entenderam os France-
ses, quando sobre a sua vulgar poesia lançaram aquele
grande preceito, a nós mais difícil de observar, que a
dura lei dos consoantes.

Autor. Qual foi?

Quevedo. O costume que tem de fazerem versos
machos e fêmeas, com infalível regra que, se um verso
acabou em dicção masculina, lhe há-de suceder ou-
tra dicção feminina. E assim procedem os poemas
universalmente.

Autor. As obras várias, de Francisco Rodrigues
Lobo.

Lipsio. As de prosa tem perfeitíssima saúde; não
há para lhes pôr mão, porque foi claro, engenhoso,
elegante, grande cortesão e não menor jardineiro da
língua portuguesa, que tosou, poliu e cultivou como
bom filho e grato repúblico.

Quevedo. A *Corte* na *Aldeia*, que vi sua, avantaja
ao Conde Baltasar Castilhoni, na sua *Aldeia dos*
Aulicos.

Autor. O mesmo Castilhoni confessou nesse seu
livro quanto reconhecia a cortesia dos Portugueses,
dedicando-o ao nosso cardeal D. Miguel da Silva,
filho do Conde de Portalegre, concorrendo então em
Itália tantos e tão notáveis sujeitos, como celebra An-
gelo Policiano, Aldo e Paulo Manúcio, em suas Epís-
tolas daquelas eras; donde se acham muitas do próprio
Policiano para o cardeal D. Miguel, como espelho de
cortesias que com ele conviviam.

Bocalino. As *Églogas* me pareceram o melhor livro
deste poeta.

Upsio. Tendes razão, que em nenhuma língua vul-
gar achareis versos de maior propriedade e energia.

Autor. Aos mais poemas que lhe diremos?

Bocalino. Já se sabe que os mandamos lançar no
Tejo, donde seu autor se afogou, para que o vão bus-
car e lhe requeiram que os emende ou os sepulte.

Lpsio. Assim seja.
Bocalino. Melhor fora dizer *âmen*.
Quevedo, Não vi nunca ser ofício de homens grandes dizer os *âmens* a outra gente
Bocalino, Dizeis vós nisso bem mal, porque só esses amenistas tem hoje a fortuna amena.
Lpsio. Esta visita dos poetas vai sendo grande em demasia, e não sei se nos será mal contado gastar tanto tempo com os vulgares.

(*Apólogo Dialogal Quarto*)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Texto 31

Carta a D. Afonso VI

Senhor

A Providência Divina, que, por altíssimos juízos, pôs nas mãos de *Vossa* Majestade o reino de Portugal em tão tenros anos, se servirá de assistir e alumiar a alma de *Vossa* Majestade com tão particulares auxílios de seu espírito e graça, como o peso de tão dilatada monarquia em tais circunstâncias de tempo há mister: e nós, os religiosos desta Missão de *Vossa* Majestade, não cessaremos de assi o pedir continuamente a Deus, oferecendo por esta tenção e pela vida e felicidade de *Vossa* Majestade todos os nossos sacrifícios, orações, e trabalhos.

Sua Majestade, que está no céu, me tinha ordenado pelo real zelo e piedade com que desejava ver adiantada a fé nestas conquistas do Maranhão, enviasse sempre avisos a Sua Majestade do que os missionários da Companhia fossem obrando, e do que fosse necessário para bem e conservação das missões e aumento da cristandade, como fiz largamente nos navios do ano passado, esperando as resoluções de algumas propostas de muita importância, as quais se deviam perder no naufrágio desta última embarcação, de que, escapando as pessoas e outras cousas de menor importância, só os despachos de *Vossa* Majestade não aparecerem.

As missões, Senhor, continuam, como tenho avisado, com mui conhecido proveito espiritual e salvação de muitas almas, assi de gentios novamente convertidos, como dos que já tinham nome de cristãos. Só a missão dos Pacajás, vulgarmente chamada a *Entrada do Ouro*, teve o fim que tão mau nome lhe pronosticava. Gastaram nela dez meses quarentas portugueses, que a ela foram com duzentos Índios. D estes morreram a maior parte, pela fome e excessivo trabalho; e também morreu o Padre João de Sotomaior, tendo já reduzido à fé e à obediência de Vossa Majestade quinhentos Índios, que eram os que naquela paragem havia da nação Pacejá, e muitos outros dos Pirapés, que também estavam abalados para se decerem com ele. Estas, Senhor, são as minas certas deste Estado, que a fama das de ouro e prata sempro foi pretexto com que aqui se iam buscar as outras minas, que se acham só nas veias dos Índios, e nunca as houve nas da terra.

O mau sucesso e a tardança desta missão suspendeu outra, que eu havia de fazer pelo rio das Amazonas, onde estive três meses, esperando pela escolta dos Portugueses, e se reservou para a primavera deste ano: fica-se aprestando para partir.

Aos Índios livres das aldeias, e aos escravos dos Portugueses, assi das povoações como das lavouras, se acode com grande ccontinuação e trabalho, catequizando-os, bautizando-os, confessando-os e administrando-lhes todos os sacramentos, e suprindo pela maior parte o officio dos curas, que não há, ou que não podem acudir a lugares tão distantes, nem têm a inteligência da língua, sem a qual se não pode obrar nada com esta gente. São mui poucos já os que não tenham notícia dos principais mistérios de nossa santa fé, quanto baste para a salvação: e os das aldeias, com quem principalmente assistimos, estão tam bem instruídos em toda a doutrina cristã como os Portugueses que melhor a sabem. Enfim, vivem e morrem os Índios como cristãos, o que se não usava antes de virmos a estas terras, morrendo quasi todos sem confissão, e muitos sem bautismo.

A injustiça que se usava com os Índios livres, servindo-se deles os Portugueses sem lhes pagarem o seu trabalho, se tem evitado em grande parte com o modo da repartição que se dispõe no regimento, posto que as ocasiões do serviço, ou chamado serviço de Vossa Majestade, têm sido tantas estes dous anos, que não tiveram os pobres Índios lugar de lograrem os seis meses que Vossa Majestade lhes manda dar para acudirem a suas lavouras e casas, e para conhecerem que não são cativos. Raro é o Indio das aldeias que em cada um destes dous anos não tenha servido mais de dez meses: e com tudo, ainda os Portugueses se queixam, como se puderam os Índios no mesmo tempo servir aos particulares e mais ao comum. O ano passado mandei as listas, para que por elas constasse: e também iria ai deste ano, sendo necessário.

Os resgates dos escravos (que é o outro ponto do interesse dos moradores deste Estado) se fizeram nestes dous anos com pouca fortuna, porque se quiseram fazer com maior cobiça. Logo que cheguei do reino, disse ao governador André Vidal que seria bem se fizesse a missão a lugar onde houvesse muitos escravos que resgatar, para que a república experimentasse as utilidades que tinha na nova lei de Vossa Majestade: mas todos os moradores, assi os do Maranhão como os do Pará, quiseram que a entrada se fizesse a dar guerra à nação dos Aroans e Nheengabas. de que se deu conta a Vossa Majestade. querendo antes escravos tomados que comprados. Mas saiu-lhe tanto pelo contrário. que, indo a esta empresa cento e dez Portugueses. com todos os Indios do Maranhão e Para. voltaram de lá com perda de gente e reputação. e sem escravos, porque os não quiseram comprar a tam caro preço. Após esta jornada se fizeram duas, uma ao Pacajá, pela cobiça do ouro: e outra ao Camuci, pela do âmbar, e ambas sem efeito.

Para que a do rio das Almazonas fosse com maior utilidade dos moradores, propus ao capitão-mor do Pará, Feliciano Correia, e ao sargento-mor, Manuel Guedes, e ao cabo da tropa, Vital Maciel, que eles escolhessem o tempo e o lugar por onde lhes estivesse melhor fazer a entrada, e por onde entendessem que haveria mais escravos, e assi estava assentado: mas suspendeu-se a jornada pelas causas que tenho referido, mandando o governador que a tropa não partisse, em quanto a do Pacajá não chegava, e que com a mesma gente e canoas fosse socorrida como foi: e por se ter passado naquele tempo a monção de entrar pelo rio, se dilatou até esta primavera.

Assi que, Senhor, a causa de não se haver feito resgate considerável nestes dous anos, foi porque o governador e os do governo do Maranhão e Pará quiseram que as entradas se fizessem a outras partes donde esperavam maiores interesses; e para que seja presente a Vossa Majestade quanto os religiosos da Companhia zelamos não só o bem espiritual das cristandades, senão ainda o temporal do Estado e dos moradores, pelo papel incluso poderá Vossa Majestade mandar ver as primeiras instruções que dei aos padres que foram ao sertão, e as que levam os que agora vão, que são as mesmas, seguindo nelas, em tudo o que pode haver dúvida, as opiniões mais largas e favoráveis aos Portugueses. como também procurei que se seguissem na Junta que se fez em Lisboa.

Com as almas dos Portugueses se não trabalha menos que com as dos Índios: e dá Deus tal força de espírito aos missionários nesta parte, que afirmo a Vossa Majestade que, com ter corrido tanto mundo e ouvido tantos homens grandes dele, nunca ouvis sermões que me parecessem verdadeiramente apostólicos. senão no Maranhão.

Como os corações são tam obstinados e envelhecidos nos vícios, parece que concorre Deus com maior eficácia ou para sua emenda ou para sua condenação. Houve homem destes, que disse que o diabo trouxera estes padres da Companhia ao Maranhão, para os divertir de outras partes; porque, se semelhantes sermões se fizeram em Inglaterra, haviam de converter aqueles herejes. Eles, com serem católicos, não se convertem todos, mas são muitos os que se emendam e tratam da reformação de suas vidas; e nenhum houvera que não acabara de se enganar, se ouvira só estas pregações. Mas, Senhor, há pessoas eclesiásticas que pregam e apregoam o contrário, e que de público e de secreto fazem cruel guerra a Jesus Cristo; e como uns desfazem o que outros edificam, não pode a obra ir muito por diante.

Procurei neste Estado que todos os religiosos nos conformássemos na doutrina; e porque o não pude conseguir, passei ao reino: pedi a Junta que Vossa Majestade mandou fazer dos mais letrados de todas as profissões; procurei que na mesma Junta se achassem os Provinciais das Religiões deste Estado, para que, sendo testemunhas de tudo e dando também o seu voto, ordenassem a seus súbditos o que deviam guardar: e também esta diligência não aproveitou.

Este é o maior ou único impedimento destas missões, servindo esta desunião de pareceres de grande confusão e perturbação às consciências, não sabendo os homens a quem hão-de seguir, e seguindo na vida e na morte a quem lhe fala mais conforme a seus interesses. Com tudo, Senhor, é tanta a força da verdade e da razão, que o partido de Cristo se tem já muito melhorado, e todos os moradores estão quietos e pacíficos, e quasi todos enganados que não podem prevalecer neste Estado contra a evidência da verdade, que nele é tão manifesta e conhecida. Só apelam alguns para o recurso do reino, onde esperam que poderá haver alguma mudança no que Vossa Majestade tem ordenado, por se não conhecer lá tam claramente a verdade. por estar longe, e por cuidarem que se pode escurecer e embaraçar com os papéis que os mesmos eclesiásticos têm levado e solicitado, e cada dia mandam e solicitam.

O remédio de tudo é um só, e muito fácil, e que muitas vezes tenho representado a Vossa Majestade - e é que Vossa Majestade resolutamente mande fechar a porta a todo o requerimento em contrário do que Vossa Majestade com tanta consideração mandou resolver; e que quem o encontrar ou impedir, seja castigado com a demonstração que a matéria merece. Tudo o que se assentou acerca dos Índios do Maranhão foi com consulta da Junta de teólogos, canonistas e legistas em que se acharam os três lentes de prima, e não houve discrepância de votos; foi com notícia de todas as leis antigas e modernas e de todos

os documentos que sobre esta matéria havia: foi ajustado com os dous procuradores do Maranhão e Pará e com o Governador de todo o Estado, que estava nessa corte, e com o Superior dos missionários, que também era procurador geral de todos os Índios; e ultimamente com parecer de todo o Conselho Ultramarino, que tudo viu, examinou e aprovou. Onde parece que não fica lugar a inovar cousa alguma, sem grande prejuizo da justiça e menos autoridade das leis reais, e perturbação de tudo. Sobre este ponto envie o ano passado papel particular, que Vossa Majestade pode mandar ver, sendo servido, em que se apontam muitas outras razões de grande peso e grandíssimos inconvenientes que do contrário se seguem, ainda ao crédito da mesma fé que, debaixo dos termos da dita lei, se tem publicado por todas estas gentilidades.

E digo, Senhor, que além da firmeza da lei, é necessária demonstração do castigo nos violadores dela, não só pelo que importa ao estabelecimento da missão e aumento da fé, senão ainda ao de toda a monarquia. E dá-me atrevimento para fazer esta lembrança a Vossa Majestade, postrado a seus reais pés, os poucos anos em que Deus fiou de Vossa Majestade o peso de tão grandes obrigações e o nome que ainda tenho de pregador de Vossa Majestade.

Senhor, os reis são vassallos de Deus: e se os reis não castigam os seus vassallos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada: e entre todas as injustiças nenhuma clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres e as que não pagam o suor aos que trabalham: e estes são e foram sempre os dous pecados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do senhor rei D. Sebastião em Africa, e o cativo de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos cativos que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça, como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias que se têm exercitado nos naturais destas terras excedem muito às que se fizeram na Africa. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram nesta costa e sertões mais de dous milhões de Índios, e mais de quinhentas povoações, como grandes cidades: e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 655, se cativaram no rio das Alamazonas dous mil Índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos Portugueses e vassallos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado; e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei: e também não houve castigo; e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

Com grande dor e com grande receio de a renovar no ânimo de Vossa Majestade, digo o que agora direi, mas quer Deus que eu o diga. A el-rei Faraó, porque consentiu no seu reino o injusto cativo do povo hebreu, deu-lhe Deus grandes castigos, e um foi tirar-lhe os primogénitos. No ano de 654, por informações dos procuradores deste Estado, se passou uma lei com tantas larguezas na matéria do cativo dos Índios, que depois, sendo Sua Majestade melhor informado, houve por bem mandá-la revogar; e advertiu-se que nesse mesmo ano tirou Deus a Sua Majestade o primogénito dos filhos e a primogénita das filhas, Senhor, se alguém pedir ou aconselhar a Vossa Majestade maiores larguezas que as que hoje há nesta matéria, teuha-o Vossa Majestade por inimigo da vida e da conservação e da coroa de Vossa Majestade.

Nas segundas vias dos despachos de Vossa Majestade, espero que Vossa Majestade haverá mandado deferir a tudo o que representei nos navios do ano passado: e porque não sei o que poderá ter sucedido, resumo outra vez aqui tudo o que de presente é necessário para a conservação, aumento e quietação desta cristandade, que são principalmente as quatro cousas seguintes:

Primeira: que na lei e regimento de Vossa Majestade sobre os Índios e missões se não altere coisa alguma, e que a este fim se não admita nem defira a requerimento em contrário.

Segunda: que os governadores e capitães-mores que vieram a este Estado, sejam pessoas de consciência: e porque estas não costumam vir cá, que ao menos tragam entendido que mui deveras hão-de ser castigados, se em qualquer coisa quebrarem a dita lei e regimento.

Terceira: que os prelados das Religiões sejam tais, que as façam guardar a seus religiosos, nem consintam, que de público ou de secreto as contradigam; e se houver algum religioso desobediente nesta parte, seja mudado para fora do Maranhão.

Quarta: que Vossa Majestade manda vir o maior número de religiosos da Companhia, para que ajudem a levar adiante o que têm começado os que cá estamos, porque é o meio único, posto que mui trabalhoso para os ditos religiosos, com que só se podem reduzir estas gentilidades.

E porque à nossa notícia tem chegado que contra os missionários que neste Estado servimos a Deus e a Vossa Majestade, e contra o governo da dita missão se têm apresentado a Vossa Majestade algumas queixas, pedimos humildemente a Vossa Majestade seja Vossa Majestade servido mandar-nos dar vista de todas (ainda que sejam das que tocarem ao Estado), porque a todas esperamos satisfazer de maneira que fique conhecido, com grande clareza, quem úteis são os missionários da Companhia, não só ao melhoramento espiritual

dos Portugueses e Índios, senão ainda ao temporal de todos.

A muita alta e muito poderosa pessoa de Vossa Majestade guarde Deus, como a Cristandade e os vasallos de Vossa Majestade havemos mister.

Maranhão, 20 de Abril, 1657.

* Os sermões do Padre António Vieira devem ser lidos na seguinte edição: *Sermões do Padre António Vieira*, Margarida Vieira Mendes, Lisboa, ed. Comunicação, 1987.

UNIDADE 5

1. - Estatutos da Arcádia

CAPÍTULO I

Chamar-se-à a esta nova Academia - ARCA-
DIA - e o lugar das suas conferências o monte *MI-
na/o*, bastantemente celebrado das frautas dos Pas-
tores. Os seus alunos se tingirão de Árcades, e
escolherá cada um nome e sobrenome do pastor
adequado a esta ficção. para por ele ser conhecido
e nomeado em todos os exercícios e funções da Arcádia

CAPÍTULO II

Um meio braço pegando em um podão com a
epígrafe -Inutilia truncaí- será a empresa da Ar-
cádia; por ser este o instrumento com que os agri-
cultores cortam das árvores os ramos secos e vi-
ciosos e o emprego da Arcádia examinar com uma
exacta crítica as obras dos seus Pastores, e separar
o bom do defeituoso. Esta empresa se conservará
gravada no lugar das Conferências e no selo do Se-
cretário, o qual terá de mais na sua circunferência
esta inscrição - *Sigillum Moenali Pastoram.*

CAPÍTULO III

A divisa que trarão os Arcades nos dias das
Conferências será um lírio, no qual misticamente se
figura a Virgem Senhora Nossa, que a Arcádia toma
imediatamente por sua Protectora com o título da
Conceição, em cujo dia haverá sempre uma Sessão,
e nela serão todos os Arcados obrigados a repetir
composições em louvor deste mistério.

CAPÍTULO IV

A instrução e o verdadeiro goslo da Poesia é o
fim a que aspira este Congresso. A união dos seus
Sócios. a base em que se funda a sua duração feliz
aumento: para este efeito se observará entre todos
os Arcados uma inalterável modéstia e decência nas
acções, crises e apologias. não se admitindo nas ho-
ras da Conferência argumento algum ou palavra
picante. como também nos escritos: por serem se-
melhantes desordens, além de contrárias à singeleza
e trato de uma civil e científica Sociedadade, a sua
total ruína.

CAPÍTULO V

Destinar-se-á um dia em todos os meses para as Conferências, às quais assistirão todos os Arcades, Nelas haverá um *Presidente*, dois *Árbitros* e dois *Censores*, cujos empregos exercitarão todos os Arcades, por querer a Arcádia mostrar a igualdade e justiça com que procede com todos os seus pastores.

Do número dos Arcades haverá mais um *Secretário*, sujeito que tenha todas as qualidades e circunstâncias para exercer um tão laborioso e distinto emprego, o qual será perpétuo e independente da sorte.

E porque em algumas ocasiões poderá este achar-se impedido, ou exercendo algum dos outros empregos, em semelhantes casos para suprir as suas obrigações haverá um *Via-Secretário*.

Haverá mais um emprego de *Guarda da Arcádia*, o qual exercerá o Arcade assistente no lugar das Conferências: e porque poderá suceder que em algum tempo mude de sítio a Arcádia, em qualquer que esta existir conservará o Arcade o mesmo título e a mesma obrigação. Havendo por acertado que por uma só vez e por eleição se façam os três empregos.

Além das Conferências ordinárias, haverá uma extraordinária, a qual será, ou a que se celebrar à Conceição, ou outra, que há-de haver em uma das Oitavas do Natal, para festejar a infinita bondade com que Deus foi Servido descer do Céu à terra e fazer-se homem para nos livrar do cativo de nossas culpas. Advertindo, que na Conferência extraordinária não exercitarão os Censores e Árbitros os seus empregos, nem se repetirão mais do que hinos e louvores do mistério que se festejar.

CAPÍTULO VI

O Presidente será obrigado a repetir um Discurso, cuja matéria será ao seu arbítrio, excepto nas festividades da Conceição e Natal, em que se observará o que se determina sobre os assuntos no Cap. II e Cap. V.

Terá o Presidente na sua Conferência voto decisivo todas as vezes que os Árbitros se não conformarem nos seus pareceres, ouvindo primeiro as razões com que cada um autoriza os seus votos. E se julgar conveniente poderá mandar aos mais Arcades que digam a sua opinião sobre os pontos em disputa, e desta sorte fazer maior reflexão, e segurar com maduro exame a sua sentença.

Poderá propor todas as matérias que entender necessitam exame, ou para que na mesma Conferência se ventilem. e se resolva o que parecer melhor com a pluralidade de votos, ou para que os Árbitros façam sobre elas as suas Dissertações, parecendo à Arcádia que necessitam de maior consideração.

Dará o juramento aos Arcades que de novo entrarem; na sua presença e na dos Árbítrós, abrirá o Secretário o escrutínio, e a ele pertencerá o tirar do vaso as sortes para as eleições dos empregos, enfim terá nesse dia toda a direcção da Conferência e domínio da Arcádia.

CAPÍTULO VII

Os Árbítrós serão obrigados a formar uma Dissertação sobre a crítica e bom gosto das Belas-Letras, no caso que não ocorra algum ponto que pareça conveniente disputar-se: porque neste caso serão obrigados a ligar-se ao assunto, que lhes for ordenado.

No fim da Conferência examinarão alternativamente as censuras das obras e suas respostas, e sobre elas inflamados no espírito da verdade darão ambos o seu parecer e porque sucederá muitas vezes não concordarem no mesmo juízo, em tal caso serão obrigados a expor as razões por que assim o julgam, para que o Presidente decida.

A eles compete o determinar as emendas e fazer que na mesma Conferência e na sua presença se executem, e entregar as obras depois de purificadas. ao Secretário, para que este lhe ponha o selo.

CAPÍTULO VIII

Adverte-se que as censuras que se fizerem às obras do Presidente e dos Árbítrós não serão examinadas na Conferência em que eles tiverem emprego, não só pela decência do lugar que ocupam, mas por não virem a ser juizes em causa própria.

Também a Oração do Presidente e as Dissertações dos Árbítrós não poderão exceder duas folhas de papel escritas de letra ordinária, por se evitar desta sorte a prolixidade.

CAPÍTULO IX

A Arcádia querendo conseguir o fim para que se institue, que é a instrução dos seus Alunos, e considerando que os meios mais proporcionados à felicidade deste desígnio são as dissertações críticas, que todas as vezes são ditadas por um espírito sincero e desejoso de descobrir a verdade, e tomando nesta parte o conselho de um tão grande crítico como Horácio julga por bem criar dois Censores, cujo emprego (por mostrar a sua imparcialidade e igual conceito que forma dos seus Arcades) ordena que todos exercitem, como já se advertiu no Cap. 5º.

CAPÍTULO X

Os sobreditos Censores tendo na consideração os versos em que Horácio lhes adverte as suas obrigações, examinarão livres de toda a preocupação e guiados de um sincero desejo de aproveitar a si e aos companheiros, com toda a diligência e exacção, as obras que se entregarem à sua crítica: e sobre elas escreverão livremente o seu JUIZO, sem que lhes sirva de suborno ou estímulo a lisonja ou emulação, e depois as remeterão ao Secretário para este dispor delas como se lhes determina no seu formulário. Adverte-se que os Censores serão obrigados a deixar tempo bastante (o que será ao menos de dez dias) para que os Autores das obras censuradas possam responder às suas censuras.

O Secretário terá obrigação de dar princípio aos exercícios académicos em todos os anos com um Discurso, cujo objecto será, louvar a instituição e leis da Arcádia, mostrar aos Arcades a utilidade e glória que tirarão de tão eruditas Assembleias e animá-los a perseverança em tão louvável resolução.

Terá em seu poder o escrutínio, os livros e mais papéis pertencentes à Arcádia: como, também o selo, do qual usará em todas as Cartas e explicações que disserem respeito ao seu emprego, e com ele selará as obras dos Arcades, depois de estarem purificadas.

Terá três livros, em um dos quais se conservarão os Estatutos e os nomes dos Arcades, no outro lançará as Obras das Conferências: guardando a sua formalidade, a saber, a Oração do Presidente, as Dissertações dos Arbitros, e as obras dos mais Arcades. No terceiro escreverá as censuras, apologias e mais papéis que vierem à Arcádia: como também as resoluções e pareceres que houverem sobre algumas dúvidas.

Os quais livros e papéis será obrigado a trazer à Arcádia todas as vezes que esta lhe ordenar: também será obrigado a mostrá-lo em sua casa a qualquer dos Arcades, que precisar ver; mas não consentirá que eles os levem, ou alguma cópia, e porá todo o cuidado que outras quaisquer pessoas não venham a saber as resoluções que neles se contém.

Será obrigado a mandar os avisos dos dias destinados para as Conferências dos Arcades, como também a Carta de convite aos novamente eleitos juntamente com os Estatutos.

O Secretário propará as dúvidas e incidentes que precisarem de uma nova resolução, como também os Sujeitos que se julgarem capazes de serem Sócios. No fim das Conferências receberá as obras dos Arcades, e distribuirá igualmente pelos Censores, tendo a advertência de que o mesmo Censor

não fique com a própria composição para a censura, mas sim o companheiro.

Depois que as obras lhe forem remetidas pelos Censores, as enviará aos seus A. A., para que estes respondam às censuras, ou as emendem, as quais na Conferência terão o cuidado de lhas tornar a entregar, para que o mesmo Secretário as proponha aos Árbitros, exceptuando as dos próprios Árbitros e Presidente, as quais, como se ordena no Capo VIII, não serão examinadas enquanto elles tiverem emprego; porém em qualquer deles acabando o seu exercício, terá o Secretário cuidado de as propor na Conferência seguinte, para o que as irá conservando na sua mão até que de todo se purifiquem, e se unam aos papéis da Conferência a que respectivamente pertencem.

A ele toca receber os votos, e abrir o escrutínio na eleição dos Arcades, e nos mais casos em que se não votar vocalmente.

Sendo-lhe noticiado que algum Árcade faltou ao inviolável segredo que nestes Estatutos se recomenda, lhe não fará aviso para a Conferência seguinte, e nela proporá as razões que teve para o assim fazer, para com unânime consentimento se resolver a sua exclusão.

Todas as vezes que algum dos Árcades que tiver emprego, lhe fizer aviso de que se acha legitimamente impedido para exercitar o seu emprego, poderá o Secretário avisar outro qualquer Árcade para substituir o dito emprego; cuja eleição será nestes casos ao seu arbítrio. Porém, se não tiver este cuidado, será ele obrigado a suprir a falta.

CAPÍTULO XI

O Vice-Secretário será obrigado todos os anos a fechar a Arcádia e dar fim às Sessões com um discurso. em que dê conta dos progressos e aumento da Arcádia.

Será também obrigado a fazer as vezes de Secretário em todas as condições em que este se achar legitimamente impedido ou ocupar outro qualquer emprego, ocupando a sua cadeira e seguindo em tudo o seu formulário, e nas outras Conferências se sentará na cadeira imediata à Mesa do Secretário.

CAPÍTULO XII

O Guarda da Arcádia terá obrigação de administrar e ter a seu cargo todo o preparo da Arcádia, não admitindo nas horas da Conferência pessoa alguma, além dos Sócios; pois parecendo à Arcádia não revelar as suas composições sem maduro e rigoroso exame, ficaria frustrado este projecto, se se admittissem nas suas Sessões sujeitos que não fossem Arcades.

A eles serão entregues todas as Cartas que directamente forem remetidas à Arcádia, as quais na Conferência entregará ao Presidente, para que ele as abra e se determine a sua resposta.

O seu lugar será o último da Arcádia, ficando da parte de dentro junto à porta da mesma, Arcádia, para que com facilidade possa receber os Arcades, e examinar as Cartas de convite, sem mostrar as quais nenhum poderá entrar.

A ele pertence também o convite dos Hóspedes para as Conferências públicas, fiando a Arcádia da sua prudência que não admitirá na Conferência pessoas que pelas suas virtudes não sejam dignas de assistir a um tão sério e científico acto. E se algum dos Arcades quiser trazer algum convidado, lhe dará parte para ter o seu consentimento.

CAPÍTULO XIII

O Vice-Secretário e Guarda da Arcádia serão obrigados como qualquer dos outros Arcades, a exercitar os empregos de Arbitros, Censores e Presidentes.

CAPÍTULO XIV

Não terá número certo de Académicos a Academia; mas ficará ao arbítrio da Mesa o elegê-los, todas as vezes que o julgar necessário. Os Arcades serão obrigados a assistir com a sua divisa a todas as Conferências: às quais não faltarão sem urgentíssima causa: atendendo a que de semelhantes faltas se seguirá à Arcádia a sua total ruína. Os que porém se acharem legitimamente impedidos, remeterão ao Secretário as suas composições, e os que forem ocupados em algum emprego nessa Conferência, e não puderem cumprir com a sua obrigação, farão aviso ao Secretário com tempo, para que este dê providência a semelhante falta.

Nenhum dos Arcades virá aos Congressos sem lhe preceder a carta do Secretário, nem entrará na Arcádia sem que primeiro mostre ao Guarda a sua carta de convite, para por ela o poder conhecer e saber que é dos eleitos para membro de um tão distinto corpo. E atendendo-se a que de se darem assuntos forçados se segue que por se ligarem a eles muitos violentarão o seu génio e por conseguinte se não poderá achar nas suas composições aquele gosto, facilidade e delicadeza que caracterizam as da antiga Grécia e as dos Romanos do século de Augusto, e que entre todos os Sábios as fazem respeitadas, e considerando também que se se dessem semelhantes assuntos nos apartaríamos dos preceitos de Horácio e dos melhores Críticos: sendo todo o fim da Arcádia o conseguirem os seus alunos aquele grau da perfeição por que tanto suspiram os Sábios

e que os pode fazer conhecidos no orbe literário; há por acertado, que os assuntos das obras poéticas sejam livres, e ao arbítrio do seu A., o que porém não terá lugar nos dias mencionados nos Capítulos III e V.

Os Arcades serão obrigados a trazer a todas as Conferências a sua composição, excepto quando forem Censores, porque então assás serviço farão à Arcádia nos seus exames. E ainda que o principal intento da Arcádia seja o cultivar a Poesia, ela admitirá todos os papeis em prosa, como: Discursos, Dissertações, etc., todas as vezes que estes se dirigirem a dar-nos uma ideia clara e distinta do bom gosto e delicadeza; numa palavra, todas as vezes que os Arcades possam tirar delas deleite e instrução. A Arcádia também deixa livre aos seus Pastores qualquer das línguas, Portuguesa, Latina, Francesa, Italiana e Castelhana para nelas comporem as suas obras: sem embargo que fazem melhor os Arcades se escolherem a Portuguesa, pois além desta ser muito mais capaz para qualquer género de composição, a irão cultivando e dando aquele grau de perfeição em que hoje vemos outras muitas, não tão suaves, nem tão abundantes.

No fim das Conferências entregarão os Arcades as suas composições ao Secretário, para ele as distribuir conforme se lhe ordena no Cap. X. E depois que o Secretário lhas tornar a remeter examinadas pelos Censores, terão obrigação de emendar e responder às Censuras, conforme lhes parecer, e na primeira Conferência a entregarão ao Secretário para este as propor ao júizo dos Arbitros.

Os Arcades trabalharão com toda a eficácia em se ajudarem mutuamente, advertindo uns aos outros os seus descuidos para que os emendem, e comunicando-lhes com toda a singeleza a sua erudição, luzes e conhecimentos, sem que algum deles repute como deslustre da sua penetração qualquer reparo que se faça nos seus escritos: antes estimarão estas advertências, pois com elas chegarão ao grau de perfeição por que tanto se distinguem muitos dos maiores homens que hoje veneramos.

Por esta mesma razão os Arcades, quando responderem às Censuras feitas às suas composições, se despirão de todos os prejuízos de uma vanglória de querer mostrar engenho onde falta a razão; e todas as vezes que conhecerem que são justamente repreendidos, sem receio confessarão a justiça e o acerto dos seus Censores. pois desta sincera confissão lhes há-de resultar maior glória e conceito dos Sábios, que duma cega obstinação e pertinácia em querer defender os seus descuidos e escurecer a verdade.

Nos pontos, porém, onde as razões dos Censores lhes não parecerem convenientes, poderão responder livremente tudo o que lhes parecer serve de

confirmar o seu pensamento com aquela modéstia e gravidade que acertadamente se recomenda no Capo IV. E se os Árbítrios e Presidentes julgarem que a razão está da parte dos Censores, serão os Árcades obrigados a estarem pelo decidido, e no mesmo acto da Conferência riscarão das composições o que aos juizes parecer, e em seus lugares escreverão da própria mão a emenda que eles ditarem.

Os Árcades na primeira Conferência a que assistirem, serão obrigados a jurar de defender a Imaculada Conceição de Maria Santíssima, como Protectora da Arcádia: e nela farão um pequeno discurso, no qual darão à Arcádia os agradecimentos da sua eleição, e mostrarão o sincero ânimo com que se sujeitam aos Estatutos.

Todos os Arcades cuidarão, quanto lhes for possível, no lustre e aumento da Arcádia e observância dos seus Estatutos, atendendo a que dos seus progressos lhe resultará incomparável glória: para o que cada um deles concorrerá com todos os arbítrios que julgar podem dirigir-se a este fim, comunicando-os ao Secretário, para que este os proponha em conferência.

Os Árcades serão obrigados a deixar no papel das suas composições (que serão sempre escritas em folha) as margens que parecerem necessárias para que depois se possam encadernar, sem detrimento do que nele estiver escrito.

Os Arcades, nas matérias que se resolverem por votos, depois de darem o seu, não poderão mais falar sobre a mesma matéria, salvo se o Presidente lhe ordenar que o façam. Sentar-se-ão na Arcádia sem preferencia, exceptuando o caso em que tiverem algum emprego.

Na morte de qualquer dos Arcades, haverá uma Conferência dirigida a mostrar o sentimento da Arcádia na sua morte. Nela repetirá o Presidente o elogio do morto. e todos os Arcades nas suas composições procurarão igualmente elogiá-lo, e mostrar a sua pena: por ser justo que a Arcadia honre em tudo quanto lhe for possível aqueles sujeitos que trabalharam por illustrá-la.

CAPÍTULO XV

Poder-se-ão eleger para membros desta Sociedade todos os sujeitos que parecerem capazes de a illustrar sem que obste o não assistirem nesta corte à sua eleição, na qual só se olhará para o mérito pessoal, sem atender a outras circunstâncias que costumam servir de reparo a alguns contemplativos, que ignoram o preço e estimação que se deve à virtude.

Sendo a base em que se funda a duração e aumento deste corpo a união e conformidade entre os seus membros, esta não poderá persistir todas as vezes que ele for composto de partes que entre si

Não tenham uma boa harmonia. Por fugir deste incómodo, e evitar toda a causa de dissabor e queixa aos Sócios, não será admitido na Arcádia algum sujeito sem que seja por unânime consentimento de todos os Arcades, bastando só que falte um voto para não ser aceito e novamente proposto.

E porque muitas vezes a polflica e receio de ter um inimigo, faz que nestas eleições não vote cada um conforme o que entende, para vencer este obstáculo ocorre o arbítrio de se fazer a eleição por escrutínio, não se dando os votos vocalmente, mas entregando-se ao fazer a eleição a cada Arcade um =P = que significará = Placet = e um = D = que ao contrário quererá dizer = *Displicet*. = Das quais letras deitará a que lhe parecer, enrolada, no escrutínio, e depois abrindo-se, e não se achando os PP conformes, se terá o proposto por excluído.

E porque poderia suceder que alguns dos Arcades querendo justificar-se, e mostrar que não negaram o seu voto, guardem a letra que lhe ficar na mão; por acautelarem este incidente, será justo que o Arcade, apenas lançar o seu voto, rompa em muitos pedaços o papelinho que conservar; e por este modo se logra o fim de se não saber quem faltou com o voto, e se deixa a cada um a liberdade de votar como lhe parecer, sem o receio de deixar algum queixoso.

CAPÍTULO XVI

Ajuntar-se-ão no sítio das Conferências os Arcades nos dias destinados para elas de tarde: a saber, nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro até às quatro horas, e nos mais até às duas e meia. E tanto que estiverem juntos cinco Arcades, no número dos quais entrem o Presidente e os dous Árbítrios, se dará princípio à Conferencia. O Presidente lerá primeiramente o seu discurso, seguir-se-ão os Arbitros, sendo o último na ordem da Dissertação o mais antigo. Acabados estes papéis se recitarão as obras poéticas, a que o Presidente dará princípio, seguindo-se pela sua ordem os Arbitros, e continuando pelos Arcades da parte direita até vir finalizar no Secretário, o qual precederá a sua obra às que lhe forem remetidas.

E porque poderão os Arcades trazer mais de uma composição e não seria agradável o repeti-las todas juntas: haverá três giros na recitação das Poesias, no primeiro dos quais se lerão as obras Hendecassílabas, no segundo as Líricas, e no terceiro as Jocosérias; e finalizados se recitarão as composições em prosa, quando as houver, e se procederá ao exame das Censuras, que se fará na forma seguinte:

Principiará a ler as Censuras e as respostas o Árbítrio que foi o primeiro na Dissertação, e nos pontos duvidosos irão logo dando o seu parecer e observando o que se ordena no Cap. dos Arbitros e

Presidente; e depois seguir-se-á o segundo, e alternativamente irão continuando até todos se acabarem.

Finalizado este acto, se fará a eleição dos empregos na seguinte forma: deitar-se-ão no escrutínio o nome de todos os Arcades, e o Presidente tirará um deles, e esse será o que exercite o emprego que se provê. Na primeira Conferência se hão-de prover os lugares de Presidente, Arbitros e Censores, e nos seguintes só a de um Censor; porque nela passa o 1.^o Arbitro a Presidente. e o 2.^o a 1.^o, e o 1.^o Censor a 2.^o Arbitro, e o 2.^o Censor a 1.^o, vindo por este modo os Arcades a exercitar todos os Empregos, antes que cheguem à Presidência, excepto alguns dos que saírem na primeira eleição, em os quais se não pode observar esta regularidade.

CAPÍTULO XVII

O Presidente se sentará no meio da Mesa entre os dois Arbitros, ficando-lhe o 1.^o à mão direita, a quem se seguirão os Censores. Ao lado esquerdo lhe ficará a Mesa do Secretário, e junto dela o lugar de Vice-Secretário; os mais Arcades se seguirão sem preferência até vir a acabar no Guarda da Arcádia, que terá o último lugar, como já se advertiu no Cap. XII.

CAPÍTULO XVIII

Das Conferencias três serão públicas, a saber: a da Conceição, a do Natal, e a que se celebrar na morte de algum dos Arcades; pois é justo que a Arcádia mostre publicamente o como se empenha em eternizar os seus Alunos. Nestas Conferências assistirão os Convidados no lugar que se julgar mais digno.

CAPÍTULO XIX

Deixar-se-ão estes Estatutos em aberto, para a todo o tempo se poder acrescentar neles tudo o que parecer conducente para a glória e lustre da Arcádia, como também se deixa lugar a acrescentar-se ou mudar-se algum destes Capítulos, quando na prática tenha algum inconveniente que actualmente se não tenha precavido.

CAPÍTULO XX

E como da observância destes Estatutos estão pendentes todos os progressos da Arcádia, serão todos os Arcades na primeira Sessão a que assistirem, obrigados a jurar quanto neles se contém, excepto o segredo que no Cap. XIV se lhe recomenda; porém se a observância deste Estatuto, em lugar do Jramento que a Arcádia neste caso lhe não defere, por

se conformar com as determinações do Vaticano, lhe dobra a pena, não somente excluindo-o do número dos seus Arcades o que não observar, mas até riscando dos seus livros todas as composições do Arcade)).

(in *Anologia Lilerária dos séculos XVIII e XIX*, Amadeu Torres (Castro Gil), Brága, Edições Humanilas, s.d.)

CORREIA GARÇÃO

Texto 2

Dissertação Terceira

Preclaríssimos, amantíssimos e sapientíssimos Senhores,

[...]

Entre as sólidas máximas com que Horácio pretende formar um bom poeta, não é, como vós sabeis, menos importante a imitação. Não falo da imitação da Natureza, mas da imitação dos bons autores, daquela imitação à qual deve a Arcádia sua grande reputação e não pequena parte dos honrados elogios com que foi recebida de nossos mais prudentes e doutos patrícios, e que há-de espalhar seu nome pelas nações estrangeiras. Este foi em todos os séculos e será em todas as idades o maior segredo de tão divina arte.

Os Gregos e os Latinos, que dia e noite não devemos largar das mãos, estes soberbos originais, são a única fonte de que manam boas odes, boas tragédias e excelentes epopeias.

Este é o verdadeiro génio a que o vulgo chama *veia poética* e os doutos *entusiasmo*.

Muito pode o espírito humano! Mas nunca terá força para subir tão alto se não for pela estrada que trilham os antigos poetas e oradores. Entre nós, depois que acabaram os bons dias da poesia portuguesa, poucos foram os que penetraram semelhante mistério, de que são miseráveis testemunhas as obras dos seiscentistas. Guardava o Céu para a Arcádia a honra e a vaidade de erguer esta bandeira e levar consigo os seus compatriotas. Hoje todos desejam imitar os Antigos, todos estudam pelos Gregos, pelos Latinos e pelos nossos bons autores: mas, fugindo de Cila, quantos varam em Caríbdis?

Querem ser imitadores e não passam de uns humildes plagiários.

Para evitar tão depravado extremo, nos recomenda Horácio o modo com que devem ser imitados os Antigos; e ainda que neste lugar estabeleça outras regras para conseguirmos tão desejado fim, a mim me pareceu, olhando para o vício mais comum, que devia escolher para assunto as poucas mas importantes palavras com que tão grande crítico nos ensina a imitar e nos mostra o perigo de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgílio, fazem uma má tradução desta ou daquela imagem de tão grande poeta; e escravos de suas palavras não passam de tradutores. Não imitam, roubam e despedaçam as obras alheias: desfiguram o que lhes agradou, como se tomassem por empresa fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermam tantas quantas são as obras que todos os dias aparecem cheias de lugares dos poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. É tão forte a preocupação de que nascem tão lastimosas desordens que muitos com vaidade e com soberba apontam e mostram os pensamentos ou ideias que roubaram ou traduziram.

[...]

Devemos imitar e seguir os Antigos: assim no-lo ensina Horácio, no-lo dita a razão, e o confessa todo o mundo literário. Mas esta doutrina, este bom conselho, devem abraçá-lo e segui-lo de modo que mais pareça que o rejeitamos, isto é, imitando e não traduzindo. Os poetas devem ser imitados nas fábulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita deve fazer seu o que imita. Se imito a fábula, devo conservar a acção, ou a alma da fábula; mas devo variar de forma os episódios que pareça ou tra nova e minha. Se imito as pinturas, não devo no meu poema introduzir um Polifemo, mas do painel deste gigante posso tirar as cores para um Adamastor. Se imito o estilo, não devo servir-me das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem portuguesa termos equivalentes, enérgicos e majestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos.

Olhando para a prática dos Latinos e bons Modernos, achamos religiosamente guardados estes preceitos. Assim imita Virgílio a Homero na sua *Eneida*; assim imita a Teócrito na sua *Bucólica*. Assim imitou Camões a Virgílio; António Ferreira a Horácio; Sófocles a Teócrito; Bion a Mosco. Todos conhecem o original que achou Ovídio em Eurípedes para formar a soberba pintura do carro de Faetonte, dos conselhos com que o pai encaminhou a resolução do filho, do cuidado com que se assusta, e da paternal misericórdia com que pranteia a desgraça do atrevido mancebo. Quando em idade mais adulta observamos mais atentamente estes formosos astros da Poesia, se não fosse irrefragável a cronologia, se não constasse da História, poderíamos duvidar de quem era o original; assim como tem havido quem ponha em problema qual das duas nações merece a primazia.

Se falasse com homens menos instruídos, cansar-me-ia em confrontar as cópias com os originais, os Latinos com os Gregos, os Portugueses com uns e outros. Mas na presença de Árcades não me atrevo a mostrar como cabedal meu o que tem feito trivial a inundação de Poéticas e Retóricas, que já cansam o espírito mais ávido de erudição e mais cobiçoso de ciência.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horácio e todos os bons críticos recomendam a imitação dos Antigos, tiro por consequência que o poeta não deve dar um passo livre, e que não pode adornar seus poemas com pinturas de que não conheça originais. Bem será que não chegue a perdê-los de vista; mas, seguindo este rumo, pode largar as velas à sua fantasia e voar até descobrir novos mundos. Feliz aquele que não só imita, mas excede ao seu original.

LUÍS ANTÓNIO VERNEY

Texto 3

a) As três espécies de estilo

O segundo. e de não menor consequência, está em saber proporcionar o estilo ao argumento que se trata. Consiste o estilo em certas maneiras de se explicar e certas particulares expressões que cada homem usa, as quais comumente seguem o ímpeto do fogo que cada um tem, não se achando dois homens que sejam perfeitamente iguais no estilo, como nem menos no temperamento. Digo, pois, que o estilo se deve regular segundo a matéria que se trata. As expressões magníficas e nobres ornaram as coisas de uma certa majestade, e mostram o grande conceito que delas forma quem assim fala. Se a matéria nada tem de extraordinário, antes é extremamente vil. imprópriamente se lhe aplicam tais expressões. Pelo contrário, as coisas que se podem considerar sem comoção devem-se dizer com estilo Simples; outras mais estudadamente; o que faz a variedade de estilos, que os Mestres de arte reduzem comumente a tres. Querem dizer que ou o discurso é sumamente nobre, ou sumamente trivial, ou medíocre. À primeira corresponde o estilo sublime; à segunda, o estilo simples; à terceira, o medíocre. A prudência e inteligência com que se devem aplicar estes três géneros de eloquência é o principal emprego do Retórico.

Tudo há-de ser grande, mas no mesmo tempo proporcionado. Da mesma sorte, em um discurso, nem todos os pensamentos podem ser esquisitos ou a locução sublime: há-de haver pensamentos bons, esquisitos e medíocres: a locução, da mesma sorte, em alguns lugares sublime (v. g. nas perorações e exagerações, etc.), em outras medíocre (v. g. nos exórdios, nas confirmações de provas, etc.) e em outras simples e natural (como nas narrações e outros lugares). Mas todas estas coisas hão-de ter proporção entre si: devem ser ornadas e vestidas daquela tal grandeza, que mostre serem partes de uma coisa grande. Assim se compõe um discurso perfeito.

Esta magnificência de expressões grandiosas e harmoniosas convém ao estilo sublime. com a distribuição dita de aplicar as melhores as coisas que merecem maior atenção. Também no estilo sublime

devem entrar reflexões judiciosas e várias sentenças que excitam a atenção. Nele têm seu próprio lugar as Figuras grandes, sendo certo que um argumento nobre não se pode tratar sem alguma particular co-moção; de que nasce aquele modo de exprimir-se e.m que consistem as Figuras. Devem, porém praticar-se segundo as observações acima feitas.

Esta, porém, é a maior dificuldade do Estilo Sublime, e são poucos os homens que saibam abraçar uma distribuição moderada de ornamentos no discurso. A maior parte dos que escrevem são como aquelas pessoas que não têm educação na Corte.

Estas, para se mastrarem bem informadas e de boa eleição, carregam tanta as vestidas de ouro, e a cabeça de jóias, que, em lugar de parecerem bem, afendem a vista. O pior é que *no* defeito que re-preendemos caem também os que são da Corte, como os que são de fara, e é mais dificultoso emendar-se. Um homem que tem má eleição *no* vestir tem tantos censores à vista que, à força de crítica e de abser-vação, consegue a emenda. Não assim o que escreve: são poucos os que censurem, porque são pouquíssi-mos os que saibam como se deve censurar. Além disso, não há algum que presuma tão mal *do* seu juízo, que leia por livros que lhe mostrem as suas imperfeições. Busca somente aqueles que mais lhe agradam e são mais usuais; e, em vez de se emendar, confirma-se na sua má eleição. V. P. não achará um Pregador que estude por Cícera, Demóstenes, M. Séneca, Quintiliano, ou leia alguns dos que cam-puseram boas reflexões sobre as ditas obras; achará, porém, muitas que estudam por sermonários, e muito maus, e estes não podem escrever melhor *do* que lêem nos tais autores.

Outros escritores, querendo-se distinguir do comum, não gastam senão de expressões grandes, e de tal sorte se deixam guiar por este furor, que não produzem palavra que não seja de pé e meio, e que não acabe de estoiro, como uma bomba. As pala-vras e frase natural, o modo de se exprimir usual, ainda que seja o mais próprio da matéria, nada vale. Desprezam tudo o que não é estrondoso. Nenhum destes dirá: *Petrus amavit Joannem*. Não, senhor. Mas querem perífrase: *Accidit at Petras amore pro-sequeretur Joannem* ou alguma frase mais comprida. Estes homens veem todas as coisas por microscópio: tudo lhe parece gigantesco; ou, para melhor dizer, tudo transformam. A sua cabeça é *como* a de D. Quixote, a quem moinhos, pareciam palácios, e não havia coisa para ele que não fosse majestosa. Daqui nasce que tudo exprimem pela mesma ma-neira: o discurso começa em figura e acaba em fi-gura. Este é o vício comum destes países, mas muito principalmente dos Poetas e Oradores.

Estes homens confundem o Eloquente com o Arrogante, a Exageração com a inverosimilidade, sem advertirem que são coisas bem diferentes.

Ao Estilo Sublime contrapomos o Estilo Simples ou humilde. Assim como as coisas grandes devem explicar-se magnificamente, assim o que é humilde deve-se dizer com estilo mui simples e modo de exprimir mui natural. As expressões do estilo simples são tiradas dos modos mais comuns de falar a língua; e isto não se pode fazer sem perfeito conhecimento da dita língua. Esta é, segundo os Mestres da arte, a grande dificuldade do estilo simples. Fácil coisa é a um homem de alguma literatura ornar o discurso com figuras; antes todos propendemos para isso, não só porque o discurso se encurta, mas porque talvez nos explicamos melhor com uma figura do que com muitas palavras. Pelo contrário, para nos explicarmos naturalmente e sem figura, é necessário buscar o termo próprio, que exprima o que se quer, o qual nem sempre se acha, ou, ao menos, não sem dificuldade, e sempre se quer perfeita inteligência da língua para o executar. Além disto, as Figuras encantam o leitor e impedem-lhe penetrar e descobrir os vícios que se cobrem com tão ricos vestidos. Não assim no estilo simples, o qual, como não faz pompa de ornamentos, deixa considerar miudamente todos os pensamentos do escritor. Por isso se diz que o estilo simples é o *lápiz Lydius* do Juízo.

Isto que digo das expressões comuns e naturais deve-se entender com proporção. Não quero dizer que um homem civil fale como a plebe, mas que fale naturalmente. A matéria do estilo humilde não pede elevação de figuras, etc., mas nem por isso se deve exprimir com aquelas toscas palavras de que usa o povo ignorante. Não é O mesmo *estilo baixo* que *estilo simples*. O estilo baixo são modos de falar dos ignorantes e pouco cultos; o estilo simples é modo de falar natural e sem ornamentos, mas com palavras próprias e puras. Pode um pensamento ter estilo sublime, e não ser pensamento sublime; e pode achar-se um pensamento sublime, com estilo simples. Explico-me. Para ser sublime o estilo, basta que eu vista um pensamento e o orne com figuras próprias, ainda que o pensamento nada tenha de sublime. Pelo contrário, chamamos simplesmente *sublime* (com os Retóricos) àquela beleza e galantaria de um pensamento que agrada e eleva o leitor, ainda que seja proferida com as mais simples palavras. De sorte que o *sublime* pode-se achar em um só pensamento, ou figura, etc. Importa muito entender e distinguir isto, para não ser enfadonho

nas conversações e nas obras que pedem estilo humilde.

Do que a V. P. tenho dito fica claro qual é o Estilo Medíocre: aquele, digo, que participa de um e outro estilo. Também este estilo não é pouco dificultoso, porque é necessário conservar uma mediania que não degenera em viciosos extremos, e são poucos aqueles que conhecem as coisas na sua justa proporção e formam aquela ideia que merecem. Já disse que a matéria é a que determina qual há-de ser o estilo; e assim uma matéria medíocre pede um estilo proporcionado. A maior parte das coisas de que falamos são medíocres; e daqui vem que neste estilo de falar deve-se empregar um homem que quer falar bem e conseguir fama de homem eloquente. Um homem de juízo que conhece as coisas como são, forma delas ideias justas e verdadeiras, e as explica com as palavras que são mais próprias. Donde vem que o estilo medíocre compete propriamente às Ciências todas, à História, e outras coisas deste género, nas quais se representam coisas não vis, mas medíocres; porém representam-se da mesma sorte que são, e com palavras próprias. Também as cartas de negócios graves, ou eruditas, e aquelas de cerimónia a pessoas grandes, etc., costumam ser neste estilo. É porém de advertir que o estilo medíocre admite todos os ornamentos da arte: beleza de figuras, metáforas, pensamentos finos, belas descrições, harmonia do número e da cadência. Contudo, não tem a vivacidade e grandeza do sublime. Participa de um e outro, sem se assemelhar a nenhum. Tem mais força e abundância que o simples, menos elevação que o sublime, e prosegue com passo igual e mui brandamente.

ó) **Âpreciação crítica ao
P. António Vieira**

E, começando pelo mais famoso, o P. Vieira teve mui bom talento, grande facilidade para se explicar, falou mui bem a sua língua, e nas suas cartas é autor que se pode ler com gosto e utilidade. Quanto aos sermões e orações, deixou-se arrebatado do estilo do seu tempo: e talvez foi aquele que, com o seu exemplo, deu matéria a tanta subtileza, que são ali que destroem a Eloquência. Nos seus sermões não achará V. P. artifício algum retórico, nem uma Eloquência que persuade. Muitos, que gostam daquelas galantarias, lendo-o, sairão divertidos: mas nenhum homem de juízo exacto, sairá persuadido delas. São daquelas teias de aranha, bonitas para se observarem, mas que não prendem ninguém. Eu comparo

esta sorte de sermões aos equívocos, que parecem bonitos quando se ouvem a primeira vez, mas, quando se examirram de perto, não concluem nada. Porque, finalmente, se V. P. lê os tais sermões, e examina as provas e artifício delas, verá muitas coisas que cheiram a Metafísica das escolas, mas não achará alguma das que acima aponto como necessárias. Os exemplos que acima aponte são communmente tirados dos seus sermões; e, com eles à vista, poderá V. P. conhecer quantas coisas eu deixei, que podia apontar. Se, pois, isto se chama pregar, e pregar bem, eu o deixo considerar aos desapaixonados.

O desejo que o P. António Vieira em quase todos os sermões mostra de agradar ao Público, ainda quando às vezes o critica, deixa bem compreender que se conformava muito com o estilo corrupto do seu século. Tinha engenho, imaginação fecunda; e, deixando-se conduzir do ímpeto do seu fogo, ou talvez procurando de excitar em si uma espécie de entusiasmo, rompia nas primeiras ideias que lhe ocorriam, que sempre erám subtis, pelo costume que tinha de idear assim. Eu falo com V. P., que tem grande notícia dos ditos sermões, em virtude da qual conhece com que razão eu digo isto; que, se falasse com outro, seria mui fácil provar tudo quanto escrevo. Mas não posso deixar de insinuar que a maior prova do que proponho é a sua decantada obra *Clavis Proplutarum*, de que nos dá uma ideia no livro que intitula *História do Futuro*. (...)

Ainda nas mesmas cartas, que louvo, acho coisas que reprovar. Deste número é a affectação de repetir, em cada regra, o tratamento da pessoa com quem fala. Pois, ainda que nos discursos familiares, possa ter às vezes lugar isso, nas cartas é enfadonho, e as pessoas e Nações cultas fogem todas desse vício. Nem vale o dizer que em Latim se costuma; porque, na tal língua, não ofende os ouvidos, visto que o tratamento communmente não se distingue das diversas inflexões do Verbo. Os nossos italianos, que participam mais do Latim, usam da palavra *Ella*, para evitarem aquella repetição, e ainda esta com moderação. E hoje os que escrevem melhor, depois de darem o tratamento uma ou duas vezes, ou em carta particular, ou prólogo de livro, servem-se da palavra *Vostra*, que se refere a *Alteza*, *Eminência*, *Santidade*, *Excelência*, etc., não só porque esta *elipse* não prejudica ao respeito que se deve aos Senhores grandes; mas porque, sendo mais simples e natural, é também mais nobre, e se evita a ridícula affectação de alguns modernos, chegando-se mais ao estilo da Antiguidade. E, valha a verdade, este período - *Excelentíssimo Senhor, a excelentíssima pessoa de Vossa Excelência guarde Deus, como Portugal e os criados de Vossa Excelência, havemos mister* -,

com que o Vieira fecha muitas cartas ao Marquês de Gouveia e outras pessoas, não se pode ler sem náusea, achando-se muitas vezes, em quatro regras das suas cartas, cinco vezes *Vossa Senhoria*, etc.

O segundo reparo cai sobre a affectação de muitos períodos e cartas inteiras. O que o mesmo colector delas não oculta quando diz que muitas não publicara por não serem tanto naturais. De que eu cuído não se pode produzir melhor prova que a carta que o P. Argote publicou nas suas *Regras Portuguesas*, e que é escrita ao Cardeal Lancastró, a qual é composta naquele estilo que chamamos dos *Seiscentos*. Basta ler o primeiro período: *Com melhor saúde que o ano passado, e com menos vida, porque ele passou*; a segunda parte do qual é notícia mui digna de se mandar a um Cardeal, porque é coisa mui recôndita. O que se segue no segundo parágrafo são *Sepulturas do segredo, ressurreições da confiança, exéquias no templo do desengano, estátua da ingratitude*, e coisas semelhantes, que hoje tem ranço. E não sei se se pode perdoar a um homem douto como o P. Argote o trazer a tal carta para exemplo de construção fácil e boa locução. Conheço que muitas vezes as cartas da mesma pessoa não são iguais; ou porque algumas escreveu quando era moço e sabia pouco; ou porque as fez muito em pressa. Conheço isto, e o perdoar; o que reprovó é que o colector não soubesse separar umas das outras, imprimindo as melhores.

E aqui noto incidentemente que o que fez o prólogo da colecção, que eu ignoro quem fosse, disse uma falsidade quando afirmou *que, nas línguas vulgares, têm todas as Nações escritores, mas não em grande número, deste estilo*. Eu lhe posso nomear, somente na italiana, não digo dúzias, mas centos, publicadas muitos e muitos anos antes que saíssem à luz as do Vieira; e, entre estes escritores, muitos de puríssima locução e estilo inimitável, e (o que mais é de admirar) homens que trataram as Ciências mas principalmente todas as partes da melhor Filosofia, com tal clareza, propriedade e método, que envergonham os Filósofos da Escola, os quais, empregados toda a sua vida nela, explicam-se muito mal. Na língua francesa, há infinitos tomos de cartas, em todas as matérias, e alguns famosos. Deixo a inglesa e holandesa, nas quais sei que se tem seguido este estilo. Onde, não havendo coisa mais usual que estes escritores, mostra-se o tal colector mui pouco informado do mundo.

Mas sempre devo declarar-lhe que o juizo que formo das obras do P. António Vieira deve ser entendido com todo o respeito devido à sua memória. Eu estimo muito este Religioso pelas suas virtudes

e capacidade. Vejo nas suas cartas retratado um ânimo grande, um desinteresse nobre, uma viva paixão pelos aumentos do seu Reino e ardente desejo de se sacrificar por ele; e, para não ocultar coisa alguma, vejo a suma ingratidão dos seus nacionais, que corresponderam a tantas finezas com acções indignas, e não só não souberam estimar tao grande homem, mas positivamente o oprimiram, e a sua família. Estas circunstâncias todas mo pintam mais estimável; e, se eu vivesse no seu tempo, seria o seu maior amigo. Deve também o que digo entender-se sem a mínima ofensa da Religião da Companhia, a qual tem produzido tantos homens grandes neste género, que, sem dor alguma, pode ouvir declarar que um dos seus Religiosos não iguala, nem chega, à glória de muitos outros, o que provem menos do talento que do infeliz estilo daquele tempo, que não conhecia outro gosto de Eloquência.

(« Verdadeiro Método de Estudar ... Carta VI, in *Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX*, Amadeu Torres (Castro Gil). Braga, Edições Humanitas. s. d.)

Texto 4

Falta de uma ARTE POÉTICA em português e de requisitos nos poetas

Digo, pois, que o estilo dos Poetas deste seu Reino e desta sua língua pouquíssimo me agrada, porque é totalmente contrário ao que fizeram os melhores modelos da Antiguidade e ao que ensina a boa razão. A razão disto é porque os que se metem a compor não sabem que coisa é compor; onde, quando muito, são Versificadores, mas não Poetas. E disto não queira V. P. melhor prova que ver que nenhum até aqui se resolveu a escrever uma boa *Arte Poética* portuguesa. Todos se remedeiam com esta espanhola, que é muito má fazenda. Certo meu conhecido me mostrou há tempos uma manuscrita; mas nada mais era que um compêndio da dita espanhola, em que somente se trata das medidas dos versos e combinações de consoantes, o que está mui longe de se chamar Arte Poética. Onde concludo que ainda não vi livro português que ensinasse um homem a inventar e julgar bem, e formar um poema como deve ser, e que nasce que os que querem poetar o fazem segundo a força da sua imaginação, e não produzem coisa digna de se ver. Com efeito, verá V. P. muitos que, quando escrevem

dez versos, lhe chamam *Décima*; e, quando unem catorze, chamam-lhe *Soneto*; e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer, e como o devem dizer; e, quando tem formado uma caraminhola em trajes de Poesia, ficam mui satisfeitos e começam a dizer mal de tudo o que não entendem. Destes se acham, não dúzias, mas centos.

De não terem profundado a matéria, nascem, todos os defeitos da Poesia, de que se acham infinitos na Espanha e também em Portugal. Geralmente entendem que o compor bem consiste em dizer subtilezas, e inventar coisas que a ninguém occorressem; e com esta ideia produzem partos verdadeiramente monstruosos, e que eles mesmos, quando os examinam sem calor, desaprovam. Os Mestres de Retórica, em cujas escolas é que se faz algum poema, e que deviam ensinar estas coisas, são os primeiros que se calam e deixam fazer o que cada um quer. Envergonham-se do poetar em Português e têm por pecado mortal ou coisa pouco decorosa fazê-lo na dita língua.

Duas são as partes que compõem o Poeta: *Engenho* e *juízo*. Engenho, para saber inventar e unir ideias semelhantes e agradáveis; juízo, para as saber aplicar onde deve. E nestas duas partes pecam não só os modernos e medíocres Poetas, mas pecaram ainda os antigos e grandes homens, nos quais nem tudo é igual, como mostram aqueles que criticaram com juízo os Antigos. Achamos homens com muito engenho e com pouco juízo, porque estas duas coisas podem-se unir muito bem; e, para não parecer falsa a minha proposição, permita-me V. P. que me explique melhor. O engenho consiste em saber unir ideias semelhantes, com prontidão e graça, para formar pinturas que agradem e elevem a imaginação; de sorte que não basta que sejam semelhantes; é necessário que divirtam e arrebatem. V. g.: Quando o Poeta diz que a garganta da sua amada é branca como a neve, nisto não aparece engenho; se, porém, acrescenta que é igualmente fria, nisto está o engenho. Pelo contrário, o juízo é aquela faculdade da alma que pesa exactamente todas as ideias, separa umas das outras, não se deixa enganar da semelhança, e atribui a cada uma o que é seu. Isto pede uma exacta meditação e prudência fundada; aquilo só pede uma memória cheia de muitas e diferentes ideias.

E daqui vem que vemos frequentemente homens de imaginação fecunda e engenho vivo, sem um escrúpulo de juízo: antes comumente têm menos juízo os que têm mais engenho; motivo pelo qual produzem obras que merecem riso. Os que não distinguem isto confundem *Engenho* e *juízo*, e cha-

mam homens de juízo aos que dizem mil ridicularias, e produzem infinitas monstruosidades e despropositadas imaginações.

O verdadeiro engenho, pois, é uma semelhança de ideias que diverte e eleva. Pelo contrário, o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, como os *Anagramas*. *Cronogramas*, etc.; às vezes na semelhança de algumas sílabas, como os *Ecós*, e alguns consoantes insulsos; outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equívocas*, etc.; finalmente, consiste também em composições inteiras que aparecem com diferentes figuras ou pinturas, como abaixo diremos.

Destas duas espécies de engenho bom e mau se compõe uma terceira, que partticipa de ambas, a que alguns doutos chamaram *Engenho misto*, que consiste, parte na semelhança das ideias, e parte das palavras. V. g.-: Imagina o Poeta que o Amor tem semelhanças de fogo, e une estas duas ideias na sua imaginação. Serve-se das palavras de *fogo* e *chama* para explicar esta paixão do ânimo; e, como elas têm significação incerta, resulta daqui um todo que tem parte de engenho e parte de aparência, o qual é mais ou menos estimado segundo que domina mais ou menos um que outro; quero dizer: segundo que a semelhança cai mais sobre as ideias que sobre as palavras, na idade de ouro da Latinidade, apenas se acha vestígio disso, tirando em Ovídio, que tem alguma coisa; na idade de prata, Marcial cuidou que foi o inventor; e nestes últimos séculos, não se vê outra coisa.

Mas a verdade é que um conceito que não é justo, nem fundado sobre a natureza das coisas, não pode ser belo, porque o fundamento de todo o conceito engenhoso é a verdade; nem se deve estimar algum, quando não se reconheça nele vestígio de bom juízo. E, como os Antigos observaram muito isto, por isso neles se observa certa maneira natural de escrever e certa simplicidade nobre, que tanto os faz admiráveis. Pelo contrário, os que não têm engenho para fazerem que um conceito brilhe com a sua própria luz, sem a pedir emprestada, vêm-se obrigados a procurar toda a sorte de ornamentos e apegar-se a quaisquer agudezas boas ou más, para com elas fazerem figura e parecerem engenhosos.

Nas obras dos Antigos não distinguem o bom, nem o mau: abraçam os mesmos erros, como se fossem maravilhas, sem advertirem que, ainda que fossem nossos mestres, não os devemos seguir com os olhos fechados, mas abraçar neles o que não repugna à boa razão.

Estes defeitos nos Poetas sucedem porque lhe faltam os dois principais requisitos: *Critério* e *Retórica*. Chamo *Critério* a uma boa Lógica natural,

exercitada na lição de bons autores; *Retórica* já se sabe que é a arte de persuadir, sem a qual não se pode ser bom poeta, a qual supõe Juízo e Critério. A simples proposição destes dois requisitos basta para atarantar estes Poetas ordinários, os quais se riem de todo o coração, quando ouvem dizer que, sem ter singular *Retórica*, não se pode ser bom Poeta ou, ao menos, entender o artifício da Poesia. Estes engenhos das dúzias param na superfície das coisas. Julgam que *retórica* é falar em prosa; Poesia, falar em verso. Mas os homens que entendem a arte riem-se ainda mais, da sua ignorância. Cuido que fãcilmente persuadirei a V. P. o que digo, se lhe puser diante dos olhos que coisa é Poesia, e isto a que chamamos *Arte Poética*.

A Poesia é uma viva descrição das coisas que nela se tratam; outros lhe chamam pintura que fala e imita o mesmo que faria a natureza, e com que agrada aos homens. O artifício da Poesia tem por fim agradar; e por isso só se emprega em dar regras, com que possa ocupar gostosamente um engenho. A isto consagram os Poetas todo o seu engenho e juízo. Se buscam argumento elevado, é para me agradar com a ideia de grandeza; se procuram imitar a verdade, é para agradar com a galantaria da imitação; se não dizem coisas contrárias às nossas inclinações, isto mesmo é para agradar; se propõem movimentos apaixonados, com que pintam ao vivo diferentes affectos da alma, também isso é para agradar; de sorte que este é o ídolo do artifício poético. E, com isto não se pode conseguir sem saber procurar pensamentos ou argumentos próprios para mover as nossas paixões, saber servir-se de palavras próprias para pintar aquela coisa que se quer (o que encerra as figuras da voz e do ânimo), fica bem claro que, para fazer tudo o que pede a arte, se requer boa *Retórica*. Mas esta razão se entenderá melhor, se observarmos as diferentes espécies de Poesia.

(Carta VII, *idem*)

A educação da mulher

Mas, antes que acabe, tocarei um ponto que se deve unir aos estudos que apontámos; e vem a ser o estudo das Mulheres. Parecerá paradoxo a estes Catões Portuguezes ouvir dizer que as Mulheres devem estudar; contudo, se examinarem o caso, conhecerão que não é nenhuma parvoíce ou coisa nova, mas bem usual e racional. Pelo que toca a capacidade, é loucura persuadir-se que as Mulheres tenham menos que os Homens. Elas não são de outra espécie no que toca a alma: e a diferença do sexo não tem parentesco com a diferença do entendimento. A experiência podia e devia desenganar estes homens. Nós ouvimos todos os dias mulheres que discorrem tão bem como os homens; e achamos nas histórias mulheres que souberam as Ciências muito melhor que alguns grandes Leitores que nós ambos conhecemos. Se o acharem-se muitas que discorrem mal fosse argumento bastante para dizer que não são capazes, com mais razão o podíamos dizer de muitos homens. Compare V. P. uma Freira moça da Corte com um Galego de meses, e verá quem leva vantagem. De que nasce esta diferença? Da aplicação e exercício, que um tem e outro não tem. Se das mulheres se applicassem aos estudos tantas quantas entre os homens, então veríamos quem reinava.

Quanto à necessidade, eu acho-a grande que as mulheres estudem. Elas, principalmente as mães de família, são as nossas mestras nos primeiros anos da nossa vida: elas nos ensinam a língua; elas nos dão as primeiras ideias das coisas. E que coisa boa nos hão-de ensinar, se elas não sabem o que dizem? Certamente que os prejuízos que nos metem na cabeça na nossa primeira meninice são sumamente prejudiciais em todos os estados da vida: e quer-se um grande estudo e reflexão para se despir deles. Além disso, elas governam a casa, e a direcção do económico fica na esfera da sua jurisdição. E que coisa boa pode fazer uma mulher que não tem alguma ideia da economia? Além disso, o estudo pode formar os costumes, dando belíssimos ditames para a vida; e uma mulher que tem alguma notícia deles pode, nas horas ociosas, empregar-se em coisa útil e honesta, no mesmo tempo que outras se empregam em leviandades repreensíveis. Muito mais porque não acho texto algum da Lei, ou Sagrada, ou Profana, que obrigue as Mulheres a serem tolas, e não saberem falar. As Freiras já se sabe que devem saber mais alguma coisa, porque hão-de ler livros latinos. Mas eu digo que ainda as casadas e donzelas podem achar grande utilidade na notícia dos livros. Persuado-me que a maior parte dos homens casados que não fazem gosto de conversar com suas mulheres, e vão a outras partes procurar

divertimentos pouco inocentes, é porque as acham tolas no trato; e este é o motivo que aumenta aquele desgosto que naturalmente se acha no continuo trato de marido com mulher. Certo é que uma mulher de juízo excitado saberá adoçar o ânimo agreste de um marido áspero e ignorante, ou saberá entreter melhor a disposição de ânimo de um marido erudito, do que outra que não tem estas qualidades; e, desta sorte, reinará melhor a paz nas famílias. O mesmo digo das donzelas a respeito dos parentes. Enfim, esta matéria é de tanta consideração para a República, que um homem tão pio e douto como M. de Fénelon, Arcebispo de Cambrai, compos um bellissimo tratado sobre esta matéria (e depois dele alguns Autores Franceses e Italianos, que eu li), em que ensina como se deve regular este estudo, e as utilidades que dele se podem tirar. Ao que eu podia acrescentar algumas experiências e reflexões minhas, feitas sobre as aplicações que eu observei em algumas mulheres.

Reduzindo, pois, em pouco o que se pode dizer nesta matéria, principalmente acomodando-me ao estilo de Portugal, digo que com as mulheres se deve praticar o mesmo que apontei dos rapazes. O primeiro estudo das mães deve ser ensinar-lhe, por si, ou, tendo possibilidade, por meio de outra pessoa capaz, os primeiros elementos da Fé, etc., explicando-lhe bem todas estas coisas, o que podem fazer desde a idade de cinco anos até aos sete. Depois, ler e escrever Português correctamente. Isto é o que rara mulher sabe fazer em Portugal. Não digo eu escrever correctamente, pois ainda não achei alguma que o fizesse; mas digo que pouquíssimas sabem ler e escrever; e, muito menos, fazer ambas as coisas correntemente. Ortografia e Pontuação, nenhuma as conhece. As cartas das mulheres são escritas pelo estilo das Bulas, sem vírgulas nem pontos; e algumas que os põe, pela maior parte é fora do seu lugar. Este é um grande defeito; porque daqui nasce o não saber ler e, por consequência, o não entender as coisas. Deve-se emendar com cuidado este defeito.

Neste mesmo tempo, explicam-se melhor os mistérios da nossa Fé, ornando-os com algumas histórias do Testamento Velho e Novo, que servem para imprimi-los bem na memória. Sei que neste país não há livros vulgares que expliquem bem estas coisas; e era melhor que alguns Religiosos, em lugar de comporem tantas novenas e outras coisas escusadas, compusessem um breve Catecismo Histórico, útil para a Mocidade, porque a chamada *Cartilha* do Mestre Inácio é coisa indigna; ou, pelo menos, traduzir de alguma língua estrangeira belíssimos livros que se acham nesta matéria. Principalmente, seriam úteis os livros que têm figuras, como um, francês, que se intitula *Figuras da Bíblia*, e traz a história

toda da Escritura em figuras, com breves explicações. Não é crível quanto este estudo entre na cabeça dos meninos sem parecer que estudam, mas que se divertem. Este é o ponto principal nos estudos dos rapazes: não amofinar-lhe a paciência, mas instruí-los como quem se diverte. Por isso, me agrada aquele método que alguns observam, ainda antes de lhe ensinar a escrever: pintar as letras do Alfabeto nas cartas de jogar, e, por modo de divertimento, jogar com eles, ensinar-lhe que letra é, mandar-lha proferir, e i-las juntando. Desta sorte, quando aos sete anos se ensina a ler, tem a criança vencido a metade da dificuldade sem o advertir, e facilmente lerá.

Quando a menina sabe ler e escrever sofrivelmente, deve-lhe o Mestre dar alguma ideia da Gramática Portuguesa, a qual neste princípio se reduz a pouquíssimas coisas: mostrar-lhe nos livros que lê as oito partes da oração; ensinar-lhe a força delas; a declinação do Nome; e alguma coisa da conjugação dos Verbos; que o Verbo pede caso etc., e outras coisas gerais. Em terceiro lugar, a Pontuação e Ortografia correcta. Isto compete a rapazes e raparigas: mas eu principalmente o digo das fêmeas, porque os rapazes que hão-de seguir os estudos devem nas escolas estudar mais.

Depois disto, devem-lhe ensinar as quatro primeiras operações de Aritmética, as quais são todos os instantes necessárias para a economia da casa. Isto aprende-se em quinze dias com facilidade, havendo um Mestre que o saiba explicar bem; pois bem se vê que, do ler para diante, requer-se Mestre, visto que as mães não têm todo o tempo, ou paciência, ou doutrina, para isso.

Posto isto, que é o fundamento de toda a educação, e a que nem menos se deve dar o nome de estudo, tem lugar um estudo mais sólido, que é o da História. Isto deve começar por uma Carta Geográfica, na qual o Mestre vá mostrando as principais partes do mundo, especialmente a Palestina, e tudo o que pertence à História Santa. Isto faz-se brevemente; e, tendo o cuidado de procurar na carta as Cidades de que se fala, sabe-se quanto basta para o presente caso, e, sendo este exercício continuo, pode com pouco trabalho aprender muita coisa útil. Depois, dilatará aquela ideia da História Santa, que aprendera no Catecismo, explicando cada dia um passo de História, e no seguinte dia mandando-lhe repetir a substância dela. Com esta ocasião pode incidentalmente explicar a divisão dos tempos e série deles, e as mais famosas épocas do Antigo Testamento, para estabelecer o fundamento da História, sendo que, para este estudo que apontamos, basta uma ideia, e não é necessária uma esculpida Cronologia. Esta História da Bíblia reugula o estudo de

qualquer outra, e serve de confirmar qualquer pessoa na sua fé e religião, que nada mais é que uma colecção da verdades reveladas em ambos os Testamentos, e serve também para entender os sermões, e deles tirar fruto.

Segue-se explicar-lhe, em um compêndio de proporcionada extensão, a História Profana, especialmente a Grega e a Romana, nas quais se acham famosos exemplos de todas as virtudes morais, próprios para regular as acções e animá-las. Estas Histórias devem-se ler devagar, e nos passos famosos devem-se fazer as necessárias reflexões, porque, sem isto, é ler como o Papagaio. Também é coisa útil mandar-lhe escrever o compêndio, ou resumo, de algum passo que leram. Desta sorte imprime-se na memória o que se estuda, e aprende-se a escrever bem; porque o Mestre pode emendar os defeitos de escritura, se é que os tem, e ensina-lhe o pôr, em poucas palavras e com clareza, o seu parecer, sem deixar circunstância essencial. Isto serve muito para as conversações, para tratar negócios, e fazer mil outras coisas que todos os dias são necessárias nesta vida.

Depois da História Universal, segue a particular de Portugal. É justo que as mulheres saibam a História da sua Pátria, e vejam o que tem havido, bom e mau, na história do seu Reino. Não digo que devam ler tudo o que se vai escrevendo na Academia Real sobre esta matéria; basta que se sirvam de um Compêndio, ou leiam o de Faria, etc. No mesmo tempo, aprendem, ou se aperfeiçoam, na Língua Espanhola, que serve muito para ler as histórias e outras obras daquela Nação.

Estes estudos têm a particularidade de não impedir os mais necessários, e que são próprios das mulheres, falo da economia, que se pode aprender no mesmo tempo que se faz o outro. Diz M. Rolin com razão que este é o fim para que a Providência as pôs neste mundo: para ajudarem os maridos ou parentes, empregando-se nas coisas domésticas no mesmo tempo que eles se aplicam às de fora. Por este nome de Economia entendo saber o preço de todas as coisas necessárias para uma casa e a melhor qualidade delas, como também em que tempo se devem fazer as provisões de casa, o que importa muito para poder poupar. Também como se deve preparar um jantar, e com a menor despesa, em cada tempo do ano; e outras coisas destas. Isto não parece nada aos ignorantes; mas parece importante a quem reflecte que, da falta destas coisas, nasce fazerem-se gastos supérfluos, com ruína das famílias. Vemos todos os dias muitas Senhoras (e V. P. conhece algumas) arruinaem as suas casas e rendas com coisas que talvez não são, supérfluas, mas por-

que não sabem gastar; e assim empregam dez no que vale três. Isto não é grandeza; é ridicularia e ignorância. Grandeza chamo eu saber gastar quando se deve, e como se deve, dar esmolas proporcionadas; ajudar os aflitos e beneméritos; pagar as dívidas de algumas pessoas honradas, oprimidas com este peso; e outras coisas destas. Pelo contrário, quando vejo deitar o dinheiro na rua, e gastá-lo sem reflexão, chamo-lhe solenissima loucura.

Além disso, deve uma donzela aprender a ter o seu livro de contas, em que assente a receita e despesa; porque, sem isto, não há casa regulada. Deve também ter alguma ideia do modo de conservar e aumentar as rendas das suas fazendas. Sucede todos os dias que as Senhoras fiquem viúvas e tutoras de seus filhos, ou senhoras absolutas de muitas fazendas: e, neste caso, se não têm alguma ideia e conhecimento destas coisas, não podem deixar de arruinar os seus bens, ainda que lhes pareça que têm feitores de consciência. Esta é uma erudição que uma mulher de juízo pode facilíssimamente ir subministrando às suas filhas e filhos, porque em todo o tempo serve.

(Carta XVI, *idem*)

Texto 6

Método de ensino gramatical

Começo, pois, nesta carta, pela Gramática, que é a porta dos outros estudos, da qual depende a boa eleição dos mais. Porque muitos não entendem o que significa este nome, por isso não fazem grande progresso na Gramática. Eu, ainda que falo com V. P., que o sabe, falarei daqui em diante como se falasse com quem o não soubesse.

A Gramática é a arte de escrever e falar correctamente. Todos aprendem a sua língua no berço; mas, se acaso se contentam com essa notícia, nunca falarão como homens doutos. Os primeiros mestres das línguas vivas comumente são mulheres ou gente de pouca literatura, de que vem que se aprende a própria língua com muito erro e palavra imprópria, e, pela maior parte, palavras plebeias. É necessário emendar com o estudo os erros daquela primeira doutrina. Uma razão, ainda que boa, um pensamento esquisito exposto com palavras toscas ou que não signifiquem o que se quer, desagrade muito, e comumente não persuade. Contudo isso, por muitos séculos se contentaram os homens de falar como primeiro lhe ensinaram.

No século passado, é que ressuscitou este método de ensinar a Gramática da própria língua.

E, na verdade, o primeiro princípio de todos os estudos deve ser a Gramática da própria língua. A razão por que nos parece tão dificultoso o estudo da Gramática Latina (além de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos persuadimos que toda aquela máquina de regras é particular da língua latina, e não há quem nos advirta quais são as formas particulares dessa língua, a que chamam *Idiotismos*, quais as comuns com as outras. Se a um rapaz que começa explicassem e mostrassem, na sua própria língua, que há Verbo, Caso, Advérbio, etc.; que há formas particulares de falar, de que se compõe a sintaxe da sua língua; se, sem tantas regras, mas com mui simples explicações, fizessem com que os principiantes reflectissem que, sem advertirem, executam as regras que se acham nos livros, e isto sem género algum de preceitos, mas pelo ouvirem e exercitarem; seguro a V. P. que abririam os olhos por uma vez, e entenderiam as coisas bem, e se facilitaria a percepção das línguas todas.

Isto suposto, julgo que este deve ser o primeiro estudo da Mocidade, e que a primeira coisa que se lhe deve apresentar é uma Gramática da sua língua, curta e clara; porque, neste particular, a voz do Mestre faz mais que os preceitos. E não se devem intimidar os rapazes com mau modo ou pancadas, como todos os dias sucede; mas, com grande paciência, explicar-lhe as regras, e, sobretudo, mostrar-lhe, nos seus mesmos discursos, ou em algum livro vulgar e carta bem escrita e fácil, o exercício e a razão de todos esses preceitos. Se me tocasse, o fazê-lo, regularia tudo desta maneira: Primeiro, explicaria brevemente as regras, e obrigá-Ios-ia a repetir as mesmas notícias gerais. Depois, dar-lhe-ia um livro de Cartas, v. g. as do P. António Vieira, escolhendo as mais fáceis, ou alguma história pequena (digo: que tivesse capítulos pequenos e períodos não mui compridos) e mandaria que a lessem; e, no mesmo tempo, apontaria quais eram as partes da oração, o que se observa com grande facilidade. Ajuntaria a isto as regras mais principais de Sintaxe; porque, como tudo isto se há-de recozer na Latinidade, basta nesta ocasião uma notícia geral. Feitos estes princípios, ensinaria duas coisas mui principais em matéria de línguas: a primeira é a propriedade das palavras, mostrando-lhe a força de cada uma daquelas que são menos comuns; a segunda é a naturalidade da frase, ensinando-lhe que a afectação se deve fugir em tudo, e que se deve cuidar em explicar tudo com palavras mui naturais. Além disto, ensinaria aos rapazes pronunciar bem e ler expeditamente. Este ponto é mui necessário, achando-se todos os dias homens feitos que lêem soletrando e cantando, e que dizem mil barbarismos, o que tudo procede de não terem tido Mestres que lhes ensinassem bem. Quando os rapazes estivessem mais adiantados, obrigá-Ios-ia a escrever algumas cartas a diversos assuntos, e introduziria entre dois uma correspondência epistolar, ensinando-lhe os tratamentos e modo de escrever a diversas pessoas. Nesta ocasião tem lugar ensinar-lhe a boa Ortografia e Pontuação. É incrível a utilidade que daqui resulta, não só para a inteligência da Latinidade, mas para todos os estudos da vida. Este estudo pode-se fazer sem trabalho algum, e se pode continuar no mesmo tempo em que se explica o Latim, bastando meia hora cada manhã ler e explicar o Português. Isto se pratica hoje em algumas partes da Europa, e só os que não têm juízo para conhecerem a utilidade que daqui resulta, é que negam a necessidade deste método.

Mas aqui deixe-me V. P. lamentar e admirar a negligência dos Portugueses em promover tudo o que é cultura do engenho e utilidade da República. Ainda até aqui não

têm cuidado nestas coisas; e será raríssimo o que souber que esta Gramática pode ser útil. Especialmente noto isto sobre a falta de escritos para instruir um Secretário principiante. (Falo dos secretários dos Grandes, e de tudo o mais, fora das Secretarias Reais). Nas outras Nações há livros que ensinam a qualquer a urbanidade e cerimonial do seu Reino: como escrevem os Reis e os Grandes entre si, e às pessoas de diferentes jerarquias mais inferiores; como os inferiores escrevem a toda a sorte de pessoas de maior esfera, tanto secular, como eclesiástica, etc.; apontam-se os sobrescritos, e põem-se algumas cartas para exemplo. Isto ensina a todos e impede o fazer erros. Mas, em Portugal, é desconhecido este método. Um secretário de um Bispo, ou Cardeal, ou Fidalgo, ou Desembargador, etc., governa-se por uma pura tradição, ou porque assim viu alguma carta, sem mais conhecimento da matéria. Contanto que um moço tenha um carácter comprido e desembaraçado, a que eles chamam *letra de secretaria*, é o que basta. Confesso a V. P. que ainda até aqui não vi secretário algum destes, que soubesse escrever duas palavras com juízo, que tecesse uma carta considerando quem escreve e a quem escreve; em que circunstância; se com dependência, ou sem ela; se por agradecimento de alguma fineza e atenção, ou por outro motivo. Não consideram circunstância alguma destas, as quais porém deveriam considerar muito, porque fazem a carta mais ou menos abundante de atenção, sendo certo que o Secretário deve conservar o decoro de seu amo, mas no mesmo tempo deve procurar que pareça mais cortês que possa ser. Mas isto é o que eles não entendem, e nada mais cuidam que mostrar, não digo a grandeza, mas a soberba de quem escreve. Verá V. P. um pobre Cavalheiro das Províncias, do qual se pode dizer como disse aquele nosso amigo - *Est res angusta domi* -, escrever uma carta com mais soberania e magestade que não fará o Papa, porque este comumente põe - *Dilecto filio* -, e aquele começará uma carta *ex abrupto* e imprudentemente, sem atenção alguma. Os de maior jerarquia ainda fazem pior, e apenas se achará um que não queira mostrar na carta que é mais da pessoa a quem escreve. Por fora costumam pôr - *do Bispo Fulano, do Marquês Sicrano* - etc. Há coisa mais digna de riso do que esta? As cartas mandam-se lacradas para que ninguém saiba de quem são, e nem suspeite o que contém; e estes tais põem e assinam-se de fora! Que o faça o Secretário de Estado, ou outro Ministro, que tem jurisdição pública, é justo, para que todos conheçam de quem é a carta, e se mais suceder perdê-la, quem a achar a entregue, e lhe tenham o respeito que é devido. Mas que o façam os outros, e em negócios particulares, e que o façam por grandeza, merece compaixão. Tenho visto milhares de cartas de Cardeais, Príncipes Soberanos de outros Reinos, e muitos outros Grão-Senhores, e nenhum praticava esta rapaziada. Mas eu vi mais do que isto, porque vi carta de uma grande pessoa, que V. P. conhece, que escrevia a outro mui condecorado, que tinha no subscrito - *A Fulano* -, pondo o simples nome, sem *Senhor*, nem título, etc., e dentro assinava-se, sem lhe fazer cumprimento, como se faz nas Patentes.

Pertencem à classe acima os que carregam o subscrito com todas as circunstâncias de *Pai, Primo, Cunhado*, etc., o que tudo pode dar ocasião a abrir a carta por curiosidade. O mesmo digo dos que põem - *Familiar do S.to Offício* - e outras coisas destas. Basta pôr um título principal, ou, quando muito, dois maiores; os mais já se entendem ou se supõem. Estes são semelhantes àqueles de que já falamos tantas vezes, que, no título das censuras dos livros, põem uma enfiada de empregos velhos - *Ex-Provincial, Ex-*

-*Definidor*, etc. - e dos quais V. P. dizia com tanta graça, que lhes faltava pôr -*Ex-Porteiro*, *Ex-Guardião*, *Ex-Procurador*, etc. -. O pior é que nisto caem também os Seculares, e põem frequentemente: *Colegial que foi no Colégio de S. Paulo*, *Lente que foi de Leis*, ou *de Instituta*, etc. Só lhes falta acrescentara preposição e dizer: *Ex-Colegial*, *Ex-Leitor*, *Ex-Secretário*, *Ex-General*, *Ex-Coronel*. Que, tendo os empregos, o declarem, é mui justo; mas que ponham os que tiveram, e são inferiores aos que hoje têm, é uma vaidade mal fundada, e é querer ser estimado mais pelos empregos, que pelo merecimento. Leia V. P. a história que escreveu Alexandre Ferreira, e verá que no título da obra escreve toda a sua vida. Outros fazem dedicatórias de livros a pessoas grandes e enchem boa meia folha de papel de títulos: *Capitão-mor de cá*, *Alcaide-mor de lá*, etc. Quando tivessem dito: *Marquês ou Conde*, *Conselheiro ou General*, etc., estes títulos sorvem todos os outros. Destes se pode também dizer que lhes esqueceu escrever todas as quintas e casas que possuem, em diversas Vilas e Cidades, as pessoas a quem louvam e dedicam as obras.

Em Itália, seria grande injúria, tratando-se com um grande Príncipe, pôr-lhe todos os títulos, porque era mostrar que são menos conhecidos pelo nome e pessoa.

[...]

Depois de ter escrito isto, me veio à mão uma Gramática Portuguesa, composta pelo P. Argote, Teatino. Verdadeiramente, não é Gramática completa; mas o autor declara que só dá regras para facilitar a inteligência da língua latina. O juízo que formo desta Gramática é este: O autor, introduzindo um diálogo enfadonho, disse, em muitas folhas, o que podia dizer em poucas regras. Os diálogos não servem mais que de fazer mil repetições sem necessidade. Servem de cansar a memória aos rapazes, sem fruto, ensinando-os a falar como papagaio, visto que não entendem o que dizem; quando, pelo contrário, poucos preceitos, bem explicados com a viva voz do Mestre, ensinam mais, com menos trabalho. Isto, quanto ao método. Quanto às regras: O que diz da Analogia das vozes parece-me mui bem; e pode-se ensinar com utilidade. A Sintaxe de *concordar* pode passar; a de *reger* nada me agrada. O P. Argote desamparou o seu mesmo método, por seguir os erros de Manuel Álvares e multiplicar regras sem necessidade, assinando regências falsas, quando tudo aquilo se reduzia a explicar a regência dos casos pelas regras fundamentais, que são mui poucas. Isto é o que deve cuidar o Mestre, reduzindo as regras às verdadeiras causas da regência, apontando algum particular idiotismo, etc., porque isto basta, visto que a Gramática latina também se deve explicar em Português, e com poucas regras.

(Carta I, *idem*)

Texto 7

Ortografia

Devo também dizer a V. P. alguma coisa sobre a Ortografia Portuguesa, notícia que me parece mui necessária e que com todo o cuidado se deve comunicar aos principiantes; pois da falta desta doutrina nasce que, em toda a sua vida, escrevam mal, e, ainda depois de estarem em lugares de letras, é lástima ver como muitos escrevem. E estas reflexões servirão para emendar o que diz o P. Argote nas suas *Regras Portuguesas*, e algum outro.

Isto suposto, e compreendendo em pouco o muito que outros escrevem nesta matéria, digo que os Portugueses devem pronunciar como pronunciam os homens de melhor doutrina da Província de Estremadura; e, posto isto, devem escrever a sua língua da mesma sorte que a pronunciam. Esta é uma singularidade da língua portuguesa, que só se acha nela, na italiana e na castelhana, ainda que esta tenha sua variedade. (Ponho de parte a latina, que é morta). Daqui fica claro que devem desterrar-se da língua portuguesa aquelas letras dobradas que de nada servem: os dois *SS*, dois *LL*, dois *PP*, etc. Na pronúncia da língua, não se ouve coisa alguma que faça dobrar as ditas consoantes. Que se escreva *Terra*. *Perra*, com dois *rr*, entendo eu a razão, e o ouvido me avisa que a pronúncia é fortíssima no *r*, pois, quando não é forte, como em *Pera*, *Caracol*, escreve-se um só *r*. Mas em *Elle*. *Essa*, é coisa supérflua; porque, ou tenha um ou dois *ss*, sempre se há-de pronunciar da mesma sorte. Nas línguas mortas, faço escrúpulo de mudar uma letra; mas, nas vivas, em que nós temos todo o poder e uso, quando a boa pronúncia não ensina o contrário, são supérfluas as repetições.

[...]

(Carta I, *idem*)

CORREIA GARÇÃO

Texto 8

SÁTIRA I

- Corydon, Corydon, que negro fado,
Que frenesi te obriga a ser Poeta!
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos séculos dourados,
Quando achavam Mecenas bons engenhos?
Não sabes que das Musas portuguesas
Foi sempre um hospital o Capitólio?
Viste já que seis urcos arrastassem

Em douradas berlindas um Poeta?
 Não escreve Lusíadas quem janta
 Em toalhas de Flandres, quem estuda
 Em camarins forrados de damasco.
 Quanto mais que esses versos que assoalhas
 São trovas de que os doudos escarnecem,
 Sem que lhes valha o título estrondoso
 Com que talvez pretendas baptizá-los:
 Odes lhes chamas tu; eles murmuram
 Não sei de que palavras. Outro dia
 Me disse Fábio, o douto, o longo Fábio
 Que destes bolos o chavão não tinhas;
 Que no *alcaide* falaste, e nos *bugios*,
 Nos *descalços trombetas*, termos chulos
 E vedados a mélicos cantores.
 Pois um Matúcio, o falador Matúcio,
 Que ainda mais livros leu de quantos teve
 Ptolomeu e conserva o Vaticano,
 Nesta mesma bigorna lá de longe
 Co'a pesada cabeça te martela:
 Que fúria te tentou com tal *alcaide* ?
 Antes *tribuno*, ou já *lidor* dissesse,
 E, se sabes Francês, *sergent*, seria
 Enfeitar o teu cepo mais à moda ...
 Mas tu não falas? Calas-te? Que dizes?
 - Que hei-de dizer, Calfúrnio? Que já cedo
 Como Horácio aos prestígios de Canídia?
 Que as mãos te dou a ti e aos bons letrados,
 Licurgos e Ulpianos de palavras,
 Com que me alegas, com que me intimidas?
 Que alegre borrarei o nome de Ode
 Dos versos meus. que por desastre viram?
 Feliz eu, se consigo com dous rasgos
 Da pena, que maneo tão ligeiro,
 Escapar aos malsins que me pesquisam!
 - E não fora melhor que te deixasses
 De uma arte desgraçada, que os prudentes
 Já calvos Salomões. Padres Conscritos
 Aborrecem, desprezam e condenam ?
 Almotacel que queiras ser de um bairro,
 Excluído serás sendo poeta.

É fúria sem remédio, é cão danado,
 Todos o apupam. todos o apedrejam.
 Tu andas pelas ruas mui contente,
 Com teus grandes canhões. impertigado,
 Inda que baixo e fusco. vás cuidando
 que reparam em ti, que todos dizem
 Com o dedo mostrando a má figura:
 - « Eis o grande Poeta que nos trouxe
 A galante invenção de versos soltos.
 O contágio das Odes, que atrevido
 Quer extirpar a seita dos Sonetos.» -

Mas quanto, Corydon, quanto te enganas!
E certo que te apontam: mas bradando:
- «Lá vai o novo Horácio autor da ode
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide. Circunspectos
Embicando no *varra.* e mais no *alcaide.*
Põem as mãos na cabeça. Clamam que odes
Nunca viram em termos tão rasteiros,
Pensamentos que foram condenados
Nos rústicos escólios de Lucílio.
- Basta Calfúrnio meu. Ante os juízes
Que tão boa sentença proferiram
Quisera retratar-me, e te prometo
De abjurar o estilo que seguia.
Buscarei novas frases, novos termos,
A língua falarei de Palainhos;
As manhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro que nunca mais lhes falte
O sonoro zão zão dos consoantes,
Majestosas ideias sibilinas,
E outros tais atavios com que arreiam
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pisares
O pórtico sagrado de outra Atenas,
Que és estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcádia.
Descendente do Adão do Grande Monte,
Que larga as cãs de prata no Mondego,
Por Ancião famoso e conhecido,
Vai, e por mim o Oráculo consulta.
Pergunta se também o Venusino,
Clara estrela polar, o velho Horácio,
Errou na opinião desses Cujácios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma,
Ante a face de Augusto, em suas Odes
Garridos espadões a mil eunucos,
Ao bom Áfio chamou vil usurário,
A Mévio fedorento, mastim a outro,
Bruxa a Canídia; se varou em terra
Seu baixel alteroso quando disse
De um mau liberto, pródigo e soberbo,
Que fora do verdugo c'o azorrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te falo na velha desonesta,
Que os falsos arrebiques lhe caíam
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enxurrada ...
- Repara, Corydon, que nessas Odes
As palavras que alegas são latinas ...

- Logo pode em Latim dizer-se *preco*,
Porteiro em Português é condenado!
 Ora, Calfúrnio, vai-te; em paz me deixa,
 Que nem me lembro já de tais doutores,
 Qual o grande rafeiro que sevindo
 O dono vai sem reparar nos fracos,
 Insolentes cachorros da cidade.
 Que ora lhe ladram, ora lhos açulam,
 Mal lhe volta o focinho arreganhado,
 E o liso agudo dente que branqueja
 Qual a fouce da Morte os intimida.
 Justo porém será que tu lhes digas,
 Que varra cada qual sua testada,
 Que assás borbulhas tem para coçar-se.
 Que seus versos não leio, que não leiam
 Eles os versos meus, odes ou trovas.
 Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
 Co'a importuna lição dos meus poemas:
 N'Arcádia os leio; alguns dos seus Pastores,
 A quem verde era cinge e adorna a fronte,
 Pejo não tem de lê-los e aprová-los.
 Que se guardem de mim, porque se peço
 Ao campeão de Apúlia a longa espada
 Com que fendia as costas dos Romanos,
 Nem a maldita fama bolorenta
 Dos seus célebres nomes esquecidos,
 Ilesa deixarei: serão cantados,
 E fábula do povo em toda a idade.

(«Obras Completas», in *Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX*,
 Amadeu Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.)

Texto 9

SÁTIRA II

*Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor
 Conde de S. Lourenço*

Não posso, amável Conde, sujeitar-me
 A que às cegas se imitem os Antigos:
 Quero dizer, aqueles Portugueses.
 A que hoje chamamos Quinhentistas.
 O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
 Foram grandes poetas; qualquer deles
 Foi discreto e foi sábio; enfim as Musas
 Lhe embalaram o berço, e lhe cobriram
 Com murta e com loureiro a sepultura;
 Mas nem por isso os pobres escaparam
 À culpa original: têm suas faltas,

Tem seus altos e baixos, têm sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um pedante.
Que vá por onde for há-de segui-los.
Que há-de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom ou mau, isso que importa!
O ponto está que o diga algum daqueles
Que Craesbeeck imprimiu: há maior teima!
As Graças são muchachas, são risonhas,
São fáceis, são suaves: eles querem
À força pôr-lhe brancas e bigodes.
E não lhos sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o pior, mas não imitam
Os versos mais canoros e correntes.
A sisuda dicção, a frase pura;
Aquele ático sal que não conhece
Quem nunca viu o Pórtico de Atenas,
Sequer em caixas ópticas pintado:

Isto é, Anacraonte traduzido,
Aristófonos, Sófocles e Safo,
Sem que fique de fora o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, necessitas
De calças e gibão? Se hoje saíesses
Com jaquete e golilha, quem seria
Tão sério e tão sisudo que pudesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe, gritando, que imitavas
Os distintos Avós que dos Noronhas
A prosápia exaltaram generosa
Nos séculos passados. Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com sossego inalterável
Nos grandes corações. Ora esta regra
Corre a nível d'altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umaz se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fértil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco.
A quem despiu o Inverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquilo que pensamos. A energia
Do discurso e da frase não consiste
No feitio das vozes, mas na força:

Salvo conforme aos gárrulos Trovistas,
Que não te chamam Justo, sem chamar-te
Ou robusto ou augusto; inda que, sábio,

Detestas a lisonja. O raro Apeles.
Rubens e Rafael, inimitáveis
Não se fizeram pela cor das tintas:
A mistura elegante os faz eternos.
Quem não percebe bem este segredo
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, se não há discernimento.
E reina a affectação! Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Atenas.
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente e sábia embasbacar nos gestos
Do mono petulante. Muito pode
A opinião. a teima ou o capricho!
E o Pedantismo pode mais que tudo.
Pois arrasta a Razão, pisa a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Voa por esses ares, sobe ao cume
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da fantástica Fama. Ali se abraça
A Soberba e a Vaidade co'a Preguiça:
Vive a ignorância ali, dali pretende
Ditar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebatou?
Que Demónio me inspira alegorias.
Sem permissão do Tribunal Censório
Dos críticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado;
Há pragmática nova, estreitas regras.
Que obriga a jejuarmos, Poesia,
Tão longa quarentena; e não me espanta
Ver Poetas mirrados, se a abstinência
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portugueses, Cristãos velhos,
Acaso são Gentios, como foram
Pindaro, Homero, Sófocles, Virgílio,
Para inventarem cousas inauditas,
Fábulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatelas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredor,
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão; uma pastora,
Que se está vendo n'água: há melhor cousa?
Quem pode fazer mais? Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou deslocado,
Sem gramática a frase, sem pureza.
E sem graça a dicção; ou enfim tudo
Sem conexão, sem ordem, sem juízo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha, e que as palavras
Sejam humildes, velhas, e caducas.
Sequer de quando em quando. Ah Senhor Conde!

Se isto é ser poeta, bom poeta
Eu o prometo ser em pouco tempo.
Mas tu, Senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do Deus louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pai no Desembargo;
Mas é preciso grande génio, longo
E escolhido estudo: ouvir a todos,
Seguir a poucos: conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia.
E toda a noite: ali se faça branco
O cabelo que foi ou preto ou louro.

(Idem)

Texto 10

CANTATA DE DIDO

Já no roxo Oriente, branqueando,
As prenes velas da troiana frota
Entre as vagas azuis do mar dourado
Sobre as asas do vento se escondiam.
A misérrima Dido
Pelos paços reais vaga ululando,
Cos turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneias.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Cartago lhe apresenta.
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitárias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmóreo sepulcro
Atónita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defunto Siqueu com débeis vozes,
Suspirando chamar: «Elisa, Elisa!»
D'Orco aos tremendos númens
Sacrifícios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos turícremos altares
Negra espuma ferver nas ricas taças
E derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenética delira;
Pálido o rosto lindo.
A madeixa subtil desentrançada,
Já com trémulo pé entra sem tino

No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram
As ilíacas roupas que pependentes
Do tálamo dourado descobriam
O lustroso pavês, a teucra espada.
Com a convulsa mão súbito arranca
A lâmina fulgente da bainha.
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro cristalino peito.
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta.
De roxas espada nas rociadas
Tremem da sala as dóricas colunas.
Três vezes tenta erguer-se,
Três vezes desmaiada sobre o leito.
O corpo revolvendo, ao céu levanta
Os macerados olhos.
Depois, atenta na lustrosa malha
Do prófugo Dardânio.
Estas últimas vozes repetia,
E os lastimosos, lúgubres acentos,
Pelas áureas abóbadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Enquanto os fados,
Enquanto Deus
O consentiam.
Da triste Dido
A alma aceitai.
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assaz viveu;
D'alta Cartago
O muro ergueu
Agora, nua,
Já de Caronte
A sombra sua
Na barca feia
De Flegetonte
A negra veia
Surcando vai.

(Idem)

CENA I

Aprigio, Aldonsa e Branca

Apr. Mil vezes, filhas, já vos tenho dito
Que noite e dia penso e que repenso
Em estado vos dar: o Céu bem sabe,
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;
Mas o tempo correu-me tão avesso,
Tão contrário às magníficas ideias,
Que não acho um plúga a que se possa
Empurrar uma filha sem mais dote
Que seus olhos azuis, louros cabelos.

A/d. Solteiras e contigo viveremos
Honradas e contentes.

Apr. Caras filhas,
Este emprego de zângano que tenho,
Com a alcunha de corretor dourado,
De todo deu em droga, está perdido:
A cada canto um mirra topa a gente,
Tão casado co' a burra e tão cioso
Dos lacrados cartuxos que primeiro
Calado deixará vazar-lhe um olho,
Que pregar-lhe um calote; não se atreve
A bulir nos dobrões; dos próprios dedos
Desconfia e se doi; os chicos guarda
Quais medalhas dos Césares antigos.

Bra. Inda, meu pai, te não pedimos dote;
Deixa correr o tempo, casaremos.

Apr. Algum dia (que tempo venturoso!)
De lá de cima vinham a cardumes
Escudeiros serris, rolhos morgados
Com solares no côncavo da lua.
Pousavam na Betesga ou no Cachimbo,
E mandavam chamar-me logo, logo,
Por um lacaio ou pagem de polainas;
O bisonho jangaz me descobria
O fraco de seu amo; eu lhe levava
Relógios, espadins, outras missangas:
Tudo o boçal jalofo cubiçava;
Tudo se lhe vendia à queima roupa,
Gato por lebre. Eu mesmo vi um destes
Por tres dobras pagar uma pintura
Do Zeuxis do Castelo, e mui sisudo
Jurar que era o painel de Ticiano.
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva...

Ald. Hoje os mesmos caloiros são ladinos.

Bra. Capazes de lograr-nos.

Apr. Porém, filhas,
Quando mais desatados, rijos ventos
Pela breada enxárcia silvam, quando
O mar no fundo muge, então nos topes
Aparece Santelmo aos nevegantes.
Descoberto já tenho outro caminho
De em breve enriquecer e de casar-vos:
Ajustei uma nova companhia
De cómicos e músicos chapados,
Por via de teu mestre. minha Aldonsa,
Do bom Jorre Gavino. Também nela
Inigo quer entrar: esta notícia
Bem creio, Branca, não te desagrada.
Para a despesa do teatro novo
O dinheiro me empresta meu compadre,
O Grande Artur Bigodes, que na frota
Veio há pouco do Rio e vem potente:
Traz infindo dinheiro, papagaios,
Araras e bugios: traz mil cousas.

A/d. Bom proveito lhe faça. E que tiramos
De rico ou pobre vir um avarento?

Apr. O bico tem revolto; mas podemos
O velo tosquiar-lhe com bom jeito:
Finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres;
Chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste
E tua irmã, por morte de Mafalda,
Boa mãe de vocês, dele comadre.

Ald. Triste empresa meu pai! E na verdade
Que fingir-me não sei; mas quando saiba,
Um velho tão sagaz e tão matreiro
Não cai em esparrelas.

Apr. Velhos, moços,
Em todos igualmente se descobrem
As tiranas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

Ald. De que modo
Posso vencer o natural antojo
Que me domina em vendo arregalados
Dum velho destes os sumidos olhos?

Bra. Antes, querida mana, nada custa
Enganá-los, rendê-Ios; que esta gente
Com pouco se contenta. Um leve riso,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

Apr. Tu. Branca, és minha filha; tu saíste
A tua mãe, cigana refinada
Que as almas atraía. Era esta casa,
Enquanto viva foi, era uma corte:
Grandes, pequenos. todos aqui vinham
Beijar a pedra d'ara: as carruagens
Não cabiam na rua: mal entravam
Uns. outros já saíam. Que matrona!
Sempre te carpirei. alma ditosa.
Honra e glória dos Fafes! Porém, filhas.
Quem morreu, já morreu. Nós que ficamos
Façamos por viver, e não se vive
Sem a fome matar.

Ald. Sim; mas a mana
Sabe contrafazer-se. que eu não posso.

Apr. Aldonsa, Aldonsa, que resposta é essa?
Assim pagas o amor com que te trato?

Bra. Meu pai, a mana zomba; descansado
Podes cuidar no mais, que o velho é nosso

Apr. Aldonsa, filha minha, ao velho, ao velho,
Se alívio queres dar a um pai cansado,
Que tanto bem te quer e que deseja
Ver-te casada c' um senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triste correeiro que, bom homem,
Acreditou a lábia do morgado.
Mas vão vocês compor-se e vão vestir-se,
Para mais engodá-lo. Ei-lo que chega.
Vão-se, que logo as chamo.

CENA II

Artur e Aprígio

Apr. Meu compadre,
Cuidei que já não vinhas.

Art. Essa é boal
Eu sou Pilatos? O que digo, digo,
Pão, pão, queijo por queijo. Artur Bigodes
Tem palavra de mglês.

Apr. Assás conheço
O muito que te devo. E que me dizes
Do projecto de que tratámos ontem?

Art. Amigo, amigo Fafes, o negócio
Seus laivos tem de jogo: quase sempre
Vale mais a fortuna que a ciência;

O coração presago é o piloto
Com que se arroja ao mar quem Deus ajuda..
Há delgado chatim que mal entende
Que dous e três são cinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na comenda:
E quantos vemos nós com guarda-livros,
Com seiscentos caixeiros ziguez-ziguez
Dar c' os bodes na areia, e nas esquinas
O bom nome servir-lhes de epitáfio!
Mas deixando preâmbulos, aprovo
A ideia do teatro; é bom projecto.
O ponto só consiste em desbancarmos
O da rua do Conde e Bairro Alto.

Apr. Senhor Artur Bigodes, meu compadre,
Quem tem tão bom amigo não duvida
De abalançar-se à mais custosa empresa.
Este meu tal e qual pouco bestunto,
O trago prenhe sempre e recheado
De soberbas ideias; mas não tinha
Calor bastante na mirrada bolsa.
Para ,o braço chegar a executá-las.
O Céu bem sabe quantas vezes, quantas,
Vociferando disse: - Em hora infausta,
Por longos mares, d'entre nós fugindo,
Se ausentou meu compadre Artur Bigodes,
Coração de Alexandre. farto amigo
Pé-de-boi português. Mal cmpregado
Nos desertos sertões dessas Arábias,
Entre gente boçal, entre bugios!

Art. Manso, fiel amigo! Essas lisonjas
Carapuça não são desta cabeça.
Sou amigo e compadre; isto me basta.
Faço o que devo. Vamos adiante.

Apr. Basta, compadre, bastal As minhas filhas
Muito bem sabes como são galantes.
Aldonsa há-de fazer primeira dama,
Branca a segunda; tu verás pendentas
De seus travessos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Tróias
Em amoroso incêndio chamejando.
Tu mesmo, meu compadre, sem remédio,
Apesar dessas cãs, embaraçado
Hás-de sentir-te na vulcânea rede.

Art. Eu não sou tão sisudo, nem tão velho,
Que viva por demais; enfim, sou homem.
Nem tive nunca coração de pedra,
E pouco bastará para mover-me,
Muito mais as paixões que docemente
Os ânimos revolvem.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos
Em que alturas estamos; entretanto
Te chamo as raparigas. Branca! Branca!
Aldonsa! Venham cá. Adeus com padre.

(*Vai-se*)

(*Teatro Novo. idem*)

ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA

Texto 12

Da região do Tártaro sombria
Tornava Orfeu de Euridice seguido;
E tanto espaço tinha já subido
Que quase a luz do sol já descobria.

Quando o triste. que em vivo fogo ardia.
Da Lei que lhe impuseram esquecido.
Ou da força do cego amor vencido
Os olhos volve à Ninfa que o seguia.

Ah doido Orfeu ! a tua impaciência
Te perdeu; que outra vez a cara Esposa.
Te arrebatava dos Manes a violência.

Mas qual alma será, Jónia formosa.
Que ter amando possa paciência
Para não ver a quem ama saudosa!

(*Poesias, in Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX, Amadeu Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.*)

Texto 13

Em saudosas lembranças elevado
Pelas margens do Tejo discorria
Elpino, que c'o pranto que vertia
O rio aumenta, enternecendo o prado:

Sem governo deixando o pobre gado,
Dele, de si, da choça se esquecia;

Que Marfida cruel, por quem morria,
Lhe não deixa ter livre outro cuidado.

Eis que aparece a Ninfa, e de repente
No alento que toma um doce ai respira,
Com o gosto que tem de a ver presente;

Mas vendo que ela dele se retira,
Suspirando outra vez diz discordante:
« Se me havias de fugir, quem te não vira!)

(Idem)

Texto 14

No liso tronco de um viçoso ulmeiro,
Ao raiar da manhã serena e fria,
Com a doirada seta Amor abria,
Todo em riso banhado, este leteiro:

« Vem, doirado Planeta, vem ligeiro
A encher o mundo todo de alegria;
Pois este que nos trazes almo dia
Foi dos dias de Fílis o primeiro».

Acabou de escrever, e em continente
Um enxame de Amores, que o cercava,
Entoou doces Hinos docemente.

((Longos anos feliz (cada um cantava)
Vive, ó Fílis gentil, vive contente.»
((Vive contente)) - o eco replicava.

(Idem)

Texto 15

Graças te dou, ó sábio Desengano,
Pois já para teu Templo o passo rejoy;
Esta terra que piso, adoro e beijo,
Livre dos laços do traidor Engano.

Aqui no teu Altar. Nume soberano.
Onde tantos grilhões pendentos vejo,
Também deixo as cadeias, que sem pejo,
Tanto tempo arrojey para meu dano.

Respire o coração da Liberdade
Vendo o rosto gentil, que há tanto oculto
Me trazia de Amor a falsidade:

È na Ara, em que rendi infame culto
À que eu mesmo erigi em Divindade,
Lugar só tenha teu sagrado vulto.

(Idem)

Texto 16

Este Altar, que devoto aqui levanto
À sombra deste verde azambujeiro.
Estas rosas, que humilde nele planto,
E derramando estão tão grato cheiro.

Oh Zéfiro suave e lisonjeiro.
Agrário te consagra; tu em tanto
Bate as penas sutis, corre ligeiro
De Erália às eiras, que te aguarda tanto.

Se benigno os meus votos aceites.
E solto o grão da espiga a seca palha
Nas asas pelo ar pronto levares;

Nele as pás te porei passada a malha.
Ancinhos e forquilha, que nos ares
As miúdas arestas lança, e espalha.

(Idem)

Texto 17

Este cesto de anchovas saborosas,
Que inda agora pesquei nesse remanso,
Oh Nereidas gentis do Tejo manso,
Por quem não temo as ondas perigosas;

Aqui nas vossas Aras pedregosas
(Já que tão minguado foi o lanço)
Devoto of'reço; e pois mais não alcanço,
O desejo aceitai, Ninfas formosas.

De hoje em diante fazei que a rede cheia
Tire arrastando à praia mal enxuta,
Onde em vão salte o peixe pela areia:

E vereis em vossa honra nesta gruta
Sempre pendente a lúbrica lampreia,
O solho regalado, a fresca truta.

(Idem)

Texto 18

No tronco de uma faia recostado,
Ao som de um gravíssimo instrumento.
Assim cantando adormecia o vento
Elpino, guardador de pouco gado:

«Infeliz coração! Que triste estado
Te guarda! que tirano, que violento!
Pois conjurados para teu tormento,
Vejo Amor, vejo Auliza, e vejo o Fado.

«Quantas vezes culpei a louca empresa
Com que, deixando vacas e bezerras.
Da ingrata só seguias a beleza!

«Mas já que não me ouviste, arroja os ferros
Adorando fiel quem te despreza,
Vergonhoso castigo de teus erros.»

(Idem)

Texto 19

Glosando o verso de Francisco Rodrigues Lobo

Em quanto livre e sem amar vivia,
Não havia em meu peito outro cuidado
Mais do que defender meu pobre gado
Dos feros lobos que esse mato cria.

Talvez à sombra duma penedia
As aves esperava acautelado,
Talvez da liberdade o doce estado
Cantando ao som da lira engrandecia.

Vendo-me em tanta paz, cruel Cupido,
E crendo a seu império não convinha
Não ter-me ao duro jugo submetido:

Teus olhos me mostrou, Auliza minha,
E desde então por ti trago perdido
«O ser e liberdade que antes tinha ».

(Idem)

Texto 20

Viagem para o Brasil

Sáímos pela barra com bom vento,
Mas, ao terceiro dia de viagem,
Se alçou de nordeste tal aragem.
Que as vagas arrojava ao firmamento.

Sossegado este horrendo movimento,
Em que roncava o mar como um selvagem,
Vimos ao sexto dia, de passagem.
A vinosa Madeira a barlavento.

Na barba da cruel serra Leoa.
Oito dias sofremos calmaria
E o crebro fuzilar com que o céu troa,

Passámos logo a linha ao quarto dia.
E surgimos, com toda a gente boa,
Aos sessenta, do Rio na baía.

(Idem)

Texto 21

Sobre o morro de Vila Rica

Aqui deste agro morro na aspereza,
Que às nuvens alça a feia catadura,
Quanta encerrou a próspera natura,
Aos ousados mortais alta riqueza!

Mas encerrou em vão, que a avareza,
Dos bens insaciável que procura,
Em cem partes rasgou a sua agrura,
E em seu seio cevou a sede acesa.

Correntes de oiro têm daqui manado,
Que de luxo e de vícios largamente
Hão de Europa os impérios inundado.

Ah! quanto melhor fora, oh cega gente!
Que jazendo aqui sempre soterrado.
De tantos crimes não tora a nascente.

(Idem)

Texto 22

O Tieté

Corre. já entre serras escarpadas.
Já sobre largos campos. murmurando.
O Tieté. e as águas engrossando.
Soberbo alaga as margens levantadas.

Penedos, pontes, árvores copadas.
Quanto topa, de cólera escumando.
Com fragor espantoso vai rolando
Nos vórtices das ondas empoladas.

Mas quando, mais caudal, mais orgulhoso.
As margens rompe, cai precipitado.
Atroando ao redor toda a campina.

O próprio retrato é dum poderoso,
Pois quanto mais sublime é seu estado,
Mais estrondosa é a sua ruína.

(Idem)

Pequi e Guarará

Pequi, uma das Ninfas mais formosas
Que em seus vastos sertões o Brasil Vira,
Do Piauí vivia nas ribeiras:
Amava a Guarará e por extremo
Era de Guarará também amada;
Guarará, um garção robusto e destro,
Que nas mesmas ribeiras habitava.
Um dia, que deixando a fria urna
A seu prazer correr na branca areia
Piauí com as Náíades dançava,
A viu passar de Guarará sguida.
Amor travesso, que da Ninfa em torno
Brincando esvoaçava, a alma lhe fere
Com um raio da sua formosura.
Desde este ponto nunca mais sossego
Teve o misero Rio. Na lembrança
De Pequi conservando a viva imagem,
Que Amor profundamente ali gravara,
Mais do que em derramar da fria urna
As cristalinas águas, se entretinha
Longas horas, e só, na opaca gruta
Em contemplar da Ninfa as lindas graças:
E sem o pressentir, desta maneira,
Ao fogo, que as entranhas lhe devora,
Ele mesmo aumentava as cruéis chamas.
Talvez tornando a si de seus transportes,
Da caverna saía e fora de água,
Por ver se acaso a via, em suas margens
A cabeça lançava; a seu arbítrio
Correr talvez deixando as frescas águas,
Por longo tempo na florida beira
Passeando se via pensativo.
Ali a contemplar se punha atento
O lugar onde a vez primeira a vira
Tão bela, tão airosa, que pudera
Á Deusa das florestas dar inveja.
A viva fantasia lhe pintava
Ora os longos cabelos, que espargidos
Em gratas ondas encrespava o vento;
Ora a vermelha boca, os alvos dentes;
Ora os travessos olhos, que o feriram.
Desta arte consumia longas horas
O triste Piauí, e se se azava
Por acaso topar co'a Ninfa bela,
A seus pés se prostrava. Então que rogos,
Que namoradas queixas, com inveja

As Dríades, que espreitam curiosas
 Dos troncos debruçados, não lhe ouviam!
 Que protestos de fé, que juramentos,
 Que promessas não fez! Conchas e pedras,
 Toda quanta riqueza em suas águas
 Aos olhos dos mortais avaro esconde,
 Toda a Pequi oferta, mas debalde;
 Porque a constante Ninfa, que em mais prez
 De Guarará um só terno suspiro,
 Que tudo quanto dar-lhe o mo possa,
 Tudo por Guarará, tudo despreza.
 Cansado de rogar enfim sem fruto,
 O triste Piauí, desesperado
 Às ciladas se volve, e uma sesta
 Que em sua linfa a Ninfa se lavava,
 Por debaixo das águas manso, manso
 Se foi chegando a ela, e de repente
 A lia estreitamente entre os seus braços.
 A incauta Ninfa, ao ver-se assim travada,
 Em altos brados rompe, e em vão lutando
 Por fugir e desliar-se se afanava.
 Guarará, que a Pequi acompanhava,
 E na vizinha silva se entretinha,
 Enquanto ela no rio se lavava,
 A seus gritos acode alvorotado;
 Com ele cego investe, e denodado
 Das mãos lhe arranca a consternada moça
 Piauí com a dor que na alma sente,
 Vendo de entre seus braços arrancada
 A Ninfa que por sua já julgava,
 A Guarará se envia, e furioso
 A cabeça dobrando, o forte peito
 C'uma das pontas, que lhe brotam nela,
 Num momento lhe passa. Sobre a terra
 Cai morto Guarará, e desmaiada
 Cai a bela Pequi; então depondo
 Piauí (que tomou deste sucesso
 De bravo o apelido) a brutal raiva,
 À linda Ninfa acode, e nos seus braços
 A toma compassivo. Largo espaço
 Sem sentimento esteve a infeliz moça.
 porém tornando a si, apenas sente
 Que do Hio nos braços repousava,
 Qual rápido fuzil dele se arranca;
 E cheia de furor, Piauí cobre
 De um chuva de afrontas; porém ele
 De sua inútil fúria não curando,
 Ligeiro se levanta, e a prender volve
 Entre os braços a inconsolável Ninfa.
 Vendo-se a triste então em tanta afronta,
 Aos Numes exclamou: «Numes Sagrados!
 Pois consentistes que infeliz perdesse
 Em Guarará o bem que possuía,
 Não consistais que eu fique por despojo
 Em poder deste bárbaro homicida:
 Se sois justo, tirai-me a triste vida!»

Inda a Ninfa acabado bem não tinha.
Quando o Rio, em lugar da amada Ninfa,
Abraçado se viu a um duro tronco
Em que subitamente se tornara;
Que inda hoje vegeta com o nome
Da mesquinha Pequi, e logo observa
Que as lágrimas piedosas, que chorara
Em sua dor a delirante Ninfa,
Em cintilantes pedras se tornaram,
Que na cor e figura representam
D'água os brilhantes pingos, e de que hoje
Inda a sua ribeira tanto abunda.
Então volvendo a Guarará os olhos,
Viu que o mesmo lambém se convertera
Em transparente pedra, que imitava
Na cor amarelada e rubras manchas
Do morto Guarará a cor e o sangue.
E de tantos portentos aterrado,
De seu infausto amor a adversa sorte,
E o triste fim da malograda Ninfa,
A carpir se meteu na umbrosa gruta.

(*Metamorfoses. idem*)

Texto 24

O Hissope - CANTO I

Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o hissope excitou na igreja de Elvas.
Musa, tu, que nas margens aprazíveis,
Que o Sena borda de árvores viçosas,
Do famoso Boileau a fértil mente
Abrasaste benigna. tu me inflama;
Tu me lembra o motivo; tu as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o prelado e o seu cabido.
Nos vastos intermundos de Epicuro
O grão país se estende das Quimeras.
Que habita imenso povo, diferente
Nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e daqui manda
Aos vaidosos mortais as várias formas
De seges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes. de palavras;
Unico emprego de cabeças ocas.
Trezentas belas, caprichosas filhas
Presumidas a cercam e se ocupam

Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa,
Escolástica, vã filosofia,
Que os claustros inundou e que abraçaram
Até à morte os pérfidos Solipsos.
Daqui saíram, a infestar os campos
Da bela poesia, os anagramas,
Labirintos, acrósticos, seguros,
E mil espécies de medonhos monstros,
A cuja Vista as musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas grutas do Parnaso.
Aqui (coisa piedosa!) alçou a fronte
A insípida burlata, que tirana
Do teatro desterra indignamente
Melpómene e Talia, e que recebe
Grandes palmadas da nação castrada.

Do denso vulgo que o país povoa,
Uns com pródiga mão ricos tesouros,
A troco duma concha ou borboleta,
Ou duma estranha flor, que represente
As vivas cores do listrado íris,
Dispendem satisfeitos; outros passam
Sem cessar revolvendo noite e dia
Do antigo Lácio antigos manuscritos,
Do roaz tempo meio consumidos,
Para depois compor grossos volumes
Do - h - sobre a pronúncia; ou se se deve
A conjunção unir ao verbo ou nome,
Que marcham antes dela no discurso;
Alguns (mísera gente!) inutilmente
Compõem grandes Iliadas e tecem
Aos vaidosos magnatas mil sonetos,
Mil pindáricas odes e epigramas,
A que apenas de olhar eles se dignam.

Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar três anticiras,
Abraçados se crêem de um santo fogo
E ter comércio com os altos deuses;
Senhores da áurea fama e seus tesoiros
Se inculcam aos heróis, e em seus delírios
Se julgam mais felizes e opulentos
Que o grande imperador da Trapizonda;
Enquanto na pobreza submergidos.
Cobertos de baldões e de impropérios
Dos ricos ignorantes e dos grandes.
Com mofa e com desprezo são olhados.

Deste, pois. populoso e vasto império
Em paz empunha o ceptro soberano
O génio tutelar das Bagatelas.

Num majestoso alçácar, que se eleva
Com estranha estrutura até às nuvens,
Assiste o grande Nume, e dali rege
A lunática gente a seu arbítrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edifício, que sustentam
Cem delgadas colunas de missanga;
Nos quatro lados, em igual distância,
Quatro torres de lata se levantam,
Do capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a maléria cede muito à arte.
Aqui, pois, a conselho chama o Génio
Do seu império os principais dinastas.

Num vistoso salão, todo coberto
De papel prateado e lentejoilas,
Se ajunta a grande corte; e ali, por ordem,
Assentando-se vai: aos pés do trono,
De alambres e velórios embutido,
A Lisonja se vê e a Excelência;
Segue-se a Senhoria, e abaixo dela
O Dom surrado, as grandes Cortesias,
O Whist, o Trinta-e-um, os Cumprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilégios.
Os Silfos, Salamandras, Ninfas, Gnomos
E os outros génios da subtil cabala.
De mil vãs Cerimónias rodeada,
Os assentos reparte a Precedência.

Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o régio sólio e o pavimento,
E assentos e assistentes assustados
Tudo caiu por terra. Então o génio.
Alçando um pouco a voz: «Basta (Ihes disse);
Eu disputas não quero em meu conselho;
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
E o que escrevo uma vez llunca mais borro.»

Aqui, com rosto um pouco carreg-ado.
O conclave despede: c logo chama
A vistosa Lisonja, que, num ponto,
Cem caras, cem vestidos, cem figuras.
Cem línguas toma, e muda brevemente
De palavras e tom, segundo o gosto
Dos que o govcrno tem, e assim lhe fala:
«Magnata principal da minha corte.
Eu, para executar este projecto.
Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpri-lo: pois de luas artes
E de ti só confio a grande empresa.»

Acaba: e, mais veloz que a leve seta
Parte do itureu arco, ou na alta noite
Brilhante exalação correr se observa.
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Junto da boca do cruel Averno
A província se vê da Dependência.
Cujos campos retalha, murmurando.
Um pequeno ribeiro de água turva;
Não cria em suas margens tronco altivo,
Mas só ervas humildes e rasteiras
Produz o seu humor; se algum ar busto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas:
Funesto influxo do licor maligno
Que o suco lhe mistura! Aqui, voando.
A Lisonja chegou; e, enchendo de água
Uma pequena infusa que trazia,
As asas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares; mil cidades.
Mil povos deixa atrás, até que chega
Da famosa azeitona à grande terra.

CANTO II

[A Senhora pede o auxílio da Discórdia]

Nas entranhas do Ródope escabrosas
Uma furna se rasga, tão medonha
Que um gelado tremor, à sua vista,
Dos tímidos mortais os ossos corre:
Aqui, lutando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de opostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones e cerastas; a Discórdia
Aqui morada tem, aqui seu trono.
A este horrendo hospício a Senhora,
Batendo as rédeas às pomposas aves,
Guia o vistoso carro. Espavorido
Da triste vista do medonho albergue,
Três vezes quis atrás voltar o voo
Das belas aves o vistoso tiro,
E três vezes o génio vingativo
Sacudindo, irritado, o longo açoite.
O constringe, Por fim, a tomar terra.
Ali do carro desce e às palpadelas
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombria estância
Assiste a cruel deusa, cujo rosto
Apenas se divisa à luz confusa,
Que espalham respirando de contínuo
Por olhos e gargantas mil serpentes.
Aqui o génio chega, e, derribado
Pela terra que beija humildemente.
Desta sorte falou: « Nume terrível
Cujo grande poder, cuja vingança
A terra faz tremer e o mesmo Olimpo,

A teus pés hoje chega a Senhora,
Atrozmente ultrajada; o teu socorro
Contra a fera Excelência humilde implora.
Se de peitos ilustres glória e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males, tu castiga
De um génio insultador a petulância.

CANTO V

[No Convento dos Capuchos]

Quis então a fortuna que este fosse
Um dos padres mais graves da província,
Ex-guardião, ex-leitor e jubilado,
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Pregador de grã-fama na cidade.
O bom Lara, que havia longo tempo
Que nesta santa casa não entrava.
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cerca entrando juntos, se oferecem
As areadas ruas, as estátuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que em torno
O virente jardim adereçavam:
E não bem quatro passos tinha dado,

(O Hissope. idem)

Texto 25

ACTO I - C E N A I

*Sala em casa de D. Lançarote, com mesa de chá,
que Petronilha estará servindo; Lisuarte e D. Tadeu ao
pé de Petronilha; Carmosina em pé e um lacaio.*

D. TADEU

Que primoroso chá! O cheiro, o gosto
Não mentem, logo mostram que é da Rússia.
Amigo Lisuarte, eu nestas coisas
Bem posso decidir magistralmente;

Sem jactância dizer que não se encontra
Daqui às portas da famosa Roma,
Quem entenda melhor destas bebidas.
Não é assim?

LISUARTE

Depois de o decidires,
Fora muito incivil se o duvidara.

D. TADEU

Amigo Lançarote, onde o compraste?
Quanto custa o arrátel? Porque quero
Fazer dele um regalo a certo grande.

LANÇAROTE

Eu, senhor D. Tadeu, sou homem liso,
Nem me valho do engano dos amigos,
Como talvez costumam os bazófiás,
Para fazer valer as minhas cousas:
Este chá não é raro, é do que trouxe;
Essa não, que da China há pouco veio.

D. TADEU

Com que entendestes que falava sério?
Enganar-se Tadeu nestas matérias
Não o creiais, amigo Lançarote:
Apenas se lançou o chá do bule,
Que a *Haison* me cheirou: não quis dizê-lo,
Porque quis, escusai-me, experimentar-vos;
Porém dobrando nesta parte a folha,
Em tudo, Lançarote, sois magnífico:
Gosto muito de vós, porque no trato
Um cavalheiro pareceis da gema.

LANÇAROTE

Desejo obsequiar a quem nos honra.

LISUARTE

O Senhor Lançarote é muito honrado.

D. TADEU

Honrado, dizeis vós? Isso não basta;
É César, é Catão, é Tito Lívio.

LISUARTE

Perdoai-me; julgava que em chamar-lhe
Honrado, muito mais o elogiava.

D. TADEU

Esta gente vilã há-de enfunar-se.
Que assim melhor a lâ cardar se deixa. (*À parte
para Lisuarte*)

LISUARTE

Dcve o homem de bem falar sincero. (*À parte
para D. Tadeu*)

D. TADEU

Filosofia temos: forte seca! (*À parte*)

CENA II

Os ditos e Lúcio

LÚCIO

Bons dias, meus senhores.

LANÇAROTE

Senhor Lúcio.
Benvindo; traze. Silva, uma cadeira;
Carmosina, a buscar corre uma xicara.

LÚCIO

Sem incómodo.

PETRONILHA

Aqui o senhor Lúcio
Tem um lugar, se for do seu agrado.

LÚCIO

Tão distinto favor vaidoso aceito. (*Senta-se
ao pé de Petronilha*)

D. TADEU

Aborrece-me este homem, mais que as moscas.
(*Aparte*)

Senhora Petronilha, estais tão bela
Que, à vista desses olhos matadores,
Não precisa Cupido de outras setas.

D. TADEU

Amigo Lúcio, estais muito sisudo;
Deixai melancolias por agora.
Dizei-me, fostes ontem ao Bairro Alto
A ver a Ópera?

LÚCIO

Não.

D. TADEU

Pois certamente
Que perdestes, amigo, um grande drama.
Oh que drama!, oh que drama!, oh que espanto!
Que gosto ver a gente pelos ares
Voar uma cidade com seus muros,
Sem que uma velha chaminé lhe caia!
E no mesmo lugar e ao mesmo tempo
Ver o mar coalhado de baleias,
Ouvir uma medonha trovoada,
Que as cenas cobre de uma espessa nuvem
De fumo, e de terror os circunstantes;
Ver saltando pelo ar uma cabeça
Que fala enquanto canta outra figura!
Isto, senhores, sim, que alegra o olho,
E não estas insípidas comédias
Sem enredo, sem lances e sem vistas.

LÚCIO

A boa imitação da Natureza
Me entretém muito mais que ludo isso.

D. TADEU

Também vós sóis, Amigo, dessa escola
Dos que alegam sem nunca tê-los lido.
E muitos, o que é mais, sem entendê-los,
Com gregos e latinos? Esse gosto
Se foi bom, só o foi em Grécia e Roma:
O gosto português é de outra laia.

LÚCIO

Segundo isso, a razão e a natureza
Não são as mesmas sempre em toda a parte?

D. TADEU

Não, senhor: nós vivemos em Lisboa,
Aonde há bons autores e poetas,
Sem nunca terem lido esses autores;
Devemos imitá-los e segui-los;
Devemos imitar os nossos velhos,
Sem querer saber mais que eles souberam.

LANÇAROTE

Eu disse nada entendo; mas confesso
Que me agrada, senhor, o vosso voto.
Que excelente comédia foi aquela
Que vi representar na minha infância,
Tambien en el abismo se ama, creio
Que por título tinha. Oh que tramóias!
Oh que vistas! Encheu-se todo o pátio
Da melhor gente que em Lisboa havia:
O teatro ganhou muito dinheiro.

D. TADEU

Isso, meu Lançarote, não tem duvida;
Mas hoje, que miséria! Tem-se alçado
Um enxame de moscas ou poetas
De grego e de latim enlabuzados,
Que intentam saber mais que tantos sábios;
Mas, coitados, mais pena lhes não quero
Que deixá-los com suas frioleiras
E com seu verso solto, que tem pilhas. (...)

ACTO I - CENA V

D. TADEU

Ora ide-vos, cuidei que éreis mais lido,
Que sabíeis melhor do ponto de honra.
Isto sempre foi caso de duelo:
Ide, lêde as comédias castelhanas.

LISUARTE

Bons textos me alegais e bons doutores!

D. TADEU:

Que dizeis? Que dizeis? Com que não prestam
Salazar, Calderón, Matos e Vega?
Moreto e Montalvão são peixes podres?

LISUARTE

Foram homens de engenho, mas erraram
A verdadeira estrada em suas obras.
Por não falar em pontos mais escuros,
Quase sempre se vê triumphar o vício;
Trajando falsas, agradáveis cores,
Mil danosas sentenças semearam;
E dourando o veneno, corromperam
O coração da incauta mocidade.

D. TADEU

Nunca tal cousa vi, antes os tenho
Visto gabar por bons a muita gente,
Pregadores, teólogos, juristas.
O meu Letrado, que é dos bons da Corte,
Já com um alegou em certo pleito.

LISUARTE

Que terminante lei! *Aposto*, Amigo,
Que venceu a demanda? *(com ironia)*

D. TADEU

Boa dúvida!
Mas sejam bons ou maus esses autores,
Com isso nada tenho, nem importa:
Meus avós, que nos campos africanos
Encheram de terror, a lança em punho,
Mequines, Tetuão, Fez e Marrocos,
Por muito menos que isso costumaram
Açoutar, esfolar, cortar orelhas.

ACTO II- CENA X

Lisuarte e os ditos

LISUARTE

Amigo D. Tadeu, às vossas ordens.

D. TADEU

Sejais, senhor Filósofo, benvindo.

LISUARTE

Se esse nome me dais por motejar-me.
Entendei que eu por honra o recebera.
Se com razão pudera merecê-lo.

D. TADEU

Vejo que honra perdeis. que honra perderam
Os vossos descendentes! Certamente
De novo timbre o elmo cobririam
Se nas árvores vissem de costado
Um colchete ocupado dum filósofo.

LISUARTE

Se amassem a virtude, o estimariam.

D. TADEU

Lisuarte. deixai-vos de loucuras:
O estudo, a aplicação somente toca
A essa gente vilã: um cavalheiro
Deve seguir na vida outra vereda.

LISUARTE

Segundo esses princípios. ignorante
Deve logo ser?

D. TADEU

Não; basta que saiba
Entender se um vestido está à moda.
Bem frisado um topete e bem erguido:
Que jogue o whist. e danse um minuete.
Que entenda de um farsi, duma ameleta.
Se é de Moca o café, se o chá tem mofo:
E para divertir algumas horas.
Que leia alguns tominhos de novelas.
Ou de Lenclos as Cartas amorosas.

LISUARTE

Que excejente instrução! Por esse modo
Serão bons cidadãos; úteis à Pátria. *(Com ironia)*

D. TADEU

Se não forem. quais vós, grandes filósofos,
Serão, quais devem ser, grandes fidalgos. (...)

ACTO III - CENA X VII

D. TADEU

Que é o que por mim passa! Eu espancado!
Dos meus desamparado! Escarnecido
Com tanto opróbrio meu, de todo o povo!
Mas este é sempre o fruto que recolhe
Quem das próprias paixões segue o capricho,
E de paixões tão loucas como as minhas;
Quem os ouvidos fecha aos bons conselhos
Do sábio virtuoso; quem escolhe
A companhia vil de homens perdidos,
Que procuram dos grandes com a sombra
Seus delitos cobrir. Pois que remédio?
Que remédio? Tadeu, mudar de vida;
E se até hoje escândalo da gente
Fui com minha soberba, com meus vícios,
Desde aqui detestando a vã ideia
De um heroísmo falso, que seguia,
Dar-lhe em minhas acções justas, honradas.
Altos exemplos de imortal virtude.

(O Falso Heroísmo. idem)

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA

Texto 26

● Passeio

A vós que favor me dais.
Ilustre e sábio Martinho,
Que meu fraco engenho alçais,
E das letras o caminho,
Dentro delas, me mostrais;

Homem são e sem reserva,
Que podes sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:

Vosso servo hoje se atreve
A mandar em má poesia
Bons desejos que ter deve;
Que tenhais paz e alegria.
Mais que o triste, que isto escreve.

Que nessas vastas campinas,
Que assombram ermos outeiros,
Vivais horas mais benignas,
Livre de duros banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas.

Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho,
Com o conde passeai;
Ide adoçando c'o filho
Justas saudades do pai.

Ensinai-lhe altas verdades.
Aos vossos olhos patentes;
Mostrai-lhe nessas herdades
Os prazeres inocentes.
Que furgiram das cidades;

Que ame a pura singelca.
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza,
(ue uma é obra da ventura,
E a outra da natureza.

Mas voltando a nós a mão,
Vós, filósofo profundo.
Que conversais com Platão.
Vcde se lhe achais um mundo.
Que nos encha o coração;

Que este em que estamos, senhor,
Sempre surdo a são conselhos,
Volve a roda a seu sabor;
E dizem pilotos velhos.
Que vai de mal a pior.

Quantas vezes nós falamos
Sôbre a sua natureza?
Quantas mazelas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condenamos.

O bom Demócrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Ele mui bem o entendia;
Vamos nós também, senhor,
Fazer o que ele fazia.

Dos homens na vã loucura
Um pouco meditaremos;
E com alquimia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura.

Quando vierdes, então
Correremos a cidade;
Uns que vêm, outros que vão,
Acharemos à vontade
Onde metamos a mão.

Vcemos o vão peralta
Calcando importuna lama.
Que as alvas meias lhe esmalta.
Na esteira de esquiva dama.
Que de pedra em pedra salta.

Aos cafés iremos vê-lo
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovelo
Tendo à esquerda sobraçado
Gigante chapéu de pelo:

Ali em regras de dança,
Com outros tais conversando,
Dirá que desde criança
Andou sempre viajando.
Que viu Londres, que viu França:

Que gastou grossos dinheiros:
Pois vcr com sossego quis
Cidades, reinos inteiros;
Jura que como em Paris
Nunca achou cabeleireiros.

Exalta os molhos franceses
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará às vezes.
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portugueses;

Chamará à pátria ingrata;
Murmurará do governo.
Que do bom gosto não trata.
E consente que de inverno
Haja fivelas de prata.

Em dois minutos emenda
O mundo que vai perdido;
E quer que com ele aprenda
Em que quadra e em que vestido
São próprios punhos de renda.

Carregando a sobancelha,
A falar na história salta;
E logo da França vélha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha:

Faz ao bom Sully justiça,
Que os fios da espada embota
Ao rei, que em furor se atia;
E não lhe esquece a anedota,
«Que um reino vale uma missa.»

Fula em São Bartolomeu
E quase que as gotas conta
Do sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da história que nunca leu.

Riremos do seu estudo.
Porque só o tem mostrado
Em ter chapéu gadelhudo
Em tercanhão cerceado.
E em por demais um canudo.

Iremos ouvir mil petas.
Quando mais o sol se empina,
Vendo acérrimos jarretas,
Junto a Santa Catarina.
Argumentando em gazetas:

Um quer a cabeça dar.
Se o conde d'Estaing não fez
Trinta naus desarvorar;
Outro levanta em um mês
O cerco de Gibraltar:

Um, riscando a terra, ensina
Co'a bengala a geografia:
E nos diz com quem confina
Ao poente e ao meio-dia
A Geórgia e a Carolina:

Outro aos ingleses deseja
Na armada o fogo ateadado;
E pinta em crua peleja
Dez *lords* fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:

Outro conta os graves danos
Que esta gazeta declara
Tiveram os castelhanos:
E o triunfo inglês compara
C'os triunfos dos romanos.

Ao seu partido se aferra;
Diz que inda c'os mastros rotos
Ao mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca a Inglaterra;

Dão ao leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concílio profundo.
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo.

Dado enfim o inglês à sola,
Qualquer dos ditos confrades
Na rota capa se enrola:
E tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola.

Dali, senhor, voltaremos
Pelas praças principais:
Que belas cousas veremos!
Que famosos editais
Pelas esquinas leremos!

((Chegou *monsieur* de tal.
Químico em Paris formado;
Traz segredo especial:
Um elixir aprovado.
Um remédio universal.

«Não pretende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo.
Tira, pelo amor de Deus.
Os dentes a todo o mundo.»)

Iremos ler no outro lado,
Onde acaso os olhos pus:
« Em quarto grande, e estampado,
Saiu novamente à luz
Carlos Magno comentado.

«Na mesma loja hão-de achar:
As Obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão-de dar;
E o CavaLheiro Cristão,
E as Regras de Partejar.»)

Destas ridicularias
E de outras tais murmurando
Co'as nossas filosofias.
A tarde iremos gastando
Té que dêem Ave-Marias;

Então, já quando em cardume
Sai gente da Fundição,
Como sabeis que é costume,
E já as vizinhas vão
Pedir às vizinhas lume;

Quando a dama requestada
Um vulto na esquina vê,
E diz à fiel criada,
Que desça pé ante pé.
E tome o escrito na escada;

Quanda todo o ginja rico
Para casa a proa inclina.
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o Joanico;

Então, meu senhor, teremos
Função de mais alto preço;
A certa assembleia iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde à vontade riremos.

Feita a geral cortesia.
Pé atrás, segundo a moda.
Daremos à mãe e à tia.
E depois a toda a roda.
Alto e malo senhoria.

Pouco às filhas falarei;
São feias e malcriadas;
Mas sempre conseguirei.
Que cantem desafinadas
«De saudades morrerai».

*(Sátiras, in Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX, Amadeu
Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.)*

ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

Texto 27

CENA VII

D. LANCEROTE - Quem são os culpados?
SEMICÚPIO - As senhoras suas sobrinhas, que são
umas finas ladras.
D. LANCEROTE - Minhas sobrinhas ladras? De
que sorte?
SEMICÚPIO - Desta sorte; vamos saindo cá para
fora. (*Vai Semicúpio trazendo a todos para fora*).
Porque vistos estes sucessos, consta que a se-

- nhora D. Nise furtou o coração do senhor D. Fuas, e a senhora D. Clóris o de D. Gil; e assim é de razão que lho restituam, casando com eles; porque no matrimónio se entregam os corações com as vontades.
- D. FUAS - Em cumprimento da sentença, eu a execute pela minha parte igualmente alegre e admirado desta rara inventiva de Semicúpio.
- D. NISE - É de justiça esta acção; que alegria!
- D. GIL VÁZ - D. Clóris, dá-me o coração, que me tens na mão, que te peço.
- SEMICÚPIO - Isso é falar com o coração nas mãos. Senhora D. Clóris case-se, mas não se arrependa.
- D. CLÓRIS - Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego em recompensa do que lhe roubei, se acaso é furto o que se dá por vontade.
- SEMICUPIO - D. Tibúrcio tenha paciência e pague as custas de permeio com o senhor D. Lancerote, já que foram tão basbaques que se deixaram enganar de mim, Semicúpio, tantos de tal mês, etc.
- D. TIBÚRCIO - Senhor tio, seja-lhe para bem, que aqui já não há para onde apelar.
- D. LANCEHOTE - Nem eu me posso agravar, quando o matrimónio é o ditoso fim destes excessos.
- SEVADILHA - Quem casa a tantos, por que se não casa a si?
- SEMICÚPIO - Não me fales em remoques; já sei, Sevadilha, que queres casar comigo. Pois a sentença passou em coisa julgada, dêmos as mãos e a boa vontade.
- SEVADILHA - Oh discreta mão que escreveu tal sentença!
- FAGUNDÉS - E que há-de ser de mim, Semicúpio, que neste negócio também dei minha penada?
- SEVADILHA - Em vindo a frota, virá teu marido.
- D. GILVAZ - E pois te consegui, galharda Clóris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impossíveis.
- D. FUAS - Tende mão que não é justo que roubeis à Manjerona a parte que lhe toca no aplauso que merece; pois à sombra de suas folbas conseguistes muita parte da dita que possúis.
- FAGUNDES - Isso é verdade, senão diga-o a escada e a caixa.
- D. TIBÚRCIO - Foi boa caixa.
- D. GILVAZ - Que importa que a Manjerona abra os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleios?
- SEMICUPIO - Senão diga-o também o fogo selvagem, a medicina, a ministrice e a mãe de duas filhas.
- D. TIBÚRCIO - Pois que vai, senhor tio? É bico ou cabeça?

- D. LANÇEROTE - Paciência por força.
- D. CLÓRIS - Não se pode negar que venceu o meu Alecrim, pois ele tocou na meta, pondo fim a nossos desejos.
- D. NISE - A Manjerona só merece aplausos, porque deu, princípio a esse fim.
- SEMICUPIO - Então, visto isso, venceu o Malmequer, pois ele foi o meio entre o princípio da Manjerona e do Alecrim.
- SEVADILHA - Pois viva o Malmequer.
- D. GILVAZ - Tenho dito, venceu o Alecrim.
- D. TIBÚRCIO - Se a eficácia das razões não basta a convencer-vos, esta espada fará confessar o triunfo da Manjerona.
- SEMICUPIO - Deixe estar a folha, que as da Manjerona não são o Alcorão de Mafoema para que se defendam à ponta da espada; e pois estou feito juiz, pela autoridade que tenho, declaro que ambas as plantas venceram o pleito, pois cada um fez quanto pôde; e para que se acabem essas guerras do Alecrim e Manjerona, mando que os dois ranchos façam as pazes e ponham perpétuo silêncio nessa matéria, sob pena de serem assuntos de minuetes e andarem por boca de poetas, que é pior que pelas bocas do mundo.
- TODOS - Pois viva o Alecrim e a Manjerona.
- SEMICUPIO - E viva todo o bicho vivo.
- D. LANÇEROTE - Vivamos todos, meu sobrinho.
- D. TIBÚRCIO - Essa é a verdade.
- SEMICUPIO - E como não há triunfo sem aclamação, enquanto o coro não principia a festejar este aplauso, coroemos esta obra, com as ramas da Manjerona e Alecrim.

CORO

- D. NISE e D. FUAS - Viva a Manjerona,
Perpétua no durar;
- D. CLÓRIS e D. GILVAZ - Viva o Alecrim,
Feliz no florescer.
- TODOS - Viva a Manjerona,
Viva o Alecrim,
Pois que um soube vencer
E a outra triunfar.
- D. NISE e D. FUAS - No templo de Cupido,
Trofeu de amor será;
- D. CLÓRIS e D. GILVAZ - Nas aras da fineza
Em chamas arderá.
- TODOS - Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que um soube vencer,
E a outra triunfar.

(Guerras do Alecrim e Manjerona, in Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX, Amadeu Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanistas, s.d.)

CENA III- I PARTE

Praça com pórtico. Sai Saramago e canta a seguinte

ÁRIA

Venho da guerra e vou para casa;
venho da guerra e vou para a guerra.
Se há guerra na guerra,
há guerra na casa.
A casa da guerra
é a guerra da casa.
Venho da guerra e vou para a guerra;
venho da guerra e vou para casa.

Representa. E, quando nada, estamos defronte da nossa casa, que mal cuidei que a tornasse a ver! Ah, Senhores, grande cousa é o buraco da nossa casa, mais que seja esburacada, que mais vai a casa com buracos, do que o corpo com os das balas; e, pois elas já passaram, sem eu ficar passado, vamos ao caso. Parece-me que já estou vendo chegar à porta e petiscar no ferrolho, chegar à janela a minha

Cornucópia e, apenas me vê, lançar-se logo da janela abaixo e levá-la o Diabo de meio a meio; e ali se abraça comigo, e eu com ela, e assim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntar-me: *Que novas me dás do meu Anfitrião?* E eu, apressado, lhe respondo: - *Ele fica com saúde, com uma perna quebrada; e, para Livrar-te de sustos, aqui me envia, que por esta via te diga que le reben-tando aqui ali pela manhã e que no entanto te vás divertindo com esta joia, que foi El-Rei Terela, a qual te manda por mim, que sou muito fiel.* E não há dúvida que Alcmena, vendo a jóia e ouvindo a notícia, me mete à força na algibeira vinte dobrões; e, se isto há-de ser assim, não te dilates, Saramago! Se agora és Saramago, verde na esperaça do prémio, logo serás Saramago, maduro na posse do fruto. Ora vamos andando para casa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-se com as cócegas do Sol. (...)

CENA VI - II PARTE

Saramago. Ainda bem! Quanto folgo!

1.º Preso. Aqui não temos que fazer, que este parece ser homem nobre.

2.º Preso. Pois vamos para os nossos camarotes. (*Vão-se.*)

Saramago. Este agora me pagará a patente. Meus pecados, que é o Senhor Anfitrião!

Saramago. Também vossa merce cá está? Ora console-se comigo, que *solatium est miseris socios habere Saramagos.*

Anfitrião. Ainda aqui me apareces, infame inimigo? E, pois que por tua culpa me vejo nesta prisão, e aqui ficarás sepultado, sendo despojo da minha cólera. (*Dá-lhe*).

Saramago. Senhor, suspende o impulso desse pulso; não bata tão furioso; deixe ao menos que por um pouco tenha suas intercadências. (...)

(*Anfitrião ou Júpiter e Alcmena, idem*)

MARQUESA DE ALORNA

Texto 29

CARTA em que acentua a sua ânsia de cultura e o contacto com autores ingleses

Meu querido Pai e meu Senhor
do meu coração:

Tomara que V. Ex: descansasse alguma coisa sobre a minha prudência e que assentasse que estou convencida de todas as suas razões para não fazer excesso nenhum que me prejudique. A minha saúde delicada, o meu desejo de conservar-me para ver a V. Ex: antes de morrer, tudo me persuadê a atender-me continuamente. Assim o faço e principio a gostar o fruto dos meus trabalhos, porque, sem diminuir as minhas horas de lição, descanso muito com as disciplinas que me lêem.

Eu tenho as maiores saudades de V. Ex.^a, que me poria boa em dois dias, se fosse possível verificar o que debuxa a sua imaginação e a sua ternura.

Em dois dias tenho passado melhor, e talvez na primavera me restabeleça de todo. Se eu mudasse de sítio, melhoraria logo. Mas enquanto isso não pode ser, não perco diligência nenhuma para conservar-me.

Não pense V. Ex.^a que, se acaso me desse licença para as *aplicações francesas*, terei com isto grande ou nenhum prejuízo. Tudo se pode fazer com moderação, e meia página cada dia terei concluído a obra em seis ou sete, sem nenhum dano. Eu estou pelo que V. Ex.^a diz e acho que tudo deve ser naqueles termos, por infinitas razões em que ambos somos de acordo, sem haver necessidade de escrever-lhe.

No *Review* inglês, no mês de Dezembro, achei uma galante novidade que quero dar a V. Ex.^a. Vem a nota de uma colecção de poemas feitos por uma negra de vinte anos, que completa agora, cativa ainda. Entre eles uma epístola ou outra coisa que o valha ao Conde de Dortmund, sendo secretário de Estado da expedição na América, onde fala galantemente da sua própria situação e da do seu País. Fala com ternura de seus pais, lamenta o seu cativo com graça, pede a liberdade para os seus e diz que só das almas sensíveis pode ser entendida a sua linguagem.

Tenho o maior apetite nesta cachorrinha que é possível, e se eu tivesse dinheiro, mandava de propósito a Mr. Wheathley para ver se ma vendia. Qual seria meu gosto de lhe dar a liberdade! Chama-se Philis Wheathley.

Aparece no mesmo *Review* uma lady inglesa, chamada Miss Aikin, também de bastante engenho e com algumas obras de merecimento, mas com muitas esquipações condenáveis e pedantescas. Imaginação fértil, juízo sólido, demasiadas alegorias e erudições *déplacées*.

Algumas obras curiosas aparecem no tal *Review*, entre elas uma de Mr. Northington sobre a terra e suas revoluções, desde a criação até a final *renovação* de todas as coisas. Trata galantemente da origem dos montes. Algumas viagens e outras coisas galantes, que entretêm.

O médico é que me traz todos os meses os tais *Review*, em que acho muito divertimento e entro em comércio literário com tudo o que me aparece de mais curioso. O meu livreiro agora fornece os jornais enciclopédicos, os quais faço tenção de mandar a V. Ex.: logo que me vierem. Entendo que no princípio do mês que vem principiará o mandar-mos.

Com estas coisas, sinto alguma falta de dinheiro, porque muitas obras de que tenho apetite e de que tenho visto extractos, se me vão os olhos nelas. O *Review* inglês dá nota de um excelente dicionário

literário que havia sair a quinze deste Janeiro que passou. São quatro tomos de 8º grosso, com quarenta e oito números. Esta obra tinha-me serventia bastante, mas suprirei com outra coisa.

Remeto a V. Ex: o pequeno socorro que não faz falta a minha Mãe nem a mim. V. Ex: saberá de donde saiu, pelas novas que minha Mãe (*lhe dará?*), e creia V. Ex.^a que, quando me lembra o que remeto e o que V. Ex.^a necessita, se põe na maior prova a minha sensibilidade.

Deus queira juntar-nos todos, meu querido! A sua bênção de V. Ex.^a para toda a consolação desta

Filha muito amante e obediente,

L.

Mano Tancrede faça a V. Ex.^a os meus cumprimentos e recomendo muito que esteja bem.

(Inéditos, Cartas e Outros Escritos, in Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX, Amadeu Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.)

Texto 30

Carta

Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração:

A carta de V. Ex.^a traz dobrado motivo de contentar-me, pela falta que experimentei do penúltimo correio. Além disto, tem muitas circunstâncias para merecer a minha alegria; vêm notícias muito frescas, vêm duas cartas, e uma com alguma resposta já da última, que é coisa rara. São cartas de V. Ex.^a, que é o que basta.

Vêm também as cartas de Tancrede, e ainda que ele não sabe que nos chegam à mão, tudo quanto pode fazer ditosa a mana me interessa tanto, que já as figurei de um irmão, e estimei a que me pertencia como tal, sem que me diminuísse o gosto consideravelmente a ignorância em que ele fica. Eu o julgo o homem mais feliz do mundo todo. Será bem difícil encontrar no tempo presente uma rapariga nas circunstâncias da mana, porque, ainda que se podem achar muitas damas, nenhuma tão linda. Não se encontra com facilidade uma mulher completamente estimável, e a mana, sem perder nenhuma delicadeza daquelas que constituem uma lindíssima, galantíssima e perfeitíssima dama, tem demais as qualidades que devem adornar uma mulher forte e capaz nas sérias reflexões que exige o estado para que V. Ex.^a e a Providência a destinaram. Nem, na realidade, é possível que o conceito, por muito alto que Tancrede (este é o nome por onde cá e lá se

conhece o Marquês) o forme das qualidades da mana, lhe responda, porque o seu génio amável cada dia produz uma nova circunstância para merecer a estimação de quem vive com ela.

Agora quero dar a razão do nome de *Tancrede* de que usei sem explicar o porquê.

Eu e a mana lemos há pouco tempo o poema de Tasso, o de Godofredo, e no carácter de Tancrede achamos alguma semelhança com o do Marquês, e eu lhe fiquei chamando Tancrede e peguei a mesma pecha a minha Mãe, porque nos fazia cómodo; porém a mana não lhe faz a honra de o pronunciar de nenhum modo, conforme as delicadezas do costume, que observa rigidamente; porém se um acaso o permite, este é o nome porque o dá a conhecer.

Vejo o gosto que V. Ex.^a faz do meu divertimento nos oiteiros. Eu fãcilmente poderia, sem o motim de uma eleição, ter igual divertimento muitas vezes, se vivesse com V. Ex.^a ou se as pessoas que nos rodeiam fossem de um carácter tão estimável como o de V. Ex.^a que reputa estas coisas como uma bagatela muito distante de interessar a gravidade. Porém com gente a quem o exercício do juízo parece uma singularidade, uma affectação ridícula, uma pedantaria e um empenho abominável de distinguir-se, é preciso ceder à parvoíce e sofrer o jugo bestial de meia dúzia de animais que se opõem a isto e que estimariam achar por onde nos pegassem para na mente dos srs. Oeiras erigirem algum fantasma desagradável e mostrarem que o disfarce dos pesares e o inocente alívio permitido a todos eram um desprezo do que sofreremos e outras asneiras piores, que nem nos lembram nem nos poderiam lembrar nunca.

Quando foi do oiteiro da Prelada e que fiz aquela décima - me parece que o disse a V. Ex.^a quando lha mandei - o mote foi de um poeta que nem eu sei quem era, porém como estava em parte que apenas se podia perceber que ali estava gente, excepto alguma cozinheira, disse-o em voz muito baixa a dois outros poetas que ali estavam, que se avivaram infinito, e oito dias a fio vieram pelo verso; porém eu não pude ir para o mesmolugar, porque fui convidada para casa da Prelada, onde precisava sustentar outro carácter, porque da primeira vez estive disfarçada e ali estava guarneçada de velhas em público, e é uma circunstância freirática darem-se os motes das outras janelas que não são da Prelada. Porém acabada a cerimónia, sempre me entretinha alguma coisa em parte que não fosse conhecida, e, a ser possível conhecerem-me, não daria nada por conta da satisfação universal. Nunca mais glosei, porque nem o podia fazer em voz baixa, nem seria fácil que não excitasse demasiada curiosidade e soubessem quem era.

Não sei se a V. Ex.^a consta que a nossa Côrte está cheia de meninas applicadas e algumas poetas. A doutora dos nossos tempos é a prima Margarida, filha da tia Penalva, que é a rapariga mais feia e menos amável que conheço. Das filhas do Conde de Óbidos a mais velha é sumamente estimável. A outra rapariga que V. Ex.^a conhece muito bem, que é uma filha daquela Ângela que estava em Beja, chamada Joana Isabel, faz versos, dizem que muito bem; e se não é assim, não tem desculpa, porque me dizem que possui a arte poética e o conhecimento dos bons poetas na última perfeição. Uma irmã chamada Clara, que é mais velha, também dizem que os faz, porém há opiniões de quem será o autor. Há muitas raparigas applicadas: a filha do Visconde, todas as da tia Penalva, a

Condessa do Vimieiro, já crescida. Honram e animam a todas estas as nossas Princesas, que todas são aplicadas, especialmente a senhora infanta D. Maria Dorotea, que dizem ser notável no conhecimento da História.

Além de todas estas, não deixa de ser o comum a coisa mais insípida que é possível. Eu conheço muitas que não sabem, por seus pecados, nem ler nem escrever; outras que, sendo muito estimáveis e de qualidades pessoais excelentes, são uma miséria, porque se aplicam muito mal, destampam-se com um *ingrês* muito sem sabor, dizem *ameitade* e *satisfação* e outras parvoíces deste género. Falam unicamente em enfeitar-se, qualidade aborrecível. Por fineza dizem umas às outras: *Como és tôla...* Isto é o comum, e a maior desgraça é que estas infelizes lhe pareçam coisas das que o são menos, porque se aplicam, e as condenam por modo aborrecível; porém a sua linguagem, para mim totalmente inglesa, nunca me fará embaraço para a aplicação.

As novidades que há por cá são dois cometas que aparecem, um formidável para o Oriente e outro mais pequeno para o Ocidente. Tem ido um grande motim de prognósticos e de parvoíces, que uns vêem espadas no cometa, outros mãos, outros círculos na cauda; houve quem segurasse que tinha lido um letreiro, e outros são tão estonteados que, sendo ele grandessíssimo, absolutamente o não vêem. Não tenho ouvido falar deles senão a frades e ao mano. Os frades, que observam com o seu moral e teologia, muito me desinteressam, e há poucos dias veio o mundo abaixo sobre mim, porque me disseram que um muito douto fora buscar as obras de Santo Agostinho, para poder falar no cometa. Respondi eu a isto que me parecia, se ele não tinha outras luzes, que estava totalmente impossibilitado, porque me parecia que Santo Agostinho não era tido pelo melhor astrónomo; que do seu tempo para cá havia coisas muito interessantes para quem queria alguma instrução nessa matéria e que me persuadia que o Santo nela sabria pouco mais de nada; que eu não conhecia nem podia conhecer todas as suas obras, porém, pelas suas *Confissões* e pela *Cidade de Deus*, conhecia que ele, naquela matéria, padecia a obscuridade comum daqueles tempos.

Foi um aqui-del-rei e quase me chamaram hereje. Perguntaram-me se queria eu afectar ou me persuadia que sabia mais que Santo Agostinho. Respondi que não, mas que tinha a certeza que sabia algumas coisas modernas que o Santo nesse tempo só com espírito profético podia saber que se haviam estabelecer.

É de pasmarmos que até pessoas de algum juízo, chegam a tanta preocupação, que confundam a piedade com a parvoíce.

O mano pouco falou. Minha Mãe dirá o que ele disse. Está mais crescido e cada vez mais galante,

Falta-me dizer da minha saúde. Eu contínuo a passar bem. V. Ex^a cada vez me entenece mais com os empenhos do meu total alívio e até as mesmas coisas que parecem contrárias aos meus desejos, com V. Ex^a se me afiguram sumamente agradáveis.

[...]

Não estamos no caso das cavalarias, porém da mesma forma que lá entretêm a V. Ex^a, me interessam cá a mim.

O médico sempre protesta que essas coisas fariam o meu total alívio, pela propensão que ele me acha para um certo aperto interior, convulsivo e melancólico, que só o

continuado exercício desfaria de todo. Seja o que Deus quiser! Seguro a V. Ex.^a que o meu empenho é seguir esta vontade e a de V. Ex.^a, que juntas farão a minha felicidade perpétua,

Li esta carta. A maior parte está miserável e quase indigna de ir; porém V. Ex.^a assim mesmo a quiere e enfadar-se-ia mais que eu a copiasse.

Meu Pai do meu coração, dê-me V. Ex.^a a sua bênção e que Deus guarde a V. Ex.^a como desejo e preciso.

São 17 de Setembro,
De V. Ex.^a
Filha a mais obediente
Leonor

P.S. - Vão esses dois sonetos e uma décima no no estilo de Tancrede, que é glosa de umas palavras da carta que vinha para mim. Não me cabem na boca aquelas palavras, porém como estavam em estilo poético, fiz diligência por me reduzir a ele com trabalho. V. Ex.^a desculpará com o conhecimento do meu carácter. Vão as glosas de uma cantiga que deu a prima Maria do Rosário com o assunto obrigado, que havia ser *Serra de Sintra e o nosso gosto desse tempo*. Os sonetos ainda não vão consertados. Adeus.

(*Idem*)

Texto 31

Carta

Meu querido Pai do meu coração

A partida do mano está projectada para quarta-feira. Foi a casa do Marquês de Pombal para pretender as mesadas, tratou-o com civilidade e disse-lhe que não perdesse tempo. O mano respondeu que S. Ex.^a já sabia que o M. não perdia, porque, por fim, tudo se reparava. A isto replicou o M.: «E quem tem uma capa tão sã como V. Ex.^a, não necessita deles».

Mandou que fosse lá Inácio P.^o para ajustar esses negócios, o que, segundo a minha inteligência, não significa nada. Os nossos negócios não estão mal e sempre creio que poderei dar as minhas lições de pintura. Esse divertimento me basta a mim para entreter muito tempo.

Vão os jornais enciclopédicos e não mando senão Abril, Maio e Junho, que são os três meses mais interessantes. Em V. Ex.^a os lendo, podem tornar, à proporção que já não servirem; porque o de Maio tem lá uma coisa sobre um cancro, que eu quero mostrar a um cirurgião que assiste aqui a uma miserável que está em grande perigo. Eu acho no jornalista *que/que chose d'outré* nos elogios dos outros, mas, apesar disso, sempre faz

grande serviço aos curiosos. Estes homens são uma espécie de ladrões honestos, que levam o tempo que se podia dar a coisas melhores, mas eu sempre me divirto. Queira Deus que suceda a V. Ex.^a outro tanto. Se V. Ex.^a quiser, desde o princípio deste ano podem ir, porque os tenho, mas agora temi fazer grande carregaço ao compadre.

O mano levou o Piron, e estou muito enfadada de o não ter para o mandar agora.

Agradeço a V. Ex.^a os parabéns dos meus anos, e de joelhos, com a maior ternura, beijo a mão de V. Ex.^a no dia dos seus anos. Eu me lembro perfeitamente do último dia semelhante em que ainda tinha Pai perto de mim. Tenho as maiores saudades dessa fortuna e creio que talvez se me prepara ... Será possível, meu querido Pai?

Tenho tido que fazer um sermão de Santa Luzia que se há-de pregar aqui (se V. Ex.^a não julgar o contrário). Um frade que quis ganhar seis mil e quatro centos o aceitou muito violento, pedindo o maior segredo para que não ficasse o seu crédito perdido, sabendo-se que lhe ensinavam o que havia de dizer. Não sabe de quem é o papel, e tudo concorre para que absolutamente se ignore que eu tenho parte em semelhante coisa. Sómente a gente de casa são sabedores, incluindo Haller e Dorat, que são reputados como tais. O sermão está feito com alguma propriedade para aqui. Uma donzela mártir fornece muitas analogias, que, tratadas com uma pouca de arte, poderão fazer proveito. V. Ex.^a verá o papel e julgará. Não posso mais.

Recados e agradecimentos ao mano, e adeus, meu querido Pai do meu coração.

De V. Ex.^a

Filha mais amante e obediente

L.

(*Idem*)

Texto 32

Carta

Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração:

Esta facilidade de nos comunicarmos a miúdo dá-me um gosto incrível, faz-me bem à saúde e dá-me um saque forte à melancolia. Estou melhor; e, como no dia dos anos de V. Ex.^a tive a consolação de receber uma carta sua, quando acabava de enfeitar-me, tive com isto uma espécie de ilusão agradável, que me fez entender que, saindo do toucador, ia beijar a mão a V. Ex.^a e dar-lhe os parabéns, como era natural.

Tudo nulo! Estou em Chelas, mas daqui mesmo a minha ternura, a minha razão e quantos sentimentos ternos e delicados cria o coração de uma pobre filha, todos me unem a V. Ex.^a, meu querido Pai.

Posto que divirtam a V. Ex.^a os meus delírios poéticos, já me parece que outra vez disse a V. Ex.^a que a mana me roubou a minha lira e que na sua mão soa mais docemente. Verá V. Ex.^a essas odes que ela fez; e uma que lhe remeto minha não tem nenhuma vantagem nem mesmo igualdade.

Esta casta de poema é o mais difícil e o mais lindo, e eu me lisonjearia de que V. Ex^a nas minhas achasse algum ressaibo de Horácio. Este poeta agrada-me sobre todos, e, depois, que o conheço e aos seus compatriotas, seguro a V. Ex^a que todas as outras Musas têm muito menos valor no meu conceito.

Eu tenho uma tradução ou imitação da 1^a ode de Horácio, do livro IV, que faço tenção de remeter a V. Ex^a brevemente, com uma resposta a uns versos latinos que me fizeram, a qual também está quase concluída, e não me parece das piores coisas que saíram da minha cabeça. Porém eu não tenho o conhecimento que baste da língua para poetizar nela, e escrevi em prosa latina a minha resposta; e o nosso Tamagnini, que é o primeiro latino da nossa terra, há-de dar-lhe a forma do verso, de modo que hei-de mandar a V. Ex^a os versos que são dele e a prosa que é minha, inteiramente.

Eu mandarei a V. Ex^a a écloga grande, consertada na versificação, que é imperfeita em muitos lugares, no desenho inteiramente contrário ao meu gosto e às ideias que eu tenho sobre a poesia pastoral.

Nem as de Camões nem nenhuma écloga portuguesas desempenham o carácter nem têm nenhuma semelhança com os idílios de Teócrito, primeiro homem neste género. Os alemães nos têm dado alguns pedaços perfeitos e os franceses nunca terão a perfeição que isto necessita.

É possível que na nossa língua se faça alguma coisa; porém eu ainda o não fiz nem os meus contemporâneos. O idílio último, à condessa de Vimieiro, e o que chora a ausência de Piério, mais arremedam; mas eu me desconsolo muito de tudo isto e nunca toco o ponto que compreendo. A epístola de pêsamés de que V. Ex^a gosta, depois de ter feito uma larga quarentena, parece-me uma peste. Não tem verso que não necessite de emenda, o desígnio, tudo tem erros grandes, e há mais tempo que tenho na ideia o emendá-la, e já fiz alguns pedaços que perdi, pelos não escrever logo. Hei-de dar-lhe a perfeição que puder, cortar-lhe quanto furtei de Young, que é bom para ele e mau para mim.

As obras morais são mais do meu gosto que nenhuma, e porisso cuido dar forma ao meu poema sobre a Morte, mais bonito que tudo o que tenho feito. Não tem a fortuna de ser rimado, mas contudo espero que não desagrade a V. Ex^a.

Eu queimei há muito tempo alguns versos eróticos sobre assuntos tirados da história, porque os ditames que V. Ex^a me deu nesta matéria me eram mais preciosos que quantas imagens bonitas podiam sair da minha cabeça. Uns princípios filosóficos e decentes me fizeram escrever a história de Leandro e Hero, naquele género que chamam romance rimado; porém este foi o primeiro judeu que foi a queimar. Alguns outros pedaços de histórias galantes, que davam campo à poesia, de que a mana salvou só duas odes de Laura a Petrarca, as quais eu não quis nunca mandar a V. Ex^a, se ainda entre a confusão de muitos papéis velhos se descobrirem, irão com o que se achar.

Como ordinariamente os assuntos que se meoferecem, ou por muito interessantes me tiram o entusiasmo ou por insultos me desgostam, costume, sobre os mesmos que outros têm debatido, ensaiar os meus números, e, afim de isto não desagradar a V. Ex^a, juntarei quanto me lembrar ainda, para que a sua colecção tenha algumas bagatelas menos melancólicas do que o ordinário ...

Do género satírico não tenho quase nada, porque por escrúpulo deixei perder quase tudo. [...]

(*Idem*)

Texto 33

Carta

Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração:

Tomara que V. Ex.^a descansasse alguma coisa sobre a minha prudência e que assentasse que estou convencida de todas as suas razões para não fazer excesso nenhum que me prejudique. A minha saúde delicada, o meu desejo de conservar-me para ver a V. Ex.^a antes de morrer, tudo me persuade a atender-me confinadamente. Assim o faço e principio a gostar o fruto dos meus trabalhos, porque, sem diminuir as minhas horas de lição, descanso muito com as disciplinas que me lêem.

Eu tenho as maiores saudades de V. Ex.^a, que me poria boa em dois dias, se fosse possível verificar o que debuxa a sua imaginação e a sua ternura.

Em dois dias tenho passado melhor, e talvez na primavera me restabeleça de todo. Se eu mudasse de sítio, melhoraria logo. Mas enquanto isso não pode ser, não perco diligência nenhuma para conservar-me.

Não pense V. Ex.^a que, se acaso me desse licença para as *aplicações francesas*, terei com isto grande ou nenhum prejuízo. Tudo se pode fazer com moderação, e meia página cada dia terei concluído a obra em seis ou sete, sem nenhum dano. Eu estou pelo que V. Ex.^a diz e acho que tudo deve ser naqueles termos, por infinitas razões em que ambos somos de acordo, sem haver necessidade de escrever-lhe.

No *Review* inglês, no mês de Dezembro, achei uma galante novidade que quero dar a V. Ex.^a. Vem a nota de uma colecção de poemas feitos por uma negra de vinte anos, que completa agora, cativa ainda. Entre eles uma epístola ou outra coisa que o valha ao Conde de Dortmund, sendo secretário de Estado da expedição na América, onde fala galantemente da sua própria situação e da do seu País. Fala com ternura de seus pais, lamenta o seu cativo com graça, pede a liberdade para os seus e diz que só das almas sensíveis pode ser entendida a sua linguagem.

Tenho o maior apetite nesta cachorrinha que é possível, e se eu tivesse dinheiro, mandava de propósito a Mr. Wheathley para ver se ma vendia. Qual seria meu gosto de lhe dar a liberdade! Chama-se Philis Wheathley.

Aparece no mesmo *Review* uma lady inglesa, chamada Miss Aikin, também de bastante engenho e com algumas obras de merecimento, mas com muitas esquipações condenáveis e pedantescas. Imaginação fértil, juízo sólido, demasiadas alegorias e erudições *déplacées*.

Algumas obras curiosas aparecem no tal *Review*, entre elas uma de Mr. Northington sobre a terra e suas revoluções, desde a criação até a final *renovação* de todas as coisas. Trata galantemente da origem dos montes. Algumas viagens e outras coisas galantes, que entretêm.

O médico é que me traz todos os meses os tais *Review*, em que acho muito divertimento e entro em comércio literário com tudo o que me aparece de mais curioso. O meu livreiro agora fornece os jornais enciclopédicos, os quais faço tenção de mandar a V. Ex.^a, logo que me vierem. Entendo que no princípio do mês que vem principiará o mandar-mos.

Com estas coisas, sinto alguma falta de dinheiro, porque muitas obras de que tenho apetite e de que tenho visto extractos, se me vão os olhos nelas. O *Review* inglês dá nota de um excelente dicionário literário que havia sair a quinze deste Janeiro que passou. São quatro tomos de 8.^o grosso, com quarenta e oito números. Esta obra tinha-me serventia bastante, mas supirei com outra coisa.

Remeto a V. Ex.^a o pequeno socorro que não faz falta a minha Mãe nem a mim. V. Ex.^a saberá de donde saiu, pelas novas que minha Mãe (*lhe dará?*), e creia V. Ex.^a que, quando me lembra o que remeto e o que V. Ex.^a necessita, se põe na maior prova a minha sensibilidade.

Deus queira juntar-nos todos, meu querido! A sua bênção de V. Ex.^a para toda a consolação desta

Filha muito amante e obediente,

L.

Mano Tancrede faça a V. Ex.^a os meus cumprimentos e recomendo muito que esteja bem.

(*Idem*)

Texto 34

*Petição à Melancolia para que se acabem
certos dias de festa*

**Tu, Deusa tutelar da solidão,
Amável sombra, ó Melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração.**

**Não prives o meu peito. Ninfa, não,
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti um e outro dia
Quem de amar-te só faz consolação.**

**E não pode a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço,
Sem que faça o seu mal mais penetrante.**

Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço:
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo.

("Poesias", in *Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX*, Amadeu Torres (Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.)

Texto 35

DE TRÊS

FÍLIS

Escassamente o sol já se mostrava
Entre a sombra que as luzes lhe encobria;
Dos pássaros o canto que se ouvia
A ternura e saudades inspirava.

MÁRCIA

Já o mocho nocturno se escutava,
Que o retorno das trevas prevenia;
O terror que no peito meu descia
Triste pranto dos olhos me arrancava.

Larguei a voz então aos surdos ventos.
Que nas cavernas ásperas, com brados.
Convocavam os sustos macilentos;

Aos soltos ais, nos montes espalhados,
Não respondem os seres sonolentos,
Que não há quem responda aos desgraçados.

(Idem)

Texto 36

ODE

Ao túmulo de minha filha

Feliz quem pode com ligeiros passos
Calcar da morte a larva sonolenta,
Entregando à escura Eternidade
As horas da tristeza!

Sombras da Noite, lúgubres ciprestes,
Que o Sol, medroso, da sua luz não toca,
Vós guardai um tesouro, que rodeiam
Mil gemidos maternos!

Tuas cinzas, oh filha, com que eu cubro
De morte e horror as horas mais ditosas,
Co'o sopro dos meus ais revolve sempre,
Cobrem-me a frente aflita!

Texto 37

SONETO

*A um filho da Autora Que morreu POUCOS
instantes depois de nascer*

Enfim, passam estas tristes horas
Que o Destino cruel tinha prescrito.
E das minhas entranhas ao Cocito
Te levam, filho, as Parcas agressoras!

Lá do seio da Morte, onde hoje moras,
Não venhas lacerar-me o peito aflito;
Da consternada mãe escuta o grito.
E fica em paz nas trevas dormidoras.

Mas ai de mim! querido desgraçado!
Se ao menos no meu terno pensamento
Tu podes existir, cresça o cuidado!

A força do materno sentimento
Te fará renascer, filho adorador,
Bem que eu morra de angústia e de tormento.

Texto 38

ODE

Insónia em a Noite de 8 de Outubro de 1824

Infeliz noite, só te não pareces,
Na agitação, co'a morte taciturna!
Morrer é nada; é mais o que padeço
Nesta noite funesta

Que multidão de mágoas me repete,
Aterrada, a penosa fantasia!
Como com ígneos traços me debuxa
O quadro de meus males!...

Esposo, filhos. pais, irmãos que amava,
Que nunca mais verei, com que dureza
Mos mostra a corrupção devoradora
No sepulcro fechados! ..

Do parentesco os vínculos suaves,
Os laços deleitosos da amizade,
Em pedaços desfeitos, ou trocados
Pela fria indiferença!

O bando dos prazeres carinhosos,
Por acerbos pesares suplantado.
Expulsa-o dos meus lares a Tristeza,
Assusta-o minha Sorte.

Aplacai-vos, oh Fúrias, oh saudades!
Já não cabeis no peito ... Ou cresci tanto
Que se apague este sopro que alimenta
A minha infeliz vida!

Dos passados instantes mil imagens
Vêm funestar de novo o pensamento.
E a dor, que o tempo noutros aniquila,
Em mim se perpetua.

Se ao menos mais ditosa a Pátria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Céus o acolheriam.

Pátria! nome sagrado! Com que fúria
Me persegue um cruel pressentimento!...
Quão inúteis lições lhe deu a Sorte
- Terremotos, revoltas!...

Sorveu a terra as torres, os palácios,
Sumiu a morte as gentes a milhares:
Desta lição tão áspera os preceitos
Anulou o descuido.

(idem)

Texto 39

ELEGIA

Amáveis solidões, bosques sagrados,
Que nas noites tranquilas livremente
Prestais um doce abrigo aos desgraçados;

De meus olhos a límpida corrente
Deixai-me desatar; suspiros, brados,
Expliquem sem receio o que a alma sente.

Tu, Cíntia, cuja luz fraca e serena
Parece que da Cária reflectira,
Não culpes o que indica a minha pena.

Se em minha alma inflamada Amor delira,
Desculpas deste mal, que em gesto ordena,
As dera, Endimião, se não dormira.

Males tão novos, males tão tiranos
Via consumindo a minha triste vida,
A doce primavera dos meus anos;

Que até tenho a memória já perdida
Daqueles suavíssimos enganos,
De que a lembrança me era tão querida.

Aqueles prados vejo que algum dia
Mesmo apesar da pálida tristeza,
Doiravam mil indícios de alegria,

Tão agrestes, tão cheios de aspereza.
Que só inculcam morte; nem já sinto,
De alheia, responder minha firmeza...

Um não sei quê de falso lhe pressinto
Naquela que fez meus contentamentos.
Que em chamar-lhe o meu bem não sei se minto.

Consequências fatais de uma saudade
Que me tem a tal ponto reduzido,
Que nem sei esperar felicidade!

Vou vivendo por modo que duvido
Alguns instantes se serei já morta:
Tal anda com seus males meu sentido. (...)

(Idem)

Texto 40

CANTIGA

Sozinha no bosque
Com meus pensamentos,
Calei as saudades,
Fiz trégua a tormentos.

Olhei para a Lua,
Que as sombras rasgava,
Nas trémulas águas
Seus raios soltava.

Naquela torrente
Que vai despedida
Encontro assustada
A imagem da vida.

Do peito em que as dores
Já iam cessar,
Revoa a tristeza,
E torno a penar.

(Idem)

Texto 41

SAUDADE

(CANTIGA)

Uma flor chamam Saudade.
Que é primor da Natureza;
Mas a que nasce em meu peito
É produção da tristeza.

Enquanto a saraiva, os Notos
Destes gelados países
Açoutam as plantas, cresce,
Lança profundas raízes;

Mas se um dia, transplantada,
Outro terreno buscar,
Alívio terá meu peito,
E a Saudade há-de murchar.

(Idem)

Texto 42

CANTIGA

Como está sereno o Céu!
Como sobe mansamente
A Lua resplandecente,
E esclarece este jardim!

Os ventos adormeceram;
Das frescas águas do rio
Interrompe o murmurio
De longe o som de um clarim.

Acordam minhas ideias,
Que abrangem a Natureza,
E esla nocturna beleza
Vem meu estro incendiar.

Mas se à lira lanço a mão,
Apagadas esperanças
Me apontam cruéis lembranças,
- E choro em vez de cantar.

(Idem)

Texto 43

CANTIGA

Sonhos meus, suaves sonhos,
Sois melhores que a verdade;
Quando sonho, sou ditosa,
Sem o ser na realidade.

Amor. tu vens nos meus sonhos
Acalmar-me o coração;
Mas, cruel! Quanto prometes
Não passa de uma ilusão!

Sonhei. tirano, esta noite,
Sonhei que tu me chamavas
E que sobre a relva branda
Tu mesmo me acalentavas.

Disseste-me: «Dorme, Alcipe,
Depõe todos teus cuidados;
Amor sobre ti vigia,
Mal podes temer os fados.»

Dormi: neste dobre sono
Me achei num palácio d'ouro;
Entregaram-me uma chave
Para que abrisse um tesouro.

-« Chave mágica, sublime,
Que me vais tu descobrir?
Se é menos do que desejo,
Será melhor não abrir ... »

- «Abre, Alcipe» - qual trovão
Brada o deus que me vigia.
Acordei sobressaltada,
E abriu-se, mas foi o dia.

(Idem)

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Texto 44

O céu, de opacas sombras abafado,
Tornando mais medonha a Noite feia,
Mugindo sobre as rochas, que salteia
O Mar, em crespos montes levantado;

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a solta areia,
O pássaro nocturno, que vozeia
No agoireiro Cipreste além pousado;

Formam quadro terrível, mas aceito,
Mas grato aos olhos meus, grato à fereza
Do ciúme e saudade, a que ando afeito.

Quer no horror igualar-me a Natureza;
Porém cansa-se em vão, que no meu peito
Há mais escuridade, há mais tristeza.

*(Rimas, in Antologia Literária dos séculos XVIII e XIX, Amadeu Torres
(Castro Gil), Braga, Edições Humanitas, s.d.)*

Texto 45

Já por bárbaros climas entranhado,
Já por mares inóspitos vagante,
Vitima triste da fortuna errante,
Té dos mais desprezíveis desprezado;

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pálido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A mágoa de morrer expatriado.

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte
Lá do sepulcro no sagrado hospício
Refúgio me promete a amiga Morte!

Vem, pois, oh nume aos miseros propício,
Vem hinar-me da mão pesada e forte,
Que de rastos me leva ao precipício!

(Idem)

Texto 46

Aqui, onde arquejando estou curvado
A lei, pesada lei, que me agrilhoa.
De lúgubres ideias se povoa
Meu triste pensamento horrorizado;

Aqui não brama o Noto anuveado,
O Zéfiro macio aqui não voa,
Nem zune insecto aligero, nem soa
Ave de canto alegre, ou agoirado.

Expeliu-me de si a Humanidade;
Tu, Astro benfeitor da Redondeza,
Não despendes comigo a claridade.

Só me cercam Fantasmas da Tristeza.
Que silêncio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda ou morta a natureza.

(Idem)

Texto 47

Neste horrível sepulcro da existência
O triste coração de dor se parte;
A mesquinha razão se vê sem arte
Com que dome a frenética impaciência.

Aqui pela opressão, pela violência
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitório poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora omnipotência!

Aqui onde o que o peito abrange e sente,
Na mais ampla expressão acha estreiteza,
Negra ideia do abismo assombra a mente.

Difere acaso da infernal tristeza
Não ver terra, nem céu, nem mar, nem gente,
Ser vivo, e não gozar da natureza?

(Idem)

Texto 48

O Retrato da Morte! Ó Noite amiga.
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada Testemunha do meu pranto,
De meus desgostos Secretária antiga !

Pois manda Amor que a ti somente os diga,
Dá-lhes pio agasalho no teu manto,
Ouve-os como costumás, ouve, enquanto
Dorme a Cruel, que a delirar me obriga;

E vós. ó Cortesãos da Escuridade,
Fantasmas vagos, Mochos piadores,
Inimigos, como eu, da Claridade:

Em bando acudi aos meus clamores:
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero faltar meu Coração de horrores.

(Idem)

Texto 49

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem beleza e sem brandura,
Urdidos pela Mão da Desventura,
Pela baça tristeza envenenados:

Vede a luz, não busqueis, desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura ;
Se os Ditosos vos lerem sem ternura,
Ler-vos-ão com ternura os Desgraçados.

Não vos inspire, ó versos, cobardia
Da sátira mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tirania:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;
Que não pode cantar com melodia
Um peito de gemer cansado e rouco.

(*Idem*)

Texto 50

Usurpando um minuto a meu lamento
Amigo sono os olhos me ocupava,
E, enquanto o débil Corpo descansava.
Velava *Amor*, velava o pensamento.

Eis que em deserto e lúgubre Aposento,
Que semimorta luz mais afeava,
Cri Gertrúria (ai de mim!), que te avistava
Já sem cor, já sem voz, já sem alento;

Súbito acordo, em lágrimas banhado,
E. das trevas palpando o véu medonho,
Em vio busco teu Corpo delicado.

Mas inda em ânsias, trémulo, suponho
Que me vaticinou meu negro Fado
Dos males o pior no horrível sonho.

(*Idem*)

Texto 51

Se é doce, no recente, ameno estio.
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,
E lambendo as areias e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce em inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores
De entre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados;

Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amores, melhor que a vida.

(Idem)

Texto 52

Ó trevas, que enlutais a Natureza,
Longos ciprestes desta Selva anosa
Mochos de voz sinistra e lamentosa.
Que dissolveis dos Fados a incerteza;

Manes. surgidos da Morada acesa
Onde de horror sem fim Plutão se goza,
Não aterrais esta alma dolorosa,
Que é mais triste que vós minha tristeza.

Perdi o galardão da fé mais pura.
Esperança frustrei do amor mais terno,
A posse de celeste formosura;

Volvi, pois, Sombras vãs, ao Fogo eterno,
E, lamentando a minha desventura,
Movereis a piedade o mesmo Inferno.

(Idem)

Texto 53

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana!

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus,oh Deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

(Idem)

Texto 54

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura;

Conheço agora já quão vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento;
Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui!... A santidade
Manchei!... Oh! se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

(Idem)

Composto e maquetizado
na **UNIVERSIDADE ABERTA**

Impressão e acabamento:

LITOGRAFIA AMORIM

Acabou de imprimir-se em Junho de 1992

Depósito Legal nº 55.642/92